



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE ARTES, HUMANIDADES E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

Marluce Neri Gonzaga

**ENTRE TRÂNSITOS E CONSTRUÇÕES: trajetórias
sociais de trabalhadores braçais da construção civil que
migram do interior para a capital baiana**

CACHOEIRA – BAHIA

Setembro - 2020

**ENTRE TRÂNSITOS E CONSTRUÇÕES: trajetórias
sociais de trabalhadores braçais da construção civil que
migram do interior para a capital baiana**

Marluce Neri Gonzaga

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais – PPGCS-UFRB, sob orientação do Prof. Dr. Wilson Penteado, como exigência para obtenção do título de mestre em Ciências Sociais.

CACHOEIRA – BAHIA

Setembro – 2020

G642 Gonzaga, Marluce Neri.

Entre Trânsitos e Construções: trajetórias sociais de trabalhadores braçais da construção civil que migram do interior para a capital baiana. / Marluce Neri Gonzaga. Cachoeira, BA, 2020. 203f., il.

Prof. Dr. Wilson Rogerio Penteado Junior

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Centro de Artes Humanidades e Letras, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais: Cultura, Desigualdades e Desenvolvimento, Bahia, 2020.

1.Migração Interna - Bahia. 2. Bahia - Condições Sociais. Salvador - BA. I. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Centro de Artes, Humanidades e Letras. II. Título.

CDD:307.24098142

Ficha elaborada pela Biblioteca do CAHL - UFRB.

Responsável pela Elaboração – Juliana Braga (Bibliotecária – CRB-5/ 1396)
(os dados para catalogação foram enviados pelo usuário via formulário eletrônico)

MARLUCE NERI GONZAGA

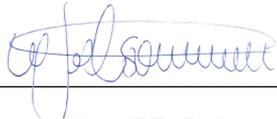
ENTRE TRÂNSITOS E CONSTRUÇÕES: trajetórias
sociais de trabalhadores braçais da construção civil que
migram do interior para a capital baiana

Dissertação submetida à avaliação para obtenção do grau de Mestre em Ciências Sociais do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

Cachoeira, 04 de Setembro de 2020.

EXAMINADORES:

Prof. Dr. WILSON ROGERIO PENTEADO JUNIOR, UFRB (UFRB – Orientador)



Prof. Dr. Dr. CRISTIANE SANTOS SOUZA, UNILAB (UFRB – Examinador)



Prof. Dra. Cristiane Santos Souza

Prof. Dr. MARIA SALETE DE SOUZA NERY, UFRB (UFRB – Examinador)



CACHOEIRA/BA
2020

AGRADECIMENTOS

Costumo dizer que a gratidão é um dom. Feliz o coração que sabe agradecer desde as mínimas coisas até aquelas mais grandiosas. Cada gesto de cuidado, cada sorriso carinhoso, cada olhar acolhedor, palavras de fé, incentivo e encorajamento. Pequenos gestos como esses são capazes de tornar os nossos fardos mais leves, os nossos dias melhores e de fazerem a esperança renascer em nossos corações a cada amanhecer. Saber ser grata é reconhecer que nunca caminhamos sós, que precisamos sempre de mãos que nos conduzam e nos ajudam a construir os nossos sonhos.

Nesse momento gostaria de deixar registrada em primeiro lugar a minha gratidão ao Bom e Generoso Deus que com sua Mão poderosa me ajudou e ensinou a caminhar, permanecendo ao meu lado sempre. Sei que a cada dia seu amor de Pai me acolhe, sua mão me sustenta e sua força me constrói. Obrigada por ser presente, por caminhar comigo e por ser meu grande e melhor amigo.

Sou grata aos meus pais por terem sempre me incentivado nos estudos, por respeitarem as minhas escolhas, por sonharem comigo os meus sonhos. Esse apoio para mim é fundamental em todos os momentos de minha vida, pois sei que tenho com quem contar. Agradeço a minha Mãe Maria Aurea, minha Maria, por cuidar de mim, por me compreender pelas constantes orações e súplicas na minha intenção, elas me sustentam e me dão força para prosseguir. Sua força me inspira, sua maneira de ensinar e educar é um constante lapidar em mim. Ao meu pai José Antônio, homem que com sua simplicidade e paixão pelo que faz me inspirou a dedicar tempo para compreender as trajetórias de vida de trabalhadores migrantes da construção civil. Agradeço o carinho constante, o cuidado, dedicação e comprometimento comigo e com esse estudo, agradeço ainda por todo esforço empenhado para que ele se concretizasse. A vocês meus pais, meus tesouros, o meu amor, a minha admiração e minha eterna gratidão.

Aos meus irmãos, Jadson José e Maria Joseane, pela presença e cuidado constante em minha vida, por também sonharem comigo esse sonho e por se comprometerem a torna-lo real. Cada gesto de atenção, cada palavra de ânimo e incentivo, cada ato de compreensão. Vocês fazem parte dessa edificação que sou eu. Cada um com suas particularidades me ensinam e inspiram muito! Agradeço ainda a minha vó Andreлина e minhas tias, pelas orações, cuidados e pela torcida.

Ao meu orientador, Wilson Penteadó. Eu costumo dizer sempre que pessoas são presentes. Creio que fui presenteada ao ter conhecido o senhor, ter tido a oportunidade de ser sua discente e mais tarde sua orientanda. Com o senhor eu aprendi que os processos podem ser enfrentados com mais leveza e que isso não muda o fato de sermos responsáveis, comprometidos e inteiros naquilo que fazemos. É justamente essa leveza que nos faz ter paixão por nossas escolhas e nos dedicarmos ao máximo para dar o melhor de nós em tudo o que fazemos. Sua dedicação, seu jeito de ensinar, acreditar e acolher as pessoas são características que ficarão para sempre registrados na minha memória. Obrigada por fazer parte dessa construção.

Aos meus amigos, “quem o achou, descobriu um tesouro” (Eclo. 6, 14). E quantos tesouros eu pude encontrar ao longo da minha vida a exemplo das amigas Elen, Bárbara (Zani), Érica e tantos outros tesouros em forma de amigos que o senhor me concedeu e que cuidaram de mim com afeto e dedicação. Sou grata pelo cuidado, pela torcida, pelo amparo, pelas palavras de incentivo e pelos cuidados de Deus manifestos a mim pelas mãos de vocês.

Aos companheiros do mestrado. E nós escolhemos cuidar um do outro, dessa forma foi possível viver essa etapa da nossa formação acadêmica com mais serenidade. Nossos momentos de lazer, partilhas durante os almoços nos intervalos das aulas, as caronas, os gestos de afetos e solidariedade, a partilha dos saberes e o acolhimento ficarão para sempre. Aos companheiros de grupo de orientação coletiva, que trouxeram contribuições valiosíssimas para essa pesquisa, levantando questões, fazendo considerações e apontando possibilidades. A vocês, Letícia, Mario e Thaisy, meu muito obrigada! Agradeço ainda a minha amiga Balbina (Thuti), que me acompanhou no encontro realizado na cidade de Cruz das Almas, além de ser uma pessoa presente em minha vida. Muito obrigada.

Às Professoras Cristiane Souza e Salete Nery, membros da banca examinadora. Obrigada pelas contribuições valiosíssimas durante o exame de qualificação. Obrigada também por acreditarem nessa pesquisa, pelo apoio, e pela dedicação. Agradeço ainda ao professor Kabenguele Munanga, pelos diálogos e contribuições para essa pesquisa. A professora Márcia Clemente e ao Professor Diogo Valença, meus sinceros agradecimentos pela atenção e pelo carinho de vocês.

Aos trabalhadores da construção civil que aceitaram com presteza participar dessa pesquisa, suas trajetórias de vidas foram sumamente importantes para que esse estudo se realizasse. Muito obrigada pela atenção e acolhimento de vocês.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela concessão da bolsa de mestrado, que tornou possível a realização dessa pesquisa. Muito Obrigada.

RESUMO

Na pesquisa em tela, tratamos de um tipo específico de migração, envolvendo deslocamentos de trabalhadores braçais da construção civil que migram dentro do próprio estado, do interior para a capital baiana. Trata-se de pessoas oriundas do interior da Bahia que, em decorrência da falta de emprego nas suas cidades de origem, vão para a capital, Salvador, trabalhar sem, contudo, perderem suas relações de convivência com o local de origem. Diante disso, o objetivo desta pesquisa foi investigar como sujeitos sociais inseridos nessa realidade significam tais experiências e quais os impactos gerados em suas redes de relações? Confirmou-se a hipótese, lançada inicialmente na pesquisa, de que esse tipo de migração está diretamente relacionado às especificidades que marcam o trabalho no setor da construção civil, bem como ao perfil de seus trabalhadores. Para se alcançar o objetivo proposto, utilizou-se o método de trajetórias e histórias de vida com oito trabalhadores braçais do setor da construção civil que vive(ra)m a experiência da migração no estado da Bahia. Conclui-se com a pesquisa que a capital para eles, enquanto lugar de destino, só faz sentido se pensada a partir de suas motivações e anseios projetados em razão de seus lugares de origem.

Palavras-chave: migração; setor da construção civil; trabalhadores braçais; trajetórias de vidas; Salvador-BA.

ABSTRACT

In this research, we dealt with a specific type of migration involving displacements of manual construction workers who migrate within the state itself, from the countryside to the capital of Bahia. These are people from the countryside of Bahia who, due to the lack of jobs in their cities of origin, go to the capital, Salvador, to work, without, however, losing relationship bonds with their place of origin. Therefore, the objective of this research was to investigate how social subjects that live under such circumstances make sense of their experiences and what are the impacts produced in their relationship networks. The research's initial hypothesis was confirmed, demonstrating that this type of migration is directly related to the specificities that mark the construction work industry, as well as to the profile of its workers. To achieve the proposed objective, the trajectories and life stories method was used with eight manual workers from the construction sector who live (or lived) the experience of migration within the state of Bahia. This research concludes that the capital of Bahia, as a place of destination, only makes sense for them if perceived according to the motivations and desires projected in relation to their places of origin.

Keywords: migration; construction work sector; manual workers; life trajectories; Salvador-BA.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Imagem sobre migração	118
Figura 2: Mapa do Recôncavo	120
Figura 3: Vista do Elevador Lacerda, Forte de São Marcelo, Baía de Todos os Santos e Mercado Modelo	125
Figura 4: Imagem da Igreja Matriz de São Gonçalo do Amarante, na cidade de São Gonçalo dos Campos	130
Figura 3: Prefeitura Municipal de Cruz das Almas	134
Figura 4: Praça Luiz Nogueira, Serrinha – BA	138

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1-Os estudos sobre o tema e a construção do objeto da pesquisa	14
CAPÍTULO 1 - Nos “andaimes” do Fazer Etnográfico: o lugar do encontro e da experiência	27
1.1 Encontros etnográficos	29
1.1.1 O Encontro com Sr. João	33
1.1.2 O Encontro com Sr. Tiago	43
1.1.3 A Ida para a capital: encontro e desencontros	48
1.1.4 O Encontro com o Sr. André	54
1.1.5 O Encontro com o Sr. Mateus	60
1.1.6 O Encontro com o Sr. Lucas	63
1.1.7 O Encontro com o Sr. Matias	67
1.1.8 O Encontro com o Sr. Paulo	72
1.1.9 O Encontro com Silas	75
CAPÍTULO 2 – Experiências migratórias, memórias e o mundo do trabalho no setor da construção civil: retomando conceitos	80
2.1 O Trabalho No Setor Da Construção Civil	81
2.1.1 O Setor da Construção Civil na Bahia	88
2.1.2 O setor da construção civil na Região Metropolitana de Salvador	91
2.1.3 O negro no mercado de trabalho em Salvador e o setor da construção civil	96
2.2 Os estudos sobre migração	100
2.3 Histórias de vida como narrativas e os desenhos da memória	110
CAPÍTULO 3 – Entre Idas e Vindas: um olhar sobre a experiência dos processos migratórios na vida dor ser que migra	118
3.1 Percorrendo territórios, conhecendo lugares de experiência	120
3.1.1 O Município de São Gonçalo dos Campos – Ba	130

3.1.2	O Município de Cruz das Almas – Ba	134
3.1.3	O Município de Serrinha – Ba	138
3.2	Contando trajetórias e escrevendo histórias de vida	144
3.2.1	Condicionantes para o ingresso no mundo do trabalho	144
3.2.1.1	Imposições estruturais: a formação escolar negada e a luta por sobrevivência	144
3.2.1.2	Entre decisões e anseios: a ida ao lugar de destino	149
3.2.2	Experiências no lugar de destino	152
3.3	A casa no lugar de origem como espaço de vida e de significações	170
3.4	Experiências marcantes no lugar de destino	177
	CONCLUSÃO	183
	REFERÊNCIAS	189

INTRODUÇÃO

Como filha de trabalhador da construção civil, que passa pela experiência da migração, como aquela que fica a esperar, cresci com várias inquietações a respeito das condições de trabalho nesse setor. Conviver com a saudade e a distância me fez refletir, constantemente, sobre as especificidades desse tipo de trabalho que impõe uma série de condições ao trabalhador interferindo e alterando sua rede de relações, em decorrência do deslocamento migratório entre o lugar de origem (onde se encontram suas redes de afetos e sociabilidades mais perenes) e o lugar de destino (onde afetos e sociabilidades não são extintos, mas vividos de outros modos em que as exigências do trabalho ganham centralidade), impactando naquelas relações constituídas a partir do lugar de origem, impossibilitando-o, portanto, de conviver diariamente com seus familiares, com seus amigos e com sua comunidade. Mergulhar em questões como essas requer investir em uma pesquisa que atente para a existência desses migrantes. Por isso interessa-me saber como trabalhadores braçais migrantes do setor da construção civil significam sua existência a partir do processo da migração, na relação entre seus lugares de origem e os lugares de destino.

Um recurso utilizado nesta pesquisa foi o acesso às minhas memórias de infância e atuais, para falar da minha experiência como filha de trabalhador da construção civil, que migrou durante toda sua vida adulta do interior para a capital baiana. A escolha pelo uso da memória se dá, pela centralidade que essas minhas memórias assumem na escolha do tema da pesquisa; experiências vividas que até hoje despertam em mim um turbilhão de sentimentos e emoções, que refletem o quanto a migração pode afetar a vida das pessoas, tanto para quem vai quanto para quem fica. Concordando com Souza (2013)

Objetivar minha experiência e memória como parte das análises e da compreensão contribuiu para construir a etnografia, para me colocar em permanente deslocamento entre o estranhamento e a familiaridade. O estranhamento é um construto analítico e não um dado. Sendo assim, apropriei-me da minha condição de “nativa”, (...) como um artifício metodológico e analítico, que se mostrou bastante profícuo na produção de outros lugares e olhares de conhecimento. Entretanto, isso não significou uma vantagem para o “antropólogo nativo” e ou “nativizado”, mas, antes, um ponto de partida e de controle ao final, da mesma maneira que outras referências. Ademais, este lugar de análise e fala não descredencia e nem encerra o olhar crítico do pesquisador, mas antes o informa. O compartilhamento e as disjunções de uma cultura, de um conjunto de códigos, símbolos, representações com o campo de relações sociais, não é, a priori, um obstáculo para seu entendimento.” (SOUZA,2013 p. 10)

Compreendo que é um grande desafio objetivar minha experiência e memória, enquanto filha, sobrinha, prima e conhecida de homens migrantes trabalhadores da construção civil. Esse dado não me coloca em um lugar privilegiado, mas se apresenta como um grande desafio que me põe na necessidade diária de fazer um movimento de estranhamento daquele que deveria ser para mim um lugar comum. Distanciar-me e ao mesmo tempo fazer sucessivas aproximações, se faz necessário para a realização dessa pesquisa. Considero o trabalho de pesquisa aqui empenhado, semelhante ao trabalho de um construtor, que pega uma porção de água, uma porção de areia e outra de cimento e, ao misturar esses materiais, apronta o produto que unirá cada tijolo. O intuito é construir uma estrutura sólida e passível de contemplação. Todos os materiais serão fornecidos pelos sujeitos dessa pesquisa e a mim cabe o papel de unir “tijolo por tijolo, num desenho lógico¹”. Para isso, é preciso que o terreno seja preparado, a fundação esteja bem feita e o espaço esteja apropriado para a construção. O depósito escolhido para fornecer a matéria-prima que irá erguer nossa estrutura é exatamente o depósito da memória, é ela que nos dará os materiais que irão compor e dar forma a esta obra.

Para melhor compreender e enredar as experiências narradas pelos trabalhadores no âmbito desta pesquisa, mostrou-se bastante conveniente a utilização dos termos *lugar de origem* e *lugar de destino*, enquanto categorias analíticas, entendendo a primeira como o lugar do pertencimento, dos afetos, dos laços familiares e comunitários mais perenes, ao passo que a segunda, o lugar de destino, embora propício a laços de sociabilidades, evoca sempre o lugar do trabalho, do não pertencimento e também do desconhecido.

A expressão “meu interior” identificada pela antropóloga Cristiane Souza (2013), ao estudar trajetórias de migrantes e seus descendentes na metrópole baiana, nos ajuda a refinar a discussão. A noção de interior, tal como construído pela autora, tem seu fulcro no percurso da pesquisa por ela empreendida. Durante esse percurso, ela constatou que no Subúrbio Ferroviário de Salvador, lócus de sua pesquisa, estavam assentadas pessoas oriundas das diferentes regiões do estado e também de fora dele, e que “produziam diferentes situações de pertencimento cultural e social para se inserirem na cidade” (p.33). Atentando para as “trajetórias e experiências” dos migrantes na cidade de Salvador, a autora passou a considerar em seu “universo de trabalho, pessoas que se deslocaram do *interior* do estado da Bahia e se assentaram no Subúrbio

¹ Trecho da música “Construção”, de Chico Buarque.

Ferroviário” (p.33). A autora depreendeu que “o interior ocupava uma dimensão identitária importante para os moradores do Subúrbio Ferroviário” (p.33) com os quais ela dialogava. De acordo com Souza (2013),

“A importância da noção de *interior* como sinal diacrítico também atravessava a experiência dos que haviam nascido na *Cidade da Bahia*, projetada por intermédio das memórias herdadas dos mais velhos das famílias, ou memórias transgeracionais e intergeracionais. Essa interioridade parecia produzir um tipo de territorialidade que se espalhava por diferentes lugares. Não por acaso, um conjunto de expressões “nativas” evocadas no cotidiano nos fornecem pistas dos diferentes sentidos que atravessam as relações e a vida das pessoas: *vou pro meu interior!!*, *no meu interior...*, *nunca mais fui ao meu interior*, *tá tudo tão diferente lá na minha terra*, *tô no meu interior!!* Ou, ainda, *tô em casa!* O *interior* é também a “casa”. O lugar de origem está, em geral, relacionado ao lugar de nascimento, mas pode aparecer relacionado a outras dimensões da vida. Em suma, o pertencimento apareceu reificado na noção de *interior* e afirmado em lugares específicos considerados importantes no imaginário e nas representações da cidade, a exemplo do *Recôncavo*” (SOUZA, 2013, p. 33 - 34).

Embora o escopo da pesquisa empreendida pela referida autora se diferencie do aqui proposto, mostra-se importante atentarmos aos modos específicos como o *lugar de origem* pode ganhar sentidos múltiplos e servir a variados fins, ocupando lugar de importância na vida das pessoas que migram.

Para empreender a presente pesquisa, o ponto de partida foi a cidade de São Gonçalo dos Campos – que também é o “meu interior” – onde foi realizada a primeira entrevista, com o Senhor João (69 anos), em abril de 2019 trabalhador migrante da construção civil, hoje aposentado, com uma trajetória repleta de lembranças de sua infância, da primeira migração feita ainda quando criança com seus pais. Seu João deixou sua terra natal e foi para São Gonçalo dos Campos com seus pais que foram trabalhar em uma fazenda. Seguindo a trilha da pesquisa, em maio de 2019 fui até Cruz das Almas, para conversar com Senhor Tiago (45 anos), natural desta cidade. Trabalhou durante um período na cidade de Salvador, mantendo uma relação muito próxima com a cidade de origem onde está sua família. Ele narra com riqueza de detalhes o nascimento de sua primeira filha e as emoções que viveu até o dia de conhecê-la, pois quando esta nasceu ele estava trabalhando em Salvador.

Novamente em São Gonçalo entre o final de junho e início de julho de 2019, conversei com Srº André, Mateus e Lucas. Srº André, 58 anos, 2 filhos, estudou até a sexta série, mora com a companheira. Filho de pedreiro e de fumageira, que se dividia

entre o trabalho no armazém, a rotina de dona de casa e os trabalhos no matadouro² para complementar a renda. Srº André vivia entre São Gonçalo, onde morava sua mãe, e Salvador, lugar que seu pai residia por conta do trabalho. Srº André revelou que foi estudar em Salvador nas séries iniciais, mas logo em seguida, em virtude das dificuldades para continuar estudando na capital, voltou para o interior, mas seu pai continuou morando em Salvador, e vindo para São Gonçalo a cada quinze dias. Senhor André, atualmente trabalha em Salvador e mantém sua relação com a cidade de origem, onde está sua família. Srº Mateus, 50 anos, mora com a companheira, pai de 4 filhos, natural de São Gonçalo e estudou até a 5ª série. Sua infância foi dividida entre o estudo e o trabalho, para ajudar o pai agricultor. Trabalhou desde criança para ajudar a criar os irmãos, pois era um dos mais velhos e até os 18 anos ficou na roça ajudando o pai, depois foi para Salvador, onde constituiu família, construiu uma casa “*e a vida por lá*”. Morou em Salvador até os 45 anos, mas mantinha uma ligação com o lugar de origem, onde moravam seus pais e irmãos, depois retornou para São Gonçalo com a família constituída, onde mora atualmente. Porém, continua trabalhando em Salvador, e viajando aos finais de semana para a cidade de origem. Srº Lucas, 54 anos, casado, estudou até a 5ª série e pai de 3 filhos, trabalhou na roça até os 18 anos, depois foi para Salvador. Mesmo morando com parentes, sentia saudades das pessoas que ficaram na cidade de origem, principalmente da mãe. Para amenizar as saudades, todos os finais de semana, viaja para o interior, onde moram a esposa, filhos, mãe e irmãos.

Indo a Salvador em julho de 2019, tive a oportunidade de entrevistar dois irmãos, Matias e Paulo. Srº Matias, 49 anos, casado, natural de Serra Preta, pai de 2 filhas, estudou até a 4ª série e foi trabalhar em Salvador no ano de 1989. Nascido e criado no campo, revelou que praticamente não teve infância, pois trabalhou desde criança. Diz que seu pai é um homem trabalhador e que são “*guerreiros*”. Atualmente mora na cidade de Serrinha com sua família constituída. Srº Paulo, 51 anos, casado, natural de Serra Preta, pai de 2 filhos. Revelou que sua infância foi no trabalho na roça, começou a trabalhar aos 8 anos, ajudando o pai a criar os irmãos mais novos. Ingressou na escola aos 10 anos e teve que conciliar estudos e trabalho. Aos 21 anos foi trabalhar na capital Salvador onde atua até hoje. Novamente em São Gonçalo, após uma pausa na pesquisa de campo, no dia 13 de outubro de 2019, fiz a última entrevista com Silas, solteiro, 36 anos, que foi trabalhar em Salvador na primeira década dos anos 2000, a

² Lugar onde era feito o abate do gado para a comercialização.

convite de sua irmã, com uma proposta de trabalho para o setor da construção civil, no qual atua ainda hoje como carpinteiro

O que tem a nos contar esses trabalhadores a partir de suas experiências vividas? Para tal, lançamos mão do estudo de *histórias de vida*, entendendo-o como o método mais apropriado para revelar questões que não caberiam em uma pesquisa de inspiração predominantemente quantitativa. No que se refere ao processo de entrada no campo, acredito ser importante ressaltar a participação de meu pai, como um facilitador desse processo, assumindo, assim, um lugar de fundamental importância para a realização desse estudo. É através do seu conhecimento com os trabalhadores da construção civil, sendo também ele um profissional dessa área, que me foram apresentados os sujeitos dessa pesquisa. Essa escolha não foi feita aleatoriamente. Como universo da população pesquisada entrevistamos 8 trabalhadores da construção civil, com idades entre 36 e 69 anos, que saíram do interior e foram trabalhar na capital Salvador, mas que mantém vínculos com o lugar de origem sendo 7 casados e 1 solteiro.

Dada à natureza de seu objeto, esta pesquisa carrega em si ao menos três importantes conceitos que requerem atenção e problematização teórica. São eles: “migração”, “memória” e “trabalho”. Mais exatamente, estou convencida de que os processos migratórios vividos pelos sujeitos desta pesquisa ganham pleno sentido na análise se pensados na relação direta com o universo do trabalho no setor da construção civil. Do mesmo modo, aludir sobre esse universo do trabalho nos impõe a tarefa de considerar uma de suas especificidades: os processos migratórios.

Diferentemente de uma gama de estudos sobre migração que tem como objeto de investigação tal fenômeno marcado por consideráveis distâncias geográficas entre o lugar de origem e o lugar de destino – como ocorre em casos de migração entre estados no Brasil, impondo ao migrante uma fixação no lugar de destino e, portanto, raríssimas, ou quase inexistentes, idas ao lugar de origem – ou mesmo com distâncias não tão consideráveis, mas cujas histórias são marcadas pela fixação no lugar de destino, onde o lugar de origem passa a ser significado muito mais nas memórias e sentimentos dos migrantes, nesta pesquisa os processos migratórios são marcados pela saída do lugar de origem e fixação no lugar de destino – definição primacial do fenômeno de migração –, mas com a especificidade de que os sujeitos que migram retornam de modo intermitente ao lugar de origem. Tratando-se de processos migratórios que envolvem locais do interior da Bahia relativamente próximos à capital, Salvador, os migrantes, via de regra,

seguem sozinhos ao lugar de destino, cujas famílias (como esposa e filhos) permanecem no lugar de origem, requerendo deste trabalhador sua presença, mesmo de modo intermitente. Com isso podemos pensar que o setor da construção civil provoca um tipo específico de migração em que a ligação com o lugar de origem, não é rompida e está em constante relação com o lugar de destino. O migrante realiza o movimento de ir e vir, desloca-se, reforçando seus vínculos afetivos com seu lugar de origem.

Mesmo quando a fixação na capital se consolida, e a família faça a migração posteriormente, ou mesmo seja construída na capital, ainda assim os vínculos com o seu interior se mantêm a partir das visitas ao lugar de origem, as comunicações diárias e até mesmo esporádicas com quem está no interior, as memórias vividas em seu interior, a culinária, as práticas religiosas, as visitas das pessoas que vão do interior para visitá-los na capital, levando notícias do lugar de origem, lembranças³, comidas típicas⁴, é geralmente em torno da mesa ou em uma roda de conversa que esses laços são fortalecidos, e os vínculos com o interior se reafirmam.

1- Os estudos sobre o tema e a construção do objeto da pesquisa

Embora esta pesquisa trate de um modo específico de movimento migratório, conforme veremos ao longo desta dissertação, cabe, já nesta introdução, alguns apontamentos sobre o fenômeno da migração. Tal fenômeno está presente na história da humanidade desde tempos imemoriais. Pessoas deixam seu lugar de origem e vão em direção ao lugar de destino, motivados pelas mais diversas situações possíveis. Fome, guerras, conflitos, desemprego, amor, são alguns dos motivos que podem ser elencados

³ É comum, quando alguém do interior viaja para visitar um parente ou amigo na capital ser incumbido de “dar lembranças a fulano” significando que ele (a) é lembrado (a) por aquele (a) que está no interior, é também uma maneira de quem está na capital conservar na memória aquele (a) que está no interior.

⁴ As visitas geralmente são acompanhadas por alguma comida típica do lugar de origem, como uma maneira de levar o sabor do lugar de origem para aquele que está fora dele. Como sabemos, para além da função de fornecer nutriente ao corpo, a comida tem o poder de fazer aflorar sentimentos, despertar memórias. Como bem nos aponta Tavares (2018), “os hábitos alimentares resistem à mudança, mesmo que profunda, do ambiente social. (...) Conscientes ou não, mas frequentemente inconscientes, ao ingerir um alimento que faz vínculo com a terra natal, o indivíduo age para reafirmar a própria identidade”. Ainda de acordo com a autora, “o alimento é, também, um abeirar a terra natal. (...) ele pode ligar o ser social a algum lugar e conseqüentemente a um sentimento” (TAVARES, 2018, p. 26-27).

como elementos motivadores da migração. As grandes navegações oceânicas tornaram possíveis o que hoje chamamos migrações internacionais, iniciadas no século XV, quando os europeus desbravaram os novos continentes para posteriormente ocupá-los. É a partir desse momento que surgem os ditos “países típicos” de imigração. Esses países são formados através de modelos essencialmente exploratórios, como é o caso do Brasil, ou colonizadores, como os Estados Unidos, por exemplo. Este último em função das oportunidades e também pelo seu caráter colonizatório, atraía, e ainda atrai, muitos migrantes estrangeiros (CARVALHO, 2008).

Resstel (2015) assevera que “o conceito de migração não é simples e nem mesmo existe um consenso em torno dele” (p.37). Em linhas gerais, podemos dizer que migração está relacionado ao deslocamento de pessoas de um lugar a outro. Essa movimentação de pessoas formam fluxos de trânsito de uma região a outra, dentro do mesmo país, a esse movimento é então chamado de migração interna. Já o fluxo de pessoas que se deslocam de um país para o outro, ou mesmo de um continente a outro, é chamado de migrações internacionais ou de imigração.⁵ Ainda sobre a dificuldade conceitual do termo, Resstel afirma que:

No mundo atual, o conceito de migração se torna ainda mais complexo, em razão do aumento vertiginoso das diferentes formas de mobilidade e de trânsito entre uma localidade e outra, entre regiões geograficamente distantes, entre países, continentes e entre povos e culturas marcadamente diferentes (RESSTEL,2015 p.38).

Abdelmalek Sayad (1979), em seu estudo sobre *O que é um imigrante*, vai nos mostrar que se a imigração é um fato antigo, o problema social que ela constitui é relativamente recente. Por muito tempo a imigração foi objeto de estudo quase que exclusivamente das ciências jurídicas, posteriormente da demografia, seja ela proveniente de demógrafos, historiadores (demografia histórica), e com maior frequência de geógrafos. A geografia e a demografia estão ligadas ao estudo da imigração, devido ao fato de que esta consiste no deslocamento de populações por todas as formas de espaço socialmente qualificados. Por outro lado, não há como negar que a imigração é também - e antes de tudo – um problema social, devendo ser admitida como tema de pesquisa no âmbito das ciências sociais.

⁵ Dois termos que foram amplamente utilizados num passado não tão remoto sobre os estudos de migração são “imigração” e “emigração”. Sobre isso, Barroso (2012), nos mostra que “imigração” e “emigração” são termos homófonos quanto à sua formação. Para evitar confusão na utilização desses termos, recorreu-se ao recurso dos prefixos (i) dando a ideia de movimento para dentro e (e), indicando um movimento para fora.

Sayad (1979) assevera que todo e qualquer discurso sobre o imigrante e a imigração é um discurso imposto; "mais do que isso, é até mesmo toda a problemática da ciência social da imigração uma problemática imposta" (p. 56). Para tal autor, uma das formas que evidenciam essa imposição é que o imigrante é percebido, definido e pensado sempre como um problema social. O imigrante está sendo sempre relacionado com uma série de problemas sociais, a exemplo de: o imigrante e a habitação, o imigrante e a educação, o imigrante e o desemprego, para ficarmos apenas com alguns dos exemplos apontados por Sayad. Essas representações do migrante como um problema social "constitui o índice mais claro de que a problemática da pesquisa encontra-se em conformidade e em continuidade direta com a percepção social que se tem sobre a imigração e o imigrante" (SAYAD, 1979, p.57).

Como bem nos aponta Zanforlin (2013,), as primeiras migrações se deram no trânsito de pessoas que saíam dos campos em direção às cidades, posteriormente entre as cidades dentro do mesmo país. Com o melhoramento das condições técnicas de comunicação e de transporte, o advento das estradas de ferro, as viagens de barcos a vapor e depois os navios que começavam a realizar as viagens intercontinentais, criou-se um cenário perfeito para os deslocamentos populacionais. Assim, é perceptível que a imigração é um importante fator histórico para pensarmos as sociedades, as formas como elas se organizam e os impactos que essa mobilidade causa. Para que se tenha uma ideia sobre os fluxos migratórios durante o curso da história humana, Hobsbawm (1977), nos mostra que:

A metade do século XIX marca o começo da maior migração dos povos na História. Seus detalhes exatos mal podem ser medidos, pois as estatísticas oficiais, tais como eram então, são falhas em capturar todos os movimentos de homens e mulheres dentro dos países ou entre estados: o êxodo rural em direção às cidades, a migração entre regiões e de cidade para cidade, o cruzamento de oceanos e a penetração em zonas de fronteiras, (...) (HOBSBAWM, 1977, p.203).

Ainda de acordo com o mesmo autor:

Movimentos populacionais e industrialização andam juntos, já que o desenvolvimento econômico moderno do mundo pede mudanças substanciais junto aos povos e, por outro lado, facilita tais movimentos tornando-os tecnicamente baratos e mais simples através de comunicações novas e melhores, assim como evidentemente permite ao mundo manter uma população bem maior. (HOBSBAWM, 1977, p. 203)

Diante do exposto, e dada à importância do tema, cabe-nos indagar como o tema da imigração foi observado pelos clássicos da sociologia, uma vez que esse movimento de pessoas indicava que algo estava acontecendo na sociedade; mudanças sociais, culturais e econômicas, o mundo estava indo por um caminho sem volta. Não nos cabe aqui uma revisita aos “clássicos” da sociologia para dar conta de tal empreendimento; tarefa que, em alguma medida, foi bem executada por Márcio de Oliveira (2014), através de artigo a partir do qual seguiremos algumas pegadas. Esse autor nos demonstra que os fundadores da sociologia ocidental já tocavam na questão da migração e da imigração, a exemplo de Karl Marx que em seus escritos, fundados no processo de acumulação capitalista, diz que a “superpopulação relativa” é uma condição necessária para a acumulação capitalista. Assim, as migrações humanas estariam diretamente vinculadas à migração do capital. Émile Durkheim, por sua vez, vai falar das consequências da migração nos espaços rurais e nas pequenas cidades das quais se deslocavam os migrantes. O imigrante, na obra de Durkheim, era um exemplo empírico pelo qual se poderia estudar a socialização e a integração, uma vez que esses atores sociais estavam submetidos a tais processos (OLIVEIRA, 2014). Na obra de Weber, o tema da imigração aparece quando esse autor se debruça sobre a situação dos trabalhadores alemães ao Leste do Elba. Ainda sobre o tema da imigração, Weber aponta em seus estudos para uma área do conhecimento que depois viria a ser desenvolvida por Simmel e posteriormente por Sayad (1998), referente à “análise das consequências da imigração nas relações entre nacionais e estrangeiros no país de origem” (OLIVEIRA, 2014,). Não podemos deixar de ressaltar o papel preponderante que a Escola ou Tradição de Chicago assume no tocante aos estudos voltados para a relação entre migrações e cidades, tendo como expoente o já citado Georg Simmel, grande influenciador do pensamento da escola, que desenvolveu o conceito de *O Estrangeiro* (OLIVEIRA, 2014).

No Brasil, o tema da migração foi abordado sob diferentes aspectos ao longo da história das ciências sociais. A boa tradição antropológica, por exemplo, se beneficiou de estudos que discutiram o tema a partir da relação rural-urbano, sobretudo, em meados do século XX (ver DURHAM, 1973). Da mesma maneira, uma gama de estudos sobre migração envolvendo o fluxo de nordestinos para as regiões Sudeste e Centro-Oeste veio a se incorporar ao tema, de maneira abundante (ver BORGES &

MARTINS, 2004; GOMES, 2006; FONTES, 2008; CARVALHO, 2008, apenas para ficarmos com as produções mais recentes).

Fizemos esse breve sobrevôo sobre o tema da migração para demonstrar que se trata de um importante objeto de estudo e que, no decorrer dos anos, ganhou especial atenção das ciências sociais. Importante entender também como os estudiosos vêm pensando as mudanças ocorridas e as novas configurações que a migração vem tomando ao longo do tempo. Assim, chama a atenção os escritos de estudiosos brasileiros que se debruçaram sobre esse tema, no intuito de apresentar um panorama das migrações internas no Brasil, um país de migrantes, pessoas que impelidas pela necessidade de melhores condições de vida, no sentido pleno da palavra, mudam de região, de estado, ou de cidade. São esses os atores sociais que atuam como elenco no grande cenário das migrações. Nessa trama, eles assumem o papel de autores que escrevem os rumos da migração.

Na pesquisa em tela, trataremos de um tipo de migração que ocorre dentro do próprio estado, e que só poderá ser entendido como tal, se for pensado junto à dinâmica de trabalho dos agentes nela envolvidos, trabalhadores braçais da construção civil que migram do interior para a capital baiana.

Os trabalhadores braçais da construção civil envolvidos nesta pesquisa são pessoas oriundas do interior da Bahia, que em decorrência da falta de emprego nas suas cidades de origem, vão para Salvador trabalhar. Via de regra, esses trabalhadores que vão para a capital seguem os caminhos já percorridos por pessoas muito próximas do seu convívio, como um pai, tio, primo, amigo, que foram tentar a vida na capital. Como a construção civil é um setor produtivo que não exige um alto nível de escolaridade para os trabalhadores braçais, ele atua como um campo que abre as portas do emprego para boa parte das pessoas que se deslocam do interior para trabalhar. A notícia que um amigo ou parente foi para a capital e conseguiu emprego, acende, naqueles que ficaram, a esperança de também serem empregados nesse setor. Nesses casos, aquele que o antecedeu é o responsável por fazer a ponte para que seu conterrâneo consiga um emprego e também por acolhê-lo na capital.

Esses trabalhadores realizam um deslocamento que entendemos como um tipo de migração, porém uma migração que guarda a particularidade de ocorrer dentro do mesmo estado e cuja distância do lugar de destino não é tão considerável a ponto de

exigir uma ausência total no lugar de origem. No entanto, não podemos considerar apenas as curtas distâncias geográficas como o fator principal de manutenção dos vínculos com o lugar de origem, mas também as relações que nele estão estabelecidas. A conservação da identidade e a manutenção das redes de afetos fazem com que os migrantes mantenham esse ir e vir. Afinal, são essas relações que fazem desse lugar um lugar especial, um lugar de pertencimento. Outra especificidade dessa migração é que ela está diretamente ligada ao processo de trabalho da construção civil, que envolve a alta rotatividade dos trabalhadores, uma vez que as obras são realizadas em etapas sucessivas. Para cada uma dessas etapas, existe um contingente de trabalhadores que é admitido e um outro que é demitido. A imagem é exatamente essa: um contingente de trabalhadores de volta para as suas casas, ou perambulando pela capital à procura de outra obra que esteja precisando de seus serviços, e, do outro lado, um contingente de pessoas que vão em direção à capital para trabalhar.

É exatamente esse vai-e-vem de trabalhadores, e esse movimento de pêndulo que eles realizam no ir e vir de seus lugares de origem para a capital e da capital para seus lugares de origem, que compõe a especificidade deste estudo. Nesse tocante, é importante asseverar que não se tem registro de nenhum trabalho que tenha se debruçado sobre a situação de trabalhadores migrantes dentro do próprio estado da Bahia no âmbito do setor da construção civil.

Para Carvalho (2008) “migrante é aquele que deixa seu local de origem em busca de um sonho, impulsionado pelos seus desejos. Um ser desejante” (p.15). Quando falamos de trabalhadores da construção civil que migram do interior para a capital baiana para trabalhar, estamos falando de pessoas que movidas por circunstâncias como falta de emprego, miséria, fome, e tantos outros fatores que tornam limitadas as condições de vida no lugar de origem, sentem-se obrigados a partir, na tentativa de prover o seu sustento e de seus familiares, alimentando, assim, a esperança por dias melhores .

Ato contínuo, o trabalhador migrante da construção civil vive de lugar em lugar, isso se dá pela alta rotatividade desse ramo produtivo. Convivem diariamente com a ausência de familiares, amigos, e da terra natal, cujo convívio restringe-se, quando ocorre, apenas aos finais de semana. De acordo com Sennett (2009), o novo modelo econômico, baseado em curtos prazos, faz com que o trabalhador viva à deriva no

tempo, de lugar em lugar. Assim, pode-se dizer que o capitalismo “corrói o caráter da pessoa”, de maneira especial, o caráter que liga as pessoas umas às outras.

A alta rotatividade no setor da construção civil provoca impactos na vida dos trabalhadores. Eles convivem diariamente com a incerteza, trabalham sob pressão, pois precisam entregar a obra dentro do prazo estabelecido pelo empregador. O trabalhador vive atormentado pela instabilidade, ora está empregado, ora desempregado, hoje está em um lugar, amanhã já precisa partir em busca de outro lugar que lhe possibilite estar trabalhando. Nas palavras de Shappo (2004):

(...) o percurso daqueles que se põem em movimento é marcado pela incerteza e insegurança em torno das possibilidades de ascensão social e também constituído por uma vivência marcada por constrangimentos à liberdade de escolha, no tocante às ações e opções que norteiam projetos e ideais de vida (SHAPPO 2004, p, 233).

Mesmo passando por dificuldades, muitos trabalhadores permanecem nesse setor, seja pela falta de oportunidade de encontrar um emprego em outro setor, seja pela baixa escolaridade, ou pelo medo de ficar desempregado. Submetem-se a longas jornadas de trabalho, enfrentam os riscos de acidentes, além de serem mal remunerados. Conforme elucida Dejours (1992), “O medo, seja proveniente dos ritmos de trabalho ou de riscos originários das más condições de trabalho, destrói a saúde mental dos trabalhadores de modo progressivo e inelutável” (DEJOURS, 1992, p. 74). Desta forma, o trabalhador da construção civil, além de ter suas forças físicas deterioradas pelos trabalhos forçados, tem também sua saúde mental comprometida, pelas pressões dentro do canteiro de obras, pela instabilidade, e também pelas saudades de quem o espera no lugar de origem. Conforme Borges e Martins (2004):

(...) as patologias dos trabalhadores da construção civil se fazem em um processo de sofrimento psíquico no qual o trabalhador migrante, para sobreviver, necessita abortar seus valores e, esvaziando-se, aliena-se de seu potencial criativo, passando a incorporar os valores do empregador, emperrando sua capacidade crítica, reproduzindo modelos que lhe são oferecidos” (BORGES e MARTINS, 2004, p. 142).

Além de estar longe de casa, o trabalhador migrante da construção civil atua em um ambiente marcado por ritmos acelerados, pressões, exploração e desvalorização. Soma-se isso ao medo de ficar desempregado, riscos de acidentes e insalubridade, fatores que elevam sobremaneira o grau de precarização desse setor, fazendo com que o trabalhador desencadeie uma série de sofrimentos psíquicos que somados com os sofrimentos físicos colocam o profissional em uma condição de extrema

vulnerabilidade. Ainda falando de sofrimento psíquico, pode-se acrescentar o medo e a ansiedade experimentados por eles, em decorrência dos riscos de acidentes de trabalho, o estresse provocado pelas pressões exercidas sobre os mesmos, além das longas jornadas de trabalho pois o “trabalhador se vê tensionado em excesso, indo além de suas condições fisiológicas e psicológicas para atender às demandas, por uma garantia de emprego e melhor salário” (BORGES e MARTINS, 2004 p.140).

No tocante ao processo de trabalho dentro do canteiro de obras, a indústria da construção civil possui características muito próprias e revela um caráter complexo e dinâmico. É um processo de trabalho marcado pela descontinuidade das obras. O processo produtivo é fragmentado em etapas sucessivas que exige do trabalhador habilidades específicas. O trabalho na construção civil exige a solidariedade entre os pares para que o andamento das etapas do processo produtivo ocorra de maneira eficaz, como bem nos revela Borges e Martins (2004):

O cotidiano de um canteiro de obras está marcado ao mesmo tempo pela diversidade, pela especificidade e pelo conjunto: a maioria das tarefas está implicada na dependência de um grupo de pessoas que realizam, ao mesmo tempo, tarefas diferentes. Uma tarefa depende da realização de outras, num *continuum*, assim como em geral o trabalho se realiza em conjunto, dependendo da ação de outros operários (BORGES E MARTINS, 2004, p.138).

Ainda de acordo com Borges e Martins (2004), na construção civil, a falta de reconhecimento do trabalhador é constante, seja pela desqualificação, seja por ser facilmente substituído, seja por ser migrante. O trabalhador vê-se, então, numa situação de inferioridade e, para não perder seu emprego, submete-se às pressões dos contratantes, às humilhações e a jornadas de trabalho extenuantes; um trabalho pesado que requer um grande dispêndio de força física e também psicológica. “O nível de submetimento é considerável. Principalmente por ser este o espaço que o acolhe, estando recém chegado em um ambiente estranho” (BORGES E MARTINS, 2004, p.139). Neste caso, os processos de migração que envolvem os trabalhadores do setor da construção civil são marcados pela esperança e expectativas rumo a um futuro melhor. Mas, são marcados também por dissabores, novas descobertas e novas redes de relações.

Diferentemente dos casos clássicos apontados pela literatura sobre o tema da migração, o perfil de trabalhador da construção civil aqui estudado deixa seu lugar de origem e vai para o lugar de destino não, necessariamente, nele se fixando. Na presente

pesquisa, veremos que muitos passam toda a vida economicamente ativa trabalhando na capital, restringindo as idas ao lugar de origem apenas aos finais de semana e durante o período de férias, mas junto ao sonho da aposentadoria, acalentam o desejo de voltar para o lugar de origem, para o seu interior e lá permanecerem permanentemente.

Os trabalhadores migrantes da construção civil também vivenciam a expectativa com a nova terra, a ideia de projetar uma vida melhor, o sonho de voltar definitivamente para o lugar de origem. Todas essas são experiências de migrantes, mas que guardam suas especificidades. É o próprio modo de trabalho que conduz a esse tipo de migração, por conta da alta rotatividade, a intermitência das obras etc, conforme salientado acima. Diante de tais evidências e das particularidades que guardam esse setor, de tamanha importância para a economia, e que abre as portas do mercado de trabalho para boa parte da população pobre do país, é que me lanço nesta pesquisa, entendendo que se trata de um objeto de estudo que muito tem a revelar e a contribuir para os estudos sobre migrações, que vêm ganhando novas configurações e atraindo a atenção de pesquisadores das diversas áreas do conhecimento.

Conforme Menezes (2012, p. 23), é a partir de 1970 que as migrações múltiplas, ou seja, pessoas que se deslocam diversas vezes para encontrar uma forma de sobrevivência (MARTINE, 1982; MENEZES, 2012; MORAES SILVA e MENEZES 2006), começam a ganhar uma maior visibilidade. Esse fato irá redefinir os conceitos de origem e de destino, pois embora as migrações para as regiões metropolitanas continuassem ocorrendo, nas décadas de 1980 e 1990, elas já não representam uma possibilidade de fixação, muito menos uma mobilidade social.

Nesse sentido, a intensidade com que ocorre a mobilidade entre os espaços, colocam em questão as noções de origem e destino, visto que essas são tipologias que se baseiam em critérios fixos como: migração de destino e migração de retorno, esta última também está fundamentada na ideia de um ponto de origem e retorno (MENEZES, 2012). Tais noções, embora importantes, apresentam limites para compreendermos os diversos tipos de migrantes que se deslocam constantemente, e por isso precisam ser relativizadas, de acordo com o contexto investigado. No caso dos trabalhadores da construção civil em grandes projetos de construção, por exemplo, muitas vezes são levados por grandes empreitadas para outros estados ou mesmo para outros países, onde fixam moradia por um espaço determinado de tempo e, ao final da obra, retornam.

Segundo Menezes (2012), os migrantes sazonais ou migrantes temporários, são casos importantes para pensarmos sobre o significado da migração na vida da pessoa que migra, a partir da sua experiência. Migrações sazonais ou temporárias consistem no deslocamento, realizado por pessoas que se dirigem para trabalhar em determinada época do ano e retornam em outro período, a exemplo dos trabalhadores que trabalham no corte da cana-de-açúcar ou nas lavouras de algodão. Moraes Silva (1971), em seu livro *Migrar é preciso*, mostra que em alguns casos os trabalhadores do corte da cana, na região de Ribeirão Preto (SP), se deslocam constantemente entre as regiões para garantir a sobrevivência. Tais migrantes vão para diferentes lugares e retornam aos seus lugares de origem apenas para visitar seus familiares ou em épocas de festas. Observamos aí o caráter permanente das migrações temporárias, categoria que é discutida por Moraes Silva⁶ (1992). Ainda se tratando de migrantes temporários, Moraes Silva e Menezes (2006), fazem referência aos operários baianos da construção civil, que se dirigem para São Paulo para trabalhar. De acordo com essas autoras, esses agentes sociais criam verdadeiros *corredores de migração*⁷. O lugar de destino e o tempo de permanência são sempre os mesmos. Mas quanto aos sujeitos desta pesquisa, poderíamos chamá-los de migrantes temporários? Creio que não, pois os trabalhadores migrantes que saem do interior da Bahia para a capital Salvador para trabalhar, ao contrário dos que se destinam a outros estados, realizam um trânsito constante entre o lugar de origem e o lugar de destino. “Ele não abandona a origem (...), a migração representa um ponto de contato entre um lugar e outro” (MORAES SILVA e MENEZES, 2006, p.6).

Considerando que migrar não significa apenas uma mobilidade entre espaços geográficos e que este ato está enredado por diversos fatores que envolvem a subjetividade dos sujeitos envolvidos, tanto dos que partem quanto dos que ficam, entendo que os estudos sobre migração não devem se preocupar apenas com questões relacionadas à decisão de ir ou de ficar. Existe uma necessidade de compreender como esses migrantes “tratam subjetivamente essas possibilidades objetivas de trabalho e de vida” (MENEZES, 2012, p.26), uma vez que esse processo produz uma “permanente recomposição e ressignificação de suas redes de relações sociais” (MEZEZES, 2012, p.26).

⁶ Esta autora, ao estudar os migrantes do Vale do Jequitinhonha propõe a categoria de migração temporária permanente ou migrante permanentemente temporário.

⁷ Itálico das autoras

Martins (1986) é outro autor que busca discutir a categoria de migrante temporário ou o caráter temporário da migração. Embora não seja uma categoria na qual se enquadre os interlocutores dessa minha pesquisa, vale a pena entendermos qual é a definição dada pelo autor. Para Martins:

Se, em termos demográficos, a duração – o temporário - é essencial para o estudo das migrações temporárias, em termos sociológicos o essencial é a concepção de ausência. É temporário, na verdade, aquele migrante que se considera a si mesmo “fora de casa”, “fora do lugar”, ausente, mesmo quando, em termos demográficos, tenha migrado definitivamente. É aquele que se considera fora do seu lugar, fora de “suas” relações sociais, e que, no limite, não se considera dentro mesmo quando está. Se a ausência é o núcleo da consciência do migrante temporário, é porque ele não cumpriu e não encerrou o processo de migração, com seus dois momentos extremos e excludentes a dessocialização, nas relações sociais de origem, e a ressocialização, nas relações sociais de “adoção”. Ele se mantém, pois, na duplicidade de duas socializações, de duas estruturas de relações sociais diversas entre si. Ele vive a marginalidade das duas situações sociais. É sempre o outro, o objeto, e não o sujeito. É sempre o que vai voltar a ser e não o que é. A demora desse reencontro define a migração temporária. Pode-se, até mesmo, falar numa cultura da ausência, nostálgica, nessa metrópole de migrantes que é a cidade de São Paulo, que compreende desde a música sertaneja até o mutirão de operários para construir a casa de um companheiro na periferia. (MARTINS, 1986, p.49, *apud* MENEZES, 2012).

É importante que os estudos migratórios voltem seu olhar para os sujeitos desse processo, a maneira como eles vivenciam a migração em suas vidas e como esse processo afeta a sua existência, bem como as redes às quais eles pertencem. Trata-se de mais que apenas estar atentos aos dados estatísticos dessa migração enquanto processos de trânsito espacial, provocado por questões estruturais. O apelo é justamente compreender como esses migrantes narram suas experiências. As incertezas, os medos, os projetos, a relação com a família, amigos, vizinhos, lugar de origem, as lembranças de infância e de juventude. Como eles acalentam o desejo do retorno para o lugar de origem

Conforme reiterado diversas vezes, diferentemente dos outros processos que envolvem a questão das migrações interestaduais, dentro deste estudo estamos falando de um tipo de migração muito específico, que é o caso de trabalhadores da construção civil que realizam essa migração dentro do próprio estado da Bahia, mas que mantém uma relação constante com o lugar de origem.

Dentro dessa especificidade, podemos ousar utilizar as categorias *origem* e *destino*, uma vez que sabemos que existe um destino certo, que é a capital, e que por sua

vez o lugar de origem corresponde ao lugar onde estão presentes os laços de afeto e sociabilidades mais efetivos.

Diante do exposto, uma série de questões envolvendo lugar de origem e de destino desponta e que somente poderá ser compreendida a partir das histórias de vida dos migrantes trabalhadores no setor da construção civil: Como significam seus lugares de origem? Que tipo de fixação específico é esse que ocorre com esses trabalhadores no lugar de destino? Quais os laços de sociabilidade mantidos por eles? Quais elementos são marcantes nas experiências no lugar de destino? Como o lugar de origem produz efeitos de significações e é ressignificado a partir da experiência da migração?

Mais especificamente, interessa neste estudo apreender e compreender aspectos eminentemente qualitativos desse fenômeno. Isto é, para além dos dados estatísticos que envolvem a população de trabalhadores braçais do setor da construção civil e seus movimentos migratórios, importa neste estudo compreender os efeitos de significação decorrentes de tal realidade. Quais significados atribuídos pelos trabalhadores da construção civil – que se veem obrigados, devido ao trabalho, a se deslocar com frequência entre as cidades de origem e de destino – a esses lugares em que simultaneamente ficam? Eis o problema central que norteia esta pesquisa e que nos conduz a investigar junto a tais trabalhadores migrantes, a partir do que pensam e significam, suas experiências vividas. Nesse sentido busco entender esses significados atribuídos pelos trabalhadores a esses lugares a partir da relação entre trabalho, deslocamento, espaço, afetos e tempo. Portanto, a perspectiva metodológica adotada é aquela que prioriza histórias de vida como produção e análise de dados.

Como técnica de pesquisa⁸, são aplicadas entrevistas não-estruturadas, com o objetivo de que o interlocutor faça uma narrativa livre de sua experiência de vida, para

⁸ Tomando de empréstimo as palavras de Minayo (2001), entendo que a pesquisa é um labor artesanal, que se não prescinde da criatividade, se realiza fundamentalmente por uma linguagem fundada em conceitos, proposições, métodos e técnicas, linguagem esta que se constrói com um ritmo próprio e particular. A esse ritmo denominamos ciclo da pesquisa, ou seja, um processo de trabalho em espiral que começa com um problema ou uma pergunta e termina com um produto provisório capaz de dar origem a novas interrogações.” Pois foi justamente esse trabalho em espiral que levou-me a dar continuidade à minha pesquisa, que teve início na graduação, quando pesquisei como Trabalho de Conclusão de Curso, sobre o trabalho precarizado no setor da construção civil, com o intuito de analisar os impactos da precarização do trabalho da construção civil na vida dos trabalhadores na cidade de Salvador - BA. Ainda enquanto realizava a pesquisa supracitada, várias outras inquietações foram ganhando espaço e tomando forma, e como resultado dessas inquietações nasceu a presente pesquisa que versa sobre as trajetórias de vida dos trabalhadores braçais da construção civil que migram do interior para a capital baiana para

que se possa aprofundar os aspectos que não foram previamente pensados pela pesquisadora, e que poderão ser revelados pelos entrevistados de modo a fornecer pistas novas para novas descobertas que levarão a uma melhor compreensão do tema pesquisado.

Apostamos em uma pesquisa de inspiração qualitativa, por acreditar que ela é capaz de responder a questões muito particulares, que uma abordagem quantitativa não daria conta de responder. A pesquisa qualitativa se preocupa com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Conforme bem nos revela Minayo (2001), ela trabalha com o universo dos significados, motivos, crenças, valores e atitudes, que corresponde a um espaço mais profundo das relações dos processos e dos fenômenos.

Esta dissertação está organizada em três capítulos, além desta introdução e da conclusão. No primeiro, intitulado “Nos “andaimos” do Fazer Etnográfico: o lugar do encontro e da experiência”, trago as experiências dos meus encontros e diálogos com os sujeitos dessa pesquisa. No segundo capítulo, “Experiências migratórias, memórias e o mundo do trabalho no setor da construção civil: retomando conceitos”, é feita uma retomada conceitual acerca do trabalho no setor da construção civil. Em seguida, retomo o tema da migração, categoria central desta pesquisa apresentando uma análise sobre esse tema tão caro na história da humanidade e que ao longo do seu desenvolvimento vem ganhando novas configurações, tornando difícil a elaboração de um conceito restrito que dê conta da pluralidade desse fenômeno. Por fim trago a discussão sobre a memória, categoria esta que assume uma importância primacial em um estudo com histórias de vida. No terceiro capítulo, “Entre Idas e Vindas: um olhar sobre a experiência dos processos migratórios na vida dor ser que migra” trago as trajetórias de vida dos sujeitos envolvidos nessa pesquisa, fazendo a análise dos dados que foram produzidos, apresentando os aspectos que retratam etapas da vida desses homens de modo a compreender como eles significam suas trajetórias e como narram suas experiências. Feito isso, parte-se para as conclusões, onde são retomados dados e argumentos considerados relevantes na análise empreendida.

trabalhar. Partimos nesse itinerário com a certeza de que novas questões se colocarão, revelando assim que ainda existe um longo caminho a ser percorrido.

CAPÍTULO 1 - Nos “andaimes” do Fazer Etnográfico: o lugar do encontro e da experiência

Pensar na metáfora do andaime⁹ nos ajudará a compreender esse capítulo, como aquele que vai sendo montado peça por peça, tal como o andaime em uma construção. Resistência é uma das características marcantes do andaime, pois ele deve ser resistente o suficiente para suportar as cargas que lhe são colocadas. Para que essa estrutura seja montada é necessário cooperação, uma peça complementando a outra e, assim, vai se erguendo, ganhando forma e altura. É preciso coragem para subir, é preciso confiança para lá permanecer. Estar no andaime pode fazer o sujeito se sentir um herói, aquele que está no alto revestido de bravura, que com seu desempenho vai construindo, dando forma e beleza à construção. O andaime pode ser também o lugar do medo, faz o homem se sentir pequeno estando ele distante do solo, olha para baixo e observa que por apenas uma peça mal colocada tudo pode desmoronar.

Assim é a vida, cheia de “altos e baixos”, mas é necessário prosseguir. O construtor depende da cooperação de uma rede de pessoas que, como as peças de um andaime, o ajuda a subir. Entendamos essa subida como um impulso para continuar caminhando mesmo diante dos contratempos. Fincado no solo, o andaime pouco a pouco vai ganhando forma, ocupando espaço e se estabelecendo. Veja que para chegar a qualquer altura o andaime primeiro é colocado sobre uma base. Nessa analogia, entendamos a base como o território¹⁰, o lugar de origem, o ponto de apoio, estando

⁹O andaime é uma das partes fundamentais no processo da construção, pois é ele que permite o acesso a determinados locais ao mesmo tempo que possibilita o deslocamento dos materiais necessários para a construção. “Segundo as boas práticas da técnica, o andaime tem como premissa ser uma estrutura que pode ser montada e desmontada sem dificuldades, preferencialmente sem o auxílio de máquinas. Devem ser suficientemente estáveis, resistentes e permitir ser arranjados de maneira que não prejudiquem nem impeçam os trabalhos ou o tráfego neles e em seus arredores” (CAMPOLINA, 2017 p.54).

¹⁰ Considero importante trazeremos aqui, as contribuições de Milton Santos, quando este se refere ao território como “o lugar que desembocam todas as ações, todas as paixões, todos os poderes, todas as forças, todas as fraquezas, isto é, onde a história do homem plenamente se realiza a partir das manifestações de sua existência.” (SANTOS, 2007, p.14). Ainda na perspectiva de Milton Santos (2007), o território precisa ser entendido como “território usado”, essa categoria de análise refere-se ao chão mais a identidade, a identidade aqui se apresenta como “o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence”. A força que o território evoca remete ao conjunto de significados que ele carrega, o território é “o fundamento do trabalho o lugar da resistência, das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida” (SANTOS, 2007, p. 15).

enraizado nesse território pode-se chegar a qualquer lugar. Andaimos são deslocáveis, podem ser retirados de um lugar e fixados em outro. Assim é o trabalhador da construção civil – e, em especial, o trabalhador migrante que, ao terminar sua função em determinado lugar, irá procurar um outro local para desempenhar sua função.

Tal analogia se dá a partir da experiência dos meus encontros e diálogos com os sujeitos desta pesquisa. Eles, em sua totalidade, demonstraram que no lugar de origem estão fincadas suas bases de sustentação, a família, e as memórias mais profundas estão alicerçadas nesse lugar que evoca significados e desperta a emoção desses sujeitos. Estando apoiados nesse lugar de origem, eles “sobem” (vão para a capital Salvador), subida que é feita com a cooperação de várias pessoas (amigos ou parentes que os levam para trabalhar, oferecem moradia, e ensinam a dar os primeiros passos na capital). O processo de “subida” não é fácil, requer habilidade para lidar com os infortúnios, com as ausências e, algumas vezes, com a solidão. No entanto, continuam subindo, pois sabem onde precisam chegar, e enquanto sobem têm seu olhar transformado. É também um processo de (re) construção.

As conexões que unem essas peças podem ser chamadas de luta pela sobrevivência, esperança por melhores condições de vida, e uma série de outros significados que o trabalhador migrante pode dar a esse processo. Aqui, eles dividem conosco experiências que até então nunca tinham contado para ninguém, memórias que foram silenciadas por muito tempo, porque, muitas vezes, recordá-las causa dor. Recorrer às narrativas desses sujeitos para ter acesso às vivências particulares de cada um é o caminho usado nesta pesquisa, entendendo que como nos aponta Oliveira (2008), nesse processo de narrar as vivências, muitos dos sentimentos “escapam a uma observação direta e se fundem nas tramas e dramas” (OLIVEIRA, 2008, p.72). Daí a necessidade de estar atenta aos meandros dessas histórias de vida, situando-as no contexto em que elas são contadas. Consoante Jovchelovitch e Bauer (2002), o enredo é crucial para a constituição de uma estrutura narrativa. “É através do enredo que unidades individuais (ou pequenas histórias dentro de uma história maior) adquirem sentido na narrativa” (JOVCHELOVITCH e BAUER, 2002, p.92).

1.1 Encontros Etnográficos

Como bem nos aponta Peirano (1999), durante muito tempo a antropologia foi definida pelo exotismo do seu objeto de estudo e pela distância, concebida como cultural e geográfica, que separava o pesquisador do objeto de pesquisa. Atualmente o ideal do encontro radical com a alteridade já não é mais uma dimensão considerada essencial para a antropologia, pois a alteridade também pode ser próxima. Ainda nas palavras de Peirano, “uma antropologia que se faz perto de casa, *at home*, é não só aceitável como desejável” (PEIRANO, 1999, p.226).

Nesse novo modelo de fazer antropologia pensando na alteridade próxima, “as pesquisas não apenas situam os fenômenos na cidade, mas procuram analisar, na trilha deixada por Simmel, as condições de sociabilidade nas metrópoles” (PEIRANO, 1999, p.242). A partir do estudo da alteridade próxima o pesquisador tem a possibilidade de pesquisar temas urbanos, o que antes, com a alteridade radical, não seria bem visto. Mas essa alteridade próxima não quer dizer que haja espaço para um relaxamento tanto teórico quanto metodológico; ao contrário, esse rigor teórico-metodológico é o que vai conferir um corpo consistente ao estudo empreitado. Suspender o objeto, questioná-lo, problematizá-lo, é um movimento importante para superar a barreira do aparente. Conforme Feldman-Bianco (2009) :

Treinado para lidar com fenômenos sociais exóticos e não familiares a partir de uma perspectiva de observador alienígena, o antropólogo não se ilude com a fachada familiar de sua própria sociedade. Os estudos antropológicos já realizados sobre sociedades ocidentais demonstram uma grande sensibilidade a problemas, mesmo em conjunturas aparentemente não problemáticas (FELDMAN-BIANCO, 2009 p. 68).

Assim, a proximidade com o objeto de estudo não constitui uma barreira para uma pesquisa com validade científica. Conhecer o que está próximo é um caminho importante para uma análise crítica e consistente. “Durante o processo de pesquisa de campo, o antropólogo modifica sutilmente a perspectiva das pessoas, introduzindo uma consciência nova a respeito dos modos habituais de pensamento e ação” (FELDMAN-BIANCO, 2009, p.64). Dessa maneira, aspectos que até então não eram pensados ou questionados pelas pessoas, passam a ser vistos sob um novo prisma; e não são apenas os agentes pesquisados que são modificados, o pesquisador também tem seu olhar transformado pelo campo.

O estudo com as histórias de vida dos trabalhadores da construção civil que migram do interior para a capital baiana para trabalhar é um estudo com a alteridade próxima. Aqui se experimenta a possibilidade de pesquisar um tema urbano sensível: eles estão em toda parte, seja pela sua presença física, seja pelo produto do seu trabalho, porém muitas vezes são invisibilizados socialmente.

O que se quer chamar à atenção é a necessidade da construção de etnografias que toquem nas realidades próximas, não ficar apenas preso ao exótico, ao distante, mas problematizar o que está perto. Não é uma tarefa fácil, uma vez que o pesquisador sempre será diferenciado ao inserir-se no campo de pesquisa. Ele terá um papel ocupacional de um cientista, alguém que está ali para fazer perguntas, conhecer o campo, questionar e problematizar aquilo que está dado.

É fundamental apostar na dimensão dialógica dos encontros. No processo de escrita textual, evidenciar as situações de interação, atentando para os aspectos semiológicos das conversas: pausas, gestos, expressões faciais, tom de voz, hesitações. Ato contínuo, há que se atentar aos contextos em que se dão as interações sociais e seus efeitos de significados. Considero sumamente importante tentar diminuir a incidência da voz etnográfica como uma voz que detém a autoridade final sobre aquilo que é dito. A ideia é fazer ressoar as diferentes vozes que compõem os diferentes discursos, de maneira que o texto dê conta tanto quanto possa da polifonia presente em todo o diálogo, em toda interação. Sendo assim, aposto na importância da escrita etnográfica, por entender que

o trabalho de campo etnográfico permanece como um método notavelmente sensível. (...) É claro que há um mito do trabalho de campo. A experiência real, cercada como é pelas contingências raramente sobrevive a esse ideal; mas como um meio de produzir conhecimento a partir de um intenso envolvimento intersubjetivo, a prática da etnografia mantém um certo status exemplar (CLIFFORD, 2002, p.20).

Em sendo assim, lhe convido para conhecer os atores que compõem, com suas histórias de vida, esta pesquisa. Estes atores sociais receberão nessa pesquisa nomes fictícios para que suas verdadeiras identidades sejam resguardadas. Foram encontros que proporcionaram não apenas a produção de dados, mas também a oportunidade de conhecer mais de perto o itinerário de homens que com suas mãos constroem as estruturas que compõem o cenário de nossas cidades, bairros, municípios, metrópoles,

lugares de nossa existência, palco de tantas experiências e vivências, seja para aqueles que os constroem seja para aqueles que fazem uso desses lugares.

Ao realizar boa parte dessas entrevistas, contei com a participação de meu pai que me acompanhou em seis das oito entrevistas que são apresentadas aqui. Estes seis atores que me foram apresentados por ele, fazem parte de sua rede de contatos estabelecida através do trabalho no setor da construção civil. Meu pai assume nesta dissertação, portanto, o papel de ator viabilizador da pesquisa, pois ele contribuiu ativamente para a minha aproximação com os sujeitos nela envolvidos e é também a inspiração para este trabalho. Além dos seis, os outros dois sujeitos que compõem a pesquisa, a vida se encarregou de me apresentar. Um deles, é o senhor João (69 anos), meu conterrâneo, com quem antes mesmo de formalizarmos uma relação entre pesquisadora e interlocutor, já havia dedicado um pouco de seu tempo para conversar comigo e me contar de suas andanças e peripécias. O segundo, eu conheci na cidade de Cachoeira - Ba, que também se constitui um lugar importante na minha trajetória acadêmica, na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. E foi no exercício acadêmico que conheci o senhor Tiago (45 anos), enquanto apresentava o meu projeto de pesquisa do mestrado em um evento público. Lembro que ele estava quieto no fundo do auditório, sentado com outros colegas de turma, porém com um olhar bastante atento em tudo que estava sendo falado. Ao final do evento, ele veio até mim, se apresentou e começou a falar de seu interesse pela minha pesquisa, visto que ele é um profissional da construção civil, e queria contribuir neste processo.

Conforme aludido anteriormente, a metáfora da construção nos acompanhará no decorrer desta dissertação. Em sendo assim, tendo sido feita a sondagem para vermos se o terreno era propício para construir – e vimos que sim, é chegada a hora de fincarmos os andaimes para que essa obra ganhe altura. Em outras palavras, neste capítulo serão apresentados aspectos das histórias de vida de cada trabalhador braçal que atua no setor da construção civil e que está incluído nesta pesquisa. Considerando a singularidade de cada trajetória, apresento aspectos que retratam etapas da vida desses homens no intento de compreender como eles significam suas trajetórias e como narram suas experiências. Tal como nos lembra Oliveira (2008), “uma pesquisa que pretende investigar como as pessoas dão sentido a determinados fenômenos sociais deve focalizar os espaços e práticas sociais, através das quais aquelas lidam com tais questões, dando-lhe sentido” (OLIVEIRA, 2008, p. 69). Percorrer os espaços, descrevê-los, significá-los, nos ajuda a compreender como se desenrola a trama das vivências desses atores sociais bem como

situá-los no tempo e no lugar. O que se pretende aqui, com a montagem desse andaime, a partir dos encontros que tive com os oito trabalhadores braçais da construção civil, é apresentar etnograficamente o trabalho de campo empreendido, e ao mesmo tempo trazer algumas reflexões que tem norteado este estudo.

Acompanhemos os encontros que foram realizados durante o decorrer dessa pesquisa. Eles vêm de lugares de origens distintos, mas o lugar de destino desses homens é a capital, onde trabalham para prover o sustento. Vindos de São Gonçalo dos Campos-Ba, temos seu João (69 anos), André(58 anos), Mateus(idade), Lucas (54 anos) e Silas(36 anos). De Serrinha – Ba, os irmãos Paulo(idade) e Matias(idade), e de Cruz das Almas- Ba, temos seu Tiago (45 anos). A ordem das narrativas está estruturada de acordo com a ordem de acontecimento dos encontros. Dada a própria natureza do tipo de migração vivenciada pelos sujeitos desta pesquisa, o primeiro encontro com alguns dos entrevistados se deu em seus locais de origem, e com outros na própria capital, respeitando a dinâmica das viagens dos mesmo para seu lugar de origem. Assim, as entrevistas na cidade de Salvador foram programadas para serem realizadas nos finais de semana que nossos colaboradores não fossem viajar para o interior.

1.1.1 O Encontro Com o Sr. João

“Bem outra seria a situação do velho, do homem que já viveu sua vida. Ao lembrar o passado ele não está descansando, por um instante, das lidas cotidianas, não está se entregando fugitivamente às delícias do sonho: ele está se ocupando consciente e atentamente do próprio passado, da substância mesma da sua vida.” (BOSI, 1994, p.60)

Essa epigrafe ilustra bem a entrevista feita com o Senhor João, que aos 69 anos se lembra com riqueza de detalhes as experiências vividas por onde passou. O momento foi de dar vazão à sua memória, rememorar, reconstruir suas experiências a partir de nossa conversa. Ocupando-se “consciente e atentamente” do seu passado, ele aceitou o desafio de ser um dos sujeitos que acessam esse andaime. Como aquele que não está fazendo uma pausa do trabalho, mas, sim, alguém que já tendo dedicado boa parte de sua vida a este, agora goza de sua aposentadoria, mas não parado. Como ele mesmo faz questão de salientar, é alguém que agora dispõe de um tempo que pode ser vivido com mais calma. E assim foi nossa conversa, com Seu João contando aquilo que julgava importante revelar. Era interessante notar as pausas que ele fazia, buscando lembrar com detalhes aquilo que ele estava contando e no momento eu percebia que ele estava “se ocupando consciente e atentamente do próprio passado, da substância mesma da sua vida” (BOSI, 1994, p.60).

João é um senhor de cabelos brancos, pele enrugada, olhos penetrantes, pernas já cansadas, mas, aos seus 69 anos de idade, afirma veementemente que não se troca pela “*mudernagem*” de hoje. Seus olhos brilham quando fala dos trabalhos que ainda realiza em casa. Seu João ainda realiza em sua casa os trabalhos de construção e de reparos, atividades estas que ele desempenha com perfeição, atento a cada detalhe e preciso em seus acabamentos. Com o mesmo zelo cuida do jardim que ele mesmo plantou; todos os dias rega suas plantinhas, faz a limpeza do ambiente para que esteja sempre aconchegante. Assim, seu João contou que não consegue “ficar parado”.

Essa fala de seu João é pertinente para aqui fazermos uma breve reflexão sobre o que significa ficar parado para um homem cuja vida toda foi dedicada ao trabalho. Refletir sobre essa fala me faz pensar na centralidade que o trabalho ocupa na vida do ser social, e o quanto de valor é atribuído ao ato de estar trabalhando. “Ficar parado”

seria o mesmo que não ter valor, prestígio social. “Ficar parado” significa deixar de ser útil, de produzir, de criar. Para continuar existindo este homem precisa estar em movimento, dando ao corpo a oportunidade de fazer algo para não se sentir incapaz. Para um homem, cuja vida foi marcada pelas andanças em busca de construir, “ficar parado” não se constitui tarefa fácil; é como se a vida precisasse ser reprogramada para tal, e ao contrário daquilo que acontece com as máquinas, com os humanos isso demanda tempo, mas também vontade.

Outra reflexão cabível aqui é entender o que significa estar trabalhando, exercendo uma atividade, para alguém que socialmente é tido como improdutivo pela diminuição de suas capacidades físicas, em decorrência da idade avançada, para a realização de um trabalho que exige pleno dispêndio de força. Ora, alguém que cresceu ouvindo dizer que o trabalho dignifica o homem e que por isso ele precisava trabalhar para conquistar o respeito das outras pessoas, parar de trabalhar não seria o mesmo que perder o valor que ele tão duramente adquiriu? Estar em atividade significa salvaguardar seu status de homem trabalhador. Quando senhor João repete, incansavelmente, que mesmo estando com a idade em que se encontra, não se troca pelos mais jovens, sua fala revela a necessidade de se afirmar como alguém capaz de produzir, de realizar, de querer se sentir vivo.

Poderíamos, ainda, pensar que a frase “*não consigo ficar parado*”, diz muito a respeito de um corpo que foi disciplinado para o trabalho, um “corpo dócil” para atender as exigências de produção. Um corpo submetido a “uma coerção sem folga” de modo a “mantê-lo sobre o nível da mecânica – movimentos, gestos, atitudes, rapidez: poder infinitesimal sobre o corpo ativo” (FOUCAULT, 1999, p.163). Conforme mencionado anteriormente, o trabalho no setor da construção civil, além de exigir a utilização da força física, exige também ritmos de produção acelerado e é realizado em etapas sucessivas, o que requer do trabalhador disciplina e agilidade. São anos a fio trabalhando nessas condições, o corpo é disciplinado para estar em movimento e essa rotina de movimento se mantém mesmo após a aposentadoria. Mesmo que essa pessoa já não disponha das mesmas capacidades físicas, já não trabalhe com a mesma agilidade e mantenha uma outra dinâmica de trabalho – “*eu faço as coisas devagarzinho, não precisa pressa*” –, ainda assim ele precisa estar em movimento. Pois, como bem observa Foucault (1999), “se a exploração econômica separa a força e o produto do trabalho, digamos que a coerção disciplinar estabelece no corpo o elo coercitivo entre

uma aptidão aumentada e uma dominação acentuada” (FOUCAULT, 1999,p.165), que pode se perpetuar mesmo depois da aposentadoria.

Lembro-me que conheci Sr.º João ainda na minha infância, em São Gonçalo, mas nunca tinha havido alguma aproximação. Ele sempre com sua bicicleta, subindo e descendo, como ele mesmo diz, fazendo os “corres da vida”. Atualmente, a bicicleta azul ainda é sua grande companheira. Enquanto conversávamos, ele falou que gosta de andar de bicicleta, porque sente muitas dores nas pernas quando está a pé, mas que de bicicleta vai longe e não sente nada. E era exatamente assim que ele chegava à livraria onde eu trabalhava, com sua bicicleta azul, e na garupa uma caixa de papelão, onde levava tudo que precisava. Sempre de bermuda, camisa e um boné, também azul, além de um palito na boca. “_Lú¹¹, cheguei, tá tudo certinho aí?”

Nossa aproximação se deu no ano de 2017, quando fui trabalhar na livraria de seu filho mais velho. Nesse período eu havia terminado a graduação no curso de Serviço Social na UFRB, e estava estudando como aluna especial no PPGCS-UFRB, ao mesmo tempo em que me preparava para entrar como aluna regular do Programa. Foi um tempo muito rico de convivência e aprendizado, pois já estava com meu projeto de mestrado pronto, sobre os trabalhadores da construção civil que migram do interior para a capital baiana para trabalhar. E foi justamente ali que começou minha aproximação com Sr.º João, que todos os dias ia até à loja para levar alguns materiais, colocar água e, saber se estava tudo bem. Era justamente nessas visitas que nossas conversas aconteciam. Dentre tantos assuntos, ele sempre falava sobre sua experiência de trabalho no setor da construção civil, contava que já havia trabalhado em São Paulo e em Salvador.

Entre tantos diálogos que estabelecemos, me recorro de uma fala dele que chamou muito a minha atenção: “_ Olha Lú, eu não consigo ficar sem camisa, sabe por que Lú? Porque quando eu trabalhava, meus senhores diziam que não queriam ninguém sem camisa, nisso eu peguei o costume e não me habituo mais a ficar sem camisa.” Logo me lembrei dos “corpos dóceis¹²” e também da hierarquia e submissão

¹¹ Lú, é a forma carinhosa como Sr.º João me chama. Lembro que uma vez ele me perguntou: *como é seu nome mesmo?* Respondi: *Marluce*. Ele: *Marluce...., ah, vou te chamar de Lú. Posso?* Eu: *Pode!*

¹²Segundo Foucault (1999), “é dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado” (FOUCAULT, 1999,p.163). O ato de não conseguir ficar sem camisa porque quando trabalhava em determinada empresa os patrões não permitiam que ficassem assim, revela como as regras impostas aos corpos chegam a um grau de submissão tão grande que mesmo depois de anos fora dessa empresa ela ainda vive sob a disciplina de não ficar sem camisa.

que estão contidas nas palavras “meus senhores”. Percebi que Sr. João seria um dos sujeitos desse andaime.

Quando iniciei a pesquisa de campo, já não trabalhava mais na livraria, porém, continuamos próximos. Fui até sua casa convidá-lo para participar da minha pesquisa e percebi em seu rosto um certo medo ou apreensão. De fato, o novo assusta! Sr.º João perguntou: “_ *Vai ser onde, Lú?*” Eu respondi que poderia ser na casa dele mesmo. Disse-lhe que seria uma conversa bem tranquila e que ele poderia ficar bem à vontade para responder às perguntas, pois estava interessada em saber mais sobre sua história de vida, como trabalhador da construção civil. Ele respondeu: “_ *Eu participo!*”.

Perguntei-lhe quando poderíamos começar nossa conversa, entendendo que em uma pesquisa de campo é necessário atentar sempre para as particularidades dos participantes, ver a disponibilidade de tempo, o local em que preferem ser entrevistados, para que tenhamos um resultado exitoso. Quando perguntei em que dia poderíamos nos encontrar, ele respondeu: “_ *Olha, hoje eu não posso, amanhã de manhã eu vou sair.*” Então eu perguntei: posso vir na quarta? Nesse momento, foi a esposa que respondeu: “_ *Quarta tá bom, pode vir!*” Sr.º João, então, confirmou: “_ *Pode vir, Lú.*” Marcamos para quarta-feira, às 9 horas. Ele disse, inclusive, que se eu quisesse ir mais cedo que estaria a minha espera!

No dia 17/04/2019, cheguei à casa do Sr.º João, no horário marcado, conforme havíamos combinado, para dar início à nossa conversa. Ele mesmo veio me atender, com um radinho de pilha nas mãos. Então, abriu o portão e disse: “_ *Entra Lú, eu tava fazendo aqui um serviço, mas pode sentar que a gente já vai começar.*” Colocou o radinho na mesa, puxou as cadeiras e me convidou para sentar na varanda, perguntou se poderia ser ali mesmo ou dentro de casa. Eu respondi que ali estava ótimo! Nesse mesmo espaço de tempo, sua esposa também veio ao meu encontro, disse que estava fazendo faxina e preparando o almoço. Pediu que ele arrumasse o lugar para conversarmos.

Depois que nos acomodamos, Sr.º João pediu-me para explicar como seria a entrevista. Expliquei que estava fazendo uma pesquisa sobre os trabalhadores da construção civil e que gostaria muito que ele contasse um pouco de sua história de vida, falasse das experiências no trabalho, contasse sobre suas idas e vindas, falasse um pouco de sua infância, sobre a família. A tentativa era mostrar para ele, em uma

linguagem que lhe fosse acessível, o objetivo da pesquisa, e como aquela entrevista se desenrolaria. Busquei criar um ambiente que lhe deixasse bem tranquilo para falar, sem medo de “errar”, pois vi, não só nessa entrevista, mas também nas que realizei posteriormente, que os entrevistados diziam que não sabiam “falar direito”, e que tinham medo de “falar alguma coisa errada”.

Porém, sempre busquei deixar bem claro durante todo o trabalho de campo que eu queria que me contassem suas histórias de vida, e que eles tinham total liberdade para falar. Busquei estar atenta a cada palavra, demonstrar que estava interessada no que estavam me contando e que suas partilhas eram importantes. Embora em algumas vezes eles desviassem do foco da conversa, continuava a escutá-los e depois retomava para o foco da entrevista.

Mas, voltando para o encontro com o Sr.º João, após explicar como se desenrolaria aquela conversa, apresentei-lhe o termo de consentimento, para que ele assinasse, e pedi sua autorização para gravar. Nesse momento, percebi que mais uma vez ele havia ficado com um semblante de inquietação, pois o que ele falasse seria gravado, caso ele autorizasse. Expliquei-lhe que não gravaria sua imagem, apenas a voz, e que seu nome seria resguardado. Então ele autorizou a gravação, tomou o termo de consentimento em suas mãos e perguntou onde deveria assinar, e se eu queria que ele escrevesse o nome todo. Respondi que sim, pois se tratava de um documento. Ele, então, pegou a caneta e vagorosamente foi desenhando cada letra de seu nome. Após assinar, perguntou se eu conseguia entender sua letra. Respondi que sim, e ele sorriu e disse, “_Meu nome é grande”!

Sr.º João perguntou-me se eu já havia feito aquela entrevista com outra pessoa, ou se ele era o primeiro. Respondi que já havia conversado com meu pai, mas que entrevista gravada, mesmo, seria ele o primeiro. Procurei tranquilizá-lo, pois uma atmosfera de apreensão ainda pairava no ar. Mas, foi só começarmos a entrevista, com perguntas simples, como o ano em que nasceu, estado civil, nome dos filhos, localidade onde nasceu, que ele começou a se soltar e a entrevista ganhou fluidez. Essa pergunta, sobre a cidade onde nasceu fez com que Sr.º João revelasse prontamente boa parte de sua trajetória.

Ele revelou que, ao contrário do que eu pensava, não era filho da cidade onde hoje toma como sua cidade de origem. Contou que foi morar nessa cidade, com seus

pais, com mais ou menos 6 anos de idade. Esse dado aponta para uma questão importante de se destacar em um trabalho sobre migração: nem sempre o *local de origem* do migrante é a sua *terra natal*, e esse fato merece uma breve reflexão. A relação do sujeito com o lugar de origem passa pela relação que ele tem com ele mesmo e com o grupo ao qual pertence. Mesmo sendo ele um não nascido na cidade, quando adaptado ao “*sistema do lugar*”¹³, passa a sentir-se, e a ser considerado pelos outros, como um “de dentro”. Já não sendo um estranho, lança raízes sobre aquela terra que o acolhe e constrói sua identidade como pertencente àquele lugar. Sendo assim, não podemos considerar lugar de origem apenas aquele que se refere ao local de nascimento. Talvez esse lugar de nascimento nem possua significações especiais para esses sujeitos. Consideremos, portanto, lugar de origem aquele ao qual o sujeito se sente pertencente e no qual imprimiu sua história. Ou seja, se trata de lugares que estão vivos em suas memórias e repletos de significações, como é o caso da cidade de São Gonçalo dos Campos-Ba na vida de seu João.

Seus pais saíram do município de Anguera, no interior da Bahia, onde haviam crescido e constituído família, e foram “tentar a sorte” no município do São Gonçalo dos Campos, lugar onde testemunharam o crescimento dos filhos, e que viveram boa parte da vida até falecerem. Seu João não sabe com precisão o ano em que seus pais foram morar em São Gonçalo, mas lembra com exatidão que vieram trabalhar como meeiros em uma fazenda, onde moraram por um tempo. Depois conforme ele ressalta, seu pai conseguiu um emprego de gari, pela prefeitura, e foram morar em uma casa de aluguel e, em seguida, adquiriram a casa própria onde hoje reside o seu irmão caçula. Percebi que a experiência dos processos migratórios é uma realidade que esteve presente na vida de seu João, já nos seus primeiros anos de vida, quando migrou com os pais para a cidade de São Gonçalo dos Campos. Mais tarde, seria ele mesmo a realizar esse movimento, mas, dessa vez, sozinho, e a relação dele com a família e o lugar de origem era mantida pelas suas idas para casa aos finais de semana e pelos afetos estabelecidos nesse lugar.

¹³ Termo retirado do artigo “O sistema do lugar: história, território e memória no sertão”, de Emília Pietrafesa de Godoi, onde a autora mostra como se dá a construção de um território camponês, no sertão do Piauí e analisa “as práticas e concepções dos sertanejos com relação aos direitos ancorados sobre suas terras, informados que são por um discurso genealógico e por uma memória social em estreita relação com seu suporte espacial”. A expressão sistema do lugar, usado por Emília Godoi nesse artigo, é tirada da fala de um camponês, quando este explicava para a autora a incorporação das pessoas de fora ao grupo, “*ficaram porque pegaram o sistema do lugar*”, Emília ressalta que *lugar* aqui significa a “porção do ambiente transformado pela ocupação, pelo uso e sobretudo, prenehe de significação social, quem e em que situação pode está ali” (GODOI, 1998, p. 97).

Para nos contar como ocorreram esses processos migratórios em sua vida, ocasionados pelo trabalho, seu João narra que quando completou a idade de *“tirar os documentos”* providenciou toda sua documentação e já não quis mais trabalhar em São Gonçalo, como ajudante de pedreiro. De posse de todos os documentos necessários para ser contratado em uma empresa, seu João decidiu ir trabalhar na cidade de Salvador, onde ficou por seis meses. Depois desses seis meses, um primo seu que morava em São Paulo foi visitá-lo e o convidou para trabalhar em São Paulo, no ano de 1971. Nessa cidade ele ficou por 7 anos, trabalhando no setor da construção civil. Depois de 7 anos na capital paulista, resolveu que era hora de retornar para seu lugar de origem. Segundo nos conta, *“naquele tempo, São Paulo era um lugar bom para ganhar dinheiro, mas era um lugar muito agitado aí eu quis vir embora”*. Decidido a ficar na Bahia, seu João ficou por um tempo em São Gonçalo fazendo *“uns bicos”* e depois foi trabalhar novamente em Salvador como profissional da construção civil, exercendo a função de pedreiro.

Continuando nossa conversa, falamos sobre a escola. Ele contou que tinha feito a cartilha do A B C, depois recordou a cartilha, na cidade natal e, com a mudança para São Gonçalo, teve que repetir tudo o que já havia estudado. Depois estudou mais uns anos *“até ficar bom para trabalhar”*. Quando falou assim, fez um gesto de força com os braços. Revelou ainda que aprendeu a escrever para fazer bilhetes para as moças que ele gostava, e também para ler os que recebia. Prosseguimos com nossa conversa, enquanto isso sua esposa estava cuidando dos afazeres e volta e meia aparecia na varanda para ver como seu esposo estava se saindo na entrevista. Teve uma hora que ela gritou da cozinha, *“olha rapaz, João sabe falar mesmo!”* e ele respondeu: *“eu sei, ela faz as perguntas e eu respondo, ela explica direitinho.”*

Prosseguimos a conversa, percebi que ele selecionava o que falava, e que em alguns momentos, desviava da pergunta. Principalmente quando era perguntado sobre as questões afetivas, como as saudades, solidão e sobre como era a vida em Salvador. Ele conduzia a conversa para outro rumo. Eu o deixava ir, mas depois fazíamos um caminho de volta, perguntava em outros termos até que ele conseguisse falar sobre esses temas. Nossa conversa ocorreu em duas etapas, esta foi apenas a primeira. Pois quando cheguei a sua casa, ele disse que iríamos começar, mas que ele precisava sair, pois havia marcado para ir fazer a barba. Eu respondi que não tinha problemas, e que na hora que ele quisesse parar, nós pararíamos, e em outro dia retomariamos nossa conversa.

A segunda etapa da nossa entrevista aconteceu exatamente uma semana depois da primeira etapa. Faltavam apenas algumas poucas perguntas, mas nossa conversa se estendeu até o ponto em que “trocamos de lugar” – isso explico nas próximas linhas. Por ora, quero contar como foi essa segunda experiência.

Cheguei no dia 24/04/2019, à casa de Sr. João por volta das nove horas, horário que havíamos combinado. Ele foi logo me convidando para entrar dizendo que estava trocando uma pia do banheiro e me chamou para ver seu trabalho. Insistiu no argumento de que não “fica parado”, que sempre está fazendo alguma coisa. “*Lú, tá vendo? Eu dessa idade, não me troco por um moderno não, eu não tenho preguiça de trabalhar.*” Em seguida, me chamou para ir até o quintal de sua casa e mostrou-me a biblioteca que estava construindo para seu filho. “*Tá vendo esse piso aqui? Todo final de semana, eu pegava um banquinho sentava, e ia assentando as pedrinhas, eu faço as coisas com calma, não precisa pressa.*”

Era na verdade um trabalho muito bonito e que parecia ter sido feito com esmero. Eram vários pedacinhos de piso, preto, branco, colorido. O preto fazia o contorno dos quadrados e o branco ou colorido os preenchiam, era um trabalho delicado, organizado, bem acabado. Depois me conduziu para fora da biblioteca e me mostrou suas plantas, ele mesmo cuidava de cada uma, era um quintal com vários tipos de plantas. Tocando em uma delas, disse: “*tá vendo isso aqui? Foi tudo eu que plantei, eu gosto de cuidar das minhas coisas, deixar tudo organizado. A gente que é fraco¹⁴, não pode tá fazendo todo dia, então tem que fazer direito.*” Então voltamos para a varanda e retomamos a entrevista exatamente no ponto em que havíamos parado. Foi uma conversa bastante agradável e acolhedora. Enquanto acontecia a entrevista, a esposa de Sr^o João sempre aparecia na varanda com uma vassoura na mão, pois estava cuidando dos afazeres domésticos. Chegava, parava com a vassoura apoiada com as duas mãos sobre o queixo, enquanto descansava um pouco, escutava as histórias de seu esposo e admirada, exclamava, “*mas não é que tu sabe falar mesmo? Tá fazendo até entrevista.* Depois se reportando a mim, falou: *Tá boa! Não tá, Lú? Sim! Realmente foi bastante produtiva nossa conversa.*

Quando estávamos prestes a terminar nossa entrevista, começou a chover, pois o tempo já estava nublado quando cheguei à sua casa, então ao terminar ele pediu que eu

¹⁴ O termo “fraco” aqui utilizado pelo senhor João, faz alusão à sua condição financeira, enquanto pertencente à classe trabalhadora.

ficasse mais um pouco para esperar a chuva passar. Foi exatamente nesse momento que eu passei a ser a entrevistada e ele o entrevistador – “trocamos de lugar”. “_Lú, me desculpe perguntar, mas isso que você tá fazendo é para te ajudar a se formar, é?” Em seguida, falou: “_ Você gosta de estudar, né?”. Respondi que sim! Então ele começou a dizer:

_ Lú, eu vou falar uma coisa, mas não é para você ficar triste não, mas é a realidade, mas você vai em frente. Eu outro dia tava conversando com uns colegas, que tem tanta gente que estuda tanto, e depois fica aí, não arruma um trabalho nem nada, e estuda tanto. Já a gente não, a gente não estudou quase nada, mas a gente consegue um trabalho, uma roça, qualquer coisa para fazer, e quem estuda é mais difícil, porque não vai fazer qualquer coisa, né? Mas é isso, vá em frente porque é o que você gosta então estude mesmo.

Conversamos um pouco mais, falei que compreendia a preocupação dele, e que infelizmente essa era a realidade de muitos jovens, mas que não deveríamos parar diante dessas situações, mas sim lutarmos para ocuparmos nossos espaços. Aqui se mostra interessante uma reflexão sobre este modo do sr. João ver o mundo. Em sua visão, o trabalho braçal é importante, os estudos são secundários... Esse me parece ser um valor que lhe foi ensinado e seguido fielmente, tanto que lá no início ele diz que estudou até “ficar bom pra trabalhar”. Ou seja, o objetivo não era a conclusão dos estudos, aquisição de conhecimento escolar aprofundado e, sim, um intervalo curto de tempo até que o corpo pudesse ser capaz de aguentar o trabalho braçal. Penso que esse seja um dos pontos importantes que liga a trajetória desses trabalhadores braçais do setor da construção civil. Eles são, centralmente, ensinados – ou, melhor, condicionados – ao trabalho braçal e os estudos são um curto intervalo de tempo em suas vidas. Interessante, contudo, é entender que isso pode ser ressignificado ao longo da trajetória, conforme veremos mais adiante, com o exemplo do caso de Tiago (45 anos), outro sujeito inserido nesta pesquisa. Sobre o modo como o Srº João qualifica o estudo escolar, sabemos que não se trata de uma visão isolada apenas dele. Outras pessoas têm o mesmo sentimento de que muitos dos jovens que estão na universidade poderão não conseguir ocupar seu lugar no mercado de trabalho, principalmente quando falamos de jovens negros e pobres. Aqui é pertinente lembrar da etnografia de Pedro Jamie (2012), “executivos negros: racismo e diversidade no mundo empresarial”, pois a partir da leitura das trajetórias desses executivos, percebe-se que eles fizeram dos estudos sua mola propulsora para a ascensão social, mas mesmo assim tais executivos enfrentaram discriminação racial no local de trabalho, como se pode observar na fala de Roberto, um

dos participantes do estudo de Pedro Jaime: “Tem um aspecto que torna a construção da carreira do negro mais difícil: a credibilidade. Você gasta muito mais tempo, muito mais esforço para provar que você é honesto” (JAIME, 2016, p.227). E é assim que sigo como tantos jovens negros, homens e mulheres que ao entrarem em uma universidade pública federal, sabem que, ao fim e ao cabo, todos os dias precisarão travar lutas para permanecer, para concluir os estudos e para exercer a profissão. No entanto, isso não deve nos fazer desanimar. Seguimos porque acreditamos que é pelos estudos que também conseguiremos ocupar nossos espaços de atuação na vida social com dignidade, rumo ao exercício da cidadania plena.

1.1.2 O Encontro Com o Sr. Tiago

“Eu não fui para uma aventura..., aventurar um trabalho, eu já fui com um trabalho certo, mas eu não me adaptei a Salvador, Salvador não era o meu pensamento nem de morar nem de trabalho” (Sr. Tiago, 45 anos).

O segundo sujeito desse andaime pertence à cidade de Cruz das Almas – Ba, situada no Recôncavo Baiano. Aos 45 anos, seu Tiago é estudante de história, na UFRB, casado, pai de 3 filhos e trabalhador da construção civil. A frase acima pronunciada enfaticamente por seu Tiago revela muito sobre uma das particularidades desse processo migratório dos trabalhadores braçais da construção civil, que quando saem de seu lugar de origem para trabalhar na capital, já vão com um trabalho garantido, não partem para aventurar uma oportunidade de trabalho, como fizera seu irmão mais velho ao ir para São Paulo, *“meu irmão foi aventurar um trabalho em São Paulo (...)”*. Nessa trajetória que por hora será brevemente apresentada e posteriormente aprofundada, iremos conhecer tramas da vida de um homem que disse que logo cedo aprendeu a se isolar, e essa foi uma das estratégias que utilizou para enfrentar as saudades que tinha das suas redes de afeto do interior.

Em fins de agosto de 2018, fui convidada para participar da mesa de abertura do Encontro de Egressos do curso de Serviço Social da UFRB. Nessa mesa eu deveria falar sobre minha trajetória acadêmica, e o projeto de mestrado. Aceitei o convite e enquanto me preparava, retomei a leitura do meu Trabalho de Conclusão de Curso, sobre o trabalho precarizado no setor da construção civil¹⁵. O caminho metodológico que resolvi fazer para aquela apresentação foi falar sobre minha trajetória pessoal como filha de trabalhador da construção civil, afim de justificar a escolha do meu tema de pesquisa e, em seguida, falaria sobre o TCC e por fim sobre a pesquisa de mestrado. Foi uma experiência singular poder falar sobre um tema que em mim desperta muita paixão. Partilhar com colegas de curso e colegas de trajetória acadêmica a minha pesquisa, certamente desperta um misto de sentimentos. Lembro-me bem que minhas mãos estavam geladas e que quando comecei a falar minha voz estava bastante trêmula, era um misto de sensações que só consegui respirar aliviada quando terminei de falar.

¹⁵GONZAGA, Marluce Neri. Entre o Apogeu da Construção e o Declínio do Construtor: Uma Análise Sobre os Impactos do Trabalho Precarizado da Construção Civil na Vida dos Trabalhadores na Cidade de Salvador - BA. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Centro de Artes Humanidades e Letras – CAHL. Bacharelado em Serviço Social. Cachoeira-Ba, 2016.

Minha preocupação era conseguir falar com clareza sobre algo que para mim era muito importante e que poderia inspirar também outros colegas, que assim como eu, desejam contar suas trajetórias no meio acadêmico. Ao final do encontro, enquanto conversava com colegas de turma, revia os amigos e professores, vi de longe um senhor que me olhava, e em seguida fez sinal dizendo que gostaria de falar comigo. Então fui ao seu encontro. Ele se apresentou dizendo que era estudante do curso de história e que havia se interessado muito pela minha pesquisa. Disse: “ *Eu sou trabalhador da construção civil, e quero fazer minha pesquisa nessa área, só que com mulheres, quero discutir questões de gênero na construção civil*”. Em seguida, falou que se eu quisesse ele estaria disponível para participar de minha pesquisa. Foi uma grata surpresa, fiquei feliz por sua disponibilidade.

Perguntei, se ele já havia trabalhado em Salvador, no setor da construção civil e ele respondeu que sim, mas que agora, por conta da universidade, estava trabalhando em sua cidade de origem. Foi muito interessante quando, nesse primeiro momento que estávamos nos conhecendo, ele revelou que estava na universidade, mas que não deixaria de trabalhar na construção civil, pois é o que ele gosta de fazer. Ele pediu que o enviasse meu TCC, pois gostaria muito de ler a minha pesquisa. Pedi seu e-mail para que pudesse enviar o material que ele havia solicitado. Anotei o e-mail e no dia seguinte enviei e pedi que ele acusasse recebimento. Passaram-se alguns meses e não obtive um retorno. Recordei que um conterrâneo meu era seu colega de turma, pois ele havia me falado na primeira conversa que tivemos. Procurei então essa pessoa e perguntei se ele teria o contato de Sr.º Tiago, pois eu precisava falar com ele em virtude de ter chegado o momento de dar início à pesquisa de campo. Consegui seu número e entrei em contato, perguntei se ele havia recebido o material que eu havia lhe enviado. Foi quando percebi que o endereço de e-mail que ele havia me fornecido estava errado. Ele disse que pensou que eu havia esquecido de enviar meu TCC. Anotei o endereço certo, e enviei o material. Nessa mesma conversa, agendamos a nossa entrevista em sua cidade. Combinamos para dia 4 de maio de 2019, às 9 horas. Entrei em contato com uma amiga que conheci durante nossa graduação e é conterrânea do Srº Tiago e pedi que ela me ajudasse nesse processo de marcar um local que pudéssemos conversar tranquilamente e que fosse de fácil acesso para mim, pois só havia ido nessa cidade duas vezes, mas não a conhecia muito bem. Minha amiga indicou-me um lugar e se colocou à disposição para me buscar na rodoviária e me acompanhar durante a entrevista.

Entrei novamente em contato com o Sr.º Tiago para confirmar a data, o horário e o local da entrevista, pois ele disse que o local ficaria a meu critério. Chegado o dia da entrevista, encontrei minha amiga na rodoviária, e fomos ao encontro do Sr.º Tiago. Para mim, esse foi um dia de novas experiências, pois eu que até então nunca havia andado de moto, porque tinha muito medo, precisei vencer esse medo, em nome da minha pesquisa. Esse foi um momento importante, significou romper com a barreira de um medo de infância e ao mesmo tempo perceber que quando se tem um objetivo maior, os obstáculos que se colocam em nosso caminho precisam ser superados.

Chegando ao lugar marcado, esperamos um pouco, até que ele chegasse. Vi ao longe que estava à minha procura. Parou no meio da lanchonete, olhou em volta, para ver se eu já havia chegado. Acenei então para que ele me visse e foi quando ele veio ao meu encontro, ainda muito tímido, mas decidido a contar sua história. Cumprimentamos, e eu apresentei minha amiga e também Assistente Social que estava me acompanhando. Ele perguntou se já havíamos tomado café, e disse que pediria um suco para tomarmos enquanto conversávamos. Era uma manhã ensolarada de sábado, o dia realmente pedia algo refrescante! O local lhe era familiar, pois havia sido reformado por ele e ali ele tinha muitos amigos, tanto é que fomos interrompidos várias vezes por pessoas que passavam e o cumprimentavam. Era perceptível o quanto ele era querido naquele estabelecimento comercial. Depois de algum tempo de conversa, ele falou: “_ *Você tá aqui num lugar que eu reformei, eu fiz tudo isso aqui. Por isso que quando você marcou o lugar, eu demorei um pouco para responder, porque eu fiquei pensando... eu trabalhe lá!*”

Nesse momento, comecei a fazer uma breve reflexão acerca do que ele acabara de revelar: “*Você tá aqui num lugar que eu reformei, eu fiz tudo isso aqui*”, e nesse momento eu notei um misto de orgulho e também de lembranças, pois naquele instante ele certamente se recordou de como era aquele ambiente antes e depois da reforma realizada por ele, cada tijolo colocado, cada parede erguida, para que aquele se tornasse um lugar espaçoso, arejado e muito aconchegante. Penso que estar em um lugar que construiu / reformou, é poder colher os frutos de seu trabalho, contemplar aquilo que com esforço e dedicação fez um projeto se tornar real. É esse também o papel daquele que constrói, torna factível aquilo que outros sonharam, projetaram, mas que sem o trabalho desses construtores continuariam apenas no papel. Mesmo que a divisão do trabalho no setor da construção civil tenha se tornado cada vez mais comum a partir da nova

organização produtiva, com trabalhos cada vez mais descontínuos, o trabalhador desse setor não se sente parte apenas de uma etapa da construção, ele se sente parte da totalidade. Esta realidade foi retratada na música “Cidadão”, composta por Lúcio Barbosa (1976), “Tá vendo aquele edifício moço? Ajudei a levantar” (BARBOSA, 1976). E é esse o mesmo sentimento esboçado por outros trabalhadores desse setor, ao caminhar por lugares que construíram, eles recordam com precisão o ano em que aquela construção foi erguida, como era o local antes, a empresa para a qual trabalharam.

Em sua narrativa, ele revela acontecimentos de sua vida que até então nunca tinha contado a ninguém, mas que à ocasião da entrevista resolveu falar de modo a contribuir com essa pesquisa, trazendo relatos que por muito tempo foram silenciados, mas não esquecidos; relatos esses que ainda lhe causam dor ao serem contados. Segundo ele, a infância foi uma etapa difícil de sua vida, morava em uma casa pequena, e com condições financeiras bastante precárias. Aos 7 anos de idade começou a trabalhar carregando feira e capinado quintal para ajudar no sustento da família. A partir dos 12 anos foi trabalhar em uma oficina mecânica, onde ficou até os 14 anos, depois foi trabalhar com o pai¹⁶ em uma marcenaria. Aos 16 anos ele assumiu a responsabilidade de sua família recebida, pois seus irmãos mais velhos (a irmã e o irmão) foram trabalhar em São Paulo, ficando em Cruz das Almas sua mãe e seus outros irmãos, “_ *Então tinha que trabalhar, ou trabalhar, ou trabalhar e a noite estudar*”. Seu Tiago fez questão de ressaltar que uma coisa que sua mãe nunca permitiu foi que ele parasse de estudar.

Vindo de uma família monoparental, seu Tiago muito cedo precisou assumir responsabilidades de adulto, ajudar a mãe no sustento da família, cuidar da sobrinha, trabalhar e ainda conciliava todas essas responsabilidades com os estudos. Segundo seu Tiago, a entrada no mundo da construção civil não foi uma escolha livre, começou acompanhando o pai e em seguida começou a gostar do que fazia. De acordo com Bourdieu (2007), (...) nas disposições do *habitus*, se encontra inevitavelmente inscrita toda estrutura do sistema das condições tal como ela se realiza na experiência de uma condição que ocupa determinada posição nessa estrutura [...] (BOURDIEU, 2007:164). Por ter aprendido o ofício ainda quando criança, ao acompanhar o pai na lida cotidiana,

¹⁶ No decorrer da entrevista, seu Tiago nos contou que foi criado apenas pela mãe, no entanto, o vínculo com o pai era mantido. Foi ele, inclusive, que o levou para trabalhar em uma oficina mecânica para aprender o ofício que ele desempenhava. Tal como na trajetória de seu Tiago, outras pessoas mais valhas com as quais tive contato me revelaram que também aprenderam a profissão acompanhando o pai no serviço que ele desempenhava.

o filho aprende a realizar aquela atividade, que faz parte do seu dia-a-dia, o que o torna propício a desempenhá-la com mais facilidade, visto que é algo que faz parte de sua rotina.

Foi uma conversa agradável, na qual pude conhecer um pouco da história de vida desse senhor, que concilia trabalho e estudo, e ainda se colocou à disposição para compor essa pesquisa. Sr^o. Tiago tem um olhar penetrante, enquanto ele falava, olhava nos meus olhos, e durante muitos momentos deixava transparecer seus sentimentos ao tocar em determinados temas, como o nascimento da filha, a história dele com a mãe, a experiência de ter sofrido racismo, e tantos outros aspectos de sua trajetória que pouco a pouco foram sendo revelados.

A seção a seguir diz respeito a minha primeira investida de campo na capital baiana, lugar de destino dos sujeitos dessa pesquisa. O título “encontro e desencontros” foi inspirado na experiência que tive nessa ida à cidade de Salvador, com objetivo de realizar as primeiras entrevistas na capital. O encontro a que o título se refere trata de meu encontro com meu pai que lá me aguardava, mas também do meu encontro com os significados que a rodoviária passou a evocar para mim, a partir da experiência de estar naquele lugar como pesquisadora. O encontro com os sujeitos da pesquisa não foi possível por motivos que em seguida serão narrados, e isso marca os desencontros aos quais o título da seção faz alusão. Todavia, esse deslocamento trouxe uma série de reflexões etnográficas às quais convido-lhes a compartilhar comigo. Em seguida, dou prosseguimento às narrativas dos encontros que se seguiram, em São Gonçalo dos Campos – BA, e depois retornaremos à Salvador.

1.1.3 A Ida Para a Capital: encontro e desencontros

Ei, moço!

De onde vens?

Para onde vais?

O que trazes na bagagem?

São sonhos, medos, saudades?

Acaso são lembranças de tempos difíceis?

Saudades dos que ficaram ou esperança do (re)encontro?

*A rodoviária é o **lugar** da chegada e da partida*

De encontros e despedidas

*É o **lugar** do eu, do outro, do perto e do distante...*

Sou migrante, viajante, andante...

De tantas andanças, lembranças, memórias

Histórias da infância vivida, sofrida na lida no interior

Meus sonhos? São tantos...

Indo para a Capital, levo na bagagem saudades, histórias, memórias

Sabores da minha terra, cheiros, amores..

Afetos, costumes, gestos, gostos ...

Tijolos que vão se juntando, erguendo os sonhos dessa construção que sou eu

Migrante, viajante, andante... construtor

(GONZAGA, M.N)

Dia 01 de junho de 2019 foi a data escolhida para nossa primeira investida de campo na capital. Conforme tínhamos combinado anteriormente, meu pai entrou em contato com alguns colegas de trabalho para falar sobre minha pesquisa de campo e a possibilidade de alguns deles contribuírem nessa empreitada, realizando as entrevistas. Alguns concordaram em participar. Porém, não estariam em Salvador na data proposta, pois viajariam para ver a família. Cuidei para que as entrevistas fossem realizadas aos finais de semana para evitar que o cansaço dos trabalhadores interferisse nesse processo, pois como já salientamos, as jornadas de trabalho são intensas e árduas. Assim, o ideal seria encontrar um dia que para eles fosse menos cansativo para realizar as entrevistas.

Porém, normalmente as jornadas se estendem até o meio dia do sábado, fazendo com que os trabalhadores fiquem disponíveis a partir do período da tarde.

Sobre a data específica programada para a primeira ida a campo, conforme narrei, alguns não ficariam durante aquele final de semana em Salvador, mas responderiam à pesquisa em outra data, e outros estariam na capital e poderiam realizar a entrevista no domingo. Há que se registrar que eles foram totalmente sensíveis à proposta da entrevista; pegaram meu contato através de meu pai e também disponibilizaram seus contatos para que pudéssemos nos comunicar melhor, marcar horário e ponto de encontro. Então, fiz uma lista telefônica com esses contatos, mas não passei para o celular, ficou salva no computador e também impressa. Mais à frente discorrerei sobre o desenrolar desta história que nos ajudará a não somente compreender melhor a natureza do campo como também termos uma noção aproximada de como é a dinâmica da vida desses trabalhadores na capital.

Chegado o dia marcado, fui para Salvador no ônibus que saía de São Gonçalo, ao meio dia, de modo que às 14:00h estava desembarcando na rodoviária de Salvador, onde meu pai já me esperava, após ter saído do trabalho para irmos para o local onde ele morava. E, no encontro, um sorriso e um abraço. Na rodoviária, em meio a olhares, trânsito de pessoas, cruzamento de palavras e comportamentos os mais diversos, dava-me conta do quão se trata de um lugar repleto de sentidos, lugar de chegadas e partidas, encontros e despedidas. Muitas pessoas que ali chegam ou dali partem portam na bagagem alegrias, tristezas, sonhos, ilusões, esperanças... Enfim, um misto de sentimentos e emoções incapazes de serem descritos nessas linhas, mas que, certamente, fazem parte das experiências dos sujeitos desta pesquisa que, entre a saída do lugar de origem e a chegada ao lugar de destino, ou o trajeto contrário, entendem esse espaço como algo mais que um “não-lugar” (AUGÉ, 1994).

As pessoas que por ela passam carregam sonhos, lembranças saudades, desejos, medos, afetos, expectativas. Quantas pessoas que desembarcam nesse lugar em busca de um (re)começo, trazem a esperança de que o lugar que a recebe também seja aquele que a acolhe no sentido pleno da palavra e, lhe ofereça acesso a melhores condições de vida e a oportunidade de deixar para trás os dias de infortúnio?

Contemplo nesse lugar o encontro de pessoas, que há muito tempo não se viam, a troca de olhares, o sorriso no rosto, a ansiedade daqueles que chegam ou que partem.

Fico pensando como é para as pessoas que saem do lugar de origem para trabalhar, passam oito, quinze dias ou um mês longe de casa, da família, dos amigos de tudo aquilo que faz parte de suas experiências mais profundas. O que significa para essa pessoa a rodoviária? Apenas um local de passagem, ou também um lugar de lembranças, expectativas, memórias, saudades e (re)significações? Creio que para esses, a rodoviária é o lugar onde se experimenta as mais diversas sensações.

Segundo Nora (1993), “mesmo um lugar de aparência puramente material, como um depósito de arquivos, só é lugar de memória se a imaginação o investe com uma áurea simbólica” (NORA, 1993, p. 21). Pensando a rodoviária como um lugar preñado de significados, podemos entendê-la também como um “lugar de memória”. Os inúmeros viajantes que por ali passam todos os dias enchem aquela estrutura material e inanimada de vida e de sonhos que trazem consigo. São os atores que por ali passam que constituem esse espaço enquanto lugar, visto que para a geografia humanística¹⁷ o lugar evoca sentimentos, emoções e experiências. Conforme nos adverte Tuan (1983), “o espaço transforma-se em lugar à medida que adquire definição e significado” (TUAN, 1983, P. 151). Para o trabalhador migrante da construção civil, o que significa a rodoviária? E para mim enquanto pesquisadora, mas também filha de trabalhador migrante da construção civil? Entendo a rodoviária como um lugar que nos tira e, ao mesmo tempo, que nos devolve a quem esperamos. Para eles, talvez, seja isso também. É o lugar da espera, das projeções, é o lugar que nos leva ao encontro do outro, que nos direciona para onde estão nossos sonhos, esperanças e expectativas, é o lugar onde se experimenta a vida com todos os seus atributos.

Ainda evocando Tuan (1983), “lugar é uma pausa no movimento (...). A pausa permite que uma localidade se torne um centro de reconhecido valor” (TUAN, 1983, p. 153). Enquanto esperam o ônibus, as pessoas fazem uma pausa. Às vezes, é o momento de um suspiro mais profundo, daqueles que conseguem nos refazer e nos devolver a nós mesmos, depois de um dia de labutas. E nessa pausa a vida passa como um filme na mente do viajante: são preocupações, alegrias, lembranças, recordações, projeções.

¹⁷ “Os autores humanistas despertam, portanto, o interesse pelo lugar, nos estudos geográficos. Perseguem uma atitude fenomenológica e referem-se ao conceito como uma experiência vivida no espaço, considerando os fatores subjetivos do indivíduo, vivenciados a partir de uma base material objetiva e da relação com outros sujeitos. Propõem uma visão intersubjetiva como o diálogo entre indivíduo e o mundo vivido. O lugar é então, na corrente humanista, uma categoria central geradora de significados geográficos em constante relação com o espaço abstrato” (SILVA, 2015, p.11).

Depreende-se daí que nesse lugar a vida acontece e é experienciada; uma série de sentimentos e sensações cabe dentro de uma rodoviária, Conforme Tuan (1983);

As experiências íntimas, não sendo exaltadas, passam despercebidas. Na hora, não definimos “é este”, como fazemos ao admirar objetos de notória ou reconhecida beleza. É somente quando refletimos que reconhecemos seu valor. Na hora não estamos conscientes de nenhum drama; não sabemos que acabaram de ser plantadas as sementes de um sentimento duradouro (TUAN, 1983, p. 158).

Entender a rodoviária como um lugar usado pelas pessoas nos leva a pensar as relações sociais, as emoções, escolhas, subjetividades, expressões, percepções enfim, uma série de elementos que fazem daquele espaço um lugar. E por que não dizer um lugar de relativa pertença? Pois, para aqueles que estão constantemente passando por lá, aquele já não é um lugar desconhecido, é um lugar por onde se passa e a própria passagem dessas pessoas informa sobre suas existências e subjetividades. Nesse sentido, podemos inferir que cada pessoa ritualiza sua passagem. Isto porque os lugares evocam emoções, a exemplo daquilo que sente um pai que passou a semana toda na capital, sabendo do nascimento de um filho; chegar na rodoviária significa para ele estar no lugar que mediará a saída da capital e a chegada ao lugar de origem para conhecer o filho. E enquanto espera, uma série de sentimentos toma conta desse pai, é a pausa no movimento que permite pensar como será dali para frente, como será a sua reação ao conhecer o filho. E para os apaixonados, que moram distantes um do outro, o que significa a rodoviária? E para um estudante que acabou de ingressar na universidade e passará a morar em outra cidade? Esses exemplos são apenas um pequeno demonstrativo do quão importante pode ser esse lugar, se pensado a partir das experiências das pessoas que por ele passam.

A rodoviária constitui-se, então, um lugar; esse mesmo lugar pelo qual eu já havia passado outras vezes, sem que nunca a tivesse percebido dessa maneira. Esse foi um processo que foi sendo construído durante o período de pesquisa empírica, o olhar sobre as coisas e os lugares ganhou novos contornos a partir de uma percepção transformada pelas leituras prévias e pelas constantes reflexões sobre tudo que nos rodeia de modo a captar os significados e fazer emergir os sentidos, mas sobretudo pela experiência.

Após essa breve incursão sobre a rodoviária enquanto lugar, volto a narrar essa primeira investida de campo em Salvador. Fomos para a “casa”¹⁸ (que meu pai mantém em seu lugar de destino), no bairro Jardim Santo Inácio. E ao chegarmos, fomos fazer compras, organizar as coisas e preparar o café. Enquanto tomávamos café combinamos que sairíamos domingo pela manhã, tendo em vista que a primeira entrevista estava marcada para as 8:00h. Foi quando meu pai me pediu para pegar a lista com os contatos para ligar e acertarmos os detalhes do encontro para entrevista. Nesse momento me dei conta que havia deixado em São Gonçalo. Liguei para casa e pedi para meus irmãos procurarem e me enviar a lista. Depois de uma longa busca a lista foi encontrada e enviada. De posse desses números, era hora de ligar. Porém não conseguimos falar com nenhum dos contatos que tínhamos, a ligação não completava ou estava fora de área. Posso dizer que essa primeira investida de campo em Salvador foi marcada pelo desencontro. Mas esse não foi um motivo que me fez desanimar, pois sei que na vida os acontecimentos não são lineares, o pesquisador não tem o controle de todas as coisas. Dessa vez foi a tecnologia que não estava ao meu favor.

Mas nem tudo estava perdido. Meu olhar já “disciplinado” (OLIVEIRA, 2006) me levou a fazer algumas reflexões acerca de alguns aspectos que observei durante meu trajeto. O “sobe e desce” de vendedores no ônibus, os chamados “cata nicas”, os contrastes entre as grandes construções e as minúsculas casas que se amontoavam em determinadas áreas da cidade, os grandes empreendimentos... E enquanto observava esses aspectos que revelam as desigualdades da cidade, me questionava sobre as possibilidades de acesso e direito das pessoas aos princípios de cidadania. Onde moram os trabalhadores migrantes participantes de minha pesquisa? E, em paralelo, vivenciando a movimentação frenética da capital, Salvador, era provocada a pensar a malha de relações na qual os sujeitos de minha pesquisa certamente estavam envolvidos em suas vidas cotidianas, marcada por homens e mulheres que tentam ganhar a vida no transporte público vendendo seus produtos para sobreviverem, dentre tantas outras ocupações. Perguntava-me, retoricamente: “A capital é realmente o lugar dos sonhos e de melhores condições de vida?” para, então, sustentar outro questionamento mais diretamente ligado ao meu objeto de investigação: Em que medida a experiência de

¹⁸ Aqui utilizo a palavra *casa* entre “aspas” apoiada na significação que os trabalhadores migrantes da construção civil dão a esse lugar, pois percebi na fala dos meus interlocutores que eles não fazem referência à palavra casa relacionada ao lugar que eles moram em Salvador eles sempre se referem a esse lugar como “meu barraquinho” ou “meu barraco”. A casa para eles está no lugar de origem.

trabalho na capital se traduz em ganhos na percepção dos trabalhadores migrantes? E, em adendo, o que entendem por “ganhos”, “perdas”, “investimentos”, “sacrifícios” e tantas outras possíveis “categorias nativas” a aflorarem na convivência com eles? São questionamentos feitos a partir das observações durante minhas idas a campo, sensibilizada pelas histórias de vida, mas também pelas leituras que tenho feito durante minha trajetória acadêmica. Nesse sentido, compreendo que não existe espaço para a tal “neutralidade científica”, pois cada vez mais tenho notado que uma pesquisa acadêmica tem que vir também acompanhada pela paixão (e angústia) ao que se faz, no diálogo sempre proveitoso com os pressupostos teórico-metodológicos que nos orientam.

1.1.4 O Encontro com o Sr. André

“Todo dia de São João traz saudade do sertão, há tanto tempo que eu não vejo a minha gente (...) a minha casa meu gibão, minha cabocla meu pé de serra, terra que me viu nascer. A gente corre pelo mundo alvoroçado (...) mas nessa vida que a gente apanha um bocado faz meia-volta e pega o trem que apitou” (Dia de São João, Luiz Gonzaga).

Trago nessa epígrafe a música do rei do baião, o saudoso Luiz Gonzaga, cantor nordestino que retrata em suas músicas temas sensíveis do Nordeste brasileiro, o sofrimento do povo sertanejo castigado pela seca e a saudade de sua terra. O trecho da canção supracitada ilustra a vida do viajante, que após ter corrido “pelo mundo alvoroçado” tem o desejo de pegar o trem de volta para sua terra, sua gente.

Os sujeitos sobre os quais falarei nos próximos encontros a saber, Sr. André, Sr. Mateus e Sr. Lucas, trabalhadores migrantes braçais da construção civil, moradores do Recôncavo baiano, também experimentam a saudade de sua terra e, mesmo visitando-a com uma certa periodicidade conforme eles mesmo narram¹⁹, sustentam o desejo de voltar a morar definitivamente em sua terra. Não obstante a frequência com que esses trabalhadores viajam para o lugar de origem, existe datas que possuem uma significação especial, a exemplo dos festejos juninos, tradição que mobiliza pessoas da capital para as cidades do interior. Momento em que as pessoas (re)encontram amigos e parentes e reafirmam laços de afeto e de convivência. É justamente nesse contexto de festa junina que seu André faz uma pausa para uma conversa, um encontro comigo e com meu pai.

Estamos novamente em São Gonçalo dos Campos, e o clima é de festa! Fogueira nas portas das casas, bandeirolas enfeitando as ruas, fumaça em todo canto, cheirinho de bolo assando, licor para alegrar os apreciadores e muito forró. Aqui na região nordeste o São João começa cedo, já em Março. Pede-se a São José que mande suas águas sobre a plantação. Reza a lenda que se chover dia 19 de março, é sinal de que a colheita será boa, com fartura, muito milho e amendoim para o São João.

Passa abril, maio e finalmente Junho! É a festa dos 3 santos juninos, Santo Antônio, São João e São Pedro. É tempo de reunir os amigos e a família para festejar.

¹⁹ Mesmo sabendo que a migração vivenciada e cantada por Luiz Gonzaga difere do tipo de migração realizada pelos sujeitos dessa pesquisa em vários aspectos, trouxe esse trecho da canção como epígrafe no intento de mostrar como o sentimento de saudades do lugar de origem e o desejo de voltar estão presentes na vida desses migrantes.

Casa cheia, muita comida na mesa e no embalo do forró as pessoas vão se encontrando e se confraternizando. É justamente nesse clima junino, que fomos a busca de mais sujeitos para o nosso andaime. O primeiro encontro foi com o Sr. André (58 anos), no dia 29 de junho, quando fomos apresentados por meu pai, pois são colegas de trabalho.

Era uma tarde de sábado quando nossa conversa aconteceu. Antes, já havíamos nos falado por telefone para combinar o dia, horário e local desse encontro. Essa foi a segunda tentativa, pois já havíamos pleiteado realizar em uma data anterior, porém quando liguei para confirmar, não conseguimos nos falar.

Durante a semana, ele falou com meu pai que viu a chamada perdida, mas o número era desconhecido ele não retornou, pediu para me falar que faria a entrevista no recesso de São João pois viria passar os festejos no interior com a família, e assim aconteceu.

Quando chegamos a sua residência, ele já nos aguardava, e nos convidou para entrar e sentar, onde ficamos na varanda, mesmo. Enquanto isso, dentro de casa, sua companheira dormia. Ele se dividia entre fazer a entrevista e olhar o feijão que havia colocado para cozinhar para preparo do jantar. Tinham chegado da roça fazia pouco tempo, pois haviam ido visitar a mãe de sua companheira.

No início da entrevista, percebi que ele estava um tanto quanto tímido. Algo que era muito comum aos entrevistados desta pesquisa. Era o medo de não saber responder às perguntas. No entanto, eu procurava tranquilizá-los dizendo que eu queria que eles me contassem sobre suas vidas, queria escutar o que eles teriam para me dizer sobre suas trajetórias. A entrevista começava e aos poucos eu percebia que eles já não pareciam tão inseguros. Sempre tinha uma pergunta que funcionava como um gatilho para despertar suas memórias.

Homem negro, alto, magro, meio calvo, com bigode fino, seu André ostentava uma aparência firme. Sempre paciente e claro em suas respostas, ele traz consigo uma história de vida marcada pelo trabalho, por uma infância difícil, um relacionamento conturbado com o pai, e um amor pela mãe, que o fez sair de casa e ir para Salvador trabalhar, com o objetivo de ajudá-la a sair de um trabalho desgastante no matadouro e na fábrica de fumo.

Percebi que quando falou da rotina árdua de trabalho de sua mãe, se emocionou e falou com um certo pesar, como alguém que se tivesse o poder de voltar no tempo e aliviar a dor da mãe, certamente o faria.

Seu André relatou que a infância foi muito difícil, trabalhando para ajudar a mãe, e que o pai era pedreiro e trabalhava em Salvador. Assim, ele passava um tempo morando em São Gonçalo e outro em Salvador. Visto que seu pai morava na capital e sua mãe no interior, ele tinha essa possibilidade de transitar entre os dois municípios desde a infância. Foi em Salvador que começou seus estudos, mas devido às dificuldades em dar continuidade aos estudos na capital, ele e seus irmãos retornaram para o lugar de origem, enquanto o pai continuou trabalhando em Salvador, e de quinze em quinze dias viajava para São Gonçalo onde estava a esposa e os filhos.

No interior, Sr. André continuou os estudos por mais um tempo e, nas palavras dele “*nisso aí a gente foi vivendo, minha mãe trabalhando também, correndo atrás para ajudar meu pai*”. Sua mãe trabalhava numa fábrica de tabaco para criar os filhos. Segundo ele, a vida dela era “*uma correria*”, pois além de trabalhar na fábrica de tabaco, trabalhava também no matadouro, lavando as vísceras dos animais abatidos, para contribuir com a manutenção da casa. Conforme apresentado por Lessa (2011), a cultura fumageira foi economicamente predominante em São Gonçalo dos Campos até meados do século XX. Nesse contexto, a mão-de-obra feminina é de total importância, pois essas mulheres “realizava(m) quase tudo para o beneficiamento do fumo” (LESSA, 2011, p.6). Ainda de acordo com Lessa (2011):

(...) o trabalho feminino foi a base de sustentação econômica do município no período estudado, embora essas mulheres tivessem pouca visibilidade ou valorização, sendo reflexo de sociedade pautada em valores machistas, onde era naturalizada a subordinação feminina econômica e socialmente. Mesmo sendo produtoras da riqueza material da cidade a sua participação no trabalho era tida como complementar às outras etapas envolvidas para comercialização do fumo, ou era vista como complemento da renda dos maridos (LESSA, 2011, p. 4).

Ao utilizar a expressão “*minha mãe trabalhando também, corria atrás para ajudar meu pai*”, seu André reproduz um discurso comumente utilizado, da mulher como aquela que *ajuda*. Observe que a mãe de seu André trabalhava em dois locais, além de dar conta das atividades domésticas, mas ela é vista como a que ajuda, e não como a provedora da família. Tal expressão tem muito a revelar, pois ela reproduz o pensamento de uma sociedade pautada em valores patriarcais que entende o homem

como o provedor da casa e mesmo que a mulher trabalhe fora e dentro de casa, e compoña a renda familiar, ela ainda será vista como aquela que *ajuda*. No entanto, existem casos em que a mulher é quem contribui majoritariamente, quando não sozinha, com a renda familiar. Neste sentido, vemos nos discursos que são produzidos os papéis de gêneros bem definidos, contribuindo para a manutenção de um *status quo* que privilegia o gênero masculino.

No lugar de origem, Sr. André já trabalhava de servente de pedreiro. Após tal experiência, ao perceber que não tinha mais condições de continuar estudando, conversou com um “*camarada*” que o levou para trabalhar na Região Metropolitana de Salvador, no Polo Industrial de Camaçari. Como bem observa Leite (2017), geralmente os trabalhadores da construção civil têm a primeira experiência de trabalho nesse setor ainda em sua cidade natal, nas construções residenciais, reformando casas em pequenas empreitadas. Geralmente, o dono de um imóvel contrata um profissional para realizar determinada atividade e, este por sua vez ao precisar da ajuda de alguém para desenvolver seu trabalho recruta jovens para auxiliá-lo nas tarefas que serão desenvolvidas naquela obra. O fato de estar auxiliando um profissional em suas atividades possibilita o aprendizado do ofício. É nesse momento que ele passa a aprender e a executar a arte da profissão. Leite ressalta ainda que esse jovem acaba:

aprendendo para além de determinada profissão, ou seja, o profissional ali ocupava o lugar do mestre (professor que está ali para ensinar), que na maioria das vezes tinha conhecimento não só em sua área de atuação, mas, em diversas outras áreas, o que favorecia para que esse aprendiz tenha uma noção ampla de várias profissões da construção, isso ajudava na escolha da futura profissão, como também na formação do futuro profissional (LEITE, 2017, P. 113).

Ao aprender o ofício, o aprendiz adquire experiência profissional para adentrar em uma empresa e, somando as primeiras experiências com os saberes que lhe são passados no canteiro de obras, esse trabalhador pode chegar à classificação de profissional. A mudança de cargo reflete tanto nas tarefas que se desempenham dentro do canteiro quanto na remuneração. Como aludido por Leite (2017), ao ser classificado, o trabalhador deixa de exercer atividades braçais como: carregar blocos, areia, brita, arenoso, mexer traço de massa e passa a realizar atividades que necessitam de mais conhecimento, e experiência como: "assentamento de blocos, concretagem, confecção de estruturas metálicas, reboco de pedras e serviços de metragens e medições". Certa vez, em um diálogo com um pedreiro, ele fez a seguinte afirmação: “*o ajudante é quem*

pega mais no pesado!”. Isso porque é o ajudante o responsável por preparar o material que o profissional precisa para executar sua tarefa.

Como em qualquer profissão, a classificação é para o trabalhador um motivo de orgulho, significa que subiu mais um degrau em sua carreira e o respeito perante seus companheiros. Isso foi bem ressaltado pelo ex-trabalhador da construção civil e atual Cientista Social Zelivaldo Leite, quando em sua dissertação, faz uma análise sobre gênero e raça na construção civil, em um canteiro de obra em Salvador – Ba. Ao falar sobre sua trajetória, Leite (2017), contou que após ter concluído o ensino médio e não tendo conseguido um outro emprego em sua cidade de origem, começou a trabalhar no setor da construção civil como ajudante de pedreiro em pequenas reformas de casas e depois foi adquirindo experiência, passando de ajudante comum, conhecido também como “*oreia seca*” para ajudante prático, conhecido também como “*meia colher*”(LEITE, 2017, p. 49).

Segundo Leite (2017), os termos “*oreia seca*” e “*meia colher*” derivam da construção civil e dizem respeito às funções que esses trabalhadores desempenham. O termo “*oreia seca*”, por exemplo, diz respeito ao trabalhador com pouca ou nenhuma qualificação profissional e sem nenhum destaque perante os outros funcionários. Já o termo “*meia colher*”, também usado pelos trabalhadores profissionais para tratar os colegas que ainda não ganharam a classificação, é usado para “descrever um profissional que realiza serviços de pedreiro com pouca ou nenhuma técnica, nem condição, preparo e raciocínio lógico para realizar tal tarefa” (LEITE, 2017 p. 49). Na trajetória do Mestre em Ciências Sociais Zelivaldo Leite, o trabalho na construção civil durou um curto espaço de tempo, pois ele faz parte daqueles que fizeram dos estudos a sua mola propulsora, ingressou na carreira acadêmica, tornando-se Bacharel e Mestre em Ciências Sociais, pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. No entanto, nem todos têm a possibilidade de realizar o mesmo trajeto, a exemplo de seu André.

Quando criança, seu André tinha o sonho de ser médico, advogado, mecânico, sonhava como tantas outras crianças de sua idade. Porém as condições financeiras de sua família, a necessidade de trabalhar e o desejo de ajudar a família, o obrigara a parar de estudar precocemente. Durante muitos momentos de nossa entrevista ele falou que era um “cara inteligente”, interessado e esforçado e que aprendia as coisas rápido. Gostava muito de português e matemática, porém odiava ciências.

Podemos observar que existia a vontade de estudar e com os estudos a pretensão de ter uma outra profissão. Porém como nos mostram Campos e Francischini (2003), “quando se pensa na escola em um contexto como esse, o fracasso acadêmico aparece como o resultado mais esperado, tendo-se em vista as condições nas quais se encontram as crianças trabalhadoras”. (CAMPOS e FRANCISCHINI, 2003, p.124). O trabalho braçal exige o dispêndio de força física e psicológica e, assim, ao final de uma exaustiva jornada de trabalho, boa parte das crianças e adolescentes que está nessa situação não tem condições objetivas de dar continuidade aos estudos, deixando escondidos sonhos que guardam dentro de si.

Quando já estávamos prestes a terminar, a companheira dele acordou e foi sentar-se conosco. Ele nos apresentou a ela e continuou a entrevista enquanto ela o escutava atentamente. Depois de um bom tempo observando a conversa, pediu licença e retirou-se, dizendo que estava muito cansada. Seu André falou: “_ *Você trabalha de mais, eu já disse que quando você estiver aqui é para descansar*”²⁰. E continuou: “*aqui é bom porque a gente descansa, aqui até o clima é outro, aqui é lugar bom de viver, não tem aquela agonia da capital*”.

Deste encontro com Sr. André, depreendemos a importância por ele conferida aos estudos e o imperativo que o colocou no universo do trabalho no setor da construção civil. Realidade que marca a trajetória, senão da totalidade, ao certo da maioria dos trabalhadores nesse setor. A trajetória de Sr. André espelha um percurso marcado pelo trabalho braçal, pela luta pela sobrevivência, dissabores, lágrimas, mas muita vontade de viver e de alcançar seus objetivos. Para o futuro, Sr. André acalenta o sonho de se aposentar, voltar para a terra que o “viu nascer”, descansar e “*viajar bastante para aproveitar a vida*”.

²⁰ A companheira de Sr. André também trabalha em outra cidade e viaja para o interior aos finais de semana para ficar com ele.

1.1.5 O Encontro Com o Sr. Mateus

É preciso ouvir os silêncios de cada fala, porque são eles que expressam a encenação que faz o jogo. Se os silêncios são parte da música, são parte também desta fuga (WOORTMANN & WOORTMANN, 1993, p. 129).

Foi numa manhã ensolarada de domingo, em São Gonçalo, que conheci o Sr. Mateus (50 anos). Homem autodeclarado negro, alto e com uma aparência forte, um homem de poucas palavras, respostas curtas e objetivas. Fico pensando o que pode significar esse silenciamento de palavras na vida de um homem cuja trajetória foi dedicada ao trabalho árduo, e que desde a mais tenra idade foi lançado nesse universo com a responsabilidade de ajudar seus pais.

Enquanto caminhávamos em direção à casa de seu Mateus, eu me recordava que aquele percurso não me era estranho, pois já havia andado por aquele caminho ainda quando criança. Na época uma tia minha, irmã de minha avó, morava naquelas imediações (Bairro do Rio Preto), assim vez ou outra fazíamos aquele caminho para visitá-la. Com o falecimento de minha tia, nunca mais fomos naquele bairro e isso já faz mais de 20 anos. Então percorrer aquele caminho era também refazer a trilha da minha existência. Eram muito fortes as lembranças que desabrochavam dentro de mim, aquela terra molhada, o medo que eu tinha de atravessar o córrego, pois para atravessar tinha que pisar em umas pedras que serviam de ponte, e eu tinha medo de escorregar e cair. Era uma explosão de lembranças que haviam ficado escondidas, mas que os anos não se encarregaram de apagar.

Chegamos à casa de seu Mateus por volta das 09h00min, e ele já estava nos esperando, pois o dia e o horário do nosso encontro haviam sido previamente acordados entre ele e meu pai. A casa de seu Mateus fica em um lugar onde não existem vizinhos próximos. É uma casa grande, cercada pela vegetação local. Quando chegamos a casa e chamamos o senhor Mateus, ele abriu a porta e nos convidou para entrar e sentar. Uma casa ainda em fase de construção e que representa uma etapa importante da vida desse homem - o retorno para seu lugar de origem, com a família, após um longo tempo morando em Salvador.

Ainda estávamos do lado de fora da casa quando fomos apresentados por meu pai: “_Essa é minha menina que veio fazer uma entrevista com você”. Cumprimentamo-nos, e fomos convidados para entrar e, quando já estávamos

acomodados, seu Mateus chamou a esposa, para nos apresentar. Ela adentrou a sala vagarosamente, encostou-se na parede onde permaneceu por poucos instantes, até que fôssemos apresentadas e logo em seguida se retirou dizendo, “*Pode ficar à vontade que eu tô aqui adiantando o almoço*”. Depois disso não a vimos mais até o fim da entrevista.

Assim demos início à entrevista com seu Mateus com o objetivo de conhecer sua história de vida e dela retirar os materiais que fazem parte dessa construção investigativa. Recordo-me que muitas vezes enquanto conversávamos, escutávamos o barulho que vinha da cozinha onde a esposa de seu Mateus estava preparando o almoço, era o som da panela de pressão no fogo. O cheiro de comida que invadia a sala me fazia perceber o quão cheio de vida era aquele lugar. Do lado de fora um cachorro latia, era que vida se manifestava nas mas diversas formas, quer seja pelo barulho das panelas, pelo cheiro da comida, pelo cachorrinho que latia, ou pelo vento suave que entrava pela janela e invadia a espaçosa sala onde nos encontrávamos naquela manhã de domingo.

Nascido na Fazenda Gravatá, no município de São Gonçalo dos Campos – Ba, seu Mateus descreveu sua infância como marcada pelo trabalho ajudando o pai que era agricultor. Estudava pela manhã e à tarde trabalhava na lida com a terra. Assim, ele conseguia ajudar os pais a criar os irmãos, pois era um dos mais velhos. Aos 18 anos partia seu Mateus para a capital baiana. Lá, iria fazer parte do grupo de homens que saem do interior e vão trabalhar em Salvador.

Sobre sua época de escola, ele contou que gostava de estudar, no entanto, tinha dificuldades em algumas matérias como, matemática por exemplo. Porém teve que deixar os estudos quando ainda estava na quinta série para trabalhar e ajudar o pai e para se manter, visto que o pai não tinha condições de prover todas as suas necessidades. Isso fez com que seu Mateus interrompesse os estudos para se dedicar ao trabalho. A ausência dos títulos escolares se põe como um dos fatores limitantes para que os trabalhadores da construção civil, e não somente eles, mas todos aqueles que trabalham em condições precárias, consigam alcançar mobilidade social e melhores condições de vida.

De acordo com Santana e Oliveira (2004) a baixa escolaridade desses trabalhadores pode ser fruto de sua precoce inserção no mercado de trabalho. Muitos começaram a trabalhar acompanhando o pai quando ainda eram crianças para ajudar a

compor a renda familiar. Essa situação de trabalho infantil dificulta a permanência das crianças no ambiente escolar. Tal afirmação ficou evidenciada na fala de seu Mateus e dos demais entrevistados. Dentre os oito entrevistados, apenas dois concluíram o ensino médio – Sr. Tiago e Silas. É importante evidenciar que estes também possuem um histórico de trabalho infantil, porém conciliava trabalho e estudo, algo que nem sempre é possível para todos pelos mais diversos motivos, como, por exemplo, o cansaço físico e a falta de condições financeiras, para ficarmos apenas com alguns exemplos.

Para seu Mateus e para tantos homens com baixa qualificação formal, a construção civil abriu as portas do primeiro emprego na capital e a oportunidade de ter uma profissão. Foi também em Salvador que ele constituiu sua família, construiu sua primeira casa localizada no bairro da Boca do Rio onde viveu por alguns anos com a família constituída. Depois retornou para o interior, lugar onde nasceu e com o qual matinha uma relação direta, pois seus pais e irmãos continuavam residindo no interior. Assim, sempre que tinha oportunidade, seu Mateus estava presente em seu lugar de origem, reforçando seus laços de convivência.

Conforme eu havia sinalizado no início da narrativa desse encontro, seu Mateus é um homem de poucas palavras, fato que limitou o aprofundamento em questões importantes para essa pesquisa. No entanto, algumas reflexões despontam a partir desse dado. Talvez esse silenciamento signifique uma espécie de fuga do passado vivido e do qual ele prefere não lembrar, ou não externar. Como nos afirma Pollak (1992): “o que a memória individual grava, recalca, exclui, relembra, é evidentemente o resultado de um verdadeiro trabalho de organização” (POLLAK, 1992, p.204). Ao assumir a postura de alguém que não deseja aprofundar sobre determinados assuntos de sua trajetória, seu Mateus elenca os fatos que julga interessante apresentar, deixando de fora os assuntos cujo aprofundamento poderia lhe causar algum desconforto. Seja como for, conseguimos, ainda que de maneira um tanto superficial, adentrar nesses espaços que serão apresentados no terceiro capítulo, em que analisaremos detidamente os dados produzidos a partir das narrativas contadas pelos trabalhadores, interlocutores nesta pesquisa, sobre suas histórias de vida.

1.1.6 O Encontro Com o Sr. Lucas

A gente vai, mas sabe que um dia há de voltar, não mais como alguém que chega e logo vai embora, mas como quem voltou para ficar...

Seguindo o nosso itinerário de encontros, fomos à busca de mais um interlocutor, seu Lucas (54 anos), apresentado por intermédio de meu pai. Era manhã do dia 30 de junho e conforme foi acordado entre ele e meu pai essa seria a data marcada para nos encontrarmos. Chegando à casa de seu Lucas, fomos recebidos por sua esposa, ele estava no quintal levantando o muro da casa que havia caído no dia anterior. Sua esposa convidou-nos para entrar e sentar enquanto ela iria chamá-lo. Dentro de poucos instantes entra seu Lucas pela varanda onde estávamos, sem camisa, todo marcado com resíduos de cimento e com muita vergonha de se apresentar naquelas condições.

Fomos apresentados e ele logo disse: “_Rapaz, eu marquei a entrevista mas meu muro caiu, eu tô aqui consertando por isso tô todo sujo de massa. Não dá para fazer amanhã, não? Eu tô todo sujo”. Foi quando sua esposa interveio e falou: “_ Por que tu não faz logo? Faz logo, depois você termina”. “_ Mas eu tô todo sujo”, retrucou seu Lucas. E completou: “_ Dá pra fazer assim mesmo?”. Eu respondi que não havia problemas, não, e deixei à sua escolha fazer naquela ocasião ou em outro dia que lhe fosse possível, ao que respondeu: . “_ Vamos fazer amanhã de tarde duas horas. Você pode”? Ao responder que sim, Sr. Lucas arrematou: “_ Então estamos certos, vá desculpendo aí mais eu tenho que terminar o serviço, a massa já tá pronta também”. Assim combinamos de fazer a entrevista no dia seguinte.

Quando chegamos no dia seguinte a sua casa para fazer a entrevista, seu Lucas já nos aguardava e, dessa vez, estava só em casa, pois nem a esposa e nem os filhos se encontravam naquele momento. E, todo arrumado, com uma aparência bem diferente daquele que encontramos no dia anterior, nos recebeu, abriu a porta e depois o portão e nos convidou a entrar, afastou as almofadas que estavam sofá e pediu que sentássemos. Na sala, a televisão estava ligada, ele assistia enquanto aguardava nossa chegada.

Assim que nos acomodamos, pediu licença e desligou a TV, para que pudéssemos começar. Antes de iniciar a entrevista, expliquei-lhe do que se tratava a pesquisa, apresentei o termo de consentimento para que ele lesse e, se estivesse de acordo, assinasse. Ele tomou o papel em suas mãos, leu atentamente e em seguida

solicitou minha caneta para registrar sua assinatura. Em seguida, pedi sua autorização para que nossa conversa fosse registrada em áudio e, após seu consentimento, demos início à entrevista.

No começo da entrevista, ele estava retraído e isso ficou nítido em sua postura corporal, sentou-se juntou as pernas, cruzou os braços e com a cabeça inclinada falou: “*pode começar*”. Enquanto conversávamos, aos poucos ele foi ficando mais a vontade e pouco a pouco foi se soltando, deixando escapar algumas boas gargalhadas, quando falava de algumas de suas aventuras. Sua fisionomia mudava de tom sempre que eu o pedia para falar sobre saudades, solidão, ou sobre a sua infância. Parece que existe um certo receio em falar em temas como esses, que ressaltam aspectos da vida pessoal. Não só seu Lucas como também outros dos entrevistados esperavam que a entrevista enfocasse apenas assuntos relacionados ao trabalho que eles realizam. Quando eu explicava do que, de fato, se trata a minha pesquisa, que era um trabalho sobre migração de trabalhadores braçais da construção civil e que nós conversaríamos sobre temas que envolvem a totalidade de suas vidas, era notório como eles ficavam surpresos com o teor da conversa. No entanto, no decorrer do encontro, essa expressão ia mudando e tomando outras formas de acordo com o que era perguntado.

Seu Lucas vem de uma família numerosa, seus pais tiveram 21 filhos dos quais 16 estão vivos. Começou desde criança trabalhar na roça, lidando com a terra no árduo trabalho do campo para, dessa forma, ajudar a prover o básico para a sua sobrevivência e a de seus irmãos. Em 1985 seu Lucas saiu de seu lugar de origem e foi trabalhar em Salvador no setor da construção civil intermediado pelo cunhado que já trabalhava lá. Nesse período ainda não havia constituído família. Segundo ele nos relata, a separação de seus pais foi um dos fatores que fez com que ele fosse trabalhar em Salvador para ajudar a mãe a criar os irmãos mais novos.

Seguimos nossa conversa na tentativa de percorrer os caminhos trilhados por ele até chegar à capital baiana. Conforme dito anteriormente, seu Lucas foi trabalhar em Salvador levado por seu cunhado, “*não foi eu que fui, foi meu cunhado que me levou, aqui em São Gonçalo não tinha trabalho mesmo*”. A construção civil lhe abriu as portas para o primeiro emprego. Antes disso seu trabalho era “*na roça, plantar mandioca e cortar fumo*”.

Diante da falta de perspectiva de vida e de sobrevivência, os jovens são obrigados a se aventurar por um mundo que, para eles, sempre foi

representado pelo “o quê se ouvia dizer” do que era a vida na cidade grande. Na dificuldade de desenvolver a agricultura na região e o sonho de arranjar uma profissão, colocaram-se a caminho, cheios de esperança, e seguiram na incerteza rumo ao desconhecido, idealizando sonhos e contrapondo seus ideais ao que de fato viria a ser real (SILVA e MENEZES, 2012, p. 27).

No lugar de origem, seu Lucas, assim como tantos outros homens trabalhadores da construção civil, tinha que conciliar trabalho na roça e estudo: “*de manhã escola, de tarde roça*”. Ele, foi bem enfático ao falar que não tinha condições de continuar estudando, pois seus pais tinham muitos filhos, e então, ao invés de estudar, tinha que trabalhar para ajudar a criar os irmãos. Nesse momento ele revelou que tinha um sonho de estudar e se formar para ser um professor de português ou de matemática. “*Meu sonho mesmo era estudar até me formar pra ser um professor de português ou de matemática, eu queria ser, eu queria ser*”, e isso ela falava batendo no peito, “*eu queria ser, eu queria ser*”. e continuou: “*mas fazer que nem o povo: não deu certo, então graças a Deus*²¹. *Mas, deu certo outra coisa e estamos aí.*” Ou seja, o trabalho na construção civil para seu Lucas foi o lugar que ele encontrou para trabalhar após ter abdicado do sonho de se tornar um professor, algo por ele tão desejado. Conforme descrito por nosso interlocutor, o trabalho na roça era pesado que só possibilitava minimamente para prover a alimentação, o acesso a outros bens era financeiramente inviável e, para ter melhores condições era preciso tomar outro caminho, a capital.

A migração seria algo que poderia beneficiar não apenas ele, mas também outros membros da família, abrindo novas oportunidades de vida (DURHAN, 1973). Trabalhando na capital seu Lucas conseguia ajudar a mãe na manutenção da casa, além de ser também um intermediário para que outros membros da família pudessem fazer o mesmo percurso que ele. Na capital, já estavam outros membros da família além do cunhado que o levou. Foram esses familiares que o acolheram até que ele se estabelecesse e conseguisse alugar uma casa para morar.

Seu Lucas falou, dentre outras coisas, sobre a rotina em Salvador, o fato de ter que acordar antes do dia clarear para se organizar para mais um dia de trabalho. Ele foi descrevendo sua rotina detalhadamente, dizendo: “*aí a gente tem que acordar 4 horas da manhã, tudo escuro ainda, fazer café, arrumar as coisas e sair correndo para 5 horas tá no ponto de ônibus, e é tudo tão perigoso. Eu mesmo já fui assaltado duas*

²¹ Nesse momento ele olhou para meu pai sorrindo e falou: “mais não deu certo” e os dois concluíram a frase juntos “...Graças a Deus”

vezes (...) *áí quando a gente chega em casa de noite cansado tem que fazer comida pra no outro dia começar tudo novamente.*” A narrativa de uma rotina solitária e cansativa na capital se repete nas falas dos outros interlocutores desta pesquisa. Fico pensando o quão difícil pode ser para alguém que cresceu com a casa cheia de irmãos e que aos finais de semana quando retorna para seu lugar de origem tem a oportunidade de estar reunido com tantas pessoas, chegar à capital e se deparar com uma casa vazia ao final de um dia intenso de trabalho. Essa é apenas uma das formas de sofrimento que os trabalhadores migrantes braçais da construção civil vivenciam.

No interior, seu Lucas mora próximo à boa parte da família. Na mesma rua residem a mãe, em uma casa que fica em frente à sua, e os irmãos. Essa proximidade residencial entre seu Lucas e a família recebida o ajuda a manter os vínculos familiares unidos. Segundo Durhan (1973), os filhos tendem a se desligar da família de origem para construir uma outra família. Ainda assim, continuam presos ao grupo de origem por laços de cooperação e de solidariedade. Esses laços de solidariedade não se efetivam apenas entre a família nuclear, mas como bem observamos na trajetória dos migrantes trabalhadores braçais da construção civil, esses laços de solidariedade se estendem a primos, tios, cunhados, que os acolhem no lugar de destino e contribuem para a manutenção desses trabalhadores recém-chegados na capital.

Quando já estávamos nos despedindo, seu Lucas falou: *“minha mãe mora ali”*, e apontou para a casa da mãe que ficava em frente à sua. Quando olhei, vi que a varanda da casa da mãe de seu Lucas estava cheia de pessoas, algumas sentadas ao chão outras nas cadeiras, conversando e rindo alto. Era a mãe, as irmãs e algumas sobrinhas dele que estavam reunidas. Foi quando ele perguntou à irmã se seu José estava em casa: *Ana... José tá aí?* E ela respondeu: *“não, tá na roça”*. Seu José é o cunhado de seu Lucas, que também trabalhava na construção civil e agora está aposentado. Seu Lucas sonha que esse dia também chegue para ele, a aposentadoria e o merecido descanso em sua cidade de origem.

1.1.7 O Encontro Com o Sr. Matias

“a vida foi sempre essa batalha, ficava em Salvador e nos finais de semana ia para o interior, foi sempre batalha” (Sr. Matias 49 anos).

De volta a Salvador, nos encontramos com o Sr. Matias (49 anos) e com o Sr. Paulo (51 anos), no bairro de Castelo Branco. Estes são irmãos e trabalham juntos na construção civil exercendo o ofício de pedreiros. Ambos foram convidados pelo meu pai para acessar esse andaime. Colegas de trabalho, dividem-se entre a alegria de ter seus filhos e filhas universitários e *“bem encaminhados na vida”*. Aliás, essa era uma das coisas que fizeram questão de ressaltar desde o princípio de nossa conversa, *“_ Minha filha também (é universitária e) estuda na UEFS²² em Feira de Santana (...) e a outra tá vindo morar aqui, pois passou na universidade e está vindo estudar na UNEB²³”*.

Logo que foi solicitada a participação deles em minha pesquisa, prontamente se colocaram à disposição com a ressalva de que não poderiam se encontrar comigo na data sugerida porque iriam para o interior, onde estão seus familiares (esposas e filhos). Assim, para que suas agendas de viagem para seus lugares de origem não fossem alteradas, eu priorizei que eles definissem a data e o local para a realização das entrevistas, e assim aconteceu com todos os participantes. Trocamos nossos contatos, e essa troca foi intermediada pelo meu pai; o grande elo entre mim e meus interlocutores, conforme dito anteriormente.

Meu pai passou meu contato para eles, e seu Matias imediatamente salvou meu número e disse que tinha uma irmã que também se chamava Marluce e assim não iria esquecer. Quando nos encontramos pessoalmente, uma das primeiras coisas que ele falou foi: *“_ Minha irmã também se chama Marluce.”*

A entrevista ficou agendada para o dia 07.07.2019, pela manhã. O combinado era que o encontraríamos no bairro de Castelo Branco, por volta das 08h30min. Ao chegar a Salvador, no dia anterior à entrevista, me encontrei com meu pai na rodoviária e ele me disse que havia combinado com um dos interlocutores que quando chegássemos no final de linha, ligaríamos para que ele fosse nos encontrar (ele mesmo

²² Universidade Estadual de Feira de Santana.

²³ Universidade do Estado da Bahia.

se colocou à disposição para isso). Eu já tinha o contato deles, porém não sabia para qual dos dois teria que ligar.

Perguntei, então, ao meu pai o nome do interlocutor que iria nos encontrar e nos conduzir ao local da entrevista, pois eu teria que ligar para ele e combinar alguns detalhes. Tal foi a minha surpresa nesse momento, quando ele me disse que não sabia o nome do colega. Eu perguntei: não sabe? Ele respondeu que não sabia porque um chama o outro de companheiro e o nome acaba ficando esquecido.

Essa situação me fez refletir sobre algumas peculiaridades do campo, uma delas sem dúvidas é o modo como esses trabalhadores se tratam, quase nunca pelo nome de batismo, mas por um apelido, pelo nome da cidade de origem ou por um termo que evoque o grau de relação estabelecido por eles na convivência diária e trabalho. Assim é o caso do termo “companheiro” que de acordo com o dicionário da língua portuguesa Aurélio, significa “aquele que participa da vida ou das ocupações de outrem; colega, camarada: companheiro de trabalho, de jogos, de estudos”. Para a realidade aqui pesquisada podemos entender que o termo se aproxima dessas definições, tendo em vista que esses sujeitos estão muitas vezes longe das suas redes de afetos do local de origem, e são esses companheiros as pessoas que estão participando diariamente da vida deles, intermediadas pelo trabalho. Desse modo, termos como esse são acionados com muita força e operam no cotidiano dessas pessoas. É com os “companheiros” da vida diária que os trabalhadores braçais da construção civil passam boa parte do dia, dividem o mesmo espaço, estabelecem laços de solidariedade que precisam ser mantidos para que a vida na capital se torne possível.

Enquanto andávamos e conversávamos na estação de metrô, meu pai avistou o senhor Matias, e disse: “_ Olha, é ele que vai fazer a entrevista!” Fomos então apresentados e ficamos certos para realizar a entrevista no domingo pela manhã.

Já no domingo, acordamos com o raiar do sol, o arrebol estava lindo, nem podíamos imaginar o que viria depois. Saímos bem cedo de casa, pegamos o ônibus para a estação de transbordo, depois para a estação de metrô. Esse dia foi uma verdadeira aventura, parecia que nada iria dar certo. Pegamos o ônibus errado, fizemos um verdadeiro *tour* por Salvador, conheci mais de perto a cidade dividida por classes e por cores racializadas, bairros periféricos, pessoas em situação de extrema pobreza,

pessoas que viviam em melhores condições, grandes construções contrastando com barracos, favelas. Uma Salvador verdadeiramente desigual.

Mas, enquanto observava todas essas coisas, também refletia sobre a situação de tantas pessoas que chegam a Salvador sem nada conhecer, pessoas que muitas vezes não tiveram acesso a leitura e que precisam pegar vários ônibus para chegar aos seus destinos. Observei também gestos de solidariedade enquanto estávamos perdidos, e perguntamos a um senhor que estava sentado no banco de trás de nós no ônibus, qual melhor lugar para descermos e pegar um transporte para onde precisávamos ir. Este senhor muito solícito imediatamente nos deu todas as coordenadas e foi conversando conosco, nos explicou onde estávamos, até chegarmos ao ponto que tínhamos que descer. Agradecemos e seguimos nosso percurso. Depois, encontramos outras pessoas que nos ajudaram com informação até chegarmos ao nosso destino.

Em meio a todos estes contratemplos, caiu em Salvador uma chuva muito forte. Desprevenidos, tivemos que enfrentá-la, pois já estávamos 2 horas atrasados. Quando conseguimos chegar ao nosso destino, seu Matias já estava nos esperando, todo molhado em virtude da forte chuva que caía, pois viu que havíamos demorado de ligar e saiu de sua casa para nos esperar no ponto de ônibus.

O local onde ele mora é um terreno bastante íngreme, tem uma escada com total dificuldade de mobilidade, como a chuva era muito forte Sr. Matias ficou com medo de não conseguirmos descer as escadas. Ele teve a ideia de fazer a entrevista na casa de seu João²⁴, dono de um bar e muito conhecido dele. A casa do Sr. João ficava no meio das escadarias, até esse ponto conseguimos descer. Era muito difícil seguirmos adiante, pois além de chover muito forte, era muita água que descia e as pedras estavam escorregadias.

Sr. Matias pediu que Sr. João abrisse para nós a porta de sua casa, pois precisávamos fazer a entrevista, mas não tínhamos condições de descer. Seu João prontamente abriu sua casa, colocou cadeiras para sentarmos e pediu que ficássemos à vontade. Fomos apresentados, seu João é um senhor de 69 anos, natural de Conceição da

²⁴ Seu João também era trabalhador migrante do setor da construção civil, natural de Conceição da Feira – Ba, ele foi trabalhar em Salvador ainda muito jovem, segundo ele, se apaixonou pela cidade, fixou residência lá, constituiu família, construiu casa para os filhos e mora só. Hoje aposentado, seu João tem um bar e diz não ter vontade de retornar para o interior. Ele mostrava o terreno ao lado e ao fundo da casa e dizia: *tá vendo isso? Isso tudo aí é meu, eu comprei!*

Feira – cidade vizinha à São Gonçalo – e trabalhador aposentado da Construção Civil. Ele ficou feliz em nos receber.

Primeiro fiz entrevista com seu Matias, percebi que quando falei que a entrevista seria gravada e pedi sua permissão, ele ficou um pouco envergonhado, mas mesmo assim permitiu a gravação. Durante toda entrevista, ele olhava para os lados, para baixo, mas nunca diretamente para mim, mas respondeu todas as perguntas de maneira solícita e com muita calma.

Relembrar a infância é algo que, visivelmente, desperta certo incômodo nos interlocutores. Isto é perceptível quando se nota suas vozes embargadas e mudança na fisionomia. O mesmo ocorre quando perguntados sobre as saudades da família. Aos 49 anos de idade, casado e pai de duas filhas, uma de 20 e outra de 17 anos, Seu Matias revela-nos um pouco de sua trajetória. Natural de Serra Preta, foi trabalhar em Salvador no ano de 1989. Quando perguntei para ele sobre sua infância ele foi enfático em dizer que praticamente não teve infância, que “foi somente trabalho”. Nascido e criado no na zona rural, tinha muitos amigos naquela região. Refere-se a seu pai como um homem trabalhador e a todos de sua família como “*guerreiros*²⁵”.

Quando foi morar na capital, seu Matias ainda não havia constituído família e sua vida era dividida entre a capital Salvador e o município de Serra Preta, onde moravam seus pais. *E “a vida foi sempre essa batalha, ficava em Salvador e nos finais de semana ia para o interior, foi sempre batalha”*. Nos anos 90 foi morar em Serrinha, em 1994 casou-se e continuou na mesma rotina. Sua esposa trabalha como funcionária pública em Serrinha e *“fica por lá, trabalhando para segurar as pontas por lá”*. Segundo ele, o fator que o levou a ir trabalhar em Salvador foi a falta de emprego onde morava: *“emprego naquela região é muito difícil, hoje em dia tá melhor, mas ainda assim é difícil”*.

Foi trabalhar em Salvador intermediado por um rapaz, hoje já falecido. O primeiro a ir trabalhar na capital Salvador foi seu irmão Paulo e meses depois ele também fez o mesmo percurso. Contou-nos um pouco das dificuldades que passou na vida desde a infância em Serra Preta, um lugar que, segundo ele, era muito seco e a única oportunidade de trabalho que existia por lá era o trabalho na roça. Sempre trabalhou com fazendeiro, destocava pasto, trabalhou para ele mesmo e para os outros

²⁵ Assim ele se declarava também, como um guerreiro que lutou e continua lutando para vencer na vida.

também. Sr. Matias diz que a vida tem sido batalhas e, para o futuro, pede a “*Deus força, coragem e saúde para vencer as batalhas do dia a dia e enfrentar as dificuldades em todos os sentidos*”. Quer poder oferecer para suas filhas aquilo que ele não teve condições de ter nos estudos, “*porque é o único caminho que abre as portas para uma coisa melhor no futuro.*”, referindo-se ao investimento nos estudos.

1.1.8 O Encontro Com o Sr. Paulo

“Na roça você sabe como é, né? Na roça, sempre esses pessoal mais antigo botava os filho pra trabalhar, como ele foi criado eles quer manter os filho dele sempre naquele ritmo dele” (Sr. Paulo, 51 anos)

Ainda é manhã de domingo, do céu da grande Salvador descem águas torrenciais, é a chuva que cai sobre a terra, bendita para o homem do campo, mas muitas vezes temida pelos homens da cidade, principalmente para aqueles que moram em lugares de grande vulnerabilidade social. A chuva que cai muitas vezes traz destruição. Confesso que fui tomada de grande temor, ao ver a grande quantidade de água que caía, pois ao acompanhar os noticiários locais é possível ter uma noção dos estragos que chuvas como aquela que caíam naquela manhã de domingo causavam na cidade de Salvador. Porém, seguimos com nossa conversa com os irmãos Paulo e Matias.

Conhecemos agora seu Paulo, irmão mais velho de Seu Matias. Senhor Paulo tem 51 anos, é natural da cidade de Serra Preta, interior da Bahia, casado, pai de dois filhos uma menina de 20 anos e um menino de 15 anos. Seu Paulo disse que sua infância foi praticamente trabalhando na roça, começou a trabalhar aos 8 anos de idade na roça para ajudar o pai a criar os irmãos mais novos. Aos 10 anos começou a estudar na escola municipal, tinha que trabalhar e estudar ao mesmo tempo.

Lidar com a terra para dela tirar o sustento que ajudaria a prover, ainda que minimamente, as necessidades da família foi algo imposto ao senhor Paulo pelo seu pai. Ele, porém, reconhece que isso se dava tanto pela necessidade de ajudar a alimentar uma família numerosa quanto pelo modo como o pai fora criado. Segundo ele, “_ *Na roça você sabe como é, né? Na roça, sempre esses pessoal mais antigo botava os filho pra trabalhar, como ele foi criado eles quer manter os filho dele sempre naquele ritmo dele.*” Nesse instante me recordo de um diálogo que tive com meu pai, quando conversávamos sobre as dificuldades que ele teve para estudar na infância. Vejamos:

Meu pai: *naquela época era difícil pra gente estudar*

Eu: por quê?

Meu pai: *a gente só ia para a escola três dias na semana*

Eu: e os outros dias?

Meu pai: *a gente ia fazer farinha, trabalhar nas fazendas, não dava pra estudar. O bom era a enxada.*

Eu: como assim?

Meu pai: *menino bom era aquele que trabalhava. O povo dizia: olha como aquele menino é direito, trabalhador.*

O trabalho encontra um lugar de destaque na estrutura social, pois a ele é atribuído uma conotação valiosa que remete ao prestígio social do homem que trabalha e que pode “sustentar sua família”. Conforme Santana e Oliveira (2008), o trabalho para o homem tem todo um valor moral, sem o qual sua sobrevivência seria impossível. O ato de não trabalhar o coloca em um lugar desconfortável, desperta uma sensação de incapacidade.

Seu Paulo contou que mesmo tendo ido para a escola tarde, algumas coisas ele já havia aprendido em casa com a tia que era professora e o ensinou a conhecer as letras, soletrar e escrever seu nome. Para ele, estudar é importante para tudo na vida, conhecer as coisas, ler um projeto, saber tratar as pessoas bem, dialogar. De acordo com ele, tudo isso são bens que o estudo proporciona a uma pessoa.

Aos 20 anos de idade veio a oportunidade de ir trabalhar na capital baiana pela intermediação de um conhecido que levava homens para trabalhar na construção civil. Assim, seguiu para a capital o senhor Paulo, filho mais velho da família Oliveira de Jesus. E, seis meses depois, o seu irmão, Matias, faria o mesmo percurso, tal como acontece com boa parte dos profissionais desse setor.

Tendo terminado as entrevistas na capital baiana, enquanto estávamos sentados aguardando o ônibus para retornar para o interior, já cansados da viagem e desejosos de voltar para casa, um momento de silêncio se estabeleceu entre meu pai e eu, e nesse silêncio eu observava o fluxo de pessoas que entravam e saíam da rodoviária. De repente, esse silêncio foi rompido por meu pai quando falou: “_ *Lá se vai um peão*²⁶ *de obra desempregado*”.

Eu olhei para a direção que ele estava olhando e avistei um homem negro, de estatura mediana, e que aparentava ter uns 40 anos. Ele trajava chinelos, bermuda e

²⁶ Você observará que ora utilizo a palavra “peão” ora a palavra “pião”, isso acontece porque dentro desse estudo as duas categorias coexistem. “Peão” é como é comumente chamado os trabalhadores braçais da construção civil, eles geralmente se identificam com peões de obras, no entanto, a partir da observação do estudo de Silva (2013) sobre piões trecheiros, onde a referida autora define com base na forma como os trabalhadores entrevistados por ela se auto identificam como piões que “acumulam em sua bagagem a experiência do deslocamento” (p. 89), pois esse termo diz respeito ao brinquedo (pião), cuja característica é rodar. Desta forma, quando utilizo a palavra “pião”, estou me referindo a essa característica dos trabalhadores migrantes braçais da construção civil que assumindo uma vida de itinerâncias, vivem “rodar” pelos canteiros de obras da cidade de Salvador. Onde está uma obra, ali está também o seu trecho.

camiseta. Em uma das mãos, sustentava uma mochila preta, na outra, uma sacola grande, transparente, abarrotada de roupas, lençóis e travesseiro. Ele caminhava em direção ao embarque. Seu nome e lugar de origem nos eram desconhecidos, mas algo nele parecia familiar. O trajeto que ele fazia naquele momento é comum aos trabalhadores da construção civil, após o término de uma das etapas da obra. Ao ficar desempregado, o peão retorna para casa a espera de uma próxima oportunidade. Mesmo no caso de Paulo e Matias que conforme veremos no terceiro capítulo compraram uma pequena casa em Salvador ainda assim eles vivem essa vida de pião, “*a gente não fica parado não.*” O cientista social Zelivaldo Leite (2017), ao desenvolver sua pesquisa relatou que:

o setor aqui estudado tem como uma das características a contratação por tempo determinado, ou seja, há um grande rodizio (admissão e demissão) de trabalhadores, tanto pelo término das atividades específicas que dada empresa está ali realizando (essas atividades podem ser chamadas de: empreitadas, fases, etapas que estabelecem qual a tarefa que compete à empresa, logo após o término das atividades, boa parte dos trabalhadores são desligados da empresa), ou pelo final das obras, ou seja, as etapas de construção do empreendimento mais cedo ou mais tarde vão chegar ao fim, o que gera uma enxurrada de demissões, esse momento é natural e próprio do setor da construção civil, qualquer trabalhador que entrar no segmento da construção civil sabe que um dia ele vai deixar de trabalhar no empreendimento, alguns poderão ser realocados para outras obras ou desligados definitivamente (LEITE, 2017, p. 109).

É essa a dinâmica do pião, aquele que vive rodando, aqui ou ali em busca de um trabalho, de uma moradia no lugar de destino. O que ele não pode é ficar parado, por isso põe-se em movimento com o objetivo de construir. Fiquei pensando o quanto corriqueira deva ser aquela cena à qual eu testemunhava naquele momento, na rodoviária. Quantos piões chegam e partem todos os dias, movidos pela dinâmica do seu trabalho? O pião de obras é aquele que hoje está aqui sabendo que não existe garantia de que amanhã continuará sendo esse o seu local de trabalho.

Essa é apenas uma das muitas riquezas que podemos encontrar no trabalho de campo, pois esse é um momento em que o pesquisador vê desabrochar dentro de si, tantas outras inquietações, a partir de sucessivas reflexões acerca de tudo que o campo lhe apresenta. Em sendo assim, é importante que o pesquisador não se feche às inúmeras possibilidades que o campo lhe oferece, tendo, no entanto, clareza quanto a seus objetivos, mas também atenção ao que o campo lhe mostra para extrair dele o máximo possível, de modo a contribuir para o enriquecimento qualitativo da pesquisa.

1.1.9 O Encontro Com Silas

Ah, quem ousou partir tão cedo?

Quem partiu o véu do medo?

Quem suou por um emprego?

Quem chorou e quis voltar?

Quem desafiou a vida?

Quem sofreu na despedida?

Quem chegou, "Cabeça erguida"?

Quem vazou pra outro lugar?

(Edinho Vilas Boas, Vida de Imigrantes)

Depois de uma pausa nas investidas a campo, retomamos nossas atividades numa manhã de domingo, 13 de outubro de 2019. Essa foi mais uma das entrevistas realizadas na cidade de São Gonçalo, terra natal do nosso entrevistado e também seu lugar de origem. Cidade interiorana, bem arborizada, clima agradável, assim é a bela São Gonçalo dos Campos ou a “Cidade Jardim” como é comumente chamada. Enquanto caminhávamos pela rua, a fim de pegarmos a condução para a casa de Silas, que mora na zona rural, encontrávamos muitas pessoas conhecidas, algumas vindo da missa, outras de cultos evangélicos, outras dando um passeio pelo jardim, e assim, entre um “bom dia” e outro, eu refletia sobre as singularidades da vida no interior, onde todos se conhecem, se cumprimentam e cultivam seus costumes. É interessante pensar que em um tempo em que tudo acontece tão depressa, ainda há tempo para perceber o outro que passa ao lado, ainda há terreno em que pode ser cultivada a semente da amizade, ainda há tempo para regar, fazer crescer e florescer.

Chegando à casa de Silas (36 anos), fomos recebidos por sua irmã que mora na casa ao lado. Perguntamos por Silas, dissemos que tínhamos agendado uma entrevista com ele e que ele nos aguardava. Ela disse “_ *Eu não sei quem são vocês, mas podem entrar*”, e gritou do portão, “_ *Mainha, Silas tá aí? Tem um pessoal querendo falar com ele*”. Nesse instante, Silas já estava saindo pela porta, com o pé enfaixado e mancando. Meu pai foi logo perguntando: “_ *O que foi isso, rapaz?*” e ele respondeu: “_ *Foi jogando bola*” e deu risada. Sentamos em uma banquinha, na varanda ao lado da casa. Ele disse: “_ *Vamos ficar aqui mesmo, pois na sala ainda tem gente dormindo*. Era um domingo que sucedeu o feriado do dia das crianças e da padroeira do Brasil.

Nessas datas, as casas no interior costumam ficar cheias, geralmente as famílias costumam se reunir para passar o feriado juntas.

E foi ótimo termos ficado do lado de fora! A vista era belíssima, muito verde, típico das casas da Zona Rural. Enquanto conversávamos, o cachorro dormia logo mais à frente no chão, as galinhas passavam em nossa direção e iam para o mato ciscar e comer. Na cozinha, a mãe de Silas preparava o almoço e o pai do lado de fora, se aproximou de nós para escutar a conversa. Com seu chapéu de palha na cabeça e um palito de fósforo na boca, que ele mudava de um lado para o outro, se recostou na parede e ouvia atentamente o que o filho tinha a nos contar. Era um senhor que aparentava uns 70 anos, uma aparência rígida e um semblante sério, ele ficava perto de nós, saía por alguns instantes e depois retornava, sempre com passos lentos e um olhar atento.

Depois de algum tempo, os que dormiam na sala começaram a acordar. Um homem abriu a janela, olhou o que estava acontecendo e depois saiu de cena. Instantes depois, esse mesmo homem saiu pela porta da cozinha com um coco verde e um facão nas mãos. Tomou a água do coco, depois partiu o coco e comeu a polpa e voltou para dentro de casa.

Enquanto tudo isso acontecia, nós conversávamos. Percebi que ele não era muito de falar, ao menos não no momento da entrevista. Não sei se a presença do pai foi um dos fatores que fez com que ele limitasse suas falas, principalmente quando foi pedido para falar da infância. Respondia às perguntas com poucas palavras e sempre com um sorriso tímido nos lábios.

Silas é um rapaz de 36 anos que concluiu o ensino médio e logo em seguida foi trabalhar na capital, Salvador. Sua vida no interior foi marcada pelo trabalho na roça já na sua tenra infância. Silas começa narrar sua história de vida dizendo que a vida no interior não é fácil, para ter alguma coisa ou até mesmo para sobreviver, tinha que trabalhar, independentemente de ser adulto ou criança.

Nas Palavras de Silas, *“como todos sabem, o trabalho na roça é apenas para comer, não tem como você ter uma vida estável, uma vida boa, então por falta de trabalho na nossa região, a única oportunidade que temos é sair para outras cidades para ter uma vida melhor, correr atrás de um trabalho e tocar a vida”*. Assim ele justifica o motivo pelo qual foi trabalhar em Salvador, ainda muito novo. Ele conta que

a irmã foi a peça chave para esse seu deslocamento, pois ela já morava lá fazia algum tempo. Quando foi para a capital já tinha a garantia de um emprego no setor da construção civil onde atualmente atua como carpinteiro. Segundo seu relato, não foi fácil lidar com esse processo migratório, pois sentia muitas saudades de casa. Ele conta que seus amigos de infância também “*pegaram a estrada*” em busca de um trabalho e alguns estão trabalhando em outros estados. Ele, no entanto, preferiu ficar na Bahia e ir trabalhar em Salvador “*para ficar mais perto de casa*”.

Ao final de nossa conversa, Silas perguntou-nos: vocês gostam de abóbora? Respondemos que sim, ele prontamente foi em direção à plantação de abóboras, colheu uma e nos presenteou. Enquanto esperávamos o carro chegar para irmos para casa, sem o registro do gravador, Silas contou que seu cunhado e alguns outros parentes também trabalhavam na construção civil e que se eu quisesse fazer a entrevista com outras pessoas que ele poderia fazer a mediação. Percebi aqui uma dinâmica parecida com a que é feita para conseguir um trabalho nesse setor, de um conhecido indicar outro para realizar aquele trabalho. São as redes que aos poucos vão se formando.

Termino aqui, pois, a descrição das experiências de nossos encontros. Os relatos serão aprofundados no terceiro capítulo. Como estamos em uma construção, partiremos para uma próxima etapa, sigamos erguendo paredes, colocando tijolo por tijolo. A dinâmica dos encontros nos ensina a construir. Entendamos esse construir como (*bauen*), tal como descrita por Heidegger (2012), proteger, cultivar, cuidar do crescimento. Enquanto montava esse andaime, me deparei com este outro sentido da palavra construir. Resolvi trazê-lo aqui, pois essa construção também passa pelo cultivo, pelo cuidado e pelo empenho em fazer crescer, desabrochar as histórias de vida que estão sendo contadas, partilhadas. As relações que foram se estabelecendo passaram pelo momento do cultivo da terra, pela sementeira e pela colheita. Primeiro o terreno foi preparado, por meu pai e por mim a partir das redes de relações nas quais estamos inseridos. A etapa da sementeira deu-se por meio dos convites que fizemos para os interlocutores, para que participassem da pesquisa. Lançadas as sementes, o solo foi cultivado por meio dos contatos que fomos fazendo até o momento da colheita, aqui entendida como o momento dos encontros.

Não esquecendo da metáfora dos andaimes, é preciso dizer que ele foi erguido a partir do encontro com diferentes pessoas, de diferentes lugares, mas que compartilham da experiência dos processos migratórios em suas vidas. Neste sentido, é válido lembrar

que tanto a palavra “construir”, entendida como cultivo ou como edificar, abriga o sentido de habitar. Habitar quer dizer, “ser trazido à paz de um abrigo”, (...) “permanecer pacificado na liberdade de um pertencimento, [...]” (HEIDEGGER, 2012, p. 129). Os encontros proporcionados nesta pesquisa revelaram que o migrante mantém uma relação de pertencimento com o lugar de origem, pois é nesse lugar que ele faz a experiência de *habitar* no sentido pleno da palavra. É no lugar de origem que esses trabalhadores se sentem sob “a paz de um abrigo”, “pacificado na liberdade do pertencimento”, por meio da experiência de construir/cultivar, laços de afetos e também, constroem/ edificam seus lares, onde se sentem resguardados, abrigados. Nas falas dos trabalhadores da construção civil encontraremos sempre as palavras, “barraco” e “casa”. Eles fazem questão de evidenciar que existe essa diferença que para eles é muito clara: a casa é o lar, onde *habita* com a família, e o barraco é o espaço que eles mantêm na capital, onde apenas estão por ocasião do trabalho. Geralmente essas residências são precárias e eles convivem com o mínimo possível: a cama, o fogão, geladeira, um radinho e uma televisão, que segundo narram, servem para passar o tempo e sufocar a saudade de casa.

O retorno ao lugar de origem é também um retorno para si, a busca da identidade, o encontro com as raízes de sua existência. O lugar de origem, pode se dizer, é também o encontro do migrante com ele mesmo, com as pessoas e lugares com as quais existe uma relação de pertencimento. E isso pôde ser percebido nas falas de um de nossos entrevistados quando disse: “_ *Minha vontade é morar onde tá a força de minha família*”, e outro que dizia: “_ *Se eu tiver de mudar de Serrinha (lugar de origem), para outro lugar, eu iria para Serra Preta (terra natal), pois foi lá que eu nasci, é lá que tá meus povo tudo*”. O termo “barraco” empregado pelos trabalhadores para designar os locais onde moram na capital, indica a transitoriedade do espaço. Conforme Cover (2011), “não é comum que um trabalhador pretenda morar a vida inteira num barraco” (COVER, 2011, p. 118). O sentimento do trabalhador com relação a esse espaço é que se trata apenas de um espaço no qual se passará um determinado tempo e depois se retornará para suas casas. Mesmo que esses barracos sejam o espaço onde os trabalhadores passarão a maior parte de sua vida, ainda assim eles não os concebem enquanto casa/lar. Isto é, não há o sentimento de pertencimento e isso pode ser explicado tanto pelo fato de não ter sido construído, comprado ou herdado por eles ou pelo fato de esse espaço estar fora do seu lugar de origem, fora de seus referenciais identitários e afetivos e distante, portanto, daqueles que são capazes de transformar um

espaço em um lugar em que se quer habitar, pois ali foram fincados elementos que falam da existência dessas pessoas, que revelam a identidade e que se tornam também *lugares de memória*.

No próximo capítulo será feita uma discussão teórico conceitual sobre o trabalho no setor da construção civil e o fenômeno da migração para melhor compreendermos o contexto mais amplo no qual esses trabalhadores, interlocutores de nossa pesquisa, estão inseridos, bem como a conveniência dos estudos sobre trajetórias e histórias de vida, enquanto caminho metodológico para a produção de dados a atender o objetivo proposto. Somente após tal empreendimento, compreendemos ser oportuno voltarmos às realidades narradas por tais atores e, com eles, apreendermos como significam suas experiências na realidade à qual estão inseridos.

CAPÍTULO 2 – Experiências migratórias, memórias e o mundo do trabalho no setor da construção civil: retomando conceitos

“Ergueu no Patamar Quatro Paredes Sólidas Tijolo com Tijolo num desenho Lógico”²⁷

Para o desenvolvimento desta pesquisa, algumas categorias conceituais são muito importantes e merecem uma análise mais detida. Nesse sentido é que neste capítulo será tecida uma retomada conceitual acerca do trabalho no setor da construção civil, apresentando suas particularidades no ramo produtivo, os riscos aos quais estão expostos esses trabalhadores e como se dá o processo de trabalho dentro de um canteiro de obras, além de dados do DIEESE, que apresentam o perfil sócio econômico desses trabalhadores e o nível de precarização expressos também no número de trabalhadores informais, em nível de Brasil, Bahia e da Região Metropolitana de Salvador.

Em um segundo momento, retomaremos o tema da migração, categoria central desta pesquisa. Intentamos apresentar uma análise sobre um tema tão caro na história da humanidade e que ao longo do seu desenvolvimento vem ganhando novas configurações, tornando difícil a elaboração de um conceito restrito que dê conta da pluralidade desse fenômeno.

A terceira categoria a ser trabalhada é a memória, categoria esta que assume uma importância primacial em um estudo com histórias de vida. Neste estudo, o acionamento da memória é um instrumento importante para que os sujeitos envolvidos possam narrar suas histórias.

²⁷ Trecho da musica construção de Chico Buarque de Holanda

2.1 O Trabalho No Setor Da Construção Civil

*“Morar é possível porque mãos firmes de pele dura
amassaram o barro, empilharam pedras, atam bambus,
assentam tijolos, aprumam o fio trançam ripas, diluem a cal
virgem, moldam o concreto, argamassam juntas, desempenam
o reboco, armam madeirame, cobrem com telha, goivo o sapé,
pregam ripas no forro, pregam tábuas no assoalho, rejuntam
azulejos, abrem portas, recortam janelas, chumbam batentes,
dão à pintura a última demão” (BOSI, 1994, 470)²⁸*

O setor da construção civil passou por várias transformações ao longo do seu processo de desenvolvimento, ocasionadas pela introdução de inúmeros equipamentos, e das novas tecnologias. No entanto, pode-se dizer que esse setor possui características que lhes são muito peculiares. Ele mescla-se entre o passado e o presente, ao conservar em seu processo produtivo instrumentos artesanais como, talhadeira, serra manual, serrotes, colher de pedreiro, espátula, lixa manual, pincel, rolo, prumo etc. e, ao mesmo tempo, incorporar novas tecnologias a exemplo de contrapiso autonivelante²⁹, piso sobre piso³⁰, revestimento em monocamada³¹ e equipamentos modernos, a exemplo de grua³², guincho³³, equipamentos de projeção de argamassas³⁴, dentre outros. Mas é importante notar que o uso de máquinas no subsetor de edificações ainda é muito marginal.

Comumente o setor da construção civil é associado apenas ao subsetor de edificações, no entanto, esse setor produtivo é composto por três subsetores. Construção pesada que abrange as categorias de obras viárias, obras hidráulicas, obras de urbanização e obras diversas. Montagem industrial que, compreende a categoria de obras de sistemas industriais: montagens de estruturas mecânicas, elétricas,

²⁸ Esta poesia foi escrita por Alfredo Bosi e se encontra no livro *Memória e Sociedade: Lembranças de velhos*, de Ecléa Bosi, 1994.

²⁹ Esse tipo de contrapiso reduz o prazo de execução, da mão de obra, de custos e da espessura do contrapiso; possui melhor resistência e o lançamento feito por bombeamento (CBIC, 2016).

³⁰ Esse material pode ser utilizado sobre superfície de concreto, contrapiso, revestimento cerâmico antigo, e outros, é utilizado pelas empresas com o objetivo de reduzir etapas da produção bem como o uso de mão-de-obra (CBIC, 2016).

³¹ Reduz o prazo de execução, das etapas de chapisco, emboço, selador e textura e da geração de resíduo em obra (CBIC, 2016).

³² Equipamento operado por um profissional, que serve para o transporte vertical de materiais, com o auxílio de um rádio o operador é orientado a respeito da movimentação do equipamento.

³³ Equipamento utilizado para transporte de pessoas ou materiais. O operador do guincho trabalha “dentro e fora da cabina, carrega ou descarrega manualmente materiais para a cabina ou pavimento” (GOMES, 2011, p. 180).

³⁴ Conforme evidenciado por Gomes (2011), cabe ao pedreiro de fachada aplicar a argamassa nas superfícies externas com projetor de argamassa, operacionalizado com ar comprimido, atuando sobre andaime suspenso (COSTA, 2011, p. 181). O que demonstra que a utilização desses equipamentos servem para potencializar a utilização das forças físicas dos trabalhadores.

eletromecânicas, hidromecânicas, montagem de sistema de geração, transmissão e distribuição de energia elétrica, montagem de sistema de telecomunicações, montagem de estruturas metálicas, montagem de sistema de exploração de recursos naturais e obras subaquáticas. E o subsetor de edificações, objeto do nosso estudo, inclui a construção de edifícios residenciais, comerciais, industriais, construção de conjuntos habitacionais e realização de partes de obras como, fundação, estruturas e instalações, bem como a execução de serviços complementares que corresponde às reformas (FARAH, 1996).

Na construção civil, o processo de trabalho é caracterizado pela especificidade de cada obra. Qualquer projeto deste ramo de atividade, seja ligado ao processo de trabalho, à produtividade ou aos cálculos, precisa considerar essas especificidades. Cada projeto possui características singulares. Na etapa inicial de uma obra, ainda na fase de elaboração de um projeto, é importante levar em conta aspectos importantes para a construção, a saber: o tipo de solo, o tipo de edificação a ser construída, se vertical ou horizontal, tamanho do terreno, vulnerabilidades em virtude das intempéries, etc. Pois esses são fatores limitantes no controle das atividades nesse setor. Conforme Costa (2014):

As decisões no processo de trabalho dependem de uma cuidadosa avaliação das circunstâncias que envolvem cada construção. A atividade faz-se acompanhar, pois, de uma série de conhecimentos tácitos e saberes empíricos incorporados à experiência e associados às circunstâncias típicas deste ambiente. O conhecimento e os saberes presentes na atividade construtiva estão fortemente ligados à sua tradição, uma vez que são aprendidos em anos de atividade e em um ambiente de trabalho mutável, que exige do trabalhador discricção, discernimento e, sobretudo, autonomia. A criatividade do trabalhador é, sem dúvida, um fator preponderante e de suma importância em razão das várias e inesperadas situações que frequentemente surgem no dia a dia de trabalho (COSTA, 2014, p. 170-171).

Outra questão a ser destacada é o fato de o conhecimento desse ramo produtivo estar ligado à sua tradição, pois, o saber profissional é aprendido dentro do canteiro de obras, em anos de experiência e passado via oral e por meio da observação dentro do canteiro de obras, ou, ainda, dentro do espaço familiar, visto que existem famílias inteiras de trabalhadores da construção civil ocupando postos de pedreiros, carpinteiros, mestres de obras, e as demais funções referentes a esse setor. Aqui se torna salutar fazer alusão a Ecléa Bosi, quando nos diz que “aquilo que se viu e se conheceu bem, aquilo que custou anos de aprendizado e que, afinal, sustentou uma existência, passa (ou deveria passar) a outra geração com um valor...” (BOSI, 1994, p,481).

O baixo nível de escolaridade dos trabalhadores da construção civil não é um fator limitante para que este detenha o conhecimento necessário para a realização de

suas atividades. Deve-se considerar que a experiência profissional é um fator importante para determinar a sua qualificação e ascensão na hierarquia, podendo passar de ajudante a profissional e até mesmo alcançar o cargo de mestre de obras.

Segundo Costa (2014), existe uma dificuldade em enquadrar o trabalho da construção civil em uma forma específica de organização, e esta dificuldade ocorre justamente pela especificidade do processo produtivo desse setor. Conforme já explicitamos, o ofício é aprendido dentro do próprio canteiro de obras, além disso, dentro do canteiro de obras existem características de improvisação durante o processo de trabalho. Desta forma, uma análise apressada poderia levar a crer que a base desse trabalho, apresenta características artesanais. Porém, há que se considerar que no setor da construção civil, os trabalhadores executam um projeto que é traduzido por engenheiros, mestres de obras ou técnicos em edificações. “O trabalho no setor, portanto, encontra-se bastante parcelado, tanto que a construção de edifícios tem incorporado, cada vez mais, um conhecimento técnico e científico independente do saber operário” (p.172). Costa (2014) adverte ainda que, se a base técnica do trabalho nesse setor não pode ser considerada artesanal, por outro lado, não pode-se considerar que este possui uma estrutura industrial, uma vez que o trabalho é realizado com a ausência ou presença marginal de máquinas. Costa cita alguns autores como (VARGAS, 1983; FARAH, 1996; GRANDI, 1985; FERRO, 1982), que entendem que o processo de trabalho nesse setor aproxima-se da manufatura, tal denominação serve para designar o estágio de desenvolvimento anterior à indústria (COSTA, 2014).

Costa (2014), citando Grande (1985), revela que ao afirmar que o setor da construção civil poderia ser caracterizado como uma produção de manufatura, estaria instalada aí uma dificuldade analítica, dada a peculiaridade e especificidade deste setor, no que diz respeito ao sistema produtivo de cada subsetor. Diante de tais especificidades, torna-se arriscado, então, emitir um conceito sobre o processo produtivo do setor da construção civil como um todo (COSTA, 2014).

Este setor é o ramo de atividade que mais gera emprego para a população masculina, negra e pobre do País. De acordo com dados da PNAD (2015), entre os anos de 2004 e 2013 no Brasil, a construção civil empregava 8.543.420 pessoas com idade média de 38,5 anos; 96,8% desses trabalhadores eram do sexo masculino. No que diz respeito ao tipo de contratação, apenas 35,9% desses trabalhadores possuíam carteira de trabalho assinada. Quando observamos os dados referentes aos anos de estudos desses trabalhadores, vemos que a média de anos estudados por esses trabalhadores era de 6,66

anos. Do outro lado, temos os serviços domésticos que são geralmente ocupados por mulheres negras, migrantes, jovens, solteiras e que possuem menores níveis de escolaridade e socioeconômico. Conforme elucidam Iriart, J. A. B. *et al* (2008), o trabalho doméstico é considerado por alguns autores como reminiscência do período escravagista colonial, e apresenta características marcantes como o isolamento social, além da associação local de trabalho/moradia, pois muitas mulheres ocupadas nesse setor dormem no local de trabalho, tendo sua jornada estendida, o que aponta para um alto grau de precarização.

Quando observado o rendimento salarial dos trabalhadores da construção civil em nível de Brasil, verifica-se uma média salarial de R\$1.239.00. Na Bahia esse setor era responsável pela empregabilidade de 592,074 mil pessoas, com idade média de 37,7 anos. Sendo que 97,3% dos ocupados nesse setor são homens com uma média de 6,2 anos de estudo, e possuindo uma renda média de 857 reais. O contingente de trabalhadores da construção civil possuidores de carteira assinada era de 29,9% (CANTISANI e CASTELO, 2015).

Para além de dados que revelam o perfil dos trabalhadores da construção civil, é importante questionar-se sobre como esse trabalho tem refletido na totalidade de suas vidas e de seus familiares. A grande maioria desses profissionais são oriundos do interior, que migram, atraídos pela promessa de melhores condições de vida e de trabalho. No entanto, essa saída para um outro lugar pode causar danos a esses trabalhadores, uma vez que estão distantes dos seus laços de convivência mais próximos. Precisam aprender a viver com a solidão no lugar de destino, com novos costumes, com uma nova dinâmica social, onde, em muitas situações, o lugar lhes é estranho. Todos esses fatores se convertem em causas de sofrimentos e de transtorno para tais trabalhadores.

Em um estudo sobre *As representações do trabalho informal e dos riscos à saúde entre trabalhadoras domésticas e trabalhadores da construção civil*, Iriart, J. A. B. *et al*. (2008) destacaram a existência de elementos coercitivos quando associadas a questão da informalidade com o acidente de trabalho pois, o trabalhador tem que voltar às atividades mesmo que ainda não tenha se recuperado totalmente do acidente – isso quando ele não busca alternativas terapêuticas para se tratar por medo de perder o emprego pelo afastamento. Esse medo da perda do emprego ocorre por conta da necessidade de se manter no mercado de trabalho para obter uma renda. O que é

compreensível se considerarmos que boa parte desses trabalhadores são chefes de família e depende dessa renda para garantir sua sobrevivência e a de seus dependentes. Tomando de empréstimo as palavras de Iriart, J. A. B. et al. (2008, p.169), “para os trabalhadores da construção civil, a carteira assinada está, sobretudo, associada à segurança de uma renda estável, à aposentadoria e ao amparo em caso de acidente no trabalho”. A ausência desta causa medo, insegurança e o sentimento de desproteção. Há que se considerar também que para o Estado, o trabalhador informal não existe legalmente, ele está totalmente desprovido de seus direitos trabalhistas.

Já que tocamos numa questão delicada que circunda o ambiente de trabalho da construção civil, que é o risco de acidentes³⁵, Iriart, J.A.B. *et al.* (2008), mostram que na construção civil a consciência dos riscos de acidentes de trabalho é muito forte. Pois, dentro de um canteiro de obras existem elementos que potencializam esses riscos de acidentes de trabalho, tais como, objetos pontiagudos, máquinas elétricas, fios de alta tensão, andaimes mal armados, insalubridade. Isso sem contar com o risco de serem atingidos por algum objeto dentro do canteiro de obras Além desses riscos, o trabalhador ainda lida com materiais tóxicos. Reunindo todos esses fatores, é possível constatar o quão vulnerável está o trabalhador dentro de um canteiro de obras e o quão importante é a utilização dos equipamentos de proteção individual para a vida desses sujeitos³⁶.

Em pesquisa por mim desenvolvida acerca da precarização do trabalho no setor da construção civil (GONZAGA, 2016), quando perguntei aos trabalhadores se já haviam presenciado ou vivido algum tipo de acidente de trabalho, muitos foram os relatos de acidentes dos quais eles foram vítimas ou testemunharam, dentre os quais trago aqui um exemplo para elucidar o quão perigoso pode ser um canteiro de obras. Vejamos a partir da seguinte fala de Jacinto, um dos entrevistados:

³⁵ “O reconhecimento dos seus riscos para os trabalhadores levou a que fosse objeto de uma Norma Regulamentadora específica, a NR-18, e a existência de um cadastro nacional de dados” (SANTANA e OLIVEIRA, 2004, p. 797-798). Essa norma objetiva implementar procedimentos de aspecto preventivo relacionados às condições de trabalho no setor da construção civil. A NR - 18, tem existência jurídica assegurada, em nível de legislação ordinária, no inciso I do artigo 200 da Consolidação das Leis Trabalhistas - CLT. (SESI, 2008).

³⁶ Santana e Oliveira (2004, p. 808), observaram, a partir das narrativas de seus entrevistados que muitos acidentes de trabalho estavam relacionados à falta de utilização dos equipamentos de proteção individual como, bota, óculos, luvas, capacete, cinto de segurança, por outro lado, parecia haver uma falta de informação sobre os reais riscos de acidentes e os modos efetivos de prevenção de acidentes seja por meio de medidas individuais ou coletivas. Observaram também que os trabalhadores poderiam até ter conhecimento acerca dos riscos de acidentes, mas não dispunham dos equipamentos de proteção possivelmente, em especial, do caso dos trabalhadores autônomos ou biscateiros.

“Já vi, já apreciei, já tirei gente que o guincho esmigalhou a cabeça, tava com a cabeça em baixo pegando o material, a balança veio e achatou e esmigalhou ele, mas não foi eu que tava operando. Foi outro colega que tava trabalhando embriagado. Eu, graças a Deus, graças a Deus, nunca bebi, nunca fumei. Ele só trabalhava dia de ... naquela época nós trabalhava dia de sábado até 11 horas para fechar o remunerado e ele só vinha embriagado, entendeu? Aí tava trabalhando embriagado que hoje em dia não pode, que tem as técnicas de segurança na obra que se ver com um bafo de bebida já tira do canteiro. Agora tá tudo normal, mais antigamente. Aí eu apreciei vários acidentes e muita morte ” (GONZAGA, 2016, p.69).

Como está explicitado na fala do interlocutor, esse acidente ocorreu em um dia de sábado, dia que deveria ser de descanso para uma pessoa que durante a semana enfrenta uma jornada árdua de trabalho e que pela necessidade de aumentar a renda mensal, trabalha aos sábados. Se consideramos que o trabalho nesse setor é extremamente exaustivo, as jornadas são pesadas, e que às vezes essas pessoas trabalham embaixo de sol forte e muito calor, o que torna o trabalho ainda mais extenuante, há que se convir que ao chegar o final de semana, tudo que esse trabalhador precisa é de um merecido descanso junto a seus familiares e amigos. Estender a jornada semanal resulta em danos não somente físicos, mas também psicológicos. Assim, tomando de empréstimo as palavras de Dejours (1992), “o vinho, a aguardente, são uma dose de energia nem tanto física, mas psicológica, que ajuda a enfrentar as condições de trabalho” (DEJOURS, 1992, p. 72).

Ainda ao que diz respeito à questão do uso do álcool, mesmo que hoje seja proibida a entrada de pessoas alcoolizadas no canteiro de obras, é importante ressaltar que um estudo realizado por Santana e Oliveira (2004), sobre saúde e trabalho na construção civil em uma área urbana do Brasil, o uso de bebidas alcoólicas apareceu como um fator de risco para a saúde do trabalhador. Vejamos os dados trazidos nesse estudo:

(...) o perfil epidemiológico dos trabalhadores da construção civil se caracteriza por altas prevalências de fatores de risco como o hábito de fumar (24,4%), o consumo de bebidas alcoólicas associado a problemas (50,2%), sobrepeso (32,6%), a percepção de pouca saúde (11,9%) e sintomas músculo-esqueléticos (28,2%). (SANTANA e OLIVEIRA, 2004, p. 800).

Estes dados revelam com clareza o quanto a saúde desses trabalhadores é impactada pela forma como se dá esse trabalho, de modo que muitos deles venham a desenvolver patologias associadas às atividades que realizam em sua rotina de trabalho. Outro motivo causador de sofrimento para o trabalhador da construção civil é a pressão

exercida sobre ele para o cumprimento dos prazos, característica de um sistema de produção em etapas sucessivas³⁷.

Geralmente os trabalhadores da construção civil têm uma jornada de trabalho que se inicia às 07h00minh e se estende até às 17h00min. Isto quando não realizam horas extras, recebendo um saldo por dia de trabalho ou por produção. No entanto, essa jornada inicia mais cedo, conforme anunciado pelos próprios interlocutores,

“a gente tem que acordar bem cedo, 4 horas da manhã pra fazer o café, organizar as coisas e ir trabalhar”, “5 horas da manhã a gente tá no ponto para pegar o ônibus, é muito perigoso”, “a gente quando sai para trabalhar, ainda tá tudo escuro, e quando retorna pra casa no final do dia já escureceu também” (Seu Lucas, 54 anos).

Essas evidências apontam para questões outras que refletem diretamente no processo de sociabilidade desses trabalhadores dentro da cidade. Com jornadas como a descrita acima, pergunta-se: qual o tempo que resta para o lazer, para o descanso e para o encontro com o outro, fora do ambiente de trabalho? Com essa pergunta, não estou afirmando que sejam nulas as possibilidades, mas estou apontando para fatores que limitam essas possibilidades. Durante a pesquisa, os interlocutores disseram que chegam em casa cansados, preparam a comida, ligam o rádio ou a televisão para passar o tempo e vão descansar.

³⁷ “Uma segunda modalidade, que revela o caráter híbrido do setor, diz respeito à redução do prazo de execução das obras, cada vez mais curto, o que faz com que as empresas se utilizem largamente dos contratos por produtividade, nos quais, normalmente, o registro do trabalhador é uma forma de mascarar as ilegalidades cometidas em relação à não-atribuição dos direitos trabalhistas. Transferem-se para o trabalhador todos os encargos previdenciários, além da responsabilidade de “construir o seu salário”.” (COSTA, 2011, p. 414)

2.1.1 O Setor da Construção Civil na Bahia

No Estado da Bahia, o setor da construção civil é responsável por gerar emprego para uma parcela bastante significativa de pessoas pertencentes às camadas mais pobres da sociedade. O universo de trabalhadores é formado majoritariamente por pessoas do sexo masculino, de cor negra e com baixo nível de escolaridade. Conforme Costa (2011), este setor sempre atuou como porta de entrada para os trabalhadores imigrantes e migrantes de origem camponesa, que em virtude da não qualificação formal, irá atuar nesse setor, tendo em vista que este não exige um alto grau de qualificação, para que se possa adentrar nesse mercado de trabalho. Como características da precarização do trabalho no setor da construção civil, observa-se o alto grau de informalidade, a instabilidade a qual os trabalhadores estão submetidos e a insalubridade (COSTA, 2011).

A instabilidade desse setor produtivo ocorre principalmente pela alta rotatividade de seus profissionais. A descontinuidade do processo produtivo, no qual predomina a sucessão de etapas produtivas, onde a soma dessas etapas dará origem ao produto final, acentua a mobilidade da força de trabalho, dando-lhe uma característica específica. Há que se destacar que a alta rotatividade não ocorre apenas pela demanda por diferentes especialidades, necessária em cada etapa da obra, mas também pelo caráter cíclico dessa atividade (COSTA, 2011).

Ao falar sobre esse caráter cíclico presente na construção civil, Costa (2014) faz referência a Morice (1992), quando assevera que o termo atribuído ao trabalhador da construção civil, comumente chamado de "peão", faz alusão a aquele que não possui estabilidade. Bem assim é a realidade de tantos trabalhadores da construção civil, vivem a rodar, por diferentes lugares e empresas para prover o necessário à sua sobrevivência, não só a sua, mas também a de seus dependentes. Conclui-se que a insegurança é uma constante na vida dessas pessoas.

Segundo os dados mais atuais do DIEESE (2012), o setor da construção civil na Bahia gerou um crescimento significativo no número de pessoas trabalhando nessa área, entre os anos de 2000 a 2010, chegando a alcançar o percentual de 45,9%, o que demonstra um crescimento semelhante ao do país nesse mesmo período. Ocorreu também um aumento no número de trabalhadores assalariados com carteira assinada

nesse setor, chegando a atingir um percentual de 105,2%. No entanto, mesmo com esse aumento no número de trabalhadores com carteira assinada, há que se considerar que ainda existe um percentual grande de pessoas atuando na informalidade, com rendimentos ainda mais baixos e formas de contratação precárias.

Como bem nos aponta Costa (2011), o setor da construção civil, há muitas décadas, funciona com formas precárias de trabalho. Em se tratando especificamente do caso brasileiro, as formas de contratação na construção civil estenderam-se também para outros setores, tornando-se agora, não mais uma forma atípica de contratação, "mas a forma predominante em várias atividades" (p. 414). As contratações têm sido cada vez mais realizadas por meio da "flexibilização dos contratos, das redes de subcontratação, da compressão salarial e da ausência dos direitos trabalhistas" (p. 414), dentre tantas outras formas de precarização que caracterizam as transformações ocorridas no mundo do trabalho.

Na Bahia, para que se tenha uma ideia da precarização nas formas de contrato, 443 mil trabalhadores estavam empregados no setor da construção civil, sendo que apenas 165 mil possuíam carteira de trabalho assinada. A representatividade desse seguimento passou de 26,4% no ano 2000 para 37,2% em 2010, o que revela um aumento de trabalhadores formais neste setor (DIEESE, 2012).

No que se refere à cor dos trabalhadores desse setor, observa-se que no estado da Bahia, os negros expandiram sua participação em 51,6%, crescendo em maior grau que os não-negros. A proporção de trabalhadores negros, sobre o contingente de trabalhadores não-negros ocupados neste setor, é muito significativa nesse estado. Eles representam 83% dos ocupados (DIEESE, 2012). Esses números levam-nos a refletir sobre em quais tipos de ocupações estão atuando os trabalhadores negros. Ainda hoje boa parte de pessoas negras estão ocupando postos de trabalhos precários, forçados, insalubres e mal remunerados.

O DIEESE (2012) revelou ainda o envelhecimento da mão-de-obra no setor da construção civil brasileira, com um crescimento de 47,3% de pessoas entre 40 e 49 anos trabalhando nesse setor, um aumento de 95,1% de pessoas com 50 anos, ou mais. Na Bahia, o aumento mais intenso foi para os trabalhadores de 40 anos ou mais. Porém, quando comparada com os trabalhadores da construção civil do país, a mão-de-obra da Bahia é um pouco mais jovem (DIEESE, 2012)

Quando observados os níveis de escolaridade, notou-se que, em 2010, os trabalhadores da construção civil, no Brasil, possuíam um nível de escolaridade um pouco superior em relação aos baianos. Na Bahia, 64,0% dos trabalhadores possui até o ensino fundamental incompleto e no Brasil esse percentual atinge quase 60% dos trabalhadores (DIEESE, 2012). Quando observada a jornada de trabalho, verificou-se que em 2010, no estado da Bahia (45,0%), os trabalhadores, realizaram jornada de trabalho entre 40 e 44 horas semanais. Tanto no Brasil quanto na Bahia, em 2010, mais da metade dos ocupados desse setor, recebiam entre 1 e 2 salários mínimos. Os dados revelam ainda que na Bahia existe uma maior parcela de ocupados nesse setor que estavam nas faixas mais baixas de rendimento, 13% dos trabalhadores recebiam até ½ salário mínimo (DIEESE, 2012).

Como bem podemos observar, os dados revelam o grau de precarização do trabalho no setor da construção civil e o quanto essa precarização pode impactar na totalidade da vida dos trabalhadores. Basta observar, por exemplo, o número de horas semanais trabalhadas por esses profissionais. Considerando que se trata de uma atividade extremamente exaustiva, e que exige um grande dispêndio de força física e também psicológica, torna-se evidente que uma jornada semanal de 40 a 44 horas compromete a qualidade de vida desses trabalhadores. Pois, como já mencionado anteriormente, boa parte do trabalho dentro do canteiro de obras é realizada de forma manual, a utilização de máquinas serve apenas para potencializar as forças desses trabalhadores.

O desgaste psicológico também acompanha o desgaste físico, uma vez que esses profissionais trabalham sob pressão para o cumprimento dos prazos das obras, que são cada vez mais curtos. Por se tratar de uma atividade que não requer muito grau de instrução, esses trabalhadores são facilmente substituídos, o que gera um sentimento de insegurança e um certo grau de submissão.

Observemos também o nível de escolaridade desses trabalhadores, que são pessoas que, normalmente, tiveram que deixar de estudar precocemente para ajudar a compor a renda familiar. Esse baixo nível de qualificação revela o grau de vulnerabilidade e de submetimento desses profissionais. Como nos apresenta Costa (2011), “para os empresários do setor, eles significam uma mão de obra de baixo custo, habituada às dificuldades do trabalho pesado do campo e, ainda, motivada para enfrentar as adversidades da nova localidade e dos canteiros de obras” (p. 416). No caso

específico de nossa pesquisa, trata-se de pessoas migrantes, que deixam o interior ainda quando jovens, para ingressar no mercado de trabalho, sendo a construção civil talvez a opção mais acessível.

2.1.2 O setor da construção civil na Região Metropolitana de Salvador

Na Região Metropolitana de Salvador, a construção civil gerou em 2011, 71 mil postos de trabalho. Em termos relativos, esse foi o setor que apresentou maior crescimento no número de empregos, ampliando os postos de trabalho em 114,5% entre 2010 e 2011. Há que se destacar, que a construção civil em Salvador, passou por um momento de declínio durante os primeiros anos da década de 2000, retomando seu crescimento em 2005. A partir desse momento, a tendência de alta de emprego nesse setor foi mais acentuada que nos demais setores, como, por exemplo, o comércio e a indústria. Nem mesmo a crise que atingiu o comércio e a indústria em (2008 e 2009), respectivamente, atingiu a construção civil. Esta apresentou um crescimento de 9,0% dos postos de trabalho em 2008 , 15,3% em 2009, 16,3% em 2010 e 16,6% em 2011 (DIEESE, 2012).

A pesquisa do DIEESE mostra que a ampliação dos níveis de ocupação no setor da construção, em grande medida, foi impulsionada pela contratação de assalariados com carteira de trabalho assinada. Verificou-se que esse seguimento acumulou um saldo positivo de 43 mil empregos, ou seja 61% das 71 mil ocupações geradas nesse setor entre 2000 e 2011. Não obstante a essas significativas melhoras no número de trabalhadores com carteira assinada, registra-se também o aumento expressivo de trabalhadores autônomos que correspondia a 30 mil, no período analisado (DIEESE, 2012).

A proporção de homens ocupados na construção civil na Região Metropolitana de Salvador é bastante elevada. Em 2011, eles representavam 95,2% dos ocupados, 93,3% dos assalariados com carteira assinada e 97,6% dos trabalhadores atuando por conta própria (DIEESE, 2012). Quando observadas ao tipo de posição que eles ocupam na família, entre o total de ocupados da Região Metropolitana de Salvador, verificou-se que 48,3% desses trabalhadores eram chefes de família em 2011, um percentual similar àquele observado entre os trabalhadores com carteira assinada (48,4%) e os por conta

própria (49,6). Entre os trabalhadores com carteira assinada, notou-se um pequeno aumento dos demais membros da família na ocupação no setor: de 49,5% em 2000 para 51,6% em 2011. No tocante aos que trabalham por conta própria, a participação desses reduziu de 55,2% para 50,4%. Entre os trabalhadores da construção civil, a parcela de chefes de família era mais elevada, correspondendo a 66,7% do total de ocupados desse setor (DIEESE, 2012).

No que se refere à distribuição por cor, observou-se que a maioria dos ocupados da Região Metropolitana de Salvador é negra, independente da modalidade ocupacional na qual tais ocupados estavam inseridos. Nota-se no entanto um aumento na participação de negros, no período analisado, chegando a atingir um percentual de 88,4% em 2011. Quando observado exclusivamente o setor da construção civil, constata-se que a parcela de negros nesse setor é ainda maior, atingindo 94,2% dos ocupados nesse setor em todas as formas de contratação, em 2011 (DIEESE, 2012).

Os dados da PED mostram que enquanto os trabalhadores ocupados nas demais profissões passaram em média 69 meses na mesma ocupação, os profissionais da construção civil, passaram apenas 36 meses. A pesquisa mostra que esses indicadores vêm melhorando ao longo dos anos, pois no ano 2000 os ocupados nesse setor tinham em média 29 meses de emprego.

No período analisado pela pesquisa DIEESE que compreendeu os anos de 2000 a 2011, o país passava por profundas mudanças que atingiram significativamente o mercado de trabalho. No começo do primeiro governo Lula (2003 a 2006) o Brasil precisava sair de uma era de crescimento econômico insuficiente, em que registrava, "baixas taxas de investimento, acentuada vulnerabilidade externa, redução da capacidade de intervenção e regulação do Estado, elevação de desemprego, precarização do trabalho e aprofundamento de nossas vergonhosas miséria e desigualdade" (MATTOSO, 2013, p.111). Conforme evidenciam Jardim e Silva (2015), na década de 1990 o mercado de trabalho brasileiro vivenciou um aumento sem precedentes no grau de informalidade, pois:

A abertura da economia expôs as empresas nacionais a um ambiente competitivo, levando a todo tipo de reestruturação – incluindo fusões, fechamento de empresas, alterações de mercados e produtos, terceirizações, entre outras. O novo cenário econômico somado à disseminação de novas práticas organizacionais e ao processo de financeirização da economia, conforme analisado por Grün (2004), levou à adoção de mudanças nas estruturas organizacionais das empresas e a um contínuo processo de demissões e de ampliação do emprego informal durante toda a década de 1990 (JARDIM e SILVA, 2015, p.114)

Essas medidas afetaram sobremaneira as condições de vida das pessoas que se encontram na base da pirâmide social, elevando o grau de vulnerabilidade ao qual estão expostas. O desemprego, a informalidade e o trabalho por conta própria são sérios agravantes, em um país dividido pelas desigualdades, levando pessoas à situação de extrema pobreza. Há que se considerar ainda a falta de acesso dessas pessoas a direitos básicos, como moradia, saúde, educação, alimentação, esporte, cultura e lazer. O desemprego, ou o emprego precário, afeta diversos aspectos da vida social, além de colocar o trabalhador/trabalhadora numa situação de total insegurança, medo e desvalorização, se levarmos em consideração o lugar que o trabalho ocupa na vida das pessoas. Concordando com Jardim e Silva (2015), o desemprego afeta a sociedade não apenas no campo econômico, mas também no campo social pois, o trabalho representa um “movimento de pertencimento e de integração do trabalhador à sociedade” (JARDIM e SILVA, 2015, p.116).

Em 2003, o Brasil passa por mudanças no cenário político, com a posse de Luiz Inácio Lula da Silva. Iniciava-se uma nova forma de desenvolvimento com conquistas no âmbito econômico e social. Após o segundo triênio dos anos 2000 as conquistas e avanços econômicos ocorreram de maneira mais intensa. De acordo com Mattoso (2013), nesse período o país vivenciou a elevação das reservas internacionais, menor vulnerabilidade externa, reconhecimento das vantagens competitivas do agronegócio e a mineração, o controle inflacionário, a ampliação do crédito a pessoa física e jurídica, a expansão do financiamento habitacional, o controle fiscal e redução da relação dívida / PIB, a queda mais acentuada dos juros, maior flexibilidade cambial e a defesa da indústria nacional. Além das políticas macroeconômicas, aconteceram modificações importantes em um conjunto de outras políticas e ações públicas no campo social, democratização do acesso ao crédito e combate à pobreza (MATTOSO, 2013).

Araújo (2013) indica que o poder de compra da população atraiu investimentos de empresas locais das diversas regiões do país. Muitas empresas, estimuladas pelo dinamismo do mercado interno passaram a se instalar ou se expandir nas regiões mais pobres do Brasil. Indústrias de bebidas, alimentos, bens duráveis, supermercados e Shopping Centers se instalaram nas cidades médias e no interior em busca de consumidores. Com o intuito de aumentar os investimentos nessas regiões o Governo Federal lançou o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), que abarca um conjunto de projetos de ampliação da infraestrutura do país, com destaque para o Minha Casa Minha Vida,, que visava enfrentar o problema do déficit habitacional, das famílias

de baixa renda. Paralelo a isso, houve a descoberta do Pré-sal, estimulando investimentos da Petrobras. Vê-se aí uma grande oportunidade para o setor da construção civil, pois essas obras abarcariam os subsectores de obras pesadas, montagem industrial e de edificações. Tal empreendimento aumentou a procura por trabalhadores desse setor produtivo, aumentando a oferta de emprego e a formalização do trabalho.

O novo padrão de crescimento também influenciou o comportamento dos empregos, que retomaram impulso e reduziram a taxa de informalidade ao mesmo tempo que o desemprego declinou significativamente, na contramão das tendências mundiais no mesmo período. Um balanço da criação de empregos formais no período dezembro de 2002 a dezembro de 2010 mostra que as regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste lideraram as taxas de crescimento dessa variável (ARAUJO, 2013, p.164).

Ainda de acordo com Araújo (2013), dados da Relação Anual de Informações Sociais/Ministério do Trabalho e Emprego revelam que na região Norte, em dezembro de 2002, o estoque de empregos formais era de 1296.597 e em dezembro de 2010 era de 2.408.182, e na região Nordeste, na mesma época, o estoque de empregos formais subiu de 4.859.397 em dezembro de 2002 para 8.010.839 em dezembro de 2010. Esses dados evidenciam o impacto que esses programas tiveram nas regiões Norte e Nordeste do país, com a elevação dos empregos formais, o que demonstra uma melhora nas relações de trabalho, uma vez que por meio do emprego formal, esses trabalhadores estão cobertos com seus direitos sociais e trabalhistas, gerando maior segurança para esses profissionais.

Jardim e Porcionato (2017), no artigo "*A construção social do mercado da construção civil nos anos 2000: o caso da habitação e o papel do Estado*", tomam como recorte o papel do Estado para ajudar a explicar a "construção social do mercado da construção civil" (p,199). Para as autoras, a criação do Ministério das Cidades (MC)³⁸ em 2003, "com os objetivos de combater as desigualdades sociais, transformar as cidades em espaços mais humanizados e ampliar o acesso a moradia, saneamento e transporte" (JARDIM, PORCIONATO, 2017, p. 203), o investimento em habitação feito pelo Programa de Aceleração e Crescimento, a partir de 2007 e a criação do Programa Minha Casa Minha Vida, em 2009, ajuda a explicar a força que o mercado da construção civil ganhou na primeira década dos anos 2000, superando até mesmo as taxas negativas de crescimento geradas pela crise econômica financeira internacional de 2008/2009 (JARDIM, PORCIONATO, 2017).

³⁸ "O MC foi criado com o caráter de órgão coordenador, gestor e formulador da Política Nacional de Desenvolvimento Urbano, envolvendo, de forma integrada, as políticas ligadas à cidade (JARDIM e PORCIONATO, 2017, p. 203).

Em 2009, o governo anunciou o Programa Minha Casa, Minha Vida, que tinha por objetivo a construção de um milhão de moradias em curto prazo. Para muitas pessoas, o programa significa a realização do sonho da casa própria, para outras, o crescimento da economia, e para a população masculina, negra e pobre do país a oportunidade de emprego formal, pois o mercado da construção civil estava a todo vapor. Conforme evidenciado por Jardim e Porcionato, (2017), o setor da construção civil teve um crescimento significativo na primeira década do século XXI, superando a década anterior, O BNDES³⁹ juntamente com o governo foram os principais financiadores dessas obras, contando também com a participação mesmo que em menor escala das esferas estaduais e municipais. Com a eminência da Copa do Mundo e dos Jogos Olímpicos que viriam a acontecer no Brasil, houve um forte investimento em obras de infraestrutura urbana, reforma e construção de estádios de futebol, reforma em aeroportos, construção e ampliação do metrô, dentre outras obras. Todo esse conjunto de obras significou oportunidades excelentes para a construção civil. Porém em 2014 esse setor passa a sofrer retração, conforme apontado por Leite (2017):

Os indicadores já mostravam redução dos investimentos e desaceleração do setor, essa nova realidade se formou através de um conjunto de fatores, como: o atraso em pagamentos principalmente por parte do governo, elevação da carga tributária, a falta de demanda, aumento da inflação. (LEITE, 2017 p.28)

Somando esses fatores ao recuo da economia, o desemprego e a crise política que o Brasil vivenciava naquele momento, a construção civil junto com outros segmentos, passou por um período de crise, com importantes impactos negativos tanto para a economia nacional, quanto para os trabalhadores. Como já falado anteriormente, a construção civil abre as portas do emprego para pessoas com baixo nível de educação formal, e o aumento do desemprego nesse setor aprofunda sobremaneira as precariedades na vida dessas pessoas que, não dispendo de um maior grau de instrução, têm reduzidas oportunidades de entrar no mercado de trabalho, em outra atividade.

³⁹ Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social.

2.1.3 O negro no mercado de trabalho em Salvador e o setor da construção civil.

A Capital Salvador é, atualmente, a terceira maior cidade do país, com uma população estimada em 2.902 milhões habitantes. Além disso, essa cidade possui uma significativa beleza arquitetônica e um vasto patrimônio histórico e cultural. Não obstante tamanha grandeza, Salvador é também cenário de grandes desigualdades sociais e com "históricos problemas ocupacionais" (BORGES e CARVALHO, 2017, P.124). Mesmo depois da favorável conjuntura econômica que caracterizou a primeira década desse milênio, com a queda do desemprego, o crescimento do emprego formal e a relativa recuperação da remuneração dos trabalhadores, o censo de 2010 revelou que Salvador ainda possuía 17,6% de empregados sem registro formal, 18,7% de trabalhadores atuando por conta própria, em que pese que a maioria desses trabalhadores por conta própria estavam alocados em trabalhos precários e com baixa remuneração.

Como se sabe, os problemas de incorporação ao mercado de trabalho não atingem os diversos contingentes de trabalhadores com a mesma intensidade. Atributos como sexo, idade, cor e escolaridade agravam as dificuldades, tornando mais vulneráveis ao desemprego e à informalidade alguns segmentos, como as mulheres, os negros, os jovens e os menos escolarizados, os quais estão sobre-representados nos postos de trabalho de menor qualidade, desprotegidos, inseguros e de baixos rendimentos (BORGES e CARVALHO, 2017, p. 124).

O mercado de trabalho de Salvador é altamente fragmentado, principalmente quando falamos em postos de trabalhos formais e bem remunerados, sabemos que estes são de acesso restrito a uma pequena parte da população. Quando observamos os postos de trabalhos tidos socialmente como menos prestigiosos, lá encontramos, em sua maioria, pessoas negras com menor grau de escolarização e em situação de extrema vulnerabilidade social. É justamente nesse cenário que se encontram os trabalhadores braçais da construção civil que, além de terem suas vidas impactadas por condições precárias de trabalho, muitas vezes têm seu acesso a bens e serviços limitados, seja pela própria dinâmica de trabalho, com as intensas e extensas jornadas, seja pela dinâmica da cidade.

Dentro do universo dos entrevistados dessa pesquisa 4 se autodeclararam negros, 1 se autodeclarou "moreno", 1 se autodeclarou "claro" e 1 não declarou a cor. A bem da verdade, mesmo diante das nuances de cores desses sujeitos, o entrevistado que se

declarou “moreno” e o outro que não declarou a cor são fenotipicamente negros. Já o que se declarou “claro”, fenotipicamente é considerado branco. Essa dificuldade em declarar a cor, por parte de alguns dos entrevistados, em certa medida, é decorrente dos estigmas lançados sobre as pessoas negras, em que, segundo o entendimento preconceituoso de alguns, ser negro é sinônimo de inferioridade, de ser menos humano ou menos confiável.

Diante do exposto, considero, então, que a discussão acerca da categoria raça se faz sumamente importante para analisar as questões das desigualdades existentes no mundo do trabalho, principalmente no que tocam as questões do trabalho precarizado do setor da construção civil, e das condições subumanas de trabalho em que vivem os negros em Salvador, que tem a maioria de sua população negra e é fortemente marcada pela pobreza, além de se destacar pelos elevados índices de desemprego, subemprego e de trabalho irregular.

Ser negro no Brasil – país em que o preconceito é de marca⁴⁰, ou seja, quanto mais características negroides a pessoa possuir mais preconceitos ela poderá sofrer – é ter que todos os dias conviver com olhares discriminatórios, sob o suposto de que se é menos inventivo ou criativo, com capacidade intelectual reduzida, ou que se tem propensão ao crime, como comumente o negro é rotulado. É ter que, todos os dias, provar que se é capaz de adentrar qualquer espaço e que a cor de nossa pele não indica que somos menos inventivos e criativos.

Quando falamos do acesso do negro ao mercado de trabalho, é importante fazer um recuo histórico para pensarmos como foi feita a inserção do negro no mundo do trabalho, na sociedade brasileira e de que forma essa inserção abrupta nos novos modos de produção impactou nas suas vidas. Existe uma expressão popular que diz que “segunda-feira é dia de branco”. Durante muito tempo escutei essa expressão reproduzida inclusive pelos meus pares, mas até então nunca tinha parado para analisá-la. Agora entendo que tal expressão remete ao pensamento de que é o branco quem trabalha, sendo assim, o negro seria o preguiçoso, com tempo para descansar ou ficar na ociosidade.

⁴⁰ “Quando o preconceito de raça se exerce em relação à aparência, isto é, quando toma por pretexto para as suas manifestações os traços físicos do indivíduo, a fisionomia, os gestos, o sotaque, diz-se que é de marca; quando basta a suposição de que o indivíduo descende de certo grupo étnico para que sofra as consequências do preconceito, diz-se que é de origem” (NOGUEIRA, 2006, p. 292).

Tal pensamento que envolve o imaginário das pessoas em torno do negro tem origem em tempos remotos da história no Brasil, quando os negros recém libertos foram lançados à própria sorte, sem acesso à educação formal, à moradia, e ao trabalho. Os escravizados, egressos do regime escravista precisavam se enquadrar ao novo regime de trabalho, mas as condições objetivas não eram favoráveis para eles, pois os escravizados tinham que escolher entre o trabalho em condições semelhantes às que eles viviam no antigo regime, e a deterioração de suas condições econômicas, unindo-se à parcela de desocupados e semi-ocupados da economia de subsistência do lugar ou de outra região, ou tinham que concorrer com os imigrantes europeus que vieram trabalhar no Brasil. Isto era extremamente prejudicial e desleal para negros, uma vez que os imigrantes europeus eram tidos como pessoas mais dóceis ao novo sistema de trabalho, (FERNANDES, 2008). Conforme afirma Ianni (2004):

A própria massa imigrada estava interessada em distinguir-se da escravaria e, mais ainda, valorizar-se muito mais do que a massa escrava. O imigrado considerava-se diferente e melhor que o escravo ou ex-escravo. Incorporou rapidamente os padrões discriminatórios dominantes na sociedade brasileira, apresentando-se, pois, privilegiado no mercado de trabalho (IANNI, 2004, p.17).

Mesmo não sendo instituído por vias formais e legais no Brasil um sistema de segregação racial, os ex-escravizados foram de maneira geral marginalizados em relação ao sistema econômico vigente. Na segunda metade do século XIX, o governo brasileiro estimulou a imigração europeia, com o intuito de branquear a população nacional, recebendo assim milhões de imigrantes no país nas últimas décadas do século XIX e início do século XX. A força de trabalho imigrante se concentrou tanto na indústria quanto na agricultura que estavam sendo implantadas nas principais cidades do país (HERINGER, 2002)

Nessa separação construída entre brancos e negros, a população negra sofreu e ainda sofre consequências nefastas. Quando observamos, por exemplo, os postos de trabalhos que estão sendo ocupados por pessoas negras percebemos que eles geralmente estão em ocupações forçadas, trabalhos braçais que exigem maior dispêndio de força física. É válido ressaltar que essa situação historicamente foi justificada pelo argumento de que pessoas negras seriam mais fortes e suportariam os trabalhos mais pesados.

(...) cabe enfatizar que o racismo brasileiro não pode ser entendido como mera discriminação inconsequente. Ele interfere objetivamente nas condições sociais dos(das) racialmente discriminados(as) e, também, dos(das) não discriminados(as) racialmente. Logo, as relações étnico-raciais devem ser

apreendidas nos processos sociais reais do capitalismo brasileiro. Pela relevância assumida nos processos que envolvem as relações sociais na sociedade brasileira, o racismo deve ser visto como reiterador das desigualdades nas condições materiais de vida e de trabalho dos(das) negros(as) brasileiros(as) (MARTINS, 2013, p. 12-13) e, portanto, determinação relevante no aprofundamento da “questão social” (MARTINS, 2014, p.121-122).

Quando olhamos para o mercado de trabalho da Região Metropolitana de Salvador, observamos um mercado segmentado e com efeitos perversos no que se refere à inserção e sobrevivência de seus indivíduos, que cresce com base no trabalho precário, onde as noções de direito e cidadania permanecem ainda distantes da realidade cotidiana da luta pela sobrevivência de seus trabalhadores. (CASTRO E BARRETO, 1998).

Embora Salvador seja a cidade mais negra, fora do continente africano, são bastante acentuadas as desigualdades no mundo do trabalho entre negros e não negros, e tais desigualdades favorecem a população não-negra, que ocupa os melhores postos de trabalhos, geralmente relacionados a cargos de chefia, e de donos dos meios de produção. Observa-se também a massiva participação dos não-negros nos cargos tidos socialmente como mais prestigiosos a exemplo dos cargos legislativos, executivos e judiciários, ao mesmo tempo em que a população negra se encontra em ocupações pouco remuneradas e que não exigem muita qualificação formal. Cabe ainda ressaltar que o leque de oportunidades de trabalho para os não-negros é bem maior em todos os setores, pois eles estão ocupando desde os cargos mais qualificados e bem remunerados, até os cargos de baixa qualificação formal.

Essa cidade, como toda cidade de grande porte, recebe um grande número de trabalhadores que se deslocam dos interiores em busca de trabalho e de melhores condições de vida. Essa é a realidade de tantos homens e mulheres que saem dos seus lugares de origem no estado da Bahia, marcados por laços comunitários de amizade e vínculos familiares, rumo à capital, o lugar de destino. Para que possamos, portanto, compreender em profundidade aspectos qualitativos desse fenômeno, é preciso nos debruçarmos sobre o próprio tema da migração. Sigamos.

2.2 Os estudos sobre migração

O tema das migrações é um campo de estudo amplamente explorado, sobretudo na demografia, área onde foi gestada e trabalhada grande parte dos conceitos referentes ao tema. É na demografia também, conforme apontei brevemente na introdução desta dissertação, que se observa o desenvolvimento de metodologias para a quantificação desse fenômeno. Na sociologia, por sua vez, é "onde se sobressai a análise dos determinantes estruturais das migrações e, em alguma medida, dos fatores relacionados com a situação específica de segmentos sociais migrantes, inclusive aqueles componentes ligados à questão cultural" (BARCELLOS, 1995 p. 296).

Com a crise da economia do café e a industrialização que se dinamizava no Brasil, o país vivenciou um movimento populacional de dupla direção. De um lado, a população expulsa do campo deslocou-se para o interior dos estados, com destaque para o Oeste de São Paulo e, posteriormente para o Norte e Oeste do Paraná e Santa Catarina; por outro lado, tinha-se um deslocamento massivo da população para as cidades, especialmente para o eixo Rio-São Paulo. É nos anos 1950, que "o novo patamar de industrialização vai acentuar essa tendência, que se encaminhou na direção de uma configuração altamente concentrada na região sudeste, característica que marca a urbanização brasileira ainda no período mais recente" (BARCELLOS, 1995 p. 296).

De acordo com Menezes (2012), no Brasil, as migrações das áreas rurais para urbanas industriais, que ocorreram no período de 1930 a 1970, inspiraram vários trabalhos clássicos da sociologia brasileira. Tais estudos fundamentavam-se no paradigma histórico-estrutural, segundo o qual revelavam que as migrações eram resultantes de fatores de expulsão e atração, "expressando transferências de populações de regiões ou setores econômicos considerados estagnados, arcaicos ou tradicionais para regiões modernas e/ou setores em desenvolvimento" (p. 21). Estudos como os de J. R. B. Lopes: "A Sociedade Industrial no Brasil" (1971) e "Desenvolvimento e Mudança Social" (1976); o artigo de P. Singer "Migrações Internas: considerações teóricas sobre o seu estudo" (1976) e o livro "A Caminho da Cidade", de E. Durhan (1978), enfatizavam o caráter definitivo das migrações rurais-urbanas ou entre as regiões Nordeste e Sudeste.

Ainda sobre os estudos voltados para o tema, Menezes (2012, p.22), nos mostra que entre as décadas de 1970 e 1980, um grupo de estudos dirigiu sua atenção para os significados da migração para as condições da reprodução social das populações de áreas rurais do Nordeste. Esse grupo questionou então, o caráter definitivo da migração, revelando que nem sempre a migração se caracteriza como êxodo rural. Muitos migravam, tornavam-se operários ou empregados urbanos e depois retornavam para as áreas rurais da região Nordeste. A exemplo desses estudos, Menezes cita os estudos de Garcia Junior (1990), Woortmann (1990), Scott (1995), e inclui também sua dissertação de mestrado datada de 1995. Para esta autora, as novas configurações de migração no Brasil, tem exigido uma revisão das perspectivas teóricas e das tipologias que foram formuladas, principalmente nas décadas de 1960 e 1970.

Menezes lança mão de estudos que apontam para a necessidade da formulação de um novo instrumental teórico que atenda a essas novas configurações de migração, que começaram a se configurar a partir da década de 1970. Estudos como o do demógrafo George Martine (1982) mostram que nos anos 70 existia um conjunto de informações que demonstravam a existência de um substrato de trabalhadores que se deslocavam várias vezes em busca de uma forma de sobrevivência. Essas pessoas que se deslocavam constantemente estavam em busca de melhores oportunidades econômicas ou da própria sobrevivência.

Em se tratando das teorias que versam sobre o tema da Migração, Brito (2009), afirma que grande parte das teorias que ainda são utilizadas como referência para a análise das migrações internas no Brasil, e nos países em desenvolvimento, foram elaboradas entre os anos sessenta e setenta ou até mesmo antes. Tais teorias se referem a um contexto histórico específico e se constitui um aporte importante para compreendê-lo. Porém, hoje essas teorias já se distanciam da atual realidade e precisam ser revistas.

Como bem nos aponta Brito (2009), as análises econômicas e sociológicas sobre migrações internas, foram fortemente influenciadas pela teoria do desenvolvimento econômico com oferta de mão-de-obra ilimitada e pela teoria da modernização. De acordo com a concepção da teoria do desenvolvimento econômico, as migrações são um poderoso mecanismo de transferência da população agrícola e de baixa produtividade para os setores urbanos e industriais de economia capitalista, onde o progresso técnico garantiria uma alta produtividade. No que concerne à teoria da modernização, as migrações transferem o grande excedente populacional das áreas tradicionais para as

idades, principalmente para as cidades grandes, em que “predomina um arranjo social e cultural moderno, baseado nos padrões históricos da sociedade ocidental” (BRITO, 2009, p.2).

Brito (2009), faz uma crítica às teorias que apresentam a migração como algo positivo e necessário para o desenvolvimento do capitalismo e da sociedade. Para esse autor, essa dimensão claramente normativa, serviu de paradigma para iluminar boa parte das teorias elaboradas nas décadas de sessenta e setenta acerca da migração. A crítica de Brito (2009) gira em torno da centralidade que é dada à dimensão positiva da migração, que põe de lado os obstáculos enfrentados pelo ser que migra, como por exemplo, a distância, o custo com os transportes, os problemas psicossociais inerentes ao traslado. Emigrar para os centros urbanos é colocada como a opção mais adequada quando o objetivo é alcançar melhores condições de vida, pondo de lado as adversidades que essas regiões impõem aos migrantes e aos seus familiares. Nesse sentido:

O migrante é considerado como um indivíduo dotado de racionalidade econômica na decisão de migrar e, portanto, capaz de desenhar os seus caminhos pelo território de uma maneira adequada às necessidades do mercado de trabalho. Como se cada migrante fosse um “empresário de si mesmo” procurando a localização ótima para o seu “capital humano” (BRITO, 2009, p.6).

Nem sempre a decisão de migrar é uma escolha livre e pessoal, pois muitos migrantes deixam a terra de origem impulsionados pela necessidade de sobreviver, de prover as suas necessidades e de seus familiares. Contudo, a decisão de migrar engloba vários outros aspectos que não são considerados quando se toma por base apenas aspectos econômicos. Os processos subjetivos que envolvem escolhas e decisões, suas contingências, a fragilização dos vínculos familiares, as dificuldades de se inserir no novo lugar etc. são aspectos que devem ser levados em consideração quando falamos de pessoas que migram.

Brito (2009), faz um breve apanhado sobre quatro textos considerados importantes pela influência que exercem para a análise das migrações no Brasil. Tais textos são das autorias de Michael Todaro e Paul Singer, que fazem uma análise econômica acerca da migração, e Gino Germani e Eunice Durham, que se dedicam a fazer uma análise sociológica sobre as migrações.

De acordo com as teorias econômicas das migrações, a escolha por migrar é uma decisão racional, feita pelo migrante. Conforme a teoria de Todaro, a transferência do

excedente populacional, é um fenômeno que está associado à história do progresso material do país. Assim, uma população do setor agrícola tradicional, com produtividade marginal de trabalho igual a zero, migra para a indústria moderna, onde a produtividade é positiva e crescente, em decorrência do progresso técnico. Porém, esse processo ocorre em dois estágios, visto que, devido ao subemprego e desemprego nos países em desenvolvimento, nem sempre o migrante, sem qualificação, oriundo do setor rural, encontrará emprego permanente e com boa remuneração, no setor urbano (BRITO, 2009).

Para Todaro, o migrante, trabalhador rural, que vai para a área urbana, passará inicialmente pelo estágio do desemprego aberto, subemprego, emprego ocasional, e emprego no setor informal. No segundo estágio, esse trabalhador migrante, poderá se engajar em um emprego permanente no setor urbano. “A hipótese de Todaro relaciona a possibilidade de o migrante encontrar emprego urbano com a decisão de migrar” (BRITO, 2009, p.8). Todaro pressupõe que haja uma racionalidade nessa decisão de migrar do rural para o urbano e essa decisão estaria fundamentada numa “renda urbana possível”. Essa renda urbana possível se dá pela não garantia de emprego na área urbana, pois o trabalhador migrante nem sempre sai de sua terra natal com um emprego garantido.

Singer, por sua vez, introduz uma novidade para a análise das migrações. Segundo ele, a migração é algo produtivo para o desenvolvimento do capitalismo nos países em desenvolvimento. O teórico faz uma diferenciação entre a migração oriunda das regiões estagnadas e a migração originada nas regiões afetadas pela introdução das relações capitalistas no campo, pelo advento do progresso técnico, o que gera um contingente de desempregados tecnológicos. A introdução das tecnologias no campo provoca um excedente de mão-de-obra, que irá migrar para as cidades em busca de trabalho, aumentando a produtividade e a qualidade de vida de quem fica (BRITO, 2009).

Brito (2009) ressalta que para Singer, essa migração das regiões estagnadas, produz um efeito depressivo sobre a economia urbana, pois geralmente esses migrantes são absorvidos pelo setor de serviço, principalmente os domésticos que são inexpressivos para a economia capitalista, isso do ponto de vista da geração de valor. Mesmo diante desse efeito depressivo, essas migrações são funcionais, pois contribuem para a formação do exército industrial de reserva.

Esse fenômeno é intrínseco à economia capitalista onde o produto cresce mais do que a demanda de força de trabalho e é, segundo Singer, o obstáculo estrutural mais importante que se interpõe entre o imigrante e as novas oportunidades econômicas. Esse obstáculo pode tornar-se mais grave devido às características individuais do migrante, como o seu nível de educação e renda, assim como o seu desajuste em relação à nova realidade urbana. Porém, o tempo de aprendizado e aculturação do migrante vai ser fundamental, seja para ele se incorporar aos setores modernos da economia, seja para se manter no exército industrial de reserva (BRITO, 2009, p. 7- 8).

Como bem nos aponta Brito (2009), existem diferenças entre as teorias de Todaro e Singer, porém ambos estão de acordo no que concerne à relevância da migração para o desenvolvimento do capitalismo. Esses teóricos compreendem as migrações como algo necessário e positivo para o desenvolvimento de capitalismo e para a mobilidade social do indivíduo.

As teorias econômicas da migração, ao apontar a migração como algo necessário e positivo, põem de lado todos os obstáculos e os danos que a migração pode causar na vida do trabalhador migrante, uma vez que esses trabalhadores que saem do setor agrícola para o industrial, na maioria das vezes, encontram dificuldades para sobreviver no novo lugar. Primeiro, esse trabalhador passa pela tensão do rompimento dos vínculos com o lugar de origem. Segundo, os centros indústrias não dariam conta de absorver toda a força de trabalho. Terceiro, as dificuldades para se inserir no lugar de destino são reais, seja pelas diferenças culturais, pela mudança de ritmo de trabalho, pelo medo e insegurança que o novo provoca. Assim, conceber a migração como um processo positivo, desvia o olhar de questões mais profundas que estão para além dos possíveis benefícios que esse processo trará para o desenvolvimento econômico. Trata-se de pessoas que deixam seus lares, suas referências de infância e juventude, amigos, famílias, e toda uma rede de afetos que os envolve e partem movidos pela promessa de que o lugar de destino é o lugar que o possibilitará talvez mais oportunidades de trabalho e melhores condições de vida.

No que concerne às teorias sociológicas da migração, Brito (2009) traz as obras Germani e Eunice Durhan. A tese fundamental de Germani, é que a migração é um mecanismo fundamental no processo de transição de uma sociedade tradicional para uma sociedade moderna. A migração, segundo o pensamento desse teórico, está para além dos mecanismos do mercado de trabalho, no plano econômico. Ela se insere em uma grande mudança social, cultural e psicossocial, tanto no âmbito individual quanto

coletivo, dentro do desenvolvimento da sociedade moderna, sendo assim, funcional para a modernização das sociedades dos países em desenvolvimento (BRITO, 2009).

Tal análise, estrutural-funcionalista, revela a importância do processo de integração social do ser migrante na sociedade moderna. Porém, como essa análise trabalha com dois tipos ideais, tradicional e moderna, tende a uma visão dualista. Tal visão está fora da realidade histórica dos países em desenvolvimento. Essa sociedade moderna não é igual ao padrão clássico ocidental, Como resultado dessa migração da sociedade moderna dos países em desenvolvimento, temos a combinação de diferentes culturas e uma vasta diversidade social. Para Brito (2009):

No contexto de profundas desigualdades sociais e espaciais, os imigrantes, ainda que mobilizados socialmente pela sociedade moderna, não obedeceram, necessariamente, ao itinerário otimista de Germani quanto à sua integração, sendo empurrados, muitas vezes, em direção à exclusão social. (BRITO, 2009, p. 10).

A exclusão desses trabalhadores migrantes, não se reduz apenas ao campo social e econômico, mas também cultural. Essa exclusão reforça no migrante um sentimento de desamparo e de inferioridade com relação às pessoas que já moram há mais tempo naquela cidade. Esse sentimento de inferioridade que o migrante tem sobre si, é discutido por Elias (2000), nos estabelecidos-outisideres. Conforme nos aponta o autor, a pequena comunidade de Winston Parva era como uma miniatura de um tema humano universal. Durante o estudo realizado, Elias observou que os membros dos grupos mais poderosos que outros grupos interdependentes se auto-representam como humanamente superiores, estigmatizando os recém chegados, considerando-os como menos humanos.

Por fim, Brito (2009) traz a teoria de Durham, centralizada no caso brasileiro das migrações. A teoria de Eunice Durham fala sobre os mecanismos sociais envolvidos no processo de migração, inclusive o processo de integração social. Segundo a teórica, "para que haja a migração, é fundamental que a sociedade agrária-tradicional tenha alguma forma de inclusão na "economia competitiva"" (p. 10). Dessa forma, a necessidade de melhorar de vida, levaria ao abandono da sociedade tradicional, onde não existe alternativa para a ascensão social. No Brasil, a migração é uma tradição que faz parte do "equipamento cultural tradicional", o indivíduo que quer melhorar de vida migra para as cidades em busca de trabalho, mas também em busca de acesso a saúde, ou para dar uma boa escola para os filhos. O migrante precisará acessar sua rede de relacionamentos para se inserir no novo local, onde geralmente, no local de destino, já

moram pessoas com as quais esse migrante possui uma ligação e que irá acolhê-lo na cidade.

A movimentação no espaço geográfico equivale a uma movimentação no espaço social, organizada a partir do grupo de relações primárias: família, parentes, vizinhança e amigos. É o grupo de relações primárias que acumula as informações necessárias para reduzir os riscos inerentes à migração, ajudando a adaptação na sociedade urbana e, ao mesmo tempo, faz com que o migrante não dissolva os seus laços com a região de origem. (BRITO, 2009, p. 11).

É importante ressaltar que o lugar de destino, na maioria das vezes, não é um lugar escolhido livremente pelo ser que migra. Entendendo que o migrante geralmente parte motivado pelas circunstâncias desfavoráveis presentes em seu lugar de origem, dentre as quais podemos citar a falta de emprego, falta de oportunidade de melhoria de vida, fome, miséria, e tantas outras situações que tornam impossíveis a sua permanência na terra de origem.

O migrante carrega sentimentos de incertezas e instabilidade e, para livrar-se de tais sentimentos, precisa fixar-se no local de destino, no entanto, esse processo de fixação é tensionado pela não identificação sociocultural e espacial. A identificação com o lugar de destino é crucial para a inserção do migrante nesse novo lugar que lhe é apresentado. Marandola e Dal Gallo (2010), afirmam que, “o estabelecimento de laços e a sensação de pertencimento ocorrem em um lugar cujas características sociais, culturais e a organização espacial não sejam de todo desconhecidas” (MARANDOLA JR., E. E DAL GALLO, P.M., 2010, p.411).

Existem também estudos que se debruçam sobre as migrações internacionais de brasileiros que vão tentar a vida fora do seu país de origem. Tomemos por exemplo o estudo de Amorim (2012), que problematiza em que medida a inserção de valadarenses no processo migratório internacional para os Estados Unidos, pode afetar as relações entre os casais, na manutenção e/ou transformação do habitus. Amorim (2012), argumenta que a migração pode alterar as categorias de ação e de percepção internalizadas pelos migrantes e transformar as relações dentro do campo. No caso do estudo empreendido, o campo seria o da família – que teria modificada a relação de mulheres e de homens.

A visão socialmente naturalizada de família não corresponde à diversidade concreta relativa às famílias de casais que se inserem nas redes migratórias, pois o cotidiano vivenciado por muitas famílias de migrantes não obedece, necessariamente, ao padrão normativo da família nuclear contemporânea (...).

Os que migram sozinhos(as) vivem sem coabitar com seus/suas companheiros(as) e filhos(as), impondo um novo tipo de relação familiar e de gênero, o que os leva a criar novas maneiras de se relacionar e manter os laços familiares (...) (AMORIM, 2012, p. 51).

É interessante pensar que nesse campo muitas vezes é o homem que migra, deixando na terra de origem a mulher e os filhos. Porém, mesmo distante, existem papéis que permanecem bem definidos. O homem migra porque segundo o que é socialmente estabelecido e reproduzido, ele é o provedor da família, ele é o responsável por prover todas as necessidades familiares, enquanto a mulher permanece no lar, na terra de origem, cuidando da casa e dos filhos. Mesmo quando esta também trabalha fora de casa, ainda assim cabe a ela a responsabilidade de cuidar da prole e do lar. É importante ressaltar que:

A opção pela migração de poucos membros do grupo familiar dá-se pelas dificuldades e custos de transporte, moradia e manutenção nas regiões de destino, que implicam em altíssimos gastos para os trabalhadores. O mais comum é que o marido migre primeiro, deixando a família com os demais parentes. (GUANAIS, 2012, p. 213).

Com as novas tecnologias as distâncias são encurtadas, o telefone por exemplo se torna um importante instrumento para a manutenção do contato com aqueles que estão distante fisicamente, existindo toda uma dinâmica para que as relações sejam mantidas. A espera pelo fim do dia, pelo momento do contato com aquele ou aquela que está distante é marcado pela ansiedade, pelo desejo de estar próximo, de saber como está, como foi o dia. Amorim (2012), destaca que ao mesmo tempo em que os meios de comunicação constituem uma ferramenta importante para reforçar o convívio, este também age como um instrumento de controle entre os casais, pais mães e filhos.

O fato é, está distante daqueles com que se pretende manter uma relação mais próxima não é tarefa fácil e não deve ser encarada como uma escolha livre e desprovida de uma reflexão sobre os impactos que essa ação pode causar. De acordo com Sayad (1979),

Só se aceita abandonar o universo familiar (universo social, econômico, político, cultural ou moral, quando não mental etc.), ao qual se pertence "naturalmente" ou o qual se é "natural", para usar uma linguagem próxima da linguagem jurídico-política da naturalização (ou, melhor dizendo, da "naturalidade"); só se aceita emigrar e, como uma coisa leva à outra, só se aceita viver em terra estrangeira num país estrangeiro (i. e., imigrar), com a condição de se convencer de que isso não passa de uma provação, passageira por definição, uma provação que comporta em si mesma sua própria resolução. (SAYAD, 1979, p. 57).

A condição de migrante o coloca também numa difícil encruzilhada a respeito da decisão de ir, mesmo sabendo que tal decisão poderá alterar toda a estrutura de sua relação com o lugar de origem.

Amorim (2012) mostra que a migração para os Estados Unidos está ligada, entre outras coisas ao imaginário simbólico dos Moradores de Governador Valadares, onde existe uma “cultura da emigração” (p. 46). As pessoas que migram, relatam suas vivências no país de destino, criando assim expectativas positivas que alimentam o desejo das pessoas que ficaram no país de origem a morar no exterior.

Trazendo as reflexões da autora para o contexto da presente pesquisa, veremos que a migração de trabalhadores da construção civil do interior para a capital baiana também está ligada a uma “cultura da migração”, que permeia a vida das pessoas que moram no interior e que vivenciam a partida de parentes, amigos e vizinhos que saem com destino à capital para trabalhar. Esses migrantes por sua vez influenciam outras pessoas a realizarem o mesmo processo, já que muitas vezes na cidade de origem as possibilidades de trabalho são reduzidas, conforme veremos no capítulo seguinte.

Ver aqueles que lhes precederam nesse processo inseridos no mercado de trabalho “alentam a migração como uma alternativa plausível” e gera um sentimento de que também eles podem conseguir realizar tal façanha. Assim, seguem o mesmo caminho, rumo à capital e a tão desejada inserção no mercado de trabalho. Conforme nos aponta Guanais (2012), “em geral, as pessoas migram para as localidades onde têm conterrâneos, amigos ou parentes, ou para locais que lhes foram indicados por outros” (p. 214). Desta forma, conforme veremos mais detalhadamente no capítulo 3, vão se consolidando as redes de informações e de solidariedade, mas também por que não dizer redes de afetos, já que estamos falando de pessoas que estão sendo auxiliadas por outras pessoas que lhes são próximas, seja por laços de parentescos, sejam por laços de amizades?

O que está posto é que a formação e consolidação das redes são pontos nodais quando estamos falando de trabalhadores migrantes, especialmente de trabalhadores braçais que não dispõem de certo capital econômico para se inserir facilmente no lugar de destino. É necessário, então, acionar as redes de contatos para que a estadia no novo lugar seja o menos tensa possível, principalmente no tocante à inserção no mercado de trabalho e a busca por moradia. No que se refere aos sujeitos dessa pesquisa, conforme situação evidenciada no trabalho de campo aqui empreendido, quando os mesmos saem

do interior para a capital, já vão com a garantia de um trabalho, geralmente mediada por um parente ou amigo.

Se o fenômeno da migração intra-estadual, no caso da Bahia, envolvendo trabalhadores braçais no setor da construção civil guarda especificidades, parece-nos que um caminho metodológico eficaz a nos revelar aspectos qualitativos desse fenômeno seja a produção de dados e análise a partir de histórias de vida. Discorramos um pouco mais sobre tal recurso metodológico e pressupostos nele envolvidos, naquilo que aqui nos interessa, para, então, partirmos para o capítulo seguinte e, finalmente, adentrarmos no universo etnográfico que marca esta pesquisa.

2.3 Histórias de vida como narrativas e os desenhos da memória

Chegamos aqui a uma das categorias centrais da nossa pesquisa, a memória, que como bem nos aponta Ecléa Bosi (1994), é um cabedal infinito do qual registamos apenas um fragmento. A memória ganha relevo nesta pesquisa, uma vez que é por meio de seu acionamento que teremos acesso às histórias vividas e experienciadas pelos trabalhadores da construção civil que migram do interior para a capital baiana para trabalhar⁴¹. Nesta pesquisa serão acionadas memórias que vão desde a mais tenra infância até as experiências vividas no tempo presente. Imbuída pelo desejo de saber como tais trabalhadores contam suas histórias de vida, suas experiências, as lembranças da infância no lugar de origem, sua relação com a escola, os laços familiares e comunitários, seus afetos e vínculos estabelecidos, como narram sua entrada no mundo do trabalho, e a ida para a capital, é que faço o exercício de escutá-los. Assim, meu papel aqui enquanto pesquisadora é de leva-los a buscar em suas memórias, fatos que revelem aspectos de suas subjetividades, que revelam quem são esses trabalhadores e como narram as tramas de suas vidas em sociedade.

Para esses homens, o lugar de origem é o lugar por excelência do convívio e das lembranças marcantes. Mesmo passando pela experiência da migração, o lugar de origem é evocado constantemente como o lugar de onde se guardam as memórias mais importantes de suas trajetórias, no convívio com a família, os amigos e vizinhos. Concordando com Pollak (1992),

A memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator

⁴¹ De acordo com o pensamento de Le Goff, “a memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas” (LE GOFF, 1990, p. 423). Ainda para este autor os fenômenos da memória, quer em seus aspectos biológicos, quer em seus aspectos psicológicos, resultam dos sistemas dinâmicos de organização e apenas existem na medida que “a organização os mantém ou constitui” (p.424). Deste modo, Le Goff, ressalta que alguns cientistas começaram a aproximar a memória de fenômenos ligados à esfera das ciências humanas, a exemplo de Pierre Janet que “considera que o ato mnemônico fundamental é o “comportamento narrativo” que se caracteriza antes de mais nada pela sua função social, pois é comunicação a outrem de uma informação, na ausência do acontecimento ou do objeto que constitui o seu motivo” (p. 124-125) e Henri Atlan, que ao estudar os sistemas auto-organizadores, aproxima “linguagens e memórias”, para este, a linguagem falada e depois escrita, é uma extensão das possibilidades de armazenamento da memória pois esse ato possibilita romper os limites físicos do corpo “para estar interpostas quer nos outros quer nas bibliotecas” (LE GOFF, 1990, p. 424-425).

extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si.(POLLAK, 1992, P. 5).

De acordo com Maurice Halbwachs (1990), a memória individual apoia-se na memória coletiva, pois sendo o homem um ser social, suas lembranças estão relacionadas ao meio social do qual ele faz parte. É importante destacar que quando damos relevo às histórias de vida dos sujeitos desta pesquisa, devemos estar cientes de que suas memórias estão diretamente ligadas às relações que estes estabelecem com suas redes sociais. A família, comunidade, e outras instituições às quais esses sujeitos estão associados também farão parte do corpo dessa memória. Assim, quando um dos entrevistados lembra, por exemplo, do nascimento de sua primeira filha, no momento em que ele estava ausente pelo fato de estar trabalhando em outra cidade, como foi para ele vivenciar este momento estando distante de sua família, em uma época que o acesso a telefones celulares era restrito a uma pequena parcela da sociedade, indica que esta memória está intimamente ligada à instituição familiar, e ao ofício que ele exerce. O entrevistado trouxe riqueza de detalhes dessa sua experiência, a ansiedade, o desejo de que o tempo passasse mais rápido, a vontade de deixar tudo e ir para casa o quanto antes, para conhecer sua primogênita. No entanto Halbwachs nos adverte que,

se a memória individual pode, para confirmar algumas de suas lembranças, para precisá-las, e mesmo para cobrir algumas de suas lacunas, apoiar-se sobre a memória coletiva, deslocar-se nela, confundir-se momentaneamente com ela, nem por isto deixa de seguir seu próprio caminho, e todo esse aporte exterior é assimilado e incorporado progressivamente à sua substância. A memória coletiva por outro lado, envolve as memórias individuais, mas não se confunde com elas. (HALBWACHS, 1990, p. 53).

Mesmo rememorando os acontecimentos com riqueza de detalhes, essa memória não o faz reviver aquele momento, mas sim reconstruí-lo. Ou, como quer Halbwachs (1990), reconstruir e repensar com imagens e ideias atuais a experiência vivida no passado. Os sentimentos que desabrocham a partir de uma lembrança é sinal de que esta já foi reconstruída em um outro tempo e contexto, pois as pessoas mudam e com isso, mudam-se também a percepções e os juízos de valor. Halbwachs adverte ainda que não existem imagens completamente prontas, em alguma galeria subterrânea nas quais poderíamos facilmente acessar o passado. Ao contrário, é na sociedade que estão todas as indicações das quais necessitamos para reconstruir partes do nosso passado, “as quais nos representamos de modo incompleto ou indistinto, ou que, até mesmo, cremos que provém completamente de nossa memória” (HALBWACHS, 1990, p. 77).

Halbwachs (1990), nos fala da importância da comunidade afetiva na memória das pessoas, e se serve do seguinte exemplo: quando viajamos para determinado lugar, com um grupo de pessoas com as quais não mantemos uma relação próxima, mas somos apenas companheiros de viagem, ao mesmo tempo em que estamos no lugar para o qual nos deslocamos, nossos pensamentos estão voltados para as pessoas com as quais gostaríamos de estar naquele momento. Após um tempo, ao encontrarmos um dos companheiros da viagem e este passa a nos contar as particularidades da viagem da qual ele se recorda e da qual nós também deveríamos lembrar se tivéssemos permanecido em relação com aqueles que a fizeram conosco e que dela falaram várias vezes, lembramos apenas daquilo que experimentávamos e que os outros companheiros de viagem não tinham conhecimento. É “como se essa espécie de lembranças houvesse marcado mais profundamente a sua impressão em nossa memória porque não tinha relação senão conosco” (HALBWACHS, 1990, p. 34).

O autor afirma que se uma lembrança foi suprimida é porque não fazíamos mais parte do grupo em cuja memória ela se conserva. Ainda de acordo com ele, para que nossa memória se auxilie com a memória de outras pessoas não basta que elas nos tragam os seus depoimentos, antes, porém, é necessário que a nossa memória não tenha parado de concordar com a memória daqueles que nos traz tais depoimentos e que "haja bastante pontos de contato entre uma e as outras para que a lembrança que nos recordam possa ser reconstruída sobre um fundamento comum" (HALBACHES, 1990, p. 34). É essa também a experiência do trabalhador braçal migrante do setor da construção civil, que, como diz Sayad (2000), é “ausente onde está presente e presente onde está ausente” (p.20), como veremos mais adiante. Longe da sua comunidade afetiva as experiências vividas no lugar de destino não despertam neles grandes recordações. Fato é que as narrativas deles com relação ao lugar de destino estão relacionadas ao lugar de origem.

Bergson (1999), por sua vez, formula sobre a existência de duas memórias profundamente distintas, uma fixada no organismo, ou seja, trata-se do conjunto de mecanismos “que asseguram uma réplica conveniente às diversas interpelações possíveis” (p. 176). De acordo com o filósofo, essa memória faz com que nos adaptemos à situação presente, e que "as ações sofridas por nós se prolonguem por si mesmas em reações ora efetuadas, ora simplesmente nascentes, mas sempre mais ou menos apropriadas" (p. 176). Para Bergson tal operação trata-se, antes, de um hábito do que uma memória propriamente dita, pois “desempenha nossa experiência passada, mas

não evoca sua imagem” (p. 176-177). A outra memória, considerada por Bergson como a memória verdadeira, é coextensiva à consciência, retém e alinha uns após outros, todos os nossos estados à medida que eles se produzem, dando a cada fato seu lugar, marcando data e movendo-se efetivamente no passado definitivo. Arrematando sua argumentação, Bergson assevera que essas duas memórias atuam mutuamente.

A memória do corpo, constituída pelo conjunto dos sistemas sensório-motores que o hábito organizou, é portanto uma memória quase instantânea à qual a verdadeira memória do passado serve de base. Como elas não constituem duas coisas separadas, como a primeira não é, dizíamos, senão a ponta móvel inserida pela segunda no plano movente da experiência, é natural que essas duas funções prestem-se um mútuo apoio (BERGSON, 1999, p. 179).

Bergson afirma que para que uma lembrança reapareça à consciência é necessário que ela desça das "alturas da memória pura" até o ponto onde se realiza a ação, "é do presente que parte o apelo ao qual a lembrança responde, e é dos elementos sensório-motores da ação presente que a lembrança retira o calor que lhe confere vida". (BERGSON, 1999, p. 179).

Acredito ser importante também trazer algumas considerações sobre a memória a partir da ilustre obra de Ecléa Bosi, “Memória e Sociedade, lembranças de velhos”. Nesse livro, a autora faz um apanhado das narrativas colhidas da memória dos velhos. A autora dialoga com autores como Bergson e Halbwachs apresentando suas reflexões acerca da memória. Bosi adverte que “a imagem-lembrança tem data certa: refere-se a uma situação definida, individualizada” (BOSI, 1994, p. 49). É oportuno lembrar que na obra Memória e Sociedade: lembranças de velhos, Bosi busca reter de Bergson “o seu princípio central da memória como conservação do passado; este sobrevive, quer chamado pelo presente sob as formas de lembranças, quer em si mesmo, em estado inconsciente” (BOSI, 1994, p. 53). Essas lembranças-imagens podem ser encontradas nas narrativas dos sujeitos desta pesquisa. Ao contar suas histórias de vida, são acionadas lembranças e imagens de uma vida que deixaram marcas em sua existência.

Assim, as narrativas ganham pleno sentido em um estudo que se quer desenrolar a partir das tramas narradas pelos próprios atores sociais, com suas alegrias, tristezas, conquistas, lutas e labutas, principalmente com os significados atribuídos por eles próprios.

Não há evocação sem uma inteligência do presente, um homem não sabe o que ele é se não for capaz de sair das determinações atuais. Aturada reflexão

pode proceder e acompanhar a evocação. Uma lembrança é diamante bruto que precisa ser lapidado pelo espírito. Sem o trabalho da reflexão e da localização, seria uma imagem fugidia. O sentimento também precisa acompanhá-la para que ela não seja uma repetição do estado antigo, mas uma reaparição” (BOSI, 1994, p.81).

Bosi compara a impossibilidade de reviver o passado tal como ele se deu, como a experiência da leitura de um livro. Se ao lermos um livro pela segunda vez não somos capazes de o fazer como da primeira vez, reviver os mesmos sentimentos e emoções, ficarmos fixados nas mesmas partes que outrora nos chamaram a atenção ou então não conseguimos observar os personagens da mesma forma, do mesmo modo não conseguimos reviver o passado tal como ele foi, a partir de nossa memória. Desta forma, Bosi apresenta a experiência da releitura como um exemplo concreto da dificuldade ou impossibilidade de reviver o passado. Quando relembramos um fato, estamos fazendo um esforço de reconstrução do mesmo.

Bosi, em consonância com Halbwachs, assevera que em última instância, o que rege a memória do sujeito que lembra, é a função social, exercida por ele no momento atual. Para essa autora, o meio de saber qual a forma predominante da memória de um indivíduo é conduzi-lo a fazer sua autobiografia. “A narração da própria vida é o testemunho mais eloquente dos modos que a pessoa tem de lembrar. É a sua memória” (BOSI, 1994, p.68).

Assim, partimos nesta empreitada, com o intuito de colher histórias de vida, buscar na memória de trabalhadores braçais migrantes do setor na construção civil, aspectos e fatos que consideram importantes em suas trajetórias. O trabalho do pesquisador é também o de abrir caminhos para que essas memórias possam atravessar gerações, romper os limites do corpo, ganhar sua forma escrita, como uma maneira de eternizar as histórias desses construtores que, não apenas constroem estruturas erguidas com pedra e cimento, mas também construtores de sonhos, de vidas, de redes de afetos e de convivência. São histórias que pulsam, que precisam romper com o silêncio, muitas vezes impostos outras vezes preferidos, na tentativa de mostrar-se firme no desejo de superação, como está tão nítido na fala de um dos entrevistados: “*mas eu tinha que engolir o choro e voltar a trabalhar, tinha que ajudar a minha família.*” (Seu André, 58 anos).

O que se quer com o método da história de vida, é mostrar como esses indivíduos dão formas a suas experiências, como significam as situações e os

acontecimentos presentes no decorrer de sua existência. E, ao mesmo tempo, mostrar como eles contribuem para dar existência, para reproduzir e produzir a realidade social, por meio das linguagens culturais e sociais que atualizam nas operações de biografização. Delory-Momberger (2012) utiliza aqui o "linguagens" em um sentido amplo, que envolve "*códigos, repertório, figuras de discurso; esquemas, scripts de ação, etc.*" (DELORY-MOMBERGER, 2012, p. 254).

Esse é um espaço privilegiado para perceber a relação que o indivíduo mantém com o mundo social e como ele constrói sua experiência no mundo. Ao estudarmos as histórias de vida desses trabalhadores, em nenhum momento o fazemos deslocando-os do contexto histórico e social ao qual eles estão inseridos. O que interessa é compreender a singularidade desses indivíduos, no sentido como nos mostra Delory-Momberger (2012), "... uma singularidade atravessada, *informada* pelo social, no sentido em que o social lhe dá seu quadro e seus materiais" (p. 254). Assim, ao narrar suas experiências, suas falas estão atravessadas pela história, pelo social, pelo político, por crenças coletivas, pelos discursos alheios, em suma, por uma série de fatores que fazem parte da constituição da singularidade desses sujeitos.

Como nos revela Ecléa Bosí, "por muito que se deva à memória coletiva⁴², é o indivíduo que recorda. Ele é o memorizador e das camadas do passado a que tem acesso pode reter objetos que são, para ele, e só para ele, significativos dentro de um tesouro comum" (BOSI, 1994, p. 411). Entendemos que a memória do indivíduo não se constitui de forma isolada, ela está atravessada por personagens que compõem a trama de sua história. Porém, o que vai ficar guardado e o que vai ser rememorado ocupa um lugar muito particular. O *eu* ganha centralidade no momento da escolha daquilo que se quer revelar, daquilo que se considera importante nas trajetórias individuais.

De acordo com Suely Kofes "as histórias de vida continuam sendo instrumentos fundamentais para a compreensão e análise de relações sociais, de processos culturais e

⁴² "Uma memória coletiva se desenvolve a partir de laços de convivência familiares, escolares,, profissionais. Ela contém a memória de seus membros, que acrescenta, unifica, diferencia, corrige e passa a limpo" (BOSI, 1994, p. 408-411). A presente assertiva, me faz lembrar de momentos vividos durante o trabalho de campo. Boa parte das entrevistas foram realizadas na companhia de meu pai, que atuou como um facilitador para minha entrada em campo, e durante várias falas, referindo-se ao mundo do trabalho e mais precisamente ao trabalho no setor da construção civil, ao narrar uma história, os interlocutores se voltavam para o meu pai e dizia: *não é assim seu Antônio?* Buscando no outro a confirmação daquilo que estava rememorando. Outro caso ilustrativo foi quando tive a oportunidade de entrevistar dois irmãos, e mesmo fazendo a entrevista separadamente, um sempre se reportava ao outro ao se recordar de um fato importante de sua infância, como por exemplo a dificuldade de continuar estudando, as dificuldades vividas na infância.

do jogo sempre combinado entre atores individuais e experiências sociais, entre objetividade e subjetividade” (KOFES, 1994, p.140). Ao mesmo tempo, entendemos que “não é possível compreender uma vida como uma série única e por si suficiente de acontecimentos sucessivos” (BOURDIEU, 1998, p. 189). Partimos do suposto de que trajetórias dos trabalhadores braçais da construção civil que migram do interior para a capital baiana para trabalhar, não podem ser compreendidas, nem muito menos apreendidas, a partir de um exercício narrativo entendido como linear e coerente, sem interferências diversas. Tais sujeitos não estão isolados no espaço, e fazem parte de redes sociais, agindo, transformando e sendo transformados nelas. Falar da “história” dessas pessoas deslocando-a do contexto no qual estão inseridas é “tão absurdo quanto tentar explicar a razão de um trajeto de metrô sem levar em conta a rede, isto é, a matriz das relações objetivas entre as diferentes estações” (BOURDIEU, 1998, p. 189-190).

Recusamos nesta pesquisa, portanto, uma visão simplista de “história de vida”, entendida como um fato que “... constitui um todo, um conjunto coerente e orientado [... onde] O sujeito e o objeto da biografia (o investigador e o investigado) têm de certa forma o mesmo interesse em aceitar o *postulado do sentido da existência* narrada ...”, (BOURDIEU, 1998:184), a partir de categorias ficcionais tais como “desde então”, “desde pequeno”, “sempre”, altamente questionáveis para um estudo de cunho sócio antropológico.

O que se pretende com o recurso de histórias de vida dos trabalhadores do setor da construção civil, migrantes na capital Salvador-Ba, é, a partir de suas experiências vividas e representadas, desenvolvermos uma análise crítica de processos sociais aos quais estão submetidos. Pois, como bem advertem Manuela Manhães e Júlio Esteves (2018), "...ao falar de si, de suas memórias, recorte e lembranças, ou ainda, recontar histórias que trazem representações da própria comunidade, significa que o indivíduo cai na esfera coletiva" (MANHÃES, 2018, p.640) .

Interessa-nos, pois, a multiplicidade da pessoa no contexto vivido e que pode ser revelada a partir de sua trajetória. Por isso, entendemos que a trajetória⁴³ só pode fazer

⁴³ Mesmo assumindo o método que chamamos de histórias de vidas, o leitor perceberá que muitas vezes a palavra trajetória irá aparecer nesse estudo, pois não deixa de se tratar de trajetórias, não deixam de ser trajetos. Interessa saber o que é que tem nesses trajetos, nesses itinerários de trabalhadores migrantes da construção civil. Entendendo que a vida dessas pessoas “é concebida como resultado das relações que se estabelecem a partir de condições simbólicas de existência, por meio das quais estruturam seus modos de agir e estar no mundo” (MARINHO, 2017, p.27).

sentido na conexão com a realidade concreta (objetivação externa). Desta forma Cruz Neto (2001) corrobora com esse pensamento ao dizer que a história de vida:

(...) como estratégia de compreensão da realidade, sua principal função é retratar as experiências vivenciadas, bem como as definições fornecidas por pessoas, grupos ou organizações. (...) a história de vida tem tudo para ser um ponto inicial privilegiado porque permite ao informante retomar sua vivência de forma retrospectiva, com uma exaustiva interpretação. Nela geralmente acontece a liberação de um pensamento crítico reprimido e que muitas vezes nos chega em tom de confiança. É um olhar cuidadoso sobre a própria vivência ou sobre determinado fato. Esse relato fornece um material extremamente rico para análises do vivido. Nele podemos encontrar o reflexo da dimensão coletiva a partir da visão individual. (CRUZ NETO, 2001, p. 58-59).

Assim, ao invés de simplesmente inserir sujeitos objetificados num contexto congelado e alegórico, o caminho deve ser perseguir a trilha da existência (experiências) dos sujeitos desta pesquisa no tecido social ao qual estão inseridos. Trata-se, portanto, de considerar trajetórias individuais e o meio social em que a trama se desenrola.

Concordando com Guérrios (2011), entendemos e apostamos na importância de considerar na pesquisa a complexidade das escolhas dos sujeitos sociais, posto que são capazes de propiciar análises esclarecedoras. Ou, como quer Boissevain (2010),

Nem os indivíduos nem as configurações particulares que eles formam podem ser considerados separadamente. A inter-relação entre os dois é dinâmica e forma um processo [... Assim] Padrão, processo [...] devem ser vistos como o resultado cumulativo de decisões tomadas por pessoas que interagem umas com as outras e que se defrontam com parâmetros semelhantes (BOISSEVAIN, 2010:215).

O pesquisador quando vai a campo, tem um objetivo definido, sabe bem o que o levou a pesquisar tal objeto, e isso não é algo secundário. Porém, é imprescindível estar atento às necessidades do campo, ao que ele nos revela, às estratégias⁴⁴ dos interlocutores, para, dessa maneira, conduzir uma entrevista exitosa, com comprometimento ético teórico e metodológico. Sendo assim, é importante “darmos condições aos informantes de nos levar a ver outras dimensões e a pensar de maneira mais criativa a problemática que através deles, nos propomos a analisar” (DEBERT, 1986, p.142).

⁴⁴ O entrevistador deve, pois, ser sensível ao fato de que a história que ele obterá, é até certo ponto, uma comunicação estratégica, isto é, uma narrativa com o propósito de agradar o entrevistador, quanto de afirmar determinado ponto, dentro do contexto político complexo que pode estar sendo discutido, (BAUER E GASKEL, 2008, P.101).

CAPÍTULO 3 – Entre Idas e Vindas: um olhar sobre a experiência dos processos migratórios na vida dor ser que migra



Figura 5: <https://nyc3.digitaloceanspaces.com/institutoliberal/2015/11/18/migracao.jpg>

As leituras até aqui realizadas sobre o tema migração reforçam a necessidade de falar sobre o assunto, a partir das experiências daqueles que migram. Escutar as narrativas e inferir sobre as trajetórias de trabalhadores migrantes da construção civil, romper com o silêncio daqueles que tiveram e têm suas vozes silenciadas, pelo medo ou receio de contar suas experiências, trazer à baila assuntos que despertam os mais diversos sentimento e emoções, é como pisar em um terreno minado. É por isso que esse terreno deve ser percorrido com cuidado, é preciso primeiro estabelecer uma relação de confiança, um compromisso com o outro. Cabe-nos aqui fazer referência a Roberto Cardoso de Oliveira, em seu célebre “O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir e escrever”, que revela que o trabalho do antropólogo está para além da coleta de informação, do contato com o exótico.

Nesse sentido, busca-se percorrer a trilha de existência desses trabalhadores migrantes. Como bem nos revela Souza (2013), a busca não é “evidenciar fatos, mas sim, possibilitar ecoar a multiplicidade de vozes, lugares, entendimentos e significados produzidos por diferentes pessoas” (p.2). A experiência migratória se dá em termos existenciais. O migrante sai de seu lugar de origem, do lugar onde estão construídas as

bases elementares de sua vida e parte para um lugar que até, então, não lhe desperta plenamente o sentimento de pertencimento.

Compreender os processos migratórios na vida do ser que migra e a forma como eles agenciam esses processos em suas vidas não é tarefa fácil. Primeiro, porque lidamos com uma multiplicidade de fatores que permeiam a subjetividade humana. Pode-se incorrer no erro de generalizar as experiências vivenciadas pelos migrantes. A forma como estes vivem os processos migratórios depende de como é realizado o processo de territorialização, entendendo que, o território é o lugar da vida social. É onde estão contidas as experiências e as vivências das pessoas, pessoas estas que estão ligadas umas às outras por uma teia de interdependência.

Neste capítulo, apresento de maneira mais detida a análise dos dados que foram produzidos a partir das narrativas das histórias de vida dos trabalhadores migrantes braçais do setor da construção civil. Reafirma-se aqui que se trata de um tipo de migração específica que só poderá ser entendido como tal se levarmos em consideração o tipo de trabalho no setor da construção civil, caracterizado pela especificidade de cada obra, pela alta rotatividade dos profissionais e pelo processo produtivo segmentado e que ocorre em etapas sucessivas – o que provoca um grande fluxo de trabalhadores, muitos dos quais indo oferecer sua força de trabalho nas grandes cidades.

Entendendo a centralidade que o lugar de origem ocupa na vida desses trabalhadores, considero importante apresentar, ainda que de maneira breve, esses lugares que são significados como o lugar do pertencimento dos sujeitos da pesquisa. Em sendo assim, convido-lhes para fazer um passeio sobre o território do Recôncavo da Bahia, e duas de suas cidades, e também pela cidade de Serrinha, na região sisaleira. Conheceremos alguns aspectos históricos, culturais e econômicos presentes nesses lugares.

3.1 Percorrendo territórios, conhecendo lugares de experiência

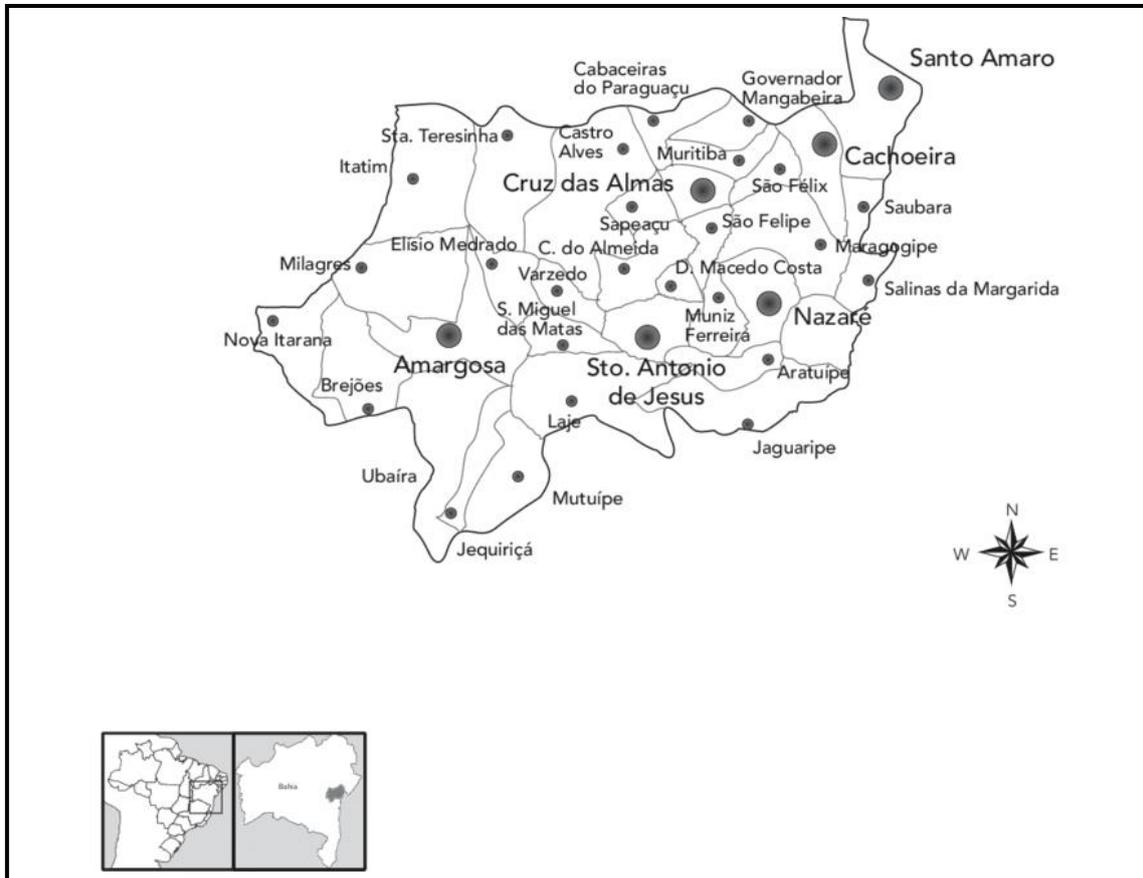


Figura 6: https://www.researchgate.net/figure/Figura-1-Mapa-do-Reconcavo-Baiano-Bahia-Brasil_fig1_6701453

Em se tratando de um estudo sobre experiências migratórias de trabalhadores baianos da construção civil que saem do interior da Bahia para trabalhar na capital, Salvador, mas que mantém uma relação afetiva com seu lugar de origem, pois é onde se encontram seus referências de vida, suas memórias e seus referenciais identitários, não poderia deixar de apresentar o lugar de onde falo e de onde vem nossos entrevistados. Tanto eu, pesquisadora, quanto seis dos oito entrevistados estamos situados no Recôncavo da Bahia, os outros dois interlocutores têm como lugar de origem o município de Serrinha, situado no Sertão da Bahia, fato importante de se mencionar para “não deixar fugir ao olhar outros atravessamentos produzidos pelos deslocamentos e relações construídas a partir das [inter]conexões com outras partes do vasto território

que forma o Estado da Bahia” (SOUZA, 2013, p.57). Sendo assim, vos apresento esse Recôncavo que tem muito a nos contar sobre a história do nosso país, pois o Recôncavo foi palco de grandes lutas pela independência do Brasil.

O Recôncavo histórico e cultural tal como apresentado por Brandão (2007) localiza-se na face litorânea da Zona da Mata, entre os rios Sauípe e Jequiçá, formando uma faixa em semicírculo de cerca de 50 a 70 Km de largura, ao redor da Baía de Todos os Santos. Daí, o nome de Recôncavo da Bahia ou, simplesmente, Recôncavo. É um lugar repleto de memórias que constituem a história de uma população formada pela mistura de vários povos. Essas terras, antes de serem colonizadas, já eram ocupadas por povos indígenas, que foram destituídos de suas terras de forma violenta e escravizados, assim como dizimados, pelos colonizadores dessa nação. O Recôncavo é também palco de um passado escravista marcado pela exploração de homens, mulheres e crianças que foram brutalmente arrancados de partes do continente africano e trazidos para serem explorados nessas terras a fim de produzir a riqueza da elite senhorial. São esses povos e suas relações que passaram a imprimir nessa região, seus aspectos culturais e econômicos.

Em se tratando dos ciclos econômicos que se desenvolveram no Recôncavo, a história nos aponta para o ciclo da cana-de-açúcar, do fumo, além da agricultura de subsistência. A cana-de-açúcar foi a base da economia colonial no Recôncavo tendo como local de cultivo as terras do solo tipo massapé, devido ao seu grande potencial fértil. Os colonos que vinham para conduzir o cultivo da cana e produção do açúcar começaram a povoar os arredores dos engenhos⁴⁵. Já o cultivo do fumo se expandiu às margens do Rio Paraguaçu e ocupou um importante espaço na economia do Recôncavo, sendo utilizado também como moeda de troca para a compra de escravizados que viriam trabalhar na lavoura da cana. Na “*zona fumageira*”, as localidades surgiam como pontos de apoio para os lavradores e como parada de pouso para o transporte da produção, feito em “lombo de animal” até o porto fluvial mais próximo” (SOUZA, 2013, p.63). No Sul do Recôncavo predominou a agricultura de subsistência com a produção da mandioca, café, feijão, milho e hortaliças.

Com o crescimento da agricultura um novo espaço começa a ser desenhado, a partir da necessidade de desenvolver o sistema de transporte para que a produção do

⁴⁵ Segundo Santos (2008), a cana-de-açúcar era cultivada sobretudo em locais próximos aos rios pois os engenhos precisavam da água tanto para produzir o açúcar como para transportá-lo até o porto de Salvador de onde os navios transatlânticos o transportavam para a Europa.

Recôncavo chegasse a Salvador⁴⁶. Inicialmente os produtos eram transportados por saveiros que adentravam pelas rias em direção aos portos. Posteriormente, com o crescimento da economia da cana-de açúcar, exigiu-se um melhoramento na infraestrutura existente a fim de facilitar o fluxo de pessoas e mercadorias.

Ainda hoje os saveiros cortam os diversos veios d'água que compõem as entranças da Baía e do seu Recôncavo, garantindo parte importante da circulação de mercadorias entre estas cidades e a sobrevivência de muitas pessoas, descendentes dos negros que foram escravizados nestas terras (SOUZA, 2013 p. 60).

As águas do Recôncavo são lugar privilegiado para pensarmos sobre a ocupação do mesmo, pois, como advoga Bomfim (2006), “os núcleos de povoamento surgiam ao longo dos rios ou nas rias quando as condições de navegação favoreciam chegar até o mar” (BOMFIM, 2006, p.34). Era também por meio das águas que os produtos aqui produzidos chegavam até o porto de Salvador. Não há como falar das águas do Recôncavo sem mencionar, por exemplo, o Rio Paraguaçu, sobre o qual foi construída a Ponte Imperial Dom Pedro II, a primeira ponte ligando os municípios de São Felix e Cachoeira.

São Félix e Cachoeira se configuravam como centros urbanos que atraíam pessoas em virtude das atividades portuárias, comerciais e fumageiras que ali aconteciam. Entre os anos de 1880 e 1890, as fábricas de charuto passaram por um processo de crescimento das exportações para o mercado Europeu. Consequentemente, vê-se o incremento do número de trabalhadores empregados nesse setor. Para que se tenha uma ideia, a fábrica Suerdieck, sediada em Cachoeira, no ano de 1916 era responsável pela empregabilidade de cerca de 400 operários, em 1921 o número de operários dessa fábrica já passava de 900 pessoas. A Costa Ferreira & Penna, sediada em São Felix e com filial em Muritiba, no ano de 1887 contava com 70 operários e em 1921 o número de operários dessa fábrica já passava de 1.000. A Dannemann, em 1887 empregava entre 300 e 400 trabalhadores e em 1921, essa fábrica já empregava cerca de 1.200 operários (FRAGA FILHO, 2009). Assim sendo, podemos perceber que, se por

⁴⁶ A cidade de Salvador exercia uma importante atividade portuária ao lado, é claro, das primitivas funções militares e administrativa. À medida que crescia a produção da cana-de-açúcar nessa região, crescia também a importância portuária de Salvador porém, como assevera Santos (2008), não apenas a exportação de açúcar dava aos portos de Salvador essa elevada importância mas também o fato de ser um porto de entrada de escravizados que eram trazidos da África para trabalhar na agricultura. Esse comércio favoreceu o crescimento de outra cultura que passou a ser cultivada nas áreas impróprias para o cultivo da cana, trata-se do cultivo do fumo, pois este era a melhor moeda de troca para a compra de escravizados na Costa da África. Uma terceira Zona “especializou-se na produção de produtos alimentares indispensáveis a alimentação das demais regiões que eram nitidamente monocultoras” (SANTOS, 2008, p. 40).

um lado a demanda por charuto resguardou o Recôncavo do colapso econômico, por outro lado, provocou mudanças significativas no cotidiano produtivo e social dessa região. A implantação das fábricas para o fabrico do charuto contribuiu para concentração urbana nessa parte da região.

Em 1850 foram iniciadas as primeiras ações para a modernização do Recôncavo, com a introdução de ferrovias⁴⁷ que facilitou o tráfico interprovincial de escravizados, além dos negócios ligados ao setor fumageiro, e de facilitar a circulação de pessoas e mercadorias (DIAS, 2015). A substituição dos engenhos pelas usinas a partir do processo de mecanização da produção ocorrida no século XX trouxe mudanças significativas para a zona açucareira, a começar pela construção das estradas de ferro para o transporte da cana-de-açúcar colhida das redondezas.

Dois eventos importantes causaram expressivas mudanças socioeconômicas para o Recôncavo, a abolição do tráfico de africanos em 1851 e a abolição da escravidão em 1888. Com esses importantes acontecimentos, a "unidade centralizadora da Bahia açucareira perdeu sua posição de destaque, destronando a elite senhorial que existia no Recôncavo" (DIAS, 2015, p.37). Soma-se a esse fato a questão da substituição da hidrovia pelas novas estradas de rodagem. Além de serem atingidas pela crise do açúcar e do fumo, as cidades portuárias do Recôncavo passaram por um "processo de marginalização frente às novas redes de transportes" (DIAS, 2015, p. 38). Ainda de acordo com essa autora:

No período compreendido entre a abolição da escravatura e a década de 50 do século XX, o Recôncavo passou por um processo de regressão econômica e política que o afastou, quase que totalmente, do cenário nacional. Os centros urbanos produtores de cana e de fumo entraram em decadência e os escravos migraram para outras localidades, o que culminou na marginalização econômica e social das áreas periféricas, situação esta, que perdura até os nossos dias (DIAS, 2015, p. 39).

Observando a movimentação dentro do Recôncavo, Fraga Filho (2009) demonstra que de acordo com o recenseamento de 1872 o número de habitantes da Freguesia urbana de Nossa Senhora do Porto da Cachoeira era de 8.146 pessoas, dos quais 79,6%

⁴⁷ Segundo Santos, na segunda metade do século XIX, o Estado da Bahia estava na vanguarda do desenvolvimento ferroviário do Brasil, as cidades de Santo Amaro, Nazaré e Cachoeira que eram escoadouros "das regiões produtoras de cana-de-açúcar, café e fumo, fizeram construir com seus próprias capitais, estradas de ferro de penetração para servirem às zonas que lhes são tributárias" (SANTOS, 2008, p.44).

eram negros e mestiços. Em 1890 essa população passou para 12.607 pessoas. A pesquisa revela, ainda, que dos residentes no centro urbano, 2.542 pessoas eram de cor “preta”, e se acrescentarmos a essa população os caboclos e mestiços, veremos que a população não branca chegava a pouco mais de 72% da população geral.

Houve também um incremento populacional na povoação da Freguesia de Deus menino de São Félix: em 1.872 residiam nessa freguesia 2.857 pessoas, das quais 14,5% eram “pretas”. Quando elevada à condição de cidade no ano de 1890, São Felix já contava com uma população de 4.385 habitantes, dos quais 21,8% eram de cor preta e 36,6% eram de cor branca. Fraga Filho (2009), destaca que nos primeiros anos do século XX essa população continuou a crescer. Ainda de acordo com o autor, as cidades de Cachoeira e São Félix comportavam uma população flutuante de trabalhadores que residiam nas freguesias rurais e se deslocavam diariamente para trabalhar nas fábricas de charuto, retornando para suas casas ao final do dia, depois da jornada de trabalho.

Conforme observado por Fraga Filho (2009), os homens estavam mais livres para migrar sazonalmente para outras localidades em busca de melhores remunerações, do que as mulheres. Isso porque, como foi observado pelo autor, a decisão de migrar ou permanecer nas "localidades onde viveram cativos" incluía fatores como gênero, idade, ocupação e circunstâncias que estavam fora do controle dos envolvidos nesse processo. Se pensarmos nas experiências migratórias dos interlocutores envolvidos nessa pesquisa, trabalhadores braçais da construção civil, observamos que no interior de suas famílias, geralmente são os homens que migram para trabalhar, ficando no lugar de origem as mulheres que irão cuidar dos filhos, e também de outras pessoas da família que, por ventura, precisem de seus cuidados. Isso não quer dizer que tais mulheres fiquem restritas apenas aos trabalhos de casa, pois muitas delas conciliam as atividades domésticas com as atividades remuneradas que compõe a renda familiar.

Cachoeira e São Felix se configuravam como importantes pontos de ligação entre Salvador e as cidades mais distantes do litoral. “A condição de entreposto comercial fortaleceu-se com a construção da estrada de ferro no final do século XIX” (FRAGA FILHO, 2009, p. 115), fato que possibilitou o aumento da circulação de pessoas e mercadorias, além de ampliar o mercado de trabalho para pessoas que exerciam a função de ganhadores, carroceiros, tropeiros, estivadores, marinheiros, saveiristas, canoeiros, profissões essas que eram exercidas tradicionalmente por pessoas negras ou mestiças. (FRAGA FILHO, 2009).

Ao contrário do que se observava nas cidades de Cachoeira e São Felix, Santiago do Iguape, maior distrito açucareiro de Cachoeira no século XIX, testemunhou a diminuição de sua população, com o impacto da crise açucareira. Nas duas primeiras décadas do século XX ocorreu um significativo esvaziamento populacional nesse distrito. Ao que tudo indica, nesse período houve uma grande migração da população que saía do interior da província com destino à cidade de Salvador, que já nos anos de 1880 se configurava como principal destino de grande parte dos escravizados que fugiam do recôncavo. Parte dessas pessoas era incorporada ao mercado de trabalho urbano em diversas atividades. Nesse sentido, constata-se que historicamente a cidade de Salvador se liga fortemente com o Recôncavo Baiano.



Figura 7 <https://viagemeturismo.abril.com.br/materias/fotos-de-salvador/>

Fundada em 1549, a imponente cidade de Salvador foi por muitos anos a mais importante cidade brasileira e a primeira capital do país. Em seus mais de 450 anos de história, essa cidade constitui-se um importante ponto de atração de pessoas que saíam do interior do estado e também de outros lugares e imprimem suas marcas na configuração econômica, espacial e cultural formando assim essa Salvador descrita por Santos (2008) como:

uma cidade cuja paisagem é rica de contrastes, devido não só à multiplicidade dos estilos e de idade das casas, à variedade das concepções urbanísticas presentes, ao pitoresco de sua população, constituída de gente de todas as cores misturadas nas ruas, mas, também, ao seu sítio ou, ainda melhor, ao conjunto de sítios que ocupa: é uma cidade de colinas, uma cidade peninsular, uma cidade de praia, uma cidade que avança para o mar com as palafitas das invasões de Itapagipe, cidade de dois andares, como é frequente

dizer-se, pois'; centro se divide em uma Cidade Alta e uma Cidade Baixa (SANTOS, 2008, p.35 - 36).

Santos (2008) descreve a cidade de Salvador como grande concentradora dos recursos financeiros, econômicos e políticos; circunstância que fortaleceu seu papel metropolitano, refletindo também na sua população, uma vez que se observa um importante fluxo de migrantes nessa cidade. Pessoas que fugindo da seca, por exemplo, saíam do sertão em direção ao litoral na esperança de melhores condições de vida. Esses migrantes, portanto, passam a influenciar também na configuração espacial da cidade.

Essa afluência de imigrantes vai refletir-se na paisagem pelo alargamento do quadro urbano, que estava mais ou menos imutável desde a primeira metade do século XVIII. Para o sul, surge o bairro da Vitória, constituído por grandes e belos palacetes, rodeados de jardins, residências de uma burguesia enobrecida pela exploração da terra. Para o norte, formam-se bairros habitados pela classe média e pobre. Essa extensão da cidade tornou-se possível pela instalação das novas vias de comunicação e meios de transporte: em 1855, são construídos viadutos para ligar Nazaré e Barbalho, Federação e Pedra da Marca; em 1868, a cidade já possui os primeiros transportes coletivos; em 1869, novas empresas de transporte se instalam; em 1874, inaugura-se o elevador hidráulico (Carvalho, 1957), para favorecer as comunicações da Cidade Alta com a Cidade Baixa, que é o centro comercial (SANTOS, 2008, p. 46).

No declínio do século XIX, a cidade de Salvador viria a passar por amortecimento demográfico motivado pela decadência da economia açucareira, transferência do polo da economia para a zona cacauífera, visto que o Sul do estado passou a produzir o cacau em escala comercial, gerando assim emprego para muitas famílias que fugiam da seca no Nordeste do estado. Outro motivo que desencadeou esse amortecimento demográfico na cidade de Salvador foi o fato de que enquanto o Brasil caminhava em direção à industrialização, Salvador amargava a falta de capital disponível para investir na indústria têxtil para a qual havia um tímido esforço desde o final do século anterior. Esses foram alguns dos fatores elencados por Milton Santos (2008), para a atenuação da curva demográfica na capital da Bahia, nas quatro primeiras décadas do século XX. No entanto, se por um lado o crescimento dos cacauais gerou um enfraquecimento na evolução demográfica da capital do estado, por outro lado reforçou o papel dessa cidade como importante cidade portuária, pela qual os produtos eram escoados. O aumento da tonelagem a ser exportada, somada ao progresso da navegação marítima, forçou Salvador a remodelar seus portos a fim de criar condições para que os grandes navios pudessem aportar. Somente em 1950, com a descoberta e a exploração do petróleo no Recôncavo da Bahia, esse cenário de estagnação começou a mudar, desencadeando um expressivo “processo de crescimento econômico, populacional e

urbano na cidade de Salvador e nas franjas da cidade” (CARVALHO e BARRETO, 2007, p. 254). No final da década de 1960 estas áreas receberam investimentos da Sudene⁴⁸ e, nas décadas de 70 e 80, os investimentos desenvolvimentistas do governo federal vieram a contribuir para a implantação do polo petroquímico de Camaçari e do complexo de cobre. (Ibidem, 2007).

Conforme asseveram Jesus, Spinola e Lopes (2017), “o desenvolvimento do capitalismo sobre os espaços produz diferenciação entre esses espaços naquilo que a literatura chama de desenvolvimento desigual e combinado” (JESUS, SPINOLA e LOPES, 2017, p. 18). Em sendo assim, esses autores nos levam a pensar em um Recôncavo que pode ser dividido em três espaços diferenciados pela sua economia. “O primeiro é o Recôncavo tradicional e histórico no qual as atividades agropecuárias ainda têm um peso grande em suas economias” (ibidem, p. 18) a exemplo dos municípios de Cabaceiras do Paraguaçu, Maragogipe e Governador Mangabeira. O segundo Recôncavo é aquele no qual as atividades relativas ao petróleo têm maior peso, a exemplo de São Francisco do Conde e São Sebastião do Passé. E um terceiro Recôncavo que esses autores denominam de Recôncavo moderno que abrigam os municípios nos quais o setor de serviços e o comércio são grandes vetores de crescimento, a exemplos dos municípios de Santo Antônio de Jesus, Santo Amaro e Cruz das Almas (JESUS, SPINOLA, LOPES, 2017).

Concordando com Brandão (2007), penso que o Recôncavo da Bahia “embora múltiplo e assim concebido em todos os trabalhos sérios, precisa ser retomado por inteiro em favor da sua cultura e da ação intermunicipal articulada em benefício de seu meio natural e de seu povo” (BRANDÃO, 2007, p. 53).

Aqui, é importante lembrar que a preocupação reside também em chamar a atenção para o fato de que as investidas do capital nessa região afetam sobremaneira a vida dos sujeitos sociais que habitam nessas terras.

Assim sendo, compreende-se a necessidade de pensar em um desenvolvimento que respeite os aspectos históricos do lugar, a cultura local, as formas de organização social, a fim de salvaguardar a memória do povo que o constitui. No entanto o que presenciamos é o esfacelamento dessa memória quando pensamos, por exemplo, em investimentos que tiram do homem o direito à terra e a usufruir dos seus frutos. Comunidades que são destruídas pelos impactos que determinadas construções causam

⁴⁸ Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste

ao meio ambiente, expulsando desses locais seus habitantes. Basta pensar, por exemplo, nas pessoas que viviam da pesca que tiveram que sair dessas comunidades para trabalhar em outras localidades, pois o pescado já não consegue garantir a sua sobrevivência. Jesus (2018) desvela as espoliações promovidas pelos investimentos do capital nas comunidades tradicionais. De acordo com a pesquisadora, nos territórios cuja prática da pesca artesanal se apresenta como uma das principais formas de trabalho vivo, "o elo e a relação entre as comunidades e seus territórios tem sido interrompido" (p. 103). Dentre as preocupações verbalizadas pela comunidade do Acupe, *lócus* da pesquisa desenvolvida por Jesus (2018), está a "preocupação de perda deste território enquanto principalmente fonte de renda" (p. 98), além da preocupação referente "ao futuro posto ao modo de vida construído e estabelecido na/pela comunidade" (p. 98). No entanto as comunidades têm criado frentes de lutas com apoio de movimentos sociais e organizações como o Conselho da Pastoral da Pesca, tais lutas manifestam a insatisfação e a não passividade de boa parte dos sujeitos daquela comunidade.

O projeto de industrialização nacional no Brasil marcou uma "nova divisão territorial do trabalho, a partir da necessidade de transformar minérios, de produzir derivados de petróleo e substituir alguns setores da circulação" (BOMFIM, 2006, p. 84), marcando assim a implantação de complexos industriais em diversas regiões do país sendo o Recôncavo da Bahia uma das regiões nas quais esses complexos viriam a se instalar. Essa política de industrialização trouxe profundas alterações na configuração espacial do Recôncavo, sendo observada por um lado uma zona de concentração polarizada e de outro lado uma zona marginalizada (BOMFIM, 2006).

Com a descoberta do petróleo, a implantação da Refinaria Landolfo Alves e do Terminal de Madre de Deus, o Recôncavo ganha uma nova dinâmica econômica. A ampliação das estradas que interliga a capital às "várias praças comerciais do interior" (DIAS, 2015, p. 39), provocaram mudanças significativas na região. O espaço apresenta-se com mais fluidez, permitindo maior mobilidade de produção, trabalho, produtos, mercadorias e capital, levando a uma especialização do território (DIAS, 2015). No entanto, é crucial uma análise crítica acerca das intervenções realizadas pela indústria petrolífera na região do Recôncavo, uma vez que a instalação dessas indústrias acentuou as desigualdades sociais além de interferir na configuração espacial da região. Percebe-se dessa maneira, "um novo padrão de organização social no conjunto Salvador-Recôncavo" (DIAS, 2015, p. 44), com o engajamento de trabalhadores tanto

no setor formal quanto informal. A melhoria do sistema de transporte rodoviário aproximou as cidades do Recôncavo do mercado de Salvador levando boa parte da população em idade economicamente ativa a migrar para outros centros em busca de empregos e de melhores condições de vida.

Após esse apanhado sobre alguns aspectos relevantes da configuração histórica e geopolítica da região do Recôncavo da Bahia, e suas conexões com a capital, Salvador, nos é possível, com mais circunstância, atentar aos caminhos tráfegados e cruzados pelos sujeitos desta pesquisa. Antes, porém, convém nos determos de modo mais direcionado a dois municípios do Recôncavo que correspondem aos lugares de origem dos sujeitos da pesquisa: São Gonçalo dos Campos e Cruz das Almas. Em adendo, incluímos o município de Serrinha que, embora não seja parte do Recôncavo, e sim, da região sisaleira, corresponde ao lugar de origem de dois dos sujeitos da pesquisa e, assim como os outros municípios supracitados, guarda características que merecem atenção, à medida que nos ajuda a compreender narrativas contidas nesta pesquisa.

3.1.1 O Município de São Gonçalo dos Campos – Ba



Figura 8 Foto feita por Jadson Gonzaga. Em 29/07/2020.

O Município de São Gonçalo dos Campos – Ba, também conhecido como Cidade Jardim ou Suíça Baiana⁴⁹, está localizado no Recôncavo da Bahia e dista 109 Km da cidade de Salvador, lugar de destino dos nossos entrevistados residentes nessa cidade. A cidade abrange uma área territorial de 288 km² e faz limite com os municípios de Feira de Santana, Santo Amaro, Conceição da Feira e Antônio Cardoso. Durante muito tempo, destacou-se pela cultura fumageira, sendo esta considerada uma das produtoras do melhor fumo da Bahia, fator que lhe rendeu o status de cidade mais próspera do Recôncavo e, como consequência desse crescimento, em 1884 o município tornou-se independente da cidade de Cachoeira e durante muito tempo manteve-se na categoria de cidade mais organizada e de abrigar uma elite com ideias modernizadoras o que proporcionou à cidade uma urbanização planejada (LESSA, 2010).

Rosana Lessa (2010) descreve São Gonçalo dos Campos como uma cidade de ares bucólicos, mas que ao mesmo tempo possui uma intensa dinâmica urbana. Ao

⁴⁹ A cidade de São Gonçalo dos Campos – Ba, é apelidada de Suíça baiana devido ao seu clima fresco e agradável durante muito tempo foi um local recomendado para pessoas que estivessem doente viessem se curar nessa cidade, além de ser um lugar recomendado para pouso e passeios de pessoas ricas que vinham da cidade de Salvador e de outros lugares (LESSA, 2010). Lembro-me que conheci um padre ainda na minha infância que veio morar nessa cidade, por recomendações médicas, devido a sua idade avançada e a vários problemas de saúde. Este antes residia em Salvador, era um padre que veio da Itália ainda muito Jovem, passando por várias paróquias em seu trabalho pastoral e aqui em São Gonçalo viveu os últimos anos de sua vida.

andar por essa cidade é possível perceber que ela mescla-se entre o passado e o presente. Dividem o mesmo espaço automóveis, animais de montaria, carroças, motos e bicicletas, além de um intenso fluxo de pessoas que residem na zona urbana e na zona rural. As residentes nesta última, particularmente, costumam ir à cidade para resolver pendências, irem ao médico, visitar parentes e amigos, ou comercializar produtos agrícolas e comprar o que lhes falta. A feira livre acontece aos sábados, e esses comerciantes chegam antes mesmo de raiar o sol, para montar suas barracas e esperar os "fregueses" que irão comprar seus produtos.

Os jardins de São Gonçalo dos Campos são elementos marcantes do lugar. Muitas pessoas que aqui moram, ou que por aqui passam, conservam em suas memórias a beleza dos vários jardins que compõem a paisagem da cidade, composta por suas árvores centenárias, coretos e a Igreja Matriz que em seus mais de 300 anos de história, embeleza o centro da cidade, além de ser um lugar de profunda devoção para os católicos. Há que se registrar também a presença de casas centenárias que dividem espaço com construções mais novas, alterando a arquitetura desse lugar. Além da Praça da Matriz, há também a Praça da Estação, um lugar que para mim também é lugar de memória. Ela é assim conhecida porque nesse lugar estava localizada uma estação de trem. Essa praça é cercada de árvores e ao final da tarde, era muito comum se ouvir o canto incansável das cigarras. Nessa praça, muitas pessoas se reúnem principalmente ao fim da tarde para conversar, "tomar fresca", levar as crianças para brincar, os animais de estimação para passear, ou para praticar alguma atividade física.

A cidade de São Gonçalo é conhecida também pelas suas festividades, a exemplo da festa dos Padroeiros, São Gonçalo do Amarante e Nossa Senhora do Amparo, festa que reúne os filhos da terra e não somente eles, que, mesmo morando em outras cidades, prestigiam a "Festa de São Gonçalo", como é popularmente conhecida.

Ainda se tratando dos ciclos de festa da cidade, Rosana Lessa (2010), durante sua pesquisa de mestrado identificou em suas entrevistas a relevância da festa de São José, comemorada em 19 de março. Festa muito esperada pelos trabalhadores rurais de São Gonçalo dos Campos, sob a crença de que a ocorrência de chuva no dia de São José é sinal de que o ano será de fartura. As festas em louvor aos santos juninos são também momentos muito marcantes no município. Marcadas por animação, comidas, bebidas e danças, são momentos em que familiares e amigos se reúnem para confraternizarem e firmarem seus laços afetivos e de convivência. Em agosto celebra-se a festa de Nossa

Senhora da Boa Morte, realizada pela Irmandade da Boa Morte e que atrai devotos, turistas, estudiosos e curiosos que vêm conhecer e apreciar esse momento de manifestação cultural e religiosa.

Em se tratando dos aspectos econômicos, durante muito tempo o fumo ocupou um lugar de destaque na economia de São Gonçalo dos Campos-Ba. Esta cidade tem como principal atividade econômica, desde a colonização até os dias atuais a cultura, beneficiamento e comercialização do fumo. “Em segundo plano, estão os gêneros de subsistência para o consumo local, como o feijão, o milho e a criação de gado” (LESSA, 2015, p. 3). A lavoura marcou a história econômica e social da Cidade Jardim predominando até 1970, quando aos poucos foi sendo substituída pela pecuária, tanto é que no brasão do município podem ser observados esses dois símbolos da economia local, as folhas do fumo e o gado (LESSA, 2010).

A cidade abriga parte do Centro Industrial Subaé, pertencente à cidade de Feira de Santana-BA⁵⁰. Outras fontes de renda importantes para o município são a fumicultura, a avicultura, a agricultura e a pecuária. Localizada na região da Mata Fina, a cidade possui um clima tropical e um solo ideal para o plantio do fumo.

Hoje o município abriga a Fábrica de Charutos Menendez & Amerino, maior fabricante de fumo do Brasil que detém 70% do mercado nacional. Na atual conjuntura, a renda do município está voltada também para a avicultura, fazendo parte do polo Avícola da Bahia, que engloba vários municípios do Recôncavo. Ainda de acordo com dados da prefeitura, a cidade abriga a única indústria de tintas automotivas do nordeste a Alquimia Tintas (Ultracolor) localizada na Ba 502 no povoado da Boa Hora, e também o Centro de Distribuição do Grupo O Boticário localizada na BR 101. Fato importante de destacar é que essas empresas não estão localizadas dentro da cidade, apenas pertencem ao município. Ficam longe do centro e inclusive emprega pessoas de outras cidades, o que reduz a possibilidade de emprego das pessoas do município de São Gonçalo dos Campos – Ba, não dando conta de suprir a demanda por empregos no município.

⁵⁰ O Centro industrial Subaé gera emprego direto e indireto para a população de Feira de Santana e região, não obstante é preciso ressaltar que Feira de Santana possui hoje a segunda maior população da Bahia, em sendo assim o CIS não dar conta de atender a demanda por empregos na cidade de Feira de Santana e São Gonçalo dos Campos onde parte do CIS esta localizada na BA 502.

Mesmo com o declínio da cultura fumageira no Recôncavo, a fábrica de charutos e o armazém de fumo continuam sendo importantes fontes de renda para a população negra, pobre e feminina da cidade. Para muitas dessas mulheres, tanto a fábrica quanto o armazém foram portas de entrada para o trabalho⁵¹. Conforme descrito na dissertação de Lessa (2010), muitas mulheres criaram seus filhos trabalhando no setor fumageiro. Muitas dessas mulheres eram mães solo, que lutavam incansavelmente para que seus filhos não precisassem passar por situações de humilhação e trabalhos degradantes pelas quais elas passavam.

Foi nos Campos da Cachoeira, antiga denominação de São Gonçalo dos Campos, que o trabalho feminino produziu a riqueza material e configurou a estrutura arquitetônica em virtude dos trabalhos nos armazéns. É perceptível na configuração urbana, a formação de bairros populares próximo às dependências dos armazéns. Contemporaneamente, no município, há vestígios esparsos que demonstram, de forma discreta, a grandiosidade dessa atividade econômica para constituição de sua história (LESSA, 2015, p.122).

Para a população negra, pobre e não escolarizada, as fontes de emprego e renda tornam-se escassas com o declínio do fumo nessa região. Para as mulheres existia/existe a possibilidade do trabalho, ainda que precário, nos armazéns de fumo. Muitos dos homens não escolarizados também foram ocupar postos de trabalhos precários ou “lidar na roça⁵²”. Nas falas de nossos interlocutores, é unânime a afirmação de que foram trabalhar na capital pela falta de oportunidade de trabalho na cidade de origem. Segundo eles informam, o trabalho na roça além de ser muito pesado, apenas possibilita sua sobrevivência em termos ínfimos. Em sendo assim, o caminho por eles trilhado foi o caminho que os leva a Salvador para atuar como trabalhadores braçais no setor da construção civil. Tais trabalhadores sinalizam que suas primeiras experiências de trabalho se deram na roça, ainda quando crianças e depois na construção civil, seja em São Gonçalo, a exemplo de seu André, em São Paulo, a exemplo de seu João, ou já em Salvador, como é o caso de seu Mário, seu Mateus e Silas.

⁵¹ Há que se registrar que as formas de contratação dessas no Armazém de fumo mulheres se dão de maneira extremamente precárias, ocorrendo demissões em massa e sem aviso prévio quando há poucos insumos para trabalhar.

⁵² O crescimento do cultivo de outros produtos agrícolas como mandioca e a pecuarização das zonas fumageiras foi uma alternativa para aos agricultores com o declínio da fumicultura, mas a economia não continuou tão dinâmica como na atividade anterior, pois esta envolvia várias etapas na produção e vários segmentos sociais no processo de produção (LESSA, 2010, p.60).

3.1.2 O Município de Cruz das Almas - Ba



Figura 9: Foto feita por Paulo Galvão Filho/Ascom Prefeitura Municipal de Cruz das Almas

Cruz das Almas é o lugar de origem do senhor Tiago, 45 anos, casado e pai de 3 filhos. Nascido nesse município, seu Tiago guarda recordações de uma infância dividida entre as brincadeiras e peraltices de criança, e o trabalho árduo para ajudar a mãe a criar os irmãos. De acordo com ele, as amizades construídas nessa cidade, desde a infância, são cultivadas até os dias atuais. Essa cidade é testemunha dos momentos mais marcantes da trajetória de vida desse trabalhador da construção civil que após uma experiência de trabalho na cidade de Salvador, resolveu que Cruz das Almas é a cidade onde ele quer permanecer com a família e também trabalhar. Sobre as memórias de infância nessa cidade, ele recorda que sua infância

foi boa, porque eu pude fazer muitas coisas que hoje os meninos não podem, mas difícil e complicada pela situação financeira. Brincar, a gente brincava de tudo o tempo todo, pelas ruas, ia no rio, passeio de carro, bicicleta pelas roças, arrancar frutas, aquelas brincadeiras que a gente na época mais gostava de fazer que era roubar frutas e andar pelos pastos atrás de bois e cavalos, que era nossa maior diversão de crianças, e brincar pelas ruas à noite.

Segundo Tuan (1983), "O lugar é a segurança e o espaço é a liberdade: estamos ligados ao primeiro e desejamos o outro. Não há lugar como o lar. O que é lar? É a velha casa, o velho bairro, a velha cidade ou a pátria" (TUAN, 1983, p. 3). É essa

“velha cidade”, que abriga os lugares da experiência de seu Tiago, as recordações das brincadeiras da infância onde ele corria livre com os amigos. É também nesse lugar que ele inicia o trabalho precoce, vivencia muitas dificuldades e também constitui sua família, alimentando o sentimento de pertencimento e de intimidade uma vez que “a afeição duradora pelo lar é em parte o resultado de experiências íntimas e acolhedoras” (TUAN, 1983, p. 153). Experiências essas que ele compartilha com as pessoas que fazem parte dos seus vínculos afetivos, sem as quais esse lugar não teria o mesmo significado, pois “na ausência da pessoa certa, as coisas e os lugares rapidamente perdem significado, de maneira que sua permanência é uma irritação mais do que um conforto” (TUAN, 1983, p. 157).

“Cruz das Almas, recanto formoso, terra forte, aprazível, feraz, a pujança do progresso e de paz⁵³”, situada no Recôncavo Sul da Bahia, dista 146 quilômetros da capital do estado, Salvador, à qual liga-se pela BR 101 e 324. A cidade faz limites ao Norte com Muritiba ao Sul com São Felipe, a Oeste Conceição do Almeida e Sapeaçu e a Leste São Félix. Uma publicação da EMBRAPA (1987), caracterizou Cruz das Almas como uma cidade moderna com topografia plana, solo fértil de predominância para a fruticultura, especialmente citros, banana, aparecendo também como grande produtora de fumo, mandioca, inhame, amendoim, hortigranjeiros, além de outros produtos agrícolas.

A cidade de Cruz das Almas é conhecida pela sua imponente festa de São João, considerada como uma das maiores do Brasil. Nessa época, a cidade chega a receber mais que o dobro de sua população, são pessoas que vêm dos mais diversos locais desse país para prestigiar o seu São João e a famosa guerra de espadas⁵⁴. Em se tratando dos festejos juninos na cidade de Cruz das Almas, Castro (2012) diz que “dentre os polos juninos do território baiano, a cidade de Cruz das Almas é o que apresenta o maior índice de menções na mídia nacional, por causa da peculiaridade da pirotecnia irreverente das espadas” (CASTRO, 2012, p. 264). Inicialmente, a batalha era feita para comemorar o São João, ao nível local, de forma a reunir os moradores da cidade. No entanto, essa prática transformou-se em uma “manifestação que elucida a curiosidade,

⁵³ Trecho do hino a Cruz das Almas, composto por Floriano Mendonça

⁵⁴ A tradicional guerra de espadas de Cruz das Almas trata-se do conjunto de queimas de espadas que ocorre durante os festejos juninos. É uma batalha que ocorre entre os grupos de espadeiros e espadeiras,” um fluxo contínuo de espadas, bebidas, forró, adrenalina e perigo” (CEZARINHO, 2018, p. 43).

passa por âmbitos que conduzem a uma representatividade singular" (OLIVEIRA, 2010, p.2). Seu Tiago contou-me que levou um de seus amigos da capital para passar os festejos juninos na sua cidade de origem. Conforme elucida Menezes et al (1990)

Os festejos juninos também representam um tempo que transcende a rotina do trabalho enfadonho (...). É a possibilidade de renovar as energias consumidas e permitir reforçar o que de mais precioso guardam em sua terra; a convivência com a família, os amigos, o forró, as comidas típicas (MEEZES ET AL, 1990, p.10).

Os festejos juninos se configuram para esses trabalhadores um momento de viver a liberdade que o lugar de origem lhe reserva, sem as pressões do ambiente de trabalho, longe de terem seus corpos regulados pela disciplina do mesmo.

No que diz respeito aos aspectos econômicos de Cruz das Almas, a economia gira em torno da agricultura, com destaque para plantações de fumo, laranja, limão tahiti e mandioca. A cidade possui várias indústrias e distribuidoras nacionais que exportam seus produtos para vários países. Cruz das Almas é conhecida também como a "Capital do Fumo". Ela é a maior produtora de tabaco da Bahia e possui muitas indústrias voltadas para a cultura do fumo, sendo uma das maiores exportadoras de fumo da América Latina, distribuindo mais de 1000 toneladas por ano a países de todo o mundo. A cidade de Cruz das Almas conta com a presença da indústria do setor calçadista, têxtil e do setor terciário com redes de lojas e serviço. No entanto, há que se ressaltar que, ainda assim, a oferta de emprego não dá conta de garantir a empregabilidade dos moradores dessa cidade. Como bem observou Cezarinho (2018), o último censo realizado pelo IBGE estimou que Cruz das Almas chega a uma população atual de 64.932 habitantes, sendo que 40% dos domicílios possuíam um rendimento mensal de até meio salário mínimo e apenas 20% da população possuía ocupações. A fábrica Bibi calçados, por exemplo, emprega principalmente mulheres, com uma remuneração mínima, alta exploração nas relações trabalhistas e alta rotatividade das funcionárias. No que tange o setor terciário, a cidade possui algumas lojas. Há em destaque a COFEL na categoria de loja de departamento e as Lojas Americanas que chegaram há poucos anos na cidade. Afora isso, o comércio é caracterizado por empresas do setor alimentício, delicatessens, lanchonetes e restaurantes de pequeno a médio porte. Além disso, pequenas lojas de aviamentos, vestuário e outros itens, cujo funcionamento fica por conta de familiares dos próprios proprietários. Ainda que Cruz das Almas seja a maior produtora de fumo, houve uma crise que se agravou nos últimos anos e que

abateu o setor, ocasionando a demissão de muitas mulheres que trabalhavam nas fábricas de charuto.

Oliveira (2014), ao discorrer sobre os atuais aspectos econômicos desse município, demonstra que, dentre as atividades agropecuárias, cinco estabelecimentos ligados ao cultivo do fumo respondem por quase 70% dos empregos formais nesse setor. Na indústria, uma fábrica calçadista responde por pouco mais de 60% dos postos de trabalho, na área de serviços, 23% dos empregos estão ligados a oportunidades nas instituições de ensino superior e pouco mais de 40% dos postos de trabalho ocupados pela Administração Pública que abrangem os órgãos de pesquisa e extensão que estão instalados na referida cidade. Oliveira ressalta, ainda, que o cultivo da laranja apresenta uma importante produtividade e retorno econômico para o município, no entanto, a cultura do fumo, mesmo abatida pela crise nos últimos anos, apresenta-se como importante fonte de renda além de se destacar na participação dos valores da produção agrícola da Bahia (Ibidem, 2014).

3.1.3 O Município de Serrinha -- Ba

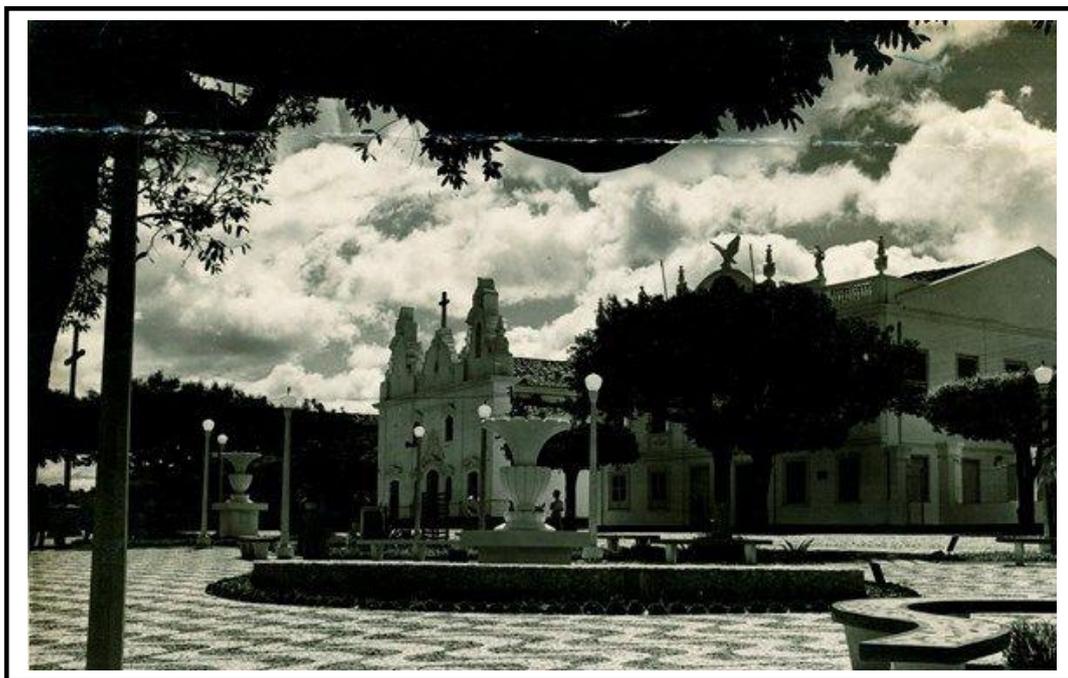


Figura 10 <https://i.pinimg.com/originals/e6/a3/dd/e6a3ddea877389f5ff592569e8cbbc11.jpg>

Os irmãos Paulo e Matias, são naturais do município de Serra Preta, no interior da Bahia. Porém, adotaram a cidade de Serrinha como seu lugar de origem. Convidados por alguns amigos para conhecer Serrinha, seu Paulo e seu Matias gostaram da cidade e foram criando vínculos afetivos nesse lugar. Ambos conheceram suas esposas, casaram e constituíram família nessa cidade, e não somente eles fixaram moradia por lá, mas também outros dois irmãos. *“A gente conhece as pessoas, a gente conquista as pessoas e foi assim que eu cheguei aonde eu tô hoje, foi através de um grupo de amigos”* (seu Paulo, 51 anos). Os amigos foram os motivadores da experiência migratória empreendida por esses irmãos, e os ajudaram a se adaptar ao novo lugar. Hoje, eles se sentem pertencentes à cidade de Serrinha, dizem ser vencedores por terem conseguido adquirir uma residência nesse lugar e verem seus filhos *“bem encaminhados na vida”*. *“O grau de adaptação e de satisfação do migrante está diretamente relacionado ao sentimento de ter conseguido, ou ao menos está no caminho de realizar o que ele sonhou e imaginou para a sua vida no novo local”* (CARVALHO,2008, p.83).

Mesmo tendo fixado moradia em Serrinha, seu Paulo confessa manter também laços afetivos na cidade de Serra Preta, onde mora a mãe, primos, e amigos.

Ave Maria! quando eu lembro das minhas amizades eu fico assim um pouco abatido porque a gente vai aonde a gente nasceu e se criou, a gente não vê

as pessoas todas que a gente tem vontade de ver ... gente encontra um amigo – rapaz fulano perguntou por você, você tá aonde – rapaz, tô na correria. Sempre a gente tem a esperança de rever os amigos, de fazer festas, jogar bola, ir para aniversário. Eu tenho meus primos, amigos de vizinhança, sempre quando a gente vai no lugar aonde a gente nasceu e se criou a gente cria uma boa amizade (seu Paulo, 51 anos).

Seu Paulo revelou ainda que se algum dia tivesse que sair de Serrinha para outro lugar, com certeza retornaria para a sua terra natal, pois é lá que está boa parte da sua família e dos seus amigos. No entanto, foi bastante enfático ao dizer que ainda assim não faz planos de mudar para outra cidade, pois está bem onde mora atualmente. Pretende continuar morando em Serrinha e trabalhando em Salvador. Segundo ele, é difícil ter que pegar a estrada durante a madrugada, pois a BR é perigosa, no entanto “*é preciso enfrentar as dificuldades para vencer na vida*”.

A cidade de Serrinha dista 173 Km da capital, Salvador, está localizada na porção Nordeste do Estado da Bahia, limitando-se a leste com o Município de Biritinga, a Sul com Lamarão e Ichu, a Oeste com Conceição do Coité, e ao Norte com Barrocas e Teofilândia. O município está totalmente incluído do polígono das secas, na microrregião do sisal⁵⁵. Sob a influência do clima semiárido, Serrinha sofre a escassez das chuvas, passando por períodos de seca.

Sua população é formada majoritariamente por brancos descendentes de portugueses, mas também há a presença de negros, caboclos e mestiços. Como figura típica do serrinhense temos o “vaqueiro⁵⁶ – um administrador das propriedades”. O trabalhador do campo: destocador, capinador, leiteiro e agricultor de maneira geral. Outra figura típica dessa cidade é o feirante, que tira seu sustento nos negócios realizados nas feiras livres (SILVA, 2008).

A cidade possui como flora nativa a vegetação da catinga e dos tabuleiros, a exemplo da palma, do mandacaru, jurubeba, cactos, pindoba e mamona. Possuindo em

⁵⁵ Sobre a produção do sisal no estado da Bahia, Santos e Silva (2017), dizem que nesse estado existe uma região que historicamente foi se diferenciando em função do predomínio do processo produtivo do sisal (agave sisalana), tanto é que seu plantio e aproveitamento econômico produziram uma cadeia produtiva de sisal para exportação. É importante ressaltar que a produção e beneficiamento do sisal gerou um importante impacto social a ponto de diferenciar uma ampla porção do semiárido baiano, que ficou conhecido como região sisaleira. Essa região é composta por 27 municípios dentre os quais se destacam os municípios de Campo Formoso, Valente, Conceição do Coité, e Serrinha, essa última destaca-se por sediar os órgãos públicos de caráter regional, pelo comércio e por ser um centro de ligação dos demais municípios com a cidade de Feira de Santana (cidade polo regional) e Salvador.

⁵⁶ Vieira (2007), define o vaqueiro como "peça fundamental do processo de ampliação do território nordestino e do desenvolvimento da criação do gado" (VIEIRA, 2007, p.9).

abundância frutos como: pinha, umbu, cajá, caju, manga, araçá abacate, dentre outras frutas nativas. Pode-se apreciar ainda uma vasta plantação de sisal, fazendo fronteira com o município de Conceição do Coité.

Conhecida como a “Terra da vaquejada”, ou, a “Princesa dos tabuleiros”, Serrinha concentra suas atividades econômicas na produção de argila, granito, manganês e ouro. A agricultura também marca presença com a produção de cajá, caju e manga. No que concerne à atividade pecuária, evidenciam-se os rebanhos ovinos e suínos, além de grande criação de galináceos. Silva (2008) ressalta que a agricultura ocupou um papel secundário na atividade econômica da cidade, visto que a cultura na cana não se adequava ao clima e ao solo dessa cidade. Por outro lado, o cultivo da mandioca é antigo nessa cidade, ela é matéria prima para a produção da farinha, do beiju, da goma, tapioca, carimã, alimentos que fazem parte da alimentação básica do povo serrinhense e estão presentes na mesa do brasileiro, especialmente dos nordestinos.

De acordo com Silva (2008), entre as décadas de 1960 e 1970, Serrinha registou o maior número de êxodo dos filhos da terra que partiram para outras cidades a procura de emprego. Seus destinos eram Feira de Santana – Ba, Região Metropolitana de Salvador e o Centro Sul do país. Inicialmente, a atividade industrial do município se concentrava na produção de fibras, charutos, vinhos de frutas, produção de lã, seda, mandioca, descaroçamento do algodão e curtimento de pele animal. Posteriormente outras atividades industriais passaram a ser desenvolvidas a exemplo de moinhos de café e milho, maromorites, laticínios, fábricas de doces, sisal, dentre outros.

Atualmente, o município é o centro urbano que apresenta o maior contingente populacional do Território de Identidade do Sisal⁵⁷ e atrai um número expressivo de pessoas devido à atividade comercial pujante, fazendo com que atraía uma população flutuante significativa, como também vários investimentos na área comercial, a exemplo de um shopping de pequeno porte, e lojas de varejo. No que diz respeito ao quadro ocupacional dos moradores desse município, Carvalho (2017), informa que dentre os que estão inseridos no mercado formal encontra-se predominantemente os trabalhadores

⁵⁷ Como se sabe, desde 2007, “o estado da Bahia passou a adotar os Territórios de Identidade como política de organização econômica, baseado no Programa de Desenvolvimento Sustentável de Territórios Rurais (PDSTR) em escala nacional (SILVA e SANTOS, 2019, p. 40) O Território de Identidade do Sisal reúne vinte municípios do estado da Bahia, inseridos no semiárido baiano. Para mais detalhes, acessar <http://www.seplan.ba.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=17>.

dos setores de atividade vinculados à administração pública, seguida da atividade do comércio, indústria de transformação, prestação de serviço e, por fim, o setor da construção civil⁵⁸. Ainda que existam oportunidades de trabalho no setor da construção civil, seu Paulo diz que prefere trabalhar em Salvador porque, segundo ele, “*em Serrinha, gente não acha o que a gente acha aqui, (em Salvador), as vezes tem trabalho mas não é carteira assinada. A gente consegue mais trabalho aqui (Salvador) por conhecimento e amizade. Sem isso aí acho que a pessoa não consegue, não*” (Seu Paulo, 51 anos). O que demonstra que a formalização desse setor na cidade de Serrinha é incipiente. Carvalho destaca, ainda, que mesmo a cidade possuindo grande aptidão para o setor agropecuário, um grande número de trabalhadores rurais também ainda encontra-se inserido no trabalho informal.

Em se tratando dos aspectos culturais presentes nesse lugar do Sertão da Bahia, tem destaque a vaquejada, que atrai multidões, movimentando o turismo local. Essa é a festa mais importante realizada em torno do vaqueiro e tem sua origem nas antigas vaquejadas e pegas de boi. Atualmente, a vaquejada envolve grandes produções com shows com a participação de bandas famosas (VIEIRA, 2007), movimentando consequentemente a economia local.

Há que se registrar também a Procissão do Fogaréu que foi reconhecida como Patrimônio Cultural Imaterial do Estado. Há mais de oito décadas, a manifestação religiosa reforça a tradição e a cultura em todo o Território do Sisal, levando diversos fiéis às ruas da cidade em um ato de fé. Produzindo um brilhante efeito visual com tochas e velas acesas, a Procissão do Fogaréu retrata a prisão de Jesus no Monte das Oliveiras ao ser encontrado pelas tropas romanas. Durante essa procissão, fiéis católicos, turistas e demais pessoas caminham pelas ruas da cidade entoando cânticos e rezas (CEC, 2019).

Finalizo aqui a apresentação dos lugares de origem dos sujeitos da pesquisa, na intenção de que tal empreitada possibilite, ainda que sumariamente, a oportunidade de conhecermos aspectos importantes que envolvem, inclusive, a decisão dos trabalhadores de realizarem a experiência migratória para a capital. O lugar de origem é evocado pelos participantes dessa pesquisa como o lugar do pertencimento, dos afetos, das

⁵⁸ Segundo Carvalho (2017), o crescimento da oferta de trabalho no setor da construção civil na cidade de Serrinha é decorrente da expansão urbana que a cidade vem desenvolvendo nos últimos anos, expansão viabilizada tanto pelo setor privado como pelo setor público, a exemplo do Programa do Governo Federal Minha Casa Minha Vida.

experiências significativas e no qual estão fincadas as bases elementares de suas vidas. No entanto, a relação com esse espaço se dá de maneira fragmentada em virtude da dinâmica de trabalho vivida pelos trabalhadores migrantes braçais da construção civil que vivem em constante trânsito entre o lugar de origem e o lugar de destino, sendo que este último é significado por eles como o “lugar do trabalho”. É na capital que eles produzem a fonte de renda que será utilizada para a manutenção financeira da vida no interior. Mesmo que boa parte da vida desses homens tenha sido vivida em Salvador, o que eles deixam a entender é que, ainda assim, esse lugar é efêmero e não desperta neles o desejo de querer ficar e fixar morada. Isso é evidenciado quando repetem incisivamente que *“quando chega sexta-feira de manhã eu já arrumo minhas coisas logo pra vim pra casa”*⁵⁹. (seu Lucas, 54 anos).

Em seu estudo “Pião trecheiro: trabalho, sexualidade e risco no cotidiano de homens em situação de alojamento em Suape (PE)”, Silva (2013), faz uma discussão sobre a categoria êmica “pião trecheiro”, onde os próprios trabalhadores desvelam para a autora o significado de tal categoria e em que ele difere da categoria peão de obras. Para os participantes da pesquisa de Silva, o pião trecheiro não é simplesmente um peão de obras. A autora ressalta que o significado atribuído aos termos “pião” e “trecho” reflete a condição de trabalhador que migra. Essa denominação de pião trecheiro carrega em sua composição a ideia de “trabalho temporário”, “intervalo de tempo” e “local/região” (Ibidem, 2013). Vejamos em que tais trabalhadores diferem dos trabalhadores aqui estudados.

Os trabalhadores pesquisados por Silva (2013) realizavam um tipo de migração temporária, permaneciam no lugar de destino o período que durasse a obra. O lugar de destino desses trabalhadores pode ser qualquer cidade, estado ou região do país, onde quer que esteja uma obra, lá eles estarão. No caso dos trabalhadores que figuram a presente pesquisa, que saem do interior para a capital para trabalhar no setor da construção civil, o seu trecho/ destino é Salvador. O que assemelha o pião de trecho, ao peão de obras, é o fato de que, para ambos, a relação com o lugar de destino é fluida e passageira. Residir na localidade, geralmente não é uma escolha permanente, mas uma necessidade, sendo assim, uma condição passageira característica da profissão (SILVA, 2013). Aos agentes da pesquisa em tela eu chamaria de Pião de obras, pois estes

⁵⁹ Depoimento do Sr Lucas, em 01 /07 /2019., cujo sentido, dito em outras palavras, está expresso nas falas dos outros entrevistados na pesquisa.

também não ficam parados, giram pela cidade de Salvador para trabalhar nos diversos canteiros de obras presentes na capital. Além disso, vivenciam com uma frequência singular o ir e vir, o constante trânsito entre a origem e o destino no intento de possuir melhores condições de vida por meio do trabalho na capital, mas sem deixar de lado o contato constante com suas origens.

3.2 Contando trajetórias e escrevendo histórias de vida

Concordando com Bumes e Silva (2011), o migrante é um ser social que possui uma origem social, ocupa um lugar social, e encontra-se ainda inserido e rodeado por íntimas relações sociais. Em sendo assim, esse sujeito social possui "plenas condições de apresentar uma história que vai interpretando o mundo que está inserido, criando condições e sentido para entender o lugar que ele ocupa" (BRUMES e SILVA, 2011, p. 130). Dessa forma, é importante pensar o processo migratório realizado por esses sujeitos a partir de suas vivências e de suas significações, uma vez que tais sujeitos, inseridos numa dinâmica cultural e social, têm muito a nos revelar para pensarmos a experiência da migração e os efeitos dela em suas vidas e no contexto social em que estão inseridos. Há que se considerar que

“no mundo das relações sociais e nessa perspectiva, assim como o fato de o ser humano não ser apenas um dado, mas uma construção, o migrante não migra apenas por imposição, ou seja, este ato está carregado de intencionalidades recorrentes ao próprio sujeito (BRUMES e SILVA, 2011, p.130).

As narrativas de nossos interlocutores sobre as experiências vivenciadas na capital e os impactos gerados nas suas redes de relações, nos levam a perceber que as experiências migratórias desses trabalhadores são marcadas pelas dificuldades para se adaptar ao ritmo de vida na capital que, segundo eles, difere em muitos aspectos da vida no interior. Tais dificuldades apontadas, bem como as motivações que levam à experiência migratória, considerando-se os diversos aspectos nela envolvidos, serão descritas a partir das narrativas dos que as vivenciaram.

3.2.1 *Condicionantes para o ingresso no mundo do trabalho*

3.2.1.1 *Imposições estruturais: a formação escolar negada e a luta por sobrevivência*

As narrativas de nossos interlocutores a respeito da infância no lugar de origem guardam as especificidades do trabalho precoce na roça para ajudar os pais a criar os irmãos mais novos, ou para ajudar a mãe. Inseridos nessa “vida de adultos” ainda muito

cedo, eles contam que conciliavam trabalho e escola, mas que, no entanto, em determinado momento, era preciso escolher entre um dos dois. Diante das necessidades de sobrevivência, abandonava-se a escola para dedicação ao trabalho físico. *“aí passei para o primeiro ano (...) eu já tava já garotão forte bom de trabalhar, aí eu só estudei até o meio do livro, aí é... a cabeça não deu para estudar mais aí eu digo: eu vou sair da escola e vou começar a trabalhar para ajudar minha mãe”* (Seu João, 69 anos). A frase *“garotão forte e bom para trabalhar”* é um dado importante para pensarmos o lugar que o trabalho ocupa na vida das pessoas pobres que precisam dele para sobreviver. Talvez seu João esteja apenas repetindo aquilo que escutou de seus pais e de outras pessoas que acreditavam que o trabalho físico era mais importante que os estudos. Como já relatado no primeiro capítulo, em uma conversa com meu pai sobre as dificuldades encontradas por ele e por seus contemporâneos para estudar, ele disse que: *“naquele tempo, menino bom era que trabalhava”*. De acordo com ele, as pessoas valorizavam aos meninos que iam para a roça trabalhar, esses eram considerados “meninos direitos”. Sabemos que o trabalho possui um valor moral e é um atributo de honra para o ser social, no entanto, quando experimentado ainda na mais tenra infância, pode limitar as possibilidades de essas crianças viverem uma etapa importante da vida.

É por isso que dizemos algumas vezes de alguns homens que eles não tiveram infância, porque a necessidade de ganhar seu pão, impondo-se a ela muito cedo, forçou-os a entrar nos domínios da sociedade onde os homens lutam pela vida, enquanto que a maioria das crianças nem sabem que essas regiões existem: ou porque em consequência de uma morte conheceram uma espécie de sofrimento de ordinário reservado aos adultos, e tiveram que enfrentá-lo no mesmo plano que eles (HALBWACH, 1990, p. 42).

Sabemos da dificuldade de conciliar trabalho e estudo, principalmente quando falamos em trabalho braçal, na lida com a terra, enfrentando sol e chuva. *“Foi uma infância que praticamente pra o que eu vejo hoje, não teve infância. Mas somente trabalho, a gente nasce no campo, se criamos no campo... meu pai era um homem muito trabalhador, nos criou em cima disso e até hoje a gente somos guerreiros assim”* (Seu Matias, 49 anos). Colocar-se na condição de “guerreiro” pode estar relacionado ao fato desses homens se verem como alguém que luta para sobreviver. Afinal, o guerreiro é aquele que com a força do seu braço derruba os inimigos, trava lutas constantes, está sempre pronto para combater. E eles lutam para ter o que comer, vestir, para conquistar uma casa, para ajudar a família, para sobreviver. *“A gente não se abate não, a gente pega firme, já tá acostumado no ritmo e aí a gente segue em frente. A gente chama por*

Deus e toca o barco, a gente chama por Deus e a gente vence” (Seu Paulo, 51 anos). E “tocando o barco” esses homens, alguns ainda na adolescência, entraram no mercado de trabalho,

Na época que eu parei a escola que eu fui trabalhar eu acho que eu era um rapaz de uns 16 anos por aí. Aí fui trabalhar para ajudar minha mãe, aí a professora me disse assim: procure estudar de noite para aprender mais alguma coisa. Aí eu entrei na escola de noite e estudei mais uns 3 meses de noite. Aí mudei de setor de trabalho, e aí eu já fui trabalhar de ajudante de pedreiro (Seu João 69 anos).

Foi a necessidade mesmo de não poder estudar e eu ter que trabalhar, né? Entre pai e mãe começaram a... já sabe né? Discutir um com o outro, brigar um com o outro, veio a separação, de meu pai e minha mãe, aí não tinha como ficar estudando, né? Tive que trabalhar pra ajudar ela, aí eu fui pra Salvador (Seu Lucas 54 anos).

As condições de vida era fraca, terminou chegando a idade dos 14 anos comecei sair pra trabalhar, correr atrás pra ajudar a minha família. Aí eu fui trabalhar que não dava mais pra continuar o estudo não porque não tinha condições de meu pai e minha mãe tá sustentando 10 filhos, dar roupa, alimentação, né? A despesa era muita e aquele tempo as coisas era mais difícil, aí eu conversei com um camarada e fui trabalhar. Logo antes eu já trabalhava aqui de ajudante de pedreiro ... aí com meus 14, 15 anos eu já fui trabalhar lá no polo, chegava lá era um sofrimento fora de sério (Seu André, 58 anos).

Durante o dia trabalhava, de noite estudava mesmo cochilando. Então por falta de emprego na nossa região a única oportunidade que temos é sair pra outras cidade pra ter uma vida melhor, correr atrás de um trabalho e tocar a vida. Da mesma forma que aconteceu comigo, o pessoal que cresceu junto tá todo mundo ganhando seu espaço em outras cidade, porque sabemos que aqui é muito difícil pra trabalho, então a única opção que tem é deslocar pra outras cidades pra correr atrás do pão de cada dia (Silas, 36 anos).

Entre dar continuidade aos estudos e suprir as necessidades básicas para sobreviver, esses homens tiveram que optar pelo trabalho braçal, não que eles não considerassem a possibilidade de continuar estudando: “*se eu pudesse estudar um pouco mais até me formar eu queria ser um professor..., eu queria*” (seu Lucas, 54 anos), “*se eu tivesse condições de continuar estudando eu acho que eu seria um médico ou um advogado*”(seu André), “*eu gostava muito de educação física, se eu continuasse estudando faria educação física*” (Silas, 36 anos). Seu Mateus me falou que essa resposta ficaria no ar, pois ele poderia exercer uma outra profissão, ou não. Fico pensando que em alguns casos a premência por suprir as necessidades mais imediatas limita inclusive a possibilidade de vislumbrar um futuro diferente.

Em se tratando de níveis de educação formal e sua importância no processo de ascensão social do indivíduo, cabe ressaltar que em estudo realizado anteriormente por mim, quando analisava os impactos do trabalho precarizado na totalidade da vida dos

trabalhadores no setor da construção civil⁶⁰, foi observado que os negros são obrigados a ingressarem no mercado de trabalho mais cedo para ajudar no sustento da família. Muitas dessas crianças e adolescentes param de estudar ou associam trabalho e estudo para sobreviver. Em contrapartida, crianças e adolescentes brancos com a mesma faixa etária estão frequentando apenas a escola. Essa situação corrobora de maneira efetiva para que se acentue a desigualdade social entre negros e brancos, uma vez que a educação formal se constitui um dos elementos primordiais para a mobilidade social.

Realmente a gente parou (a escola), pelas dificuldades que tinha. Meu pai tem onze filhos, e aí é muito difícil manter a casa. Praticamente trabalhava ele (o irmão), que era o mais velho e eu que era o segundo, a gente praticamente era os morão da casa com meu pai. A gente trabalhava muito e era sempre mais trabalho. Aquela correria que quando pegamos uma temporada de escola, que foi pouco, ele (o irmão) era mais desenvolvido com esse negócio de escola, ele teve um tempo mais de escola, eu como desenvolvia menos, fui trabalhar (Seu Matias, 49 anos).

Comecei a estudar já com 7 anos de idade, na escola municipal. Não tive muito estudo, o meu estudo foi pouco, a gente tinha que trabalhar aí, foi aquilo que eu comecei a trabalhar com a idade de oito anos. Aí quando eu saí de casa pra vir pra a capital pra trabalhar, eu só tive praticamente 6 anos de estudo (Seu Paulo, 51 anos).

A infância já sabe, né? Estudava e a tarde eu procurava ajudar meu pai que era agricultor, e foi uma infância ajudando a minha família, ajudando a criar meus irmãos, que eu era um dos mais velhos, e até meus 18 anos fiquei pela roça ajudando meus pais e depois eu fui para Salvador. Eu gostava de estudar, eu parei porque o que eu precisava na época meus pais não tinham condições de me dar e eu tive que parar infelizmente pra trabalhar, primeiro pra ajudar eles e também pra me manter em algumas coisas (Seu Mateus, 50 anos).

Aqui no interior como todos sabem, pra agente ter alguma coisa tinha que trabalhar, independente de ser adulto ou criança, então comecei cedo. Durante o dia era o trabalho braçal na roça como de costume e à noite já cochilando tinha que fazer as atividade (risos), na horinha vaga que não tava trabalhando tinha que pegar o caderno pra estudar (Silas, 36 anos).

A escola era duas coisas, uma primeiro era obrigado, mesmo minha mãe com as coisas dela e o alcoolismo, mas ela era analfabeta, mas ela dizia que o que ela passou, se ela pudesse ela não queria que os filhos passassem, aí ela obrigou a gente a estudar. No começo eu ia obrigado e depois pela merenda, porque 10 horas tinha merenda e como as condições financeiras da gente era mais fraca, a merenda era o primeiro grande atrativo da escola (Seu Tiago, 45 anos).

O caso de seu Tiago e de Silas é diferente das outras trajetórias com relação ao mundo da educação, pois mesmo tendo que conciliar trabalho e estudo, Silas e Seu Tiago concluíram o ensino médio. Seu Tiago depois de alguns anos fora da sala de aula fez o ENEM e começou a cursar História na UFRB. De acordo com ele, foi fazer a

⁶⁰ Pesquisa realizada em 2016 por ocasião do meu Trabalho de Conclusão de Curso, para obtenção do grau de Bacharelado em Serviço Social -UFRB.

prova por incentivo da esposa e depois fez a inscrição para entrar na faculdade por insistência da esposa e da filha, mas afirma que não pretende deixar o setor da construção civil. Segundo ele, no início não gostava da construção civil, foi por uma necessidade, acompanhando o pai e depois gostou da área.

Dando continuidade às experiências dos nossos entrevistados com relação ao mundo da educação, temos também o relato de Seu André. Ele se orgulha em dizer que nunca repetiu de ano na escola, porém, suas condições materiais não lhe permitiram continuar estudando: *“nunca perdi um ano, mas as condições de vida era fraca e chegando aos 14 anos, tive que sair para trabalhar, correr atrás para também ajudar a família”*. Sr. André revela que não dava mais para ficar sem trabalhar, pois precisava ajudar os pais. Não tinha como eles sustentarem 10 filhos, comprar roupa, comida e manter os estudos, pois a despesa era muita. Essa situação de trabalho precoce apresentada por Seu André e por todos os outros sujeitos desta pesquisa, revela a dura realidade vivida pelas crianças pertencentes às classes menos abastadas que são lançadas ao mundo do trabalho ainda na fase de desenvolvimento físico, psicológico e social e em idade escolar, o que pode causar danos irreparáveis na vida dessas crianças.

Ora, se a educação é a mola-propulsora para que pessoas tenham a possibilidade de conquistar melhores postos de trabalho, e esta muitas vezes não pode ser acessada de maneira satisfatória, torna-se evidente que essa situação irá repercutir de maneiras desfavoráveis quando negros e brancos estiverem, por exemplo, disputando uma vaga de emprego. O negro será duplamente penalizado, primeiro por ser negro e segundo pelo nível de qualificação.

Segundo dados trazidos pela PNAD Contínua de 2016, a taxa de analfabetismo entre brancos era de 4,2%, enquanto que os negros e pardos somavam 9,8% dos analfabetos. A mesma pesquisa revela dados alarmantes no que diz respeito ao trabalho infantil, mostrando que em 2016, no Brasil, 1,835 crianças de 5 a 7 anos estavam trabalhando, sendo que 35,8% dessas crianças eram brancas e 63,8% eram negras ou pardas.

Esses números revelam o quão desigual é o acesso de pessoas negras a todos os tipos de bens. Se existem tantas crianças negras trabalhando quando deveriam apenas estar estudando, brincando e se alimentado dignamente, sabemos que reduzidas serão suas chances de concluir os estudos, e de ter uma infância saudável no sentido pleno da

palavra. Se, temos quase o dobro de pessoas pretas ou pardas em situação de analfabetismo, com relação aos brancos, deduzimos que esses negros, quando lançados no mercado de trabalho, serão alocados em trabalhos totalmente precários, forçados e extenuantes, que deteriora não “apenas” suas forças físicas, mas também psicológicas. Quando olhamos para a diferença salarial, entendemos que teremos pessoas negras se alimentando mal, tendo menos acesso à cultura, ao esporte e ao lazer e a tantos outros bens e serviços que demandam condições financeiras suficientes para suprir.

3.2.1.2 *Entre decisões e anseios: a ida ao lugar de destino*

As narrativas destacam que, no interior, as oportunidades de melhorar de vida são ínfimas, pois as oportunidades de trabalho para os sujeitos pesquisados giravam em torno da agricultura “*o trabalho na roça é só pra gente comer, não tem como a gente ter uma vida estável, uma vida boa*”(Silas, 36 anos), do armazém de fumo, “*quando eu saí da escola que fui trabalhar, eu trabalhava de armazém de fumo (...) quando eu saí do armazém de fumo, aí eu já fui trabalhar de ajudante de pedreiro*” (Seu João, 69 anos) e dos serviços como serventes nas pequenas construções e reformas de casa. Ir trabalhar na capital deu a esses homens a oportunidade de ingressar no mercado de trabalho no setor da construção civil e lá adquirir a classificação profissional como pedreiro, carpinteiro, eletricista, encanador, pintor, dentre outras atividades que envolvem esse ramo produtivo. Além da classificação profissional, outros aspectos importantes ressaltados por eles foram ter a carteira assinada, a possibilidade de ajudar a família e construir uma casa no lugar de origem. “*Hoje eu tô com minha família estabilizada né? Os filhos criados, tenho esposa, fiz minha casa...*” (Seu Mateus, 50 anos).

A experiência migratória vivenciada por esses sujeitos significa a possibilidade de mobilidade ocupacional e com isso a oportunidade de ajudar financeiramente a família a partir da aquisição de mais recursos financeiros. Sabemos que as condições salariais dos trabalhadores braçais no setor da construção civil são precárias, mas, ainda assim, eles as interpretam como melhores em relação àquelas vividas no interior, antes do ingresso no mundo do trabalho na capital. Silva e Menezes (2012), apontam para uma questão importante de ser colocada nesse estudo que busca também compreender

como esses trabalhadores agenciam suas vidas a partir da experiência migratória. De acordo com as autoras:

(...)a migração constitui-se uma estratégia para as famílias camponesas, não se resumindo a regiões mais ou menos favorecidas, onde o sujeito é apenas um ser passivo diante de um processo determinado pela estrutura social ou acumulação capitalista, mas se coloca como uma nova estratégia e oportunidade de melhorar suas condições de vida (SILVA e MENEZES, 2012, p.27).

Observando por esse viés, podemos perceber que os trabalhadores braçais migrantes do setor da construção civil ao tomar a decisão de migrar, movidos pelo anseio de melhores condições de vida, estavam agindo como sujeitos ativos nesse processo migratório. Com isso, não estamos negando que os fatores estruturais pesem sobre a decisão de migrar, mas estamos abrindo espaço para pensar nesses processos migratórios a partir do agenciamento desses sujeitos que, premidos pela necessidade de sobreviver, vão para outra cidade imaginada por eles como o lugar da realização e das melhores oportunidades de emprego. “Não se trata de verificar as opções por ficar ou sair, por uma condição de trabalho ou outra, por um lugar ou outro, mas de compreender como os indivíduos tratam subjetivamente essas possibilidades objetivas de trabalho e vida” (SILVA e MENEZES, 2012, p. 31). Chegando ao lugar de destino, eles precisam agenciar suas vidas com relação ao viver na capital, moradia, trabalho, transporte, além dos aspectos subjetivos que também estão envolvidos nesse processo, a exemplo da saudade de casa e do sentimento de solidão.

Vejamos o exemplo de Seu Paulo (51 anos) que quando foi trabalhar em Salvador não tinha nenhum parente morando por lá. Um amigo criado com ele no interior lhe colocou no trecho. Conforme ele nos conta, esse amigo conhecia seus pais, era uma pessoa próxima, por quem até hoje ele nutre uma profunda consideração. Já na capital, ele conseguiu se aproximar de algumas pessoas e foi estabelecendo sua rede de contatos, “*you reach a city, you don't know anyone, so you enter the construction civil and you are making friends*” (seu Paulo, 51 anos). Confessa que teve medo de ir para a cidade grande, um lugar onde não conhecia ninguém. De acordo com ele, o começo da vida na capital foi muito difícil, mas como sabia ler, foi prestando atenção nos transportes que precisava pegar, nos pontos que precisava ir para pegar o ônibus para o trabalho e para voltar para casa.

Seu Paulo disse que quando o irmão Matias chegou a Salvador ele já tinha condições de guia-lo pela cidade, pois já estava se familiarizando com o lugar. Porém, havia mais dificuldades a serem enfrentadas, visto que não tinham onde ficar. Depois que os alojamentos foram retirados de dentro das obras, tiveram que ir morar em casa alugada, o que significava para eles uma despesa a mais. A retirada dos alojamentos de dentro do canteiro de obras também foi algo mencionado por seu Matias e por seu João. Na época que foram trabalhar em Salvador, as empresas forneciam alojamentos para que eles dormissem no local de trabalho. Depois, o sindicato se movimentou para que esses alojamentos fossem destituídos *“pois quando tinha uma greve, as pessoas ficavam nos alojamentos e a greve perdia a força, pois os patrões convidavam as pessoas para trabalhar até durante a noite”* (Seu Matias, 49 anos). Segundo Seu Matias, os trabalhadores perderam mais com a retirada dos alojamentos de dentro da obra, pois os trabalhadores vinham do interior e chegando à Capital teriam que pagar aluguel. Conforme evidenciado por eles, o dinheiro que ganham é pouco para pagar aluguel e ainda manter a família no interior. Seu Matias disse que atualmente não paga aluguel porque mesmo ganhando pouco conseguiu comprar *um “barraquinho, mesmo tendo que enfrentar todos os dias uma enorme escadaria, mas o importante é que não pago aluguel”* (Seu Matias, 49 anos).

Em pesquisa realizada durante a década de 1990, na região de Ribeirão Preto - SP, Maria Aparecida de Moraes Silva (1999), considera os alojamentos como um lugar de controle de forças do trabalhador migrante do corte da cana-de-açúcar. Segundo a autora, o alojamento *“é um espaço em que o processo de habituação e modelagem do trabalhador tem prosseguimento. Constitui-se um lugar fechado, cujo objetivo é tão-somente completar a formatação destes corpos para o trabalho”* (SILVA, 1999, p.242). Se por um lado os trabalhadores veem os alojamentos como algo positivo por diminuir os gastos na capital, por não precisar pagar aluguel, há que se considerar também o outro lado, que envolve o controle sobre a vida do trabalhador, mesmo fora do horário de trabalho, uma vez que a moradia em alojamento vem seguida pelo cumprimento das regras de convivência dentro desse espaço.

Seu Paulo aos 20 anos saiu do lugar de origem onde nasceu e trabalhou na roça durante toda a infância e adolescência. Posteriormente, seu irmão, Matias, também foi trabalhar na capital. Seu Lucas, aos 17 anos, foi levado pelo cunhado para trabalhar em Salvador. Seu André, aos 14 anos, também partiu para trabalhar por intermédio de um

amigo. Silas foi, aos 26 anos, a convite da irmã. Seu João disse que quando completou os 17 anos e 6 meses já não quis mais ficar trabalhando em São Gonçalo onde, segundo ele, o trabalho era muito pesado, se decidindo por ir para Salvador onde foi trabalhar como ajudante de pedreiro. Seu Mateus foi aos 18 anos depois de ter trabalhado como vaqueiro e agricultor, ajudando o pai no interior. Seu Tiago foi trabalhar em Salvador, com seus vinte e poucos anos, na década de 1990, quando surgiu uma oportunidade de começar uma obra na Universidade Federal da Bahia, no prédio de Geociências, após ter passado em uma seleção. Todos foram para Salvador com um trabalho já garantido no setor da construção civil. Como podemos observar, foram ainda muito novos, ficando no interior a família e suas redes de afetos. Porém guardam o sentimento de pertencimento ao lugar de origem, ainda que em alguns casos o lugar de origem não seja o mesmo lugar do nascimento, mas, sim, o lugar onde estão assentadas as bases elementares de suas vidas.

A necessidade de trabalhar, de possibilitar melhores condições de vida aos seus familiares, as escassas oportunidades de emprego no lugar de origem, são fatores condicionantes para a ida desses trabalhadores migrantes braçais da construção civil para a capital. Por outro lado, os vínculos afetivos que mantêm no lugar de origem fazem com que estejam constantemente em trânsito entre o interior e a capital, reforçando esses laços familiares, de amizade e de pertencimento.

3.2.2 *Experiências no lugar de destino*

Ao partir para o lugar de destino, o trabalhador leva consigo inúmeras incertezas a respeito de como irá se desenrolar a vida na capital, uma vez que se trata de um lugar do qual pouco se sabe, muitas vezes, apenas por ouvir falar, visto que geralmente tais trabalhadores vão por intermédio de um parente ou amigo próximo que já se encontra na capital, e que será seu ponto de apoio na chegada. *“Eu fui levado por meu cunhado que já trabalhava lá, também tinha alguns tios e primos que já moravam lá”*, (Seu Lucas, 54 anos). *“Eu fui morar na casa de meu cunhado, que ele tinha uma casinha lá e me disse que eu podia ficar lá, depois eu fiquei morando na empresa”* (Seu João, 69 anos).

Esses trabalhadores migrantes, que saem do interior para a capital, estão acostumados com uma rotina mais calma, sem a agitação da cidade grande, o “sobe e desce de coletivos”, o fluxo intenso de pessoas, o emaranhado de bairros/locais pelos quais precisam transitar para chegar ao local de trabalho, ou ao lugar onde moram na capital. De acordo com as narrativas apresentadas, esses sujeitos descrevem o começo da vida na capital como muito difícil, como é o caso do senhor Tiago que foi para Salvador em 1990, mas não conseguiu se adaptar á cidade porque teve *“bastante dificuldade em Salvador por não conhecer, por ser do interior...”*, (Seu Tiago, 45 anos).

O medo da cidade grande, dentre outros fatores, é representado no discurso desses homens quase sempre atrelado à violência: *“lá (na capital) é igual a banguê banguê”* (Seu Mateus, 50 anos); *“uma vez a gente foi assaltado, o cara puxou uma peixeira (faca), não tem como a gente não ter medo”* (Seu Lucas 54 anos). Tendo passado por duas experiências de assalto na capital, Seu Lucas narra que no primeiro episódio os assaltantes estavam com facas e no segundo assalto, do qual ele também foi vítima, os assaltantes estavam com arma de fogo. Segundo ele, *“lá é muito perigoso (...) não tem como você nem ficar no ponto de ônibus parado esperando transporte. Você fica em uns lugares aí quando o ônibus vem você corre e entra no ônibus. Lá onde eu moro em Castelo Branco é assim, é muito perigoso”* (Seu Lucas, 54 anos). Na mesma linha de observação, Silas expõe que *“O medo em si, temos né, por causa das coisas que acontece, a violência tremenda. e então, tudo isso deixa você mais retraído de ficar mais a vontade no local onde você está”* (Silas, 36 anos). Dessa forma, eles procuram maneiras de viver na capital buscando evitar se expor aos perigos.

Viver longe da família é um dos incômodos que acompanha o trabalhador migrante da construção civil. *“Eu comento com meu irmão que é um pouco difícil, mas tudo é dificultoso, você ter a sua família lá (no interior) é difícil a gente cria os filhos, mas não é como criar junto”* (seu Paulo, 51 anos). *“Aí eu deixava ela aqui (em São Gonçalo) com os filhos, ia embora, passava a semana toda lá em Salvador, trabalhando e morando sozinho lá, eu sentia falta sim dela”* (seu João, 69 anos). *“A distância é muita saudade, muitas preocupações. Eu não me acostumo a ficar em Salvador o tempo todo, tô querendo vir embora já de lá, que lá já tá muito perigoso”* (seu Lucas, 54 anos).

O sentimento de saudades encontra no repertório desses homens um lugar de destaque, falam tanto da saudade da esposa quanto dos filhos, pais e amigos; *“eu*

mesmo moro sozinho, aí de noite minha fia... é só ouvir rádio, celular, como é que não bate saudade? (Seu Lucas, 54 anos). *“Quando eu lembro das minhas amizades eu fico assim um pouco abatido porque a gente vai aonde a gente nasceu e se criou, a gente não vê as pessoas todas que a gente tem vontade de ver”* (Seu Paulo, 51 anos). Uma das estratégias que eles utilizam para amenizar tal sentimento é buscar formas de se entreter, escutando rádio, assistindo televisão, acessando as redes sociais, a ligação/mensagens também são meios de encurtar a distância e se manterem inteirados sobre o que acontece no interior durante sua ausência. Porém, como disse Seu Paulo *“nunca é como tá perto, mas é o jeito”*. A expressão *“é o jeito”*, ou seja, a única forma que se tem para sustentar a família, é constantemente repetida por eles. Essa é a forma que eles têm de se convencerem de que estão ali por um bem maior - conseguir o sustento dos seus, e de alcançarem melhores condições de vida. Esse *“é o jeito”* também pode ser interpretado como: esse é meu jeito de amar, de cuidar, de proteger, de prover. O que não deixa de ser também um modo de reafirmação do homem do seu lugar de provedor e de seu *status* de homem trabalhador, pois do outro lado, no interior está a mulher a cuidadora dos filhos, da casa, dos dependentes, papéis socialmente estabelecidos e que são reproduzidos no discurso e na forma de pensar e de agir de boa parte da sociedade.

Mesmo sabendo que na capital esse trabalhador será sempre um “de fora”, esses homens encontram formas de se distrair saindo de casa aos finais de semana, quando não viajam para o interior. *“Quando eu acho uma brecha pra sair, eu saio também pra me distrair um pouco, vou na casa dos parentes, (...) ficar só de casa pro trabalho também não vale a pena, fica muito carregada a mente da pessoa.* (Seu Matias, 49 anos), *“Quando eu tô lá eu saio mais assim, vou na casa dos parentes, na praia jogar minha bola dar uma carreirazinha”,* (Seu André, 58 anos). *“A gente tem um grupo lá que mais o que a gente faz é jogar bola, então são várias pessoas que a gente tem uma confiança e que fica nessa rotina, sexta e domingo”* (Silas 36 anos). *“Teve um guarda que ficou meu amigo, aí sempre que eu ficava sozinho à noite eu falava ao vigia do prédio que eu ia sair pra ficar conversando com ele, aí quando dava 10, 11 horas da noite aí eu voltava, porque era próximo do prédio”* (Seu Tiago, 45 anos). *“Essa vizinha minha, D. Isabel, muito boa, ela vendia uma bebida, uma cachaça de folha, aí eu me engraçava, tomava uma dozinha, dia de domingo que eu não vinha (para São Gonçalo) eu ia lá ligeiro, tomava uma (cachaça) e voltava pra almoçar, que é pertinho”* (Seu João, 69 anos). A casa dos parentes, o futebol do final de semana, o lugar de tomar a

cachaça são, então, para esses homens o espaço de socialização dentro da capital, uma forma encontrada para aliviar a tensão de uma semana de trabalho exaustivo; a pausa para o recomeço, para enfrentar mais uma semana de trabalho.

Silva (2013) aponta para alguns elementos presentes na relação dos trabalhadores migrantes com o lugar de destino que fazem com que esses não sejam vistos como membros da comunidade “pelos de dentro”. Esses mesmos elementos fazem com que os trabalhadores migrantes não se sintam pertencentes a esse lugar. Os elementos destacados por Silva (2013) e também observados por mim a partir das falas dos interlocutores foram: não se identificarem como moradores locais – “*eu mesmo só tô aqui por causa do trabalho, se não fosse o trabalho eu não tava aqui não*” (Seu Matias, 49 anos); não serem identificados enquanto moradores locais pelas pessoas que residem na localidade, fato que foi observado por mim já na minha pesquisa de TCC, quando notava que alguns dos entrevistados eram chamados pelo nome da cidade de origem e não pelo nome de registro, expressão de tratamento que o denota como alguém “de fora”. Esses trabalhadores também assumem como característica da profissão não se prenderem a um lugar por muito tempo. Essa última característica é a que os definem como piões.

O discurso de não se deixar abater e de ter que seguir em frente está presente na totalidade das falas dos sujeitos. Essa é uma estratégia encontrada por eles para permanecerem na capital mesmo diante das dificuldades que se interpõem no decorrer de suas trajetórias como trabalhadores migrantes braçais da construção civil. “*A gente tem que enfrentar, não pode se deixar abater*” (Seu Mateus, 50 anos). “*É aquele tipo da coisa, a gente não se abate não, a gente não se abate, a gente pega firme, já tá acostumado no ritmo e aí a gente segue em frente*” (Seu Paulo, 51 anos). “*Mesmo com dificuldade tem que correr atrás, lutar e é assim*” (Seu André, 58 anos). “*A gente tem que seguir, como sabemos que a gente tem que trabalhar, então tem que correr atrás*” (Silas, 36 anos). Para que tenhamos uma melhor compreensão de como contam suas trajetórias na capital, trarei três narrativas que mostram as experiências vivenciadas por Seu Mateus (50anos), Seu André (58 anos), e Seu Tiago (45 anos). Acompanhem as narrativas que seguem.

Vejamos, por exemplo, a experiência do Senhor Mateus, (50 anos). No começo, foi muito difícil para ele chegar a uma cidade em que não conhecia nada, “*só que aí eu tive o apoio de um amigo, que é meu cunhado. Ele me ajudou aí nessa trajetória*

também, até quando eu cheguei numa empresa, aí eu me adaptei e nela eu trabalhei durante 15 anos” (Seu Mateus, 50 anos). Seu Mateus contou que sentia muita falta da família por estar longe, mas segundo *ele* “*era necessário se expor a isso porque tinha que ganhar o pão de cada dia*”. Dentro desses processos migratórios, as redes de contato ocupam um lugar de suma importância, pois a existência dessas redes torna possíveis a ida e permanência desses trabalhadores no lugar de destino. Consoante Silva e Menezes (2012):

A importância das redes sociais aqui é identificada pela ajuda mútua, principalmente na chegada [...], pois o migrante recém-chegado não dispõe de recursos suficientes para sobrevivência, necessitando, portanto, de acolhimento nas casas dos que já estavam estabelecidos. Tais moradias serviam como ponto de apoio para os que iam e vinham constantemente [...] (SILVA e MENEZES, 2012, p.29).

Seu Mateus identificou o cunhado como sendo seu principal ponto de apoio e isso se deu por dois motivos principais. O primeiro é que foi o cunhado que mediou para que ele chegasse a Salvador com um emprego garantido, e o segundo motivo foi que ele o ajudou a se locomover pela cidade que, até então, lhe era desconhecida. Afora isso, Silva e Menezes (2012), asseveram que as redes sociais formadas por familiares, amigos e vizinhos amenizam as dificuldades encontradas pelos migrantes e se constitui um importante recurso cultural em todas as etapas do processo migratório.

Sobre as amizades em Salvador, Seu Mateus disse que era apenas no setor de trabalho, “*conhecia ali, fora não. Também não fazia muita questão de me aproximar, não*”. O motivo elencado por ele para não ter constituído laços de amizades em Salvador era o fato de ser evangélico. Segundo o mesmo, não existiam ao seu redor pessoas compatíveis com seu modo de vida. Marandola JR., e Dal Gallo (2010), ao trazer o estudo de Lussi e Marinuci (2007) e Lussi (2009), revelam que questões legais, religiosas, familiares, econômicas e simbólicas, são elementos que tornam a condição migrante uma condição vulnerável, pois estão associados ao envolvimento que o ser que migra tem com seu lugar de origem. Ao chegar ao local de destino é preciso integrar-se, construir relações que possibilitem sua sobrevivência e adaptação ao novo lugar. “Nesse sentido, o migrante sente a necessidade de fixar-se para poder alcançar uma sensação de bem-estar, aliviando o incômodo sentimento de incerteza e instabilidade que perdura e se reforça com a ausência do lugar” (MARANDOLA JR., e DAL GALLO, 2010, p.411).

Outra experiência interessante a ser trazida aqui é a de Seu André, (58 anos). Ela é bem emblemática para pensarmos a respeito dos impactos que o trabalho na construção civil causam na totalidade da vida dos seus trabalhadores braçais migrantes. Segundo ele mesmo nos conta, sempre foi “*um cara da correria*”, não só ele, mas toda a família. Aos 15 anos foi trabalhar no Polo Petroquímico, que, de acordo com ele, “*naquele tempo pegava pessoas com menos idade..*” Desta forma, podemos perceber que:

em face do quadro de carências a que se encontram submetidas, o trabalho infantil já foi incorporado à sua rotina, de modo que tanto não é questionado quanto é reiteradamente solicitado. Assim, o contexto de pobreza em que estão inseridas as famílias forja um discurso de justificação da inserção precoce no trabalho, naturalizando-o, discurso que tanto serve para negar os evidentes prejuízos às crianças quanto afirmar a importância do emprego delas pelos capitalistas (CAMPOS e FRANCISCHINI, 2003, p.122).

Ao falar sobre sua experiência no Polo, seu André revelou que “*lá era um sofrimento fora de sério*”. Pedi que falasse um pouco mais sobre esse sofrimento e ele passou então a nos contar as dificuldades que enfrentou ao sair de casa, novo e sem experiência para trabalhar naquela atividade que, segundo ele, era um serviço pesado e desgastante. Muitas vezes machucou a mão, saía da frente dos seus colegas e ia chorar no banheiro, em um lugar onde ninguém o podia ver. Após o choro, ele falava: “*eu não vou voltar para casa não, eu tenho que correr atrás do meu objetivo, não vou, não. Aí chorava, chorava, chorava, enxugava o rosto e voltava a trabalhar*” (Seu André, 58 anos). Essa narrativa de Seu André se assemelha à narrativa de tantas outras pessoas que estão em condições precárias de trabalho, em um nível total de submetimento a ponto de terem sua capacidade emocional abalada. O choro é o meio pelo qual o trabalhador consegue aliviar não só a dor física, mas também expurgar de dentro de si dores silenciadas, saudades, cansaço físico e mental, ônus do trabalho degradante no qual está inserido.

Trabalhando em Camaçari e morando em Salvador, Sr. André se recorda, com um tom de tristeza, que precisava acordar muito cedo e pegar uma condução totalmente precária para Camaçari. Era um caminhão com madeirite. Esse era o transporte que o conduzia da capital baiana até o Polo. Seu André relata que “*acordava ainda de madrugada e andava da caixa d’água até a Rótula do Abacaxi para pegar esse transporte às 05h30min da manhã*”. Nessa época, ele ainda não tinha relógio e “*acordava, olhava para o tempo e pensava... já é de manhã*”. Ele se recordou que, inúmeras vezes,

despertava assustado com medo de perder o transporte. Arrumava as coisas e saía para trabalhar e quando chegava à rua encontrava alguém e perguntava as horas e ficava sabendo que ainda era madrugada. Porém não voltava para casa para não dormir e perder o horário. Seguiu em frente e ficava no ponto à espera do dia amanhecer para, finalmente, pegar o transporte que o conduziria até o polo em Camaçari.

Hoje ao recordar esse episódio Sr. André ri meio desconcertado e ressalta que um dos motivos dele confundir o horário de acordar é que ele se baseava pela claridade. Segundo ele, em São Gonçalo o dia demorava a clarear, era tudo mais escuro, então quando clareava já era hora de levantar, mas em Salvador era tudo muito claro, e isso fazia com que ele temesse perder a hora para o trabalho e por várias vezes saísse na madrugada achando que já estava na hora de ir trabalhar.

O trabalho no Polo não demorou muito, apenas um mês. Passado esse período, seu cunhado que trabalhava no bairro Pituba, o levou para trabalhar com ele. O cunhado de Sr. André era pedreiro, mas trabalhava como cabo de turma.⁶¹ Após ter conseguido um trabalho na mesma empresa que o cunhado, Sr. André voltou a Camaçari para conversar com seu chefe e dizer que não continuaria no Polo, pois havia conseguido um trabalho em Salvador e que lá seria melhor para ele. *“Aí fui trabalhar em Salvador, foi indo, foi indo, e as coisas foram melhorando para mim”*. Trabalhou durante um bom tempo, dos 15 anos até próximo de completar 18 anos de idade. Com o término daquela obra, retornou para São Gonçalo onde permaneceu *“até completar a idade para tirar os documentos”* e retornar ao trabalho. *“Tive vontade até de servir o exército, mas para trabalhar, tive que adiantar para tirar os documentos para trabalhar, acabei fazendo os documentos aqui (em São Gonçalo) mesmo”* (Seu André, 58 anos).

Após um tempo de experiências em várias áreas da construção civil, decidiu que já era hora de procurar uma profissão, *“não dava para continuar fazendo tudo”*. Foi então conversar com um eletricista que lhe prometeu conseguir uma vaga na área para que pudesse atuar como eletricista.

Aí o prédio foi crescendo, foi subindo, aí precisou de um ajudante, aí ele foi conversar com o engenheiro e o engenheiro disse: tá bom, pegue ele para trabalhar com você. Ele pegou, daí eu me interessei, porque eu gostava da área também, foi bom! Nem demorei para eu pegar a profissão porque eu tinha interesse. Hoje eu sou eletricista e graças a Deus sou um cara feliz! (Risos) (Seu André, 58 anos).

⁶¹ Cabo de turma é o nome dado ao profissional que é responsável por tomar conta dos serventes (ajudantes).

Nessa época ele já não estava morando mais com o pai. Segundo ele, em sua família, todos quando começam a trabalhar a primeira coisa que fazem é comprar um terreno e construir sua residência no lugar de origem. Mesmo trabalhando fora e acalentando este projeto de sempre se empregar na capital, o projeto de fixação é no lugar de origem. A compra do terreno e a construção da residência evidencia a intenção de algum dia se fixar no lugar de origem, ainda que seja apenas após a aposentadoria. Conviver longe da família foi uma das maiores dificuldades enfrentadas por ele, pois em suas palavras:

a gente convive porque não tem jeito, mas é muito difícil, mas mesmo assim a gente coloca na mente que é preciso viver distante, mesmo com dificuldade tem que correr atrás, lutar e assim... de quinze, mês em mês eu vinha e até hoje (...) continuo vindo. (...) aqui é bom demais!” (Seu André, 58 anos).

Ao falar sobre a jornada de trabalho no setor da construção civil, Sr. André recordou que certa vez chegou a trabalhar dois dias e duas noites seguidas sem parar. Quando foi chegando ao final da jornada ele já não aguentava mais e pediu ao cabo de turma que o liberasse, pois estava muito cansado. Porém a resposta que ele ouviu foi a seguinte: *“liberar o que rapaz? Liberar nada, só sai daqui depois que estiver acabado tudo e que estiver tudo limpo⁶².”* Ao final da jornada, totalmente exausto, estava tão cansado que não conseguia sequer manter os olhos abertos, estava *“dormindo em pé”*. Porém, tinha que se manter alerta para pegar o transporte e ir para casa, bem como para não sofrer nenhum tipo de acidente no canteiro de obras ou no trajeto de volta. Por meio desse relato,

Constatamos que a longa jornada de trabalho, por vezes estendida (..) se coloca também como fator a ser considerado para a análise do sofrimento desse operário, que se vê tensionado em excesso, indo além de suas condições fisiológicas e psicológicas, no objetivo de atender às demandas, por uma garantia de emprego e melhor salário (BORGES e MARTINS, 2004, p.140).

A extensiva jornada de trabalho além de causar sofrimento tanto físico quanto psicológico para o trabalhador, também potencializa os riscos de acidentes de trabalho, aumentando o grau de vulnerabilidade dos sujeitos envolvidos nesse contexto. Conforme evidenciado por Santana e Oliveira (2008), o setor da construção civil abriga a dura realidade de ser considerado um dos setores mais perigosos do mundo. Não se

⁶² Nesse trecho seu André reproduz a resposta do cabo de turma à sua solicitação para ser liberado do trabalho por conta da extrema exaustão que ele se encontrava após trabalhar dois dias e duas noites seguidas, sem dormir.

constitui tarefa fácil trabalhar sob o espectro do medo de acidentes, é como estar sob o comando de uma bomba relógio que a qualquer momento pode explodir. Conforme assevera Dejours (1992) "é com um passo falso que o operário cai do andaime" (p. 64) ou ainda "um operador de grua, por exemplo, se atingido por um choque elétrico deixa cair a carga sobre um grupo de trabalhadores que trabalha no solo" (p. 64). Tão importante quanto a proteção individual é a proteção coletiva desses trabalhadores, pois nesse ambiente o risco não é apenas individual mas também coletivo.

Há que se atentar também para as dimensões subjetivas desses riscos, quais os danos e formas de sofrimentos eles causam aos trabalhadores e quais as estratégias utilizadas por eles para gerenciar essas situações. Nesse sentido, as formulações de Dejours (1992) podem nos ajudar a compreender as formas de enfrentamentos criadas pelos trabalhadores para continuarem atuando nesse setor. Para Dejours (1992), os trabalhadores criam estratégias defensivas para trabalhar nesse ambiente de riscos. "As atitudes de negação e de desprezo pelo perigo são uma simples inversão da afirmação relativa ao risco" (p. 70). De acordo com o autor, a pseudo inconsciência do perigo é resultado do sistema defensivo destinado a controlar o medo. Outra estratégia utilizada pelos trabalhadores é que não se deve ter medo, nunca se deve falar do perigo e dos riscos de acidentes, e essa regra deve ser respeitada por todos, é a adesão do coletivo que lhe confere a eficácia (Ibidem, 1992).

Já que tocamos na questão do medo vivenciado no ambiente de trabalho, perguntei aos interlocutores se eles tinham medo dos perigos da capital. Quando perguntei a Seu André se ele tinha medo de viver na cidade grande, respondeu que não tinha medo porque cresceu em Salvador⁶³, conhecia vários bairros e como estratégia para não ser assaltado ele andava em ruas movimentadas, em lugares abertos. Revelou que seu único medo era ser vítima de bala perdida. Por outro lado a narrativa de senhor Tiago, outro entrevistado desse estudo, revelou situações vivenciadas por ele na capital que repeliram de vez qualquer possibilidade de ele se instalar naquela cidade ou mesmo voltar a trabalho.

Outra vez, a gente foi assistir um jogo do Bahia na Fonte Nova, na saída ele tinha que pegar o carro pra ir pra Castelo Branco e eu pra ir pra Ondina. Perguntei, vem cá, se eu for daqui pra lá andando, da pra ir? Ele disse, dá você vai por aqui, segue até o fim do Dique direto e entra pra esquerda, você vai ver um viaduto, você entra no viaduto pra direita, aí assim ele saiu e eu

⁶³ Conforme evidenciado no capítulo anterior, onde apresento os encontros com os entrevistados, seu André nasceu em São Gonçalo dos Campos, mas como seu pai trabalhava em Salvador, ele passou boa parte da infância entre São Gonçalo e Salvador.

fui. No meio do caminho, começou pegar uma briga lá de torcidas e aí eu ia passando, depois que eu passei veio um bocado de policiais pra separar a briga e me parou no meio, aí eu fiquei no canto parado, sem reação, teve um policial que disse, eu acho que esse aí não tem nada a ver, mas os outros disse: tá sim. Eu não tava nem com roupa de time. Ai eles me levaram pra o complexo dos Barris, fiquei lá umas duas horas, mas não foi uma situação boa, não. Me bater eles não bateram, eu também fiquei sem reação, nem falar eu conseguia falar, eu comecei a pegar aquele trauma de passar pela polícia. Toda vez que eu passava por uma viatura eu ficava mais retraído, agressão física não teve. Mas agressão verbal, essa... talvez se fosse a física doeria menos e bem menos (...). Aí eu já não tinha essa vontade de ficar em Salvador e essa vontade morreu de vez. Até hoje, se me chamar pra fazer serviço em Salvador eu não vou, se eu puder rejeitar eu rejeito porque essa lembrança até hoje ela fica, como agora eu lembrando, pode não parecer, mas é puxado. Como eu te falei, eu aprendi a controlar mais as emoções, aí eu não deixo demonstrar, mas é pesado (Seu Tiago, 45 anos).

Como é possível observar, a experiência negativa vivenciada por esse sujeito foi um dos fatores que o impediu até mesmo de criar laços afetivos com esse lugar de destino. Muitas vezes em sua fala ele vai nos dizer que não conseguiu fazer muitas amizades em Salvador, pois de acordo com o mesmo, os amigos que se lhes apresentavam, tratava-se de falsas amizades, que não o conduziria para um “bom caminho”. Interessante pensar neste modo como Seu Tiago constrói a representação sobre seus contatos com o lugar de destino: “pessoas falsas”, isto é, “não confiáveis”. Este é outro aspecto importante da narrativa dos entrevistados sobre o lugar de destino. Num lugar entendido previamente pelos trabalhadores como lugar de incertezas, é coerente que as pessoas por lá encontradas sejam vistas e consideradas com certa desconfiança. De acordo com Seu João, outro de nossos interlocutores: “*Lu, em Salvador ninguém é de ninguém, aqui (em São Gonçalo) não. Um conhece o outro, sabe o procedimento do outro*” (Seu João, 69 anos). Com isso, não se trata de afirmar de modo generalizante que as amizades e os contatos não sejam importantes para tais trabalhadores no lugar de destino, mas tais relações ocupam em suas representações um lugar específico, marcadas por pouco investimento a uma relação duradoura. São vistas, a priori, como relações apenas de trabalho e que só fazem sentido na convivência do ambiente de trabalho. Ali estabelecem algum elo de (sobre)vivência. Ademais, a efetivação de contatos sociais estabelecidos no lugar de destino possui “algumas restrições em termos de identificação sociocultural ou socioespacial. Alguns fatores encorajam/incentivam esse envolvimento, outros repelem qualquer tentativa ou interesse em fazê-lo” (BRUMES e SILVA, 2011, p.131).

A partir da análise das narrativas dos sujeitos dessa pesquisa a respeito das relações estabelecidas por eles no lugar de destino, infere-se que o trabalho é o impulsionador do estabelecimento de relação de amizade/companheirismo na capital, fato observado quando dizem, “*minhas amizades é só no local de trabalho mesmo*” ou “*a gente consegue mais trabalho aqui por causa das amizades*”. E ainda, “*lá (no trabalho), um cuida do outro, se tiver sem o cinto (de segurança) manda colocar*” (Seu Lucas, 54 anos). Ao mesmo tempo, o sentimento de transitoriedade e de não pertencimento àquele lugar repele o interesse por estabelecer relações de amizade na capital, “*no bairro onde eu moro eu não tenho amizade com ninguém, passo pela rua, falo oi, oi, mas pra sair assim, pra ficar conversando, ir pra o bar não tenho ninguém*” (Seu André, 58 anos).

No caso de Seu Tiago, a sensação de bem-estar foi substituída pelo medo originado a partir das experiências negativas que vivenciou na capital. Ele também vivenciava a ausência de uma rede de relações próximas, pois não tinha parentes próximos residindo em Salvador sem amigos no lugar de destino, fato que pode ter dificultado sua permanência na capital. Em se tratando das percepções que esses trabalhadores do interior têm com relação à capital, nota-se que o lugar que antes da experiência da migração era tido como o lugar que lhes possibilitaria melhores condições de vida, oportunizando a eles condições para ajudar a família e até mesmo garantir a sobrevivência própria e dos seus dependentes, se apresenta, após a experiência, também como o lugar do medo, da solidão e da saudade. No entanto, ainda assim, entendem que a capital permanece sendo o melhor lugar para se trabalhar. Seu André, por exemplo, foi muito enfático ao dizer que:

Agora pra falar a verdade, eu não gosto de Salvador, eu gosto do interior. Salvador para mim, só é bom pra trabalho, pra trabalho é ótimo, e eu também só gosto de trabalhar lá, não gosto de trabalhar no interior porque é muita humilhação (...) no interior o emprego é mais difícil, aí o pessoal às vezes quer aproveitar para tá humilhando as pessoas, e eu não gosto disso. Ninguém gosta de ser humilhado, né? (Seu André, 58 anos).

Este depoimento de Seu André revela alguns aspectos que precisam ser destacados para uma melhor compreensão acerca da percepção de trabalhadores migrantes com relação aos lugares de origem e destino. Primeiramente, há que se destacar a visão que ele tem sobre a capital, a “cidade grande”, isto é, o lugar de destino como lugar de oportunidades. Visão compartilhada por todos os sujeitos inseridos nessa condição de migrante. Quem migra é porque idealiza um lugar de melhores condições e

isto se dá em qualquer experiência migratória: o lugar de destino, não deixa de ser um lugar de esperança e de expectativas. Além disso, é interessante destacar essa comparação que Seu André faz entre a capital e o interior, no que se refere às relações de trabalho: na capital, mesmo o trabalho sendo caracterizado como árduo e pesado, teria uma característica menos “humilhante” se comparado ao interior. Talvez essa característica esteja relacionada com o fato de ele estar trabalhando com a carteira de trabalho assinada, com um contrato de trabalho estabelecido e o entendimento da hierarquia dentro do canteiro de obras onde ele sabe que está ali para receber ordens de alguém com um cargo mais elevado que o seu, engenheiros, técnicos e mestre de obras. Por considerar esse submetimento aceitável, ele não se sente humilhado, apenas está ali para cumprir a sua função de trabalhador braçal. Bem diferente é a percepção de seu Tiago que prefere trabalhar no interior, tanto que atualmente ele trabalha em Cruz das Almas, seu lugar de origem e não pretende voltar a trabalhar na capital. Algo que deve ser ressaltado é que no interior Seu Tiago trabalha como encarregado de obras, ou seja, ocupa uma posição privilegiada na sua profissão.

Para morar, Seu André prefere o interior pela tranquilidade que esse lugar lhe oferece. Ainda de acordo com ele “*o interior sempre é bom, se eu pudesse só morava na roça. É mais tranquila e eu gosto de tranquilidade, o interior é bom demais*”. De acordo com Marandola Jr. (2006), “ao longo de nossas experiências dotamos certos pontos do espaço de significado específico” (p. 6), ou seja, transformamos esse espaço em um lugar que, se destacará para nós com relação a outros espaços. “Esses lugares podem ser onde moramos, onde temos memórias agradáveis” (p. 6), onde encontramos pessoas que possuem significados em nossa existência, “onde gozamos de alguma bem-aventurança” (p. 6). Não que a capital não possa se tornar para esses trabalhadores migrantes um lugar que evoque um sentimento de relativa pertença ou que lhes possibilite memórias agradáveis. Isto certamente ocorre. No entanto, pelas experiências narradas, identificamos que em suas memórias, os momentos mais marcantes de suas vidas no lugar de destino estão relacionados a fatos ligados aos referenciais no lugar de origem. A exemplo da narrativa do senhor Tiago que estava na capital quando o telefone tocou noticiando-lhe o nascimento da filha, temos também as boas recordações de seu Lucas que teve uma filha morando na capital e mesmo não convivendo na mesma casa que ela, essa filha sempre o visita e faz companhia amenizando a solidão que ele diz sentir em Salvador, ou ainda a alegria de seu Mateus por ter conseguido a

profissão de pedreiro, e seu João por ter conseguido dinheiro para construir a casa. Assim vamos “cavando” nesse terreno fértil da memória as experiências agradáveis vivenciadas pelos trabalhadores da construção civil, no lugar de destino.

Todas essas menções feitas pelos interlocutores revelam que os momentos vividos no lugar de destino são acionados em suas lembranças quase sempre relacionados a aspectos e realizações em função do lugar de origem.

Segundo Marandola Jr. (2006), numa metrópole existem aqueles que "representam o espacializar primeiro, que é próprio do lugar, as tradições, cultura, memória: a própria identidade do lugar" (p.11). Ou seja, aqueles que "chamaríamos de ‘nativos’, vivendo a historicidade que pertence àqueles que já habitam por longo tempo, já tendo constituído e deixado florescer muitas coisas" (p. 11). Mas também existem aqueles aos que Marandola Jr. chamou de des-enraizados estes são “mais afeitos às mudanças, ou por vontade própria ou por motivos maiores que os obrigam a migrar” (p. 13). Os migrantes estão em todos os lugares espalhados pela metrópole, “contudo, o seu habitar é um construir relações profissionais/de conhecimento que estabelece mais laços comunitários no trabalho (...) do que na vizinhança (casa)” (p. 13). De acordo com Marandola Jr, a mobilidade desses sujeitos dificulta a consolidação de laços na metrópole. Afora isso, a distância dessas pessoas do lugar de origem os obriga a constantes viagens, o que dificulta o “de-morar-se e o resguardar” na metrópole.

Ainda se referindo à forma como vivem os migrantes nas metrópoles, Marandola Jr. (2006), vai dizer que esses vivem em constante mobilidade e que suas relações na metrópole são sempre tênues. A distância da comunidade da casa faz com que esses sujeitos filtrem o risco das constantes viagens como riscos toleráveis e se ponham a caminho em direção ao lugar de origem. Essa formulação aqui descrita sumariamente pode ser comparada à forma como os trabalhadores braçais migrantes da construção civil vivem na capital Salvador. Eles não fixam moradia na capital, vivem num constante ir e vir, estabelecendo na capital relações que geralmente estão relacionadas ao ambiente de trabalho conforme aludido pelos próprios trabalhadores. *“Tenho muitos amigos lá no trabalho, mas na rua onde eu moro, no bairro não. É só assim: oi, oi, e vou seguindo meu caminho, não sou de parar nem ficar em porta de bar nem em esquina batendo papo, não* (Seu André, 58 anos); *“minha amizade foi só no setor de trabalho, fora eu não contava com ninguém não, não conhecia”* (Seu Mateus, 50 anos). A bem da verdade, a própria rotina de trabalho reduz as oportunidades de convivência

dos trabalhadores com a vizinhança, uma vez que eles saem muito cedo de casa e só retornam ao final do dia, já cansados da rotina de trabalho.

Nesses termos, a fala, a seguir, do senhor Matias revela um pouco das dificuldades de viver na capital. Quando lhe perguntei sobre as dificuldades que ele enfrenta vivendo em Salvador, ele respondeu que enfrenta dificuldades todos os dias, desde a saída de casa no começo do dia até seu retorno ao término da jornada de trabalho, a começar pelas escadas que tem que subir e descer para chegar em casa. Diz que tem muita vontade de ir morar em outro lugar de melhor acesso, pois “*o dia de trabalho já é cansativo imagine só ter essas escadas para subir e descer todos os dias, a chegada quando a gente chega cansado de tarde, para descer todo santo ajuda, e ajuda mesmo! Agora, para sair é difícil*” (seu Matias, 49 anos). Quando perguntado sobre o lado bom de viver em Salvador, ele titubeou bastante e depois disse:

eu me acostumei viver aqui, mas pelo trabalho mesmo porque quando chega o final de semana eu já quero ir para o interior. Para mim quanto mais eu puder ir para lá é melhor. Nos dias que eu fico aqui, que eu não posso ir para lá eu fico mais dentro de casa, só essas escadarias para subir (Matias, 49 anos).

Diante desse depoimento, é importante falar sobre a segregação residencial na qual vivem esses trabalhadores. Nesse sentido, Palma (2009) vai nos informar que tal segregação se originou na história do desenvolvimento dessa cidade. Entre as décadas de 1920 a 1950 ocorreram significativas mudanças na estrutura de Salvador em que a massa trabalhadora e de baixa qualificação formal foi expulsa do antigo centro e construiu suas casas em vales insalubres, originando uma periferia nos centros urbanos e adjacentes. Na década de 1980, nasce uma nova cidade de classes de rendas altas e médias altas em Salvador. Estes locais foram foco de grandes investimentos do Estado em termos de infraestrutura urbana e obras de paisagismo. Tem-se aí uma supervalorização imobiliária de alto padrão residencial, bem equipada de serviços de comércio especializado e de alta qualidade. A população de baixa renda se concentrou no sentido norte, na área denominada Miolo, no Plano de desenvolvimento urbano de 1984. Uma área populosa, que concentra pessoas pobres, carentes de infraestrutura, empregos, equipamentos e serviços urbanos, cujas condições habitacionais são bastante precárias (PALMA, 2009).

Diante do exposto e com base nas observações feitas nas visitas de campo que fiz em Salvador, pude perceber que esses trabalhadores residem em condições precárias

de habitação em áreas de difícil acesso com a presença acentuada de escadarias e ladeiras bastante íngremes. Seu Paulo nos contou que a vida na capital é bastante exaustiva e que as vezes “descansa” mais quando está trabalhando do que no trajeto casa/trabalho/trabalho/casa, pois pegam ônibus lotados, engarrafamentos na estrada e isso é bastante cansativo. Conforme evidenciado por Carvalho e Barreto (2007),

A topografia acidentada de Salvador também contribuiu para isso, uma vez que, historicamente, as camadas altas e médias tendiam a edificar suas moradias nas cumeadas, enquanto os pobres ocupavam ilegalmente as escarpas e os fundos dos seus numerosos e (então) inacessíveis vales. O crescimento e a modernização da cidade levou à erradicação de várias concentrações residenciais de baixa renda nessas áreas, mas ainda permaneceram alguns dos seus resquícios (CARVALHO E BARRETO, 2007, p. 256).

As pessoas que constroem a cidade veem cada vez mais reduzidas as suas oportunidades de vivenciá-la e de ter acesso a ela. Um dos motivos é a exaustiva jornada de trabalho que consome o dia todo desses trabalhadores que, conforme narraram, levantam muito cedo, antes do raiar do sol para pegar condução para o local de trabalho e retornam para casa quando já é noite. Outro motivo corresponde às condições financeiras que nem sempre lhes garantem acesso a determinados espaços da cidade. As relações com os colegas de trabalho são referidas nas narrativas dos interlocutores sempre marcadas pelo princípio da solidariedade.

As vezes a gente tá fazendo um serviço, vem um amigo de lá, acha que... quer dizer, se a gente tiver assentando um piso aqui, vem um outro colega fica conversando comigo, dá uma olhada, diz assim: João, essa pedra não tá bem assentada, tire ela, coloque mais argamassa, que não tá bem assentada. Quer dizer, tudo isso é amizade dentro do trabalho que um ajuda o outro (Seu João, 69 anos).

Para Seu Paulo é muito bom chegar ao trabalho, bater o cartão, tomar café com os amigos, conversando e se divertindo e depois ir para a lida, “*Aí chega no trabalho, bate o cartão, bate papo com os amigos, trabalha o dia todo com os amigos...* (Seu Paulo, 51 anos). Às vezes, percebe que um colega está tendo dificuldades para executar uma tarefa, ele o orienta sobre como deve ser feito e isso para ele é gratificante. Temos ainda a fala de seu Lucas:

“Minha amizade em Salvador é só no trabalho, é trabalho, casa, casa trabalho. Minha última amizade que eu fiz lá mesmo foi um cara de Cachoeira, ele me chama até de papai. Ele teve aqui em São Gonçalo outro dia, somente. E em São João eu fui lá na casa dele visitar ele mas não gosto de muita amizade também não (Seu Lucas, 54 anos).

Chama a atenção o fato do amigo de seu Lucas o chamar de papai. Recordo-me que meu pai trabalhou com uma equipe de homens mais novos e que também o chamava de papai. Eles estabeleceram uma relação de respeito e também de confiança. É comum que os mais velhos, além de ensinar-lhes o ofício, também ocupem o papel de conselheiros. Se, algo estivesse errado, esses “pais” os aconselham como proceder. Talvez, esse seja um jeito encontrado pelos trabalhadores de não se sentirem totalmente fora de casa, encontrando no ambiente de trabalho uma figura de pai. É interessante lembrar que a construção civil abriga pessoas de diversas idades. No estudo em tela, tive a oportunidade de conversar com pessoas na faixa etária dos 30, 40, 50, e 60 anos. Muitos chegam a esse setor ainda muito jovens e veem os mais velhos como pessoas que têm muito a lhes ensinar. “*Foi conversando e ele me orientou: pegue a colher e vá atrás de sua qualificação que você não vai ficar o tempo todo sendo ajudante*” (Seu Paulo, 51 anos). Seu Paulo nos conta que todos os dias se empenhava em aprender mais sobre a profissão porque “*quando a gente vem pra cá a gente não vem sabendo, isso aqui é uma escola, a gente vai aprendendo, o mestre é igual um professor, ele vai ensinando, faça assim, assim, assim*” (seu Paulo, 51 anos).

As narrativas desses sujeitos a respeito das relações estabelecidas no lugar de destino se trata de um processo complexo, marcado pela efemeridade dessas relações, mas que, ao mesmo tempo, guarda aspectos afetivos, de solidariedade e companheirismo, ainda que, vias de regra, não duradouros. Ou seja, as relações de convivência existem no lugar de destino, mas são de natureza específica, que, por sua vez, se diferenciam daquelas vividas no lugar de origem.

As relações firmadas no ambiente de trabalho conseguem amenizar, durante o dia, a saudade que os trabalhadores sentem da casa e do lugar de origem. No fim do dia, ao retornarem para seus barracos, ele encontram estratégias para aliviar a ausência de seus familiares. Observemos a narrativa de seu Tiago:

Uma coisa que eu aprendi, aí já vem já de infância, devido às dificuldades, é isolar certos sentimentos e certas emoções. Então isso eu fazia durante o dia de trabalho, era lá trabalhando com os outros operários normal, mas a noite que era o período pior, que vinham as lembranças, aí eu isolava essas lembranças e focava no que tava passando na TV e depois dormia, quando pensava aí batia uma tristeza, um desespero, uma vontade de largar tudo e vim em bora. O que segurava era o compromisso firmado, que eu firmei um compromisso com a diretoria do prédio e não podia deixar eles na mão, então eu segurava, mas se não fosse isso eu vinha embora. É tanto que quando eu vislumbrei a possibilidade de não trabalhar mais em Salvador, eu disse, agora é hora de eu voltar, aqui não é o lugar que eu pretendo nem morar nem trabalhar. Visitar eu até que ia, mas pra morar, trabalhar e fixar

residência em Salvador eu nunca vou. Mas era complicado, bastante complicado porque todo mundo no fim da tarde, cada um saía e ia pra um canto e no outro dia eles voltavam contando as coisas que passava lá nos seus bairros, com sua família, com os filhos e eu ficava cá só, a solidão era imensa, mas como eu aprendi a isolar certos sentimentos eu fazia com que ela amenizasse o máximo possível (Seu Tiago, 45 anos).

Essa atitude de Seu Tiago de passar o dia entretido no trabalho, chegar em casa e ligar a televisão, pode ser uma estratégia para suportar a saudade da família e dos amigos do lugar de origem. Porém, essas estratégias nem sempre são bem sucedidas, pois volta e meia os pensamentos que envolvem algum acontecimento, a lembrança de alguém com quem se deseja estar perto, as projeções para o futuro ao lado das pessoas com as quais foram estabelecidos os laços de afeto e convivência, evocam o lugar de origem. Como diz Sarlo (2007), “não lembrar é como se propor não perceber um cheiro, porque a lembrança, assim como o cheiro, acomete, até mesmo quando não é convocada” (p. 10). A ansiedade para que a sexta-feira não demore a chegar é um indício de que os trabalhadores não conseguem de fato isolar o sentimento da saudade, bem como não consegue deixar de lembrar-se do lugar de origem. “*quando chega sexta-feira de manhã eu já arrumo logo minhas coisas, pra quando terminar o trabalho eu ir logo para casa*” (Seu Lucas, 54 anos); o que nos leva a entender que “a lembrança não permite ser deslocada (...). A lembrança insiste porque de certo modo é soberana e incontrolável” (SARLO, 2007, p.10).

Notamos que os sujeitos desta pesquisa significam o lugar de destino como o lugar do trabalho, de onde eles conseguem prover a sobrevivência sua e de seus familiares, visto que esses homens na maioria das vezes são chefes de família. Dentre os entrevistados, apenas um, Silas de 36 anos, ainda não havia constituído família e morava com os pais. Os outros sete possuem esposa e filhos. Assim, a renda obtida em Salvador é utilizada para suprir as necessidades da família no interior e as deles próprios na capital, visto que viver na capital demanda também custos com transporte, alimentação e aluguel. Existem casos em que a renda familiar é composta pelo dinheiro do casal, sendo que enquanto o homem trabalha na capital, a mulher fica no interior e lá mesmo trabalha. Conforme aludido em páginas anteriores, a decisão de migrar é diferente para homens e para mulheres, pois estas geralmente ficam para cuidar dos filhos, dos idosos e de outras pessoas que possam ser dependentes delas (FRAGA FILHO, 2009).

No lugar de destino as relações mais próximas geralmente são as construídas no ambiente de trabalho e com os familiares que moram na capital. Seu Matias por exemplo revelou que quando tem oportunidade de sair em Salvador, durante os finais de semana que não viaja para o interior, ele sai para andar pela cidade na tentativa de se distrair um pouco, pois *“ficar o tempo todo dentro de casa é ruim”*. Além de sair para andar pela cidade, ele aproveita para visitar alguns familiares da esposa que moram em Camaçari. No entanto, prefere ir para o interior, que segundo ele, é onde ele se distrai. Salvador seria, na concepção desses trabalhadores, o lugar do transitório, enquanto o interior, o lugar das relações duradoras e do sentimento de pertença. Como narra seu João, *“é lá que tá a força da minha família”*. Em sendo assim, projetam a aposentadoria como a condição ideal para, definitivamente, retornarem para o lugar de origem.

Menezes (1990), diz que em geral a ligação do migrante com a terra natal é muito forte e mesmo aqueles que estão afastados há décadas de sua origem é frequente a volta para passear. São nesses momentos que os laços de amizades e de parentescos são reforçados. No estudo aqui empreendido o que se observa é que esses laços podem ser reforçados a cada final de semana, na volta para casa, após uma semana de trabalho pesado. Além desses laços serem reforçados, é também esse o momento para que o trabalhador possa restabelecer suas forças. Momento do tempo livre, para que o corpo, diariamente submetido a ritmos frenéticos de trabalho, se restabeleça.

3.3 A casa no lugar de origem como espaço de vida e de significações

A casa se constitui um lugar importante para pensarmos sobre a relação do migrante com os lugares de origem e destino. Para além de uma estrutura erguida de pedra e cimento, existe toda a trajetória de uma vida dedicada á sua construção ou aquisição, mas também dedicada a abrigar as pessoas importantes que fazem parte da trajetória de vida desses homens da construção. Se na capital a casa é um lugar transitório a ponto desses sujeitos não conseguirem sequer denominá-la de casa, tratando-a como o barraco, no interior a casa assume uma dimensão totalmente oposta à da capital. No interior, a casa é o lugar onde estão resguardadas partes importantes da trajetória de vida dos trabalhadores. Quando eu perguntei para seu João (69 anos), como foi para ele conviver em Salvador depois que os filhos nasceram, pela questão de estar distante e não conseguir acompanhar o crescimento deles, sua resposta começou com a narração da construção da casa. Acompanhemos:

Eu morava de aluguel lá na lagartixa⁶⁴, deixei ela (sua esposa) com os filhos, com dois, mas foi tudo um atrás do outro. Aí quando eu morei um ano de aluguel, a mãe dela faleceu, quando isso aconteceu a gente largou o aluguel e foi morar na casa da mãe dela. Da casa da mãe dela, ela já teve a terceira filha, e eu sempre trabalhando em Salvador. Eu ia sempre segunda de manhã e vinha sexta de noite ou sábado à noite, aí era assim... aí formou 3 filhos. Aí foi trabalhando, juntei um dinheirinho, aí juntei 7 conto, naquele tempo era conto. Juntei 7 conto na Caixa e trabalhando. Aí surgiu esse loteamento, que aqui tudo era vazio. Eu conversei com o responsável do terreno, o cara que era responsável para vender o lote, eu vim e conversei com ele. Aí ele me disse: um lote 10 por 30, era 20 conto naquele tempo. Eu disse: Tá bem! E como é para eu comprar esse lote? Eu não posso pagar todo de vez. Aí ele disse: bom, quem não pode pagar todo de vez, nós também vende a prazo. Naquele tempo não tinha cartão, tudo era para 30 dias, pela carteira de trabalho⁶⁵, se o cara tivesse trabalhando, todas coisas que você queria comprar à prestação para pagar com 30 dias, tinha que fazer aquela ficha sobre a carteira, e você trabalhando. Se tivesse desempregado não comprava nada (...). Aí eu fui fazendo aqui, fui juntando um dinheirinho, comprando areia, bloco, pedra. Aí marquei minha casa, fiz os alicerces e deixei aí. Com

⁶⁴ Lagartixa é o nome pelo qual é popularmente conhecida a Rua Nascimento Ferreira, no município de São Gonçalo dos Campos-Ba.

⁶⁵ Observe o lugar que a carteira de trabalho ocupa na vida do trabalhador. Segundo a narrativa em tela, em uma época que não existia os meios que temos hoje para realizar pagamentos parcelados, a carteira de trabalho era algo que conferia valor à palavra que era empenhada, era o documento que garantia que a aquisição seria quitada. Mais à frente, ele relata que quando se trabalha com carteira assinada, recebe todos os direitos, e foi com esses direitos recebidos que conseguiu construir sua casa. Importante pensarmos na atual conjuntura vivida pelos trabalhadoras e trabalhadores, que vivenciam a constante precarização do trabalho e a negação dos seus direitos. Principalmente quando falamos em trabalhadores que estão ocupando postos de trabalhos tidos socialmente como menos prestigiosos. Em que se pese, que o pouco que ganham não lhes assegura as condições básicas para suprir todas as necessidades imediatas.

o alicerce pronto, eu voltei comprando o bloco, quando eu tava com 1000 blocos, eu chamei um compadre meu e nós veio e marcou a casa e aí agora, fui trabalhando e fazendo devagarinho (...). Aí fui trabalhar (...) agora tenho que trabalhar para fazer o dinheiro para comprar a madeira. Fui trabalhar, tudo em Salvador! Saía de uma firma e entrava em outra. Quando juntei o dinheiro que comprei o madeiramento, quando eu fazia as coisas aqui era fim de semana, sabe? Trabalhava sábado e domingo, o que eu fizesse sábado e domingo, tava feito. E segunda eu ia embora trabalhar. Cobri minha casa, ficou aí a frente cercada de arames e a casa coberta, mas sem porta sem nada. Aí a vizinhança começou a me dizer que o povo invadia, desatava os arames e entrava para dentro de casa (...), aí fui trabalhando, Deus ajudou, aí eu disse: poxa, não vai dar para comprar as portas agora, vou fazer o seguinte, vou comprar umas tábuas fiz a porta da cozinha, cheguei na rua comprei uma porta simples, uma porta ruim e botei na frente. O carpinteiro veio e ajeitou para mim, aí fui embora trabalhar. Deixei Maria em casa com os filhos, lá na lagartixa, quando foi sábado de noite que eu cheguei já encontrei ela aqui dentro de casa, no chão. Ela brigou com o irmão dela e pegou os meninos, as coisas toda e se mudou, já encontrei aqui, morando aqui sozinha mais os meninos, no chão. Nem o cimento tinha, tava na terra mesmo. Eu tinha um resto de areia, comprei 3 sacos de cimento, chamei dois compadres meus, 2 irmãos dela, e mais um amigo. Aí dia de domingo, nós fez esses 3 sacos de cimento e espalhamos no chão na casa toda, para quando varrer não tá na terra, né? Aí vem eu trabalhando, reboco um cômodo hoje, reboco um cômodo amanhã, fui ajeitando, aí reboquei minha casa toda. Depois da casa toda rebocada, eu dei um contra piso na casa toda para depois o piso necessário. Depois comprei cal, queimeei a casa toda, de branco, aí fui trabalhando... e sempre não paro de trabalhar, hoje minha casa está nessas condições, graças a Deus que me deu força, e eu me interessei muito, eu gosto muito de ter minhas coisas direitinho, tenho prazer de ter minhas coisas direitinho. Hoje chegou ao ponto que ela tá nessas condições. Muita força de vontade. Eu entrava numa firma, saía entrava em outra, pegava os direitos, porque naquele tempo nós trabalhava em qualquer lugar de carteira assinada, quando a gente saía, tinha nossos direitos. Aí a gente morava numa casinha que tava precisando das coisas, quando a gente saía das firmas que recebia, o que era que a gente fazia? A casa tava precisando de um piso, a gente comprava com aquele dinheiro (...). Colocava o piso e ia trabalhar de novo, quando tornava sair da firma que recebia aquele trocadinho, já comprava outra coisa (Seu João, 69 anos).

Escrevi longamente esse trecho da entrevista com seu João, porque vários aspectos chamam a atenção. Veja que eu o perguntei como foi para ele, depois de já ter constituído família, continuar trabalhando em Salvador sendo que a esposa e filhos continuavam morando no interior. Seu João muito detalhadamente foi descrevendo o processo de construção de sua casa. Ele lembra com detalhes, de quanto pagou pelo terreno, como foi feita a negociação para o pagamento, uma vez que ele não tinha o dinheiro suficiente para pagar em parcela única, e em seguida narra com clareza as etapas da construção. Olhando rapidamente pode parecer que ele fugiu do tema da pergunta. No entanto, partindo para uma análise mais apurada dos fatos, com atenção aos detalhes da narrativa, pode-se compreender que para ele a forma de cuidar dos filhos e da esposa, e a forma de ser presente, é poder garantir da melhor forma que lhe foi possível o conforto para a família que acabara de constituir. A casa seria, então, o

lugar da segurança para a esposa e para os 4 filhos, não apenas a segurança por estarem protegidos das intempéries, em baixo de um teto, mas também a segurança de possuírem algum bem material – uma situação de moradia estável. Tanto é que na narrativa ele evidencia que a construção não se deu de forma imediata. A casa foi sendo erguida aos poucos, cada etapa concluída significava uma vitória. Seu relato evidencia também a alta rotatividade em postos de trabalho; era com o dinheiro dos “tempos de serviço”, como ele mesmo narra, que realizava cada etapa da construção de sua casa. Para Mussi e Côrte (2009),

O sentido afetivo da palavra moradia, “a casa”, é o lugar destinado à construção de relações, vínculos, como um reservatório de lembranças que, a qualquer momento, um detalhe, um cheiro, um objeto, um olhar, são rapidamente evocadas e se apresentam da maneira como as ressignificamos (MUSSI e CÔRTE, 2009, p. 234).

Desse modo, ao narrar a construção da casa, seu João respondia a seu modo, sendo ele um construtor, à minha pergunta. Pois nesse lugar construído por ele e por seus amigos, estão presentes várias lembranças. A casa não é apenas uma construção de pedras e cimento, é a construção de uma vida, a narrativa da trajetória de seu João que envolve vínculos afetivos dos quais ele talvez não consiga expressar de outra forma, a não ser usando a metáfora da construção. Quantos fragmentos de histórias de vida estão impregnados nas paredes dessa casa que testemunharam a mudança apressada de D. Maria com seus filhos pequenos? Essa mesma casa testemunhou o primeiro encontro de seu João com o filho mais novo que nasceu enquanto ele estava trabalhando em Salvador. Foi testemunha também de celebrações de momentos especiais, provavelmente testemunhou algumas discussões, fatos corriqueiros da vida cotidiana que torna essa construção um lugar para ser o lar da família de seu João, um lugar que hoje acolhe também os netos desse casal, recebe amigos, parentes e vizinhos. Um lugar de experiências. Em suma, o quanto essa casa, “recolhe nas suas paredes, no vazio dos espaços, no silêncio das vozes”, a trajetória da vida? “Especialmente na velhice, parece que tudo isto fica potencializado, impregnado, impresso na nossa memória, nesta casa interna repleta de cômodos e esconderijos” (MUSSI e CÔRTE, 2009, p. 234).

Na luta cotidiana, seu João conseguia cumprir o papel socialmente estabelecido para o homem de protetor e provedor da família, e esse era seu jeito de cuidar, de mostrar que ele se preocupava com o bem estar dos filhos e da esposa. Tanto é que o fato de tê-la encontrado na casa que ainda estava em fase de construção, após ter

retornado de mais uma semana de trabalho, o fez se apressar para fazer o piso, mesmo que provisório para suprir uma necessidade imediata, tirá-la de cima de um “piso” de terra batida e colocar um piso de cimento até que as condições financeiras lhe permitissem colocar o piso que desejava. No entanto, o cuidado não estava apenas na construção da casa, ele também revelou ser presente, quando detalhou que chegava na sexta-feira ou no sábado à noite, semanalmente. Mesmo quando ainda não estava construindo a casa, toda semana seu João retornava ao seu lugar de origem para estar com a família. E essa convivência não se reservava apenas à família, mas estendia-se à relação com os amigos e de compadrio⁶⁶.

Isso pode ser percebido quando seu João fala que chamou um compadre para marcar o terreno, mais a frente chamou dois compadres, dois cunhados e um amigo para fazer o piso. E esse último episódio não havia sido programado com antecedência. Ele chegou em casa, e ao se deparar com a esposa morando em um lugar inóspito naquele momento, saiu e foi procurar os compadres, cunhados e amigos para ajudar-lhe naquela necessidade imediata. Essas relações estabelecidas por seu João no lugar de origem lhe fizeram entender que ele podia contar com essa rede para construir sua casa. Da mesma forma como ele fala em outro trecho da entrevista que - *aqui no interior, a gente vai na casa do vizinho, pega uma pimenta, as vezes dá uma pimenta a gente, dá uma fruta a outro, da uma jaca, um mamão maduro, qualquer pessoa dá uma cana, oferece um café*; isso para mostrar que as relações por ele estabelecidas no lugar de origem lhe dão certo sentimento de segurança, de saber que em caso de necessidade ele tem com quem contar. Essas relações sólidas estabelecidas no lugar de origem também foram explicitadas nas falas de outros entrevistados, quando diziam da vontade de encontrar os amigos do interior para sair, irem às festas, aniversários, jogar bola. Observe que esses laços estabelecidos no interior são estreitos a ponto de se querer passar com os amigos o momento do lazer, de tê-los como companhia. Diferente do que observado na capital, quando dizem que *“amizade é só no lugar de trabalho, mas para sair para fazer festa, não”* (Seu Tiago, 45 anos).

Outros sujeitos registraram a importância da casa no lugar de origem, de ter condições de construir ou adquirir esse bem como uma conquista que é fruto do seu trabalho, conforme destacado por eles. Acompanhemos essas narrativas para que

⁶⁶ Conforme assinalado por Durhan, (...) o compadrio é uma instituição fundamental. Estabelecido em base voluntária, o compadrio de um lado assinala relações preferenciais entre parentes, de outro estende os limites da solidariedade interfamiliar, criando laços de parentesco ritual” (DURHAN, 1973, p.72).

possamos ter uma ideia qualitativa do valor que a casa assume na vida desses trabalhadores:

A gente também, a gente tem esse negócio, a gente quando começa a trabalhar, meus irmãos os pessoal da minha família, até sobrinho, todo mundo ... é a primeira coisa que faz é fazer sua residência, comprar um terreno pra poder fazer suas casas. Meus irmãos mesmo todo mundo, cada qual tem sua casa, logo logo eles... a primeira coisa que faz é isso aí. Só uma das irmãs que ficou na casa que é de minha mãe aí ela mora lá, que ela não tinha, ela morava em Salvador também, trabalhava lá agora que ela mora aqui. (Seu André, 58 anos)

O que eu tenho hoje graças a Deus, foi da própria construção civil, meu mesmo eu não tinha nada, através da construção civil trabalhei graças a Deus, não fui uma pessoa de fazer farra. O meu pensamento era construir uma casa pra mim que (...) eu quero ter o que é meu porque ali eu posso dizer que ali é meu, quem me deu foi o meu esforço de trabalho, primeiramente Deus, meu esforço trabalhando, aí fiz o meu cantinho, hoje graças a Deus eu tenho três filhos, não tenho o que reclamar nenhum deles, todos tá trabalhando. (Seu Lucas, 54 anos)

Eu comprei meu imóvel lá, minha residência, em 1996, pra me casar que eu casei em 1997 e tenho minha residência concentrada lá, fico aqui a trabalho aí com meu irmão no barraquinho que ele tem, mas eu tenho um também. Eu tenho um e ele tem outro, mas com dificuldade a gente fica aí. É lá e cá, correria. Meus filhos foi tudo criado com a minha ausência assim, só quando a gente sai do trabalho a gente passa 5 mês, três mês ... mas o mais tempo é aqui na cidade em função do trabalho. (Seu Matias, 49 anos)

Hoje minha casinha tá nessas condições, não faz vergonha a ninguém né Lu, minhas coisas tudo direitinho, eu posso trazer um amigo meu, Maria pode trazer uma amiga dela. (...). Muita força de vontade (Seu João, 69 anos)

A alegria é porque hoje eu tô com minha família estabilizada né? Os filhos criados, esposa, fiz minha casa aqui (...) essa é a minha maior alegria (Seu Mateus, 50 anos).

As falas acima revelam que para esses trabalhadores, ter uma casa é motivo de orgulho, é a conquista de um sonho viabilizada pelo trabalho na capital, pois como vimos, essas casas foram construídas depois que eles começaram a trabalhar em Salvador, no setor da construção civil.

Alguns aspectos importantes ainda precisam ser destacados para pensarmos na relação do homem trabalhador migrante com a casa. O primeiro aspecto aparece na fala de seu Matias que tem uma casa em Salvador e mora com o irmão, cuja casa na capital é própria. No entanto, eles se referem a essas casas como “barraquinho”, “*eu comprei meu barraquinho aqui*”. Já a casa que ele possui em Serrinha, seu lugar de origem, ele a denomina de “minha residência” ou “minha casa”. A diferença atribuída a esses dois espaços está diretamente relacionada ao fato de que mesmo tendo adquirido essa casa na capital, com o dinheiro do seu trabalho, ainda assim ele não a concebe como sendo sua

casa, pois a família dele está morando no interior. Segundo ele, foi “muita luta” para conseguir comprar o “barraquinho” na capital, mas que valeu a pena pelo fato de hoje não precisar pagar aluguel, o que significa para ele uma despesa a menos no lugar de destino. O “barraquinho” é assim chamado por eles por designar um lugar de menor importância, um lugar de passagem – com uma finalidade específica: dar-lhes o suporte enquanto permanecem no lugar de destino trabalhando –, ainda que se trate de uma propriedade adquirida. Para esses homens o lar é onde eles residem com a família, cercado de intimidade e afeto, “essa é a condição subjetiva que fornece a ideia de lugar permanente” (SILVA 2013, p.120).

Outro aspecto relevante é a importância do trabalho como um indicativo de valor moral. O homem que trabalha e constrói sua casa é um homem honrado que assume a responsabilidade com a família e com seus dependentes. Para isso, ele põe-se a caminho, no caso dos trabalhadores migrantes braçais da construção civil, vão para a capital trabalhar, enfrentar uma rotina árdua de trabalho, a saudade da família, e a solidão. Ou como quer Silva (2013),

O trabalho seria mais que um instrumento da sobrevivência material para os homens, pois se “constitui o substrato da identidade masculina, forjando um jeito de ser homem. É condição de sua autonomia moral, ou seja, da afirmação positiva de si”. Assim, o trabalho confere aos homens uma ideia de valor moral pela responsabilidade e capacidade de prover a família (SILVA, 2013, p. 75).

No entanto, outros aspectos, que não o trabalho, permeiam a vida desses trabalhadores migrantes da construção civil e são também pensados por eles como importantes em suas vidas, como a paternidade. Mas, como então lidam com a condição de serem pais diante da atividade que exercem, sem a convivência diária com os filhos? Fato é que tal realidade não é vivenciada apenas pelos trabalhadores da construção civil. Profissionais das mais diversas categorias também convivem com a distância do ambiente familiar por força do trabalho ou por outros tantos fatores que não serão discutidos aqui neste momento. Detendo-nos apenas aos trabalhadores da construção civil, temos as seguintes afirmações:

É, é ruim. Não é muito bom não, sinto muita falta, filho nasce, cresce, você só vê 50% nem é 50 %, praticamente 30% . Apesar de hoje você ter a comunicação, hoje tá mais informado sobre a família e tudo assim, mas nunca é como se você tivesse junto. A minhas filhas, aquilo que eu não tive eu quero fazer pra elas, principalmente o estudo porque é o único caminho que abre as portas pra alguma coisa melhor no futuro (Seu Matias, 49 anos)

É um pouco difícil é. Mas é o tipo de coisa, é o dia-a-dia, é a dificuldade, sem dificuldade hoje, hoje tudo tem dificuldade, não tem nada fácil. Você ter sua família lá, tem seus filhos pra dar um estudo, eles todos estudam mas sempre tem a companheira que fica pra orientar né? A minha esposa também ela sempre orienta os filhos pra estudar... de fato que a minha menina já está fazendo faculdade, cursando engenharia, é uma honra pra mim, o que eu não tive eu pude dar pra os meus filhos, é o estudo e é aquele tipo de coisa, a gente aqui e a família lá é difícil? É. Mais é aquele tipo da correria, a dificuldade do dia a dia e a gente fica assim, cria os filhos mas não é igual a se criar junto mas é o tipo da coisa, a criação vem de dom se soube criar, botou no estudo novo, o menino acostuma no estudo, o que não pode deixar é ficar sem estudar, ou trabalhar (Seu Paulo, 51 anos)

Antes às vezes eu vinha de quinze em quinze [dias], aí eu vinha sábado e segunda-feira de madrugada eu voltava, aí depois que fui pai eu passei a vim toda semana, aumentei o gasto, mas passei a vim toda semana (Seu Tiago, 45 anos).

Os trabalhadores sentem pelo fato de não conviverem diariamente com os filhos. No entanto, consideram essa ausência necessária pelo fato de que precisam trabalhar para garantir-lhes melhores condições de vida e o acesso aos estudos. A garantia aos estudos, o suporte financeiro e o acesso a melhores oportunidades de vida, são fatores que amenizam o sentimento de perda de etapas importantes da vida dos filhos por parte dos trabalhadores migrantes. Pois esses elementos fazem parte daquilo que percebo como uma forma de cuidar que é mediatizada pela provisão de bens que poderão privar os filhos de passar pelas mesmas dificuldades materiais pelas quais passaram seus pais.

3.4 Experiências marcantes no lugar de destino

Como bem se pôde observar nas seções anteriores, os trabalhadores migrantes da construção civil, interlocutores desta pesquisa, construíram narrativas de pertencimento ao lugar de origem que foram evidenciadas a partir dos aspectos que eles destacaram como elementares nas suas trajetórias de vida. Tais aspectos dizem respeito ao valor que eles atribuem à família, aos amigos, e a casa. Não obstante tais narrativas de pertencimento ao lugar de origem, os trabalhadores se deslocaram para outro lugar, a capital, a fim de trabalhar para prover o sustento da família e de terem melhores condições de vida, dado evidenciado pelos próprios sujeitos. No intento de saber como esses trabalhadores significam o lugar de destino, a capital Salvador, uma série de perguntas foi lançada a respeito da entrada no mundo do trabalho no setor da construção civil, como foi a ida para a capital, quais as principais alegrias e dificuldades vividas em Salvador, sobre as amizades no lugar de destino, o que eles faziam no tempo livre, se costumavam ir a festas, em suma, como tais trabalhadores agenciavam suas vidas no lugar de destino a partir das atividades realizadas fora do ambiente de trabalho. Muitas dessas narrativas já foram trazidas ao longo dessa dissertação.

No entanto trago nesta seção que discorre sobre as experiências no lugar de destino algumas narrativas que nos ajudarão a compreender a percepção desses trabalhadores sobre o lugar no qual eles exercem suas profissões. Enquanto no lugar de origem estão as bases elementares da vida desses sujeitos, o lugar de destino é percebido apenas como o “lugar do trabalho”, onde estão para passar um tempo. Este corresponde ao período de sua vida economicamente ativa, e depois retornarão para o interior. As amizades constituídas na capital estão ligadas às suas relações de trabalho. No entanto, em alguns casos essas relações podem, com o tempo, tornarem-se mais estreitas. Penso que o fato do setor da construção civil possuir alta rotatividade dificulta o estabelecimento de relações duradoras.

Por outro lado, as relações estabelecidas no ambiente de trabalho, favorece a formação de uma rede de contatos que em caso de desemprego será acionada para que o pião desempregado não fique parado e seja inserido novamente em um canteiro de obras. Sempre escutei meu pai falando: *“na construção civil quando você tá desempregado, aí você chega na porta do canteiro, encontra com os colegas e ele já*

fala lá dentro e se tiver vaga... é mais fácil conseguir emprego”. Os companheiros de trabalho são as pessoas com as quais os trabalhadores migrantes irão conviver boa parte do tempo dentro do canteiro de obras. Assim, as conversas e as brincadeiras, amenizam a rotina pesada de trabalho e a solidão causada pela distância do lugar de origem.

Tem muitos colegas que gosta de você, como no trabalho mesmo, todo mundo gosta de mim né? Eu não tenho o que falar, pra mim é uma segunda família porque todos o meninos de lá que a gente trabalha junto (...) todo mundo são gente boa, aí não tem o que reclamar não. É brincando, trabalhando, um cuida do outro, se tiver sem cinto amarra o cinto, aí sempre um alerta o outro (Seu Lucas, 54 anos).

A gente conhece as pessoas, a gente conquista as pessoas e foi assim que eu cheguei aonde eu tô hoje (referindo-se à cidade que para ele hoje é o lugar de origem). Foi através de um grupo de amigos. Era um grupo de 53 amigos da mesma região, trabalhando numa empresa e fazendo amizade com eles, fomos pra lá conhecer. E conhecemos lá e... primeiro foi ele, depois foi eu e depois mais dois irmãos meu e nossas esposas hoje são tudo de Serrinha, minha família é de Serrinha por causa disso. Através de amizade que eu arrumei aqui no meu trabalho (Seu Paulo, 51 anos).

A experiência de seu Paulo sobre as amizades na capital chama particularmente a atenção, no rol dos entrevistados. Veja que uma rede de amizade estabelecida no ambiente de trabalho foi capaz de redirecionar sua vida e de mais três irmãos, fazendo-os sair de Serra Preta, lugar onde nasceram e foram criados, e se mudarem para Serrinha, lugar que hoje eles referenciam com lugar de origem. Em Serrinha eles conheceram suas esposas, casaram e tiveram filhos. O local de destino deles continua o mesmo, Salvador, mas o lugar de origem passou a ser outra cidade que não aquela onde nasceram. A família constituída no interior é o elo mais forte que esses trabalhadores possuem com o lugar de origem, despertando o sentimento de pertencimento que a capital não é capaz de evocar, pois nela não foram construídas as bases que levariam tais sujeitos a se sentirem abrigados na cidade. O trabalho é o que liga esses homens ao lugar de destino, mas a motivação primeira para o deslocamento do interior para a capital reside na condição desse trabalho possibilitar a manutenção da vida no interior.

Dentre outras questões, a migração nos leva a pensar em como se configura a relação desses homens com o lugar onde residem por força do trabalho. Pois, mesmo que os homens passem longos períodos longe de suas famílias, distantes da cidade onde residem com seus familiares, suas referências do lugar onde moram continuam atreladas a questões de pertencimento ao grupo familiar (SILVA, 2013, p. 79).

Conforme pôde-se acompanhar até aqui, no caso dos trabalhadores migrantes braçais da construção civil que migram do interior da Bahia para trabalharem na capital

Salvador, eles não passam longos períodos longe do lugar de origem, pois semanalmente ou quinzenalmente viajam para o interior onde residem seus familiares; o que torna ainda mais tênue a relação com o lugar de destino, visto que os laços de pertencimento ao lugar de origem são constantemente reforçados. Concordando com Sayad (2000), “existe uma nostalgia agarrada ao espaço, e se este é no fundo um lugar de nostalgia, como se experimenta em todos os deslocamentos, é porque se trata de um espaço vivo, concreto, qualitativa, emocional e até mesmo apaixonadamente distinto” (SAYAD, 2000, p.12).

Outro relato que chama a atenção com relação às experiências vivenciadas na capital é o de seu Tiago.

O nascimento da minha filha, eu tava em Salvador aí o telefone tocou aí ... eu sempre fui filho agora a relação tava mudando, agora eu ia ser pai. Foi um negócio prazeroso, mas contido porque emoções eu aprendi a conter cedo, mas foi prazeroso. Aí eu fiquei lá uma semana, que eu não podia sair. Uma semana só pensando em vim pra casa, oh.. parecia que a semana não passava não. Os dias parecia que tinha... assim ó, parecia cumprido... êêê demora meu Deus do céu, essa semana não acaba não? Aí um dia eu disse – não, agora eu vou embora arrumei tudo de noite aí... agora também não dá, agora não tem transporte. Quando chegou sexta-feira foi o dia mais longo que eu passei foi essa sexta-feira, eu comecei a trabalhar cedinho. Eu disse – eu vou começar cedo pra terminar cedo, mas quem disse? Aí foi pior (...), mas o dia demorou de passar que quando o dia veio acabar que eu só podia sair de lá 4 horas pra arrumar tudo pra pegar o ônibus 5 horas, 5:30 o mais tardar. Éta que esse dia aí foi... quase que eu não conseguia fazer muita coisa não, eu só pensava em vim pra ver minha filha. Mas e pra voltar de novo pra Salvador ? Aí que foi pior, eu fiquei uma semana aqui, quase que eu não queria mais voltar, mas eu tinha que voltar pra cumprir o trabalho, né? Tem que ser responsável (...) Mas de Salvador até Cruz não teve outro pensamento a não ser em ver a minha cria, não tinha foto, no celular a gente só falava (...). Mas até chegar em casa e ver e pegar foi um misto de emoções e de desespero porque ao mesmo tempo que eu queria acabar logo, veio o desespero mas depois eu disse – já nasceu, então pra eu ver falta pouco, então eu ficava tranquilo. O relógio, aquele tique-taque, eu olhava toda hora pro relógio, essa hora não passa, não..., essa hora não passa e o trabalho lá rolando e os meninos fazendo ríliá da minha cara, marinheiro de primeira viagem até hoje essa é uma lembrança boa que eu tenho de Salvador. (Seu Tiago, 45 anos).

Como bem nos aponta Sarlo (2007), “a narração da experiência está unida ao corpo e à voz, a um pensar real do sujeito na cena do passado. Não há testemunho sem experiência, nem tampouco há experiência sem narração” (p. 24). Escutando a narrativa de seu Tiago pude perceber que naquele momento um misto de sensações foram afloradas, Ele narrou com emoção esse momento de sua vida e falava com um entusiasmo e com um brilho nos olhos, como se estivesse revivendo aquela experiência, era como se ele pudesse me levar com ele para percorrer os espaços que testemunharam

a ansiedade, a alegria e as expectativas que ele havia vivenciado na capital. Naquele momento pude perceber, tal como descrito por Sarlo, o quanto “a linguagem liberta o aspecto mudo da experiência, redime-a de seu imediatismo ou do seu esquecimento e a transforma no comunicável...”(SARLO, 2007, p. 24-25). Pois, se até aquele momento de nossa conversa, seu Tiago ainda não havia conseguido se recordar de nenhuma alegria vivida na capital, uma vez que seu olhar estava mais direcionado para os acontecimentos negativos que ele vivenciou e que repeliram qualquer possibilidade de querer permanecer em Salvador, lembrar do nascimento da primeira filha o fez recordar uma experiência feliz e que ele demonstrou não desejar esquecer.

Note que essa experiência elegida por ele como um momento marcante vivenciado na capital diz respeito a algo que estava intimamente ligada à sua vida familiar, reportando-o assim para o interior. A paternidade de seu Tiago foi um fato que posteriormente o levou a decidir-se por retornar para a cidade de Cruz das Almas, para lá exercer sua profissão como autônomo, trabalhando com reformas e construções de modo que esse trabalho lhe permitisse ficar em sua cidade de origem. Fato que, segundo ele nos conta, só foi possível devido à longa trajetória profissional que ele havia construído em Cruz das Almas. Como narra seu Tiago, no setor da construção civil ele possui uma vasta formação tanto técnica quanto prática, visto que fez uma série de cursos dentro de sua área profissional, o que difere dos outros entrevistados que não tiveram a oportunidade de construir uma carreira reconhecida no lugar de origem pelo fato de que ainda muito novos viram-se obrigados a fazer a experiência migratória para a capital, e lá construíram uma carreira profissional. Concordando com Silva (2013), todos os sacrifícios que os trabalhadores passam na condição de pião, ou seja, daquele que precisa se deslocar para trabalhar, só podem ser entendidos pelo sentimento de responsabilidade de garantir uma vida melhor para os familiares. Reforçando mais uma vez a ideia de que a decisão por ficar ou migrar não é uma decisão isolada, ela implica em múltiplos fatores que são relevantes na vida de tais trabalhadores, dentre os quais, o principal parece ser a manutenção da família.

Seu Tiago conta que no ano 2000 surgiu uma oportunidade para que ele fosse trabalhar em Angola, oportunidade esta que ele recusou por não querer trabalhar e viver longe da família. Porém, a decisão de partir ou ficar não é fácil de ser tomada e nem ocorre livremente. Antes de esses trabalhadores tomarem tal decisão, diversos fatores se lhes impõem, dentre os quais destaco a necessidade de se alimentar, de se vestir e de

viver em melhores condições, a necessidade de prover os estudos e outros bens para os filhos. Em suma, essa decisão acaba sendo motivada pelos mais diversos fatores que estão ligados à sobrevivência dos trabalhadores e dos seus dependentes, como podemos observar a partir das falas de Seu João e de Seu Paulo.

O jeito que tinha, ou que tivesse saudade ou que não tivesse, a família fica aqui e a gente lá fora trabalhando, só vinha dia de sábado, com oito dias. Com oito dias nem dava para vir, se eu viesse esse sábado, no outro eu já não vinha, já mandava o dinheiro para ela por pessoas conhecidas, que vinha pra casa. Aí mandava o dinheiro, era tudo conhecido daqui, aí a gente entregava. Eu passava o final de semana, na segunda-feira ia trabalhar, passava a semana toda. E no sábado eu ia pra casa com o dinheiro, mas sempre a vontade de quem tem família que mora num lugar e ele trabalha em outro, é de tá sempre junto (Seu João, 69 anos).

A saudade bate, mas é aquele tipo daquela coisa, acostuma. É difícil acostumar, mas acostumou você tem que passar por isso. (...), que a gente lá não acha o que a gente acha aqui. Às vezes tem trabalho, mas não é carteira assinada. A gente consegue mais trabalho por conhecimento e amizade sem isso aí acho que a pessoa não consegue, não (Seu Paulo, 51 anos).

Com base nessas narrativas, observamos que mesmo que eles tenham o desejo de permanecerem no lugar de origem com a família, as características e exigências da profissão acabam reconduzindo-os ao lugar de destino, limitando esse convívio familiar aos finais de semana. Tempo que, como afirmam os interlocutores, “passa muito rápido”, de modo que a sexta-feira é esperada por eles com impaciência, pois a sensação que eles têm é que quando estão na capital o tempo demora de passar e quando estão no interior o tempo passa muito rápido.

Interessante pensarmos como esses trabalhadores representam o tempo, comparando-o entre a vida no lugar de destino e no lugar de origem. O lugar de destino como o lugar da obrigação, do trabalho, do “sacrifício”, onde o tempo demora a passar, e o lugar de origem como o lugar do gozo do descanso, da “satisfação”, do convívio afetivo, onde o tempo se esvai rapidamente. Esse sentimento que eles têm, de que o tempo no interior passa rápido, se dá em função do desejo de permanecerem por lá. A permanência efetiva desta situação só poderá se tornar possível, conforme eles próprios compreendem, quando da conquista da aposentadoria, sonho muito acalantado por eles: “*minha vontade é de me aposentar, chegar minha aposentadoria e eu ficar aqui no interior só descansando*” (Seu André, 58 anos).

Ainda sobre concepções de temporalidade, a partir de alguns diálogos estabelecidos com tais interlocutores constata-se que vivem em constante trânsito entre

o passado e o futuro. Com isso não se quer inferir que o presente não exista para eles. No entanto, é como se o tempo presente estivesse sempre exposto à sublimação no imaginário desses trabalhadores, cujas narrativas oscilam fortemente entre o passado narrado, marcado por desafios e resistências e o futuro promissor, caracterizado pelo desejo de “melhora de vida” e garantia de sobrevivência digna aos seus filhos e família. Eles estabelecem uma relação com a capital, mas enquanto lugar de convivência que se resume no “aqui e agora”. Estes trabalhadores estão sempre com olhos para o retorno ao lugar de origem, sendo sua presença na capital, como diria Sayad (2000), presença distraída, ausente e distanciada. No lugar de destino pouco ou quase nada se projeta. É um lugar de trânsito, temporário, ainda que preche de acontecimentos e significados. Nesse sentido, a capital é algo transitório, onde o trabalhador vai para cumprir uma meta, trabalhar, vislumbrar melhores condições de vida, mas o desejo de retornar está sempre presente no lugar de origem. Esse é um dos numerosos paradoxos da imigração: “ausente onde está presente e presente onde está ausente” (SAYAD, 2000, p.20).

O lugar de destino para esses trabalhadores migrantes do setor da construção civil só faz algum sentido se pensado a partir do lugar de origem e de como eles significam esses lugares. No limite, pode-se afirmar que o lugar de destino se dá em função do lugar de origem. Esta é a constatação a que se pode chegar quando nos deparamos com as narrativas dos sujeitos da pesquisa. É isso que está dito. Diante das difíceis condições materiais de vida, situados numa posição de classe cuja característica é a oferta da própria força de trabalho para garantir a sobrevivência, sem condições de investirem na formação escolar e terem a oportunidade de escolha para seguir uma carreira valorizada socialmente, moradores em municípios cuja oferta de empregos é extremamente escassa, veem na capital – e especialmente, no setor da construção civil – a oportunidade de garantia de sobrevivência e “melhora das condições de vida”, ainda que as experiências no lugar de destino sejam assustadoras, desafiadoras e muitas vezes degradantes. Dada à relativamente curta distância que marca suas cidades de origem e a capital e, principalmente, o sentimento de pertencimento, encontram formas de não perderem os vínculos com seus lugares de origem. E isto se dá tanto por razões afetivas – os laços de parentesco, de família e amizades – quanto pela rede de reciprocidades – a ajuda mútua, constituída localmente e em função daqueles laços.

CONCLUSÃO

É como você sabe, dentro da capital, quando a gente mora lá, Lú, é muito difícil a pessoa ter amizade, porque dentro da capital, Lú, ninguém é de ninguém. Aqui no nosso interior nós tudo é conhecido, todo mundo conhece o outro, as vezes sabe o procedimento do outro...

Chegamos à etapa final da nossa construção. Para que essa obra fosse erguida de maneira substancial, o primeiro passo dado foi o processo de sondagem do terreno para vermos se seria possível construí-la, e vimos que sim, o terreno era apropriado para construção. O segundo passo foi fazer a fundação no lugar onde foram erguidas as estruturas que constituem essa obra. Nesse processo fizemos todo um apanhado teórico acerca das categorias analíticas que compõem esse estudo, utilizando-as como pilares. Em seguida, fixamos os andaimes para que as paredes continuassem ganhando altura. E foi no processo de montagem dos andaimes, que se deram os encontros com os sujeitos desta pesquisa. A maioria dos encontros foram proporcionados por meu pai que, além de me apresentar a seus companheiros de trabalho, me acompanhou em cada um desses encontros articulados por ele. A terceira etapa da construção foi o momento de trazer de maneira mais aprofundada as experiências migratórias dos trabalhadores migrantes braçais da construção civil e suas histórias narradas a partir das experiências vividas nos lugares de origem e destino.

Fomos buscar no depósito da memória os materiais necessários para realizar a presente construção. Impulsionada pelo desejo de saber como esses trabalhadores contam suas histórias de vida, suas experiências, lembranças da infância no lugar de origem, como narram a relação com a escola, os laços familiares e comunitários, os afetos e vínculos estabelecidos no lugar de origem, a entrada no mundo do trabalho, a ida para a capital, e as experiências por lá vividas, fiz o exercício de escutá-los, e colher de suas memórias os dados que constituíram a coluna central desta obra.

Começo a tecer as palavras dessa conclusão refletindo sobre a fala de seu João a respeito da forma como ele percebe as relações dentro da capital e no interior. Seu João é um senhor aposentado de 69 anos que, como disse Bosi (1994), “ao lembrar o passado ele não está descansando, por um instante, das lidas cotidianas, (...) ele está se ocupando consciente e atentamente do próprio passado, da substância mesma da sua vida” (p.60).

Assim, nosso encontro teve um toque especial, fomos favorecidos pelo tempo vivido por ele que nos proporcionou longas conversas e profundas reflexões, que muito tem a dizer também a respeito das demais trajetórias.

O caminho agora escolhido por mim é mostrar o quanto das falas e sentimentos dos outros entrevistados podem ser reveladas a partir da percepção de seu João em relação aos lugares de origem e destino. *“Dentro da capital, ninguém é de ninguém”*. Isso faz pensar que se no lugar de destino ninguém é de ninguém, ou seja, não há uma relação/sentimento de pertencimento ao outro e, com isso, ao lugar, no lugar de origem, ao contrário, existe o sentimento de pertença, de reciprocidade e de convivência. Tais experiências não são vivenciadas na capital porque esses trabalhadores braçais migrantes entendem esse lugar como um lugar de passagem. Eles vão trabalhar no lugar de destino com vistas a melhorarem suas condições no lugar de origem, o destino é o lugar do transitório.

A necessidade de trabalhar para possibilitar melhores condições de vida aos familiares, somada às escassas oportunidades de emprego no lugar de origem, são fatores condicionantes para a ida desses trabalhadores migrantes braçais da construção civil para a capital Salvador. No entanto, os vínculos afetivos que eles mantêm no lugar de origem fazem com que retornem para o interior aos finais de semana em uma frequência semanal ou quinzenal reforçando os laços familiares, de amizade e de pertencimento.

Diante das difíceis condições materiais de vida no interior, situados numa posição de classe cuja característica é a oferta da própria força de trabalho para garantir a sobrevivência, sem condições de investirem na formação escolar e terem a oportunidade de escolha para seguir uma carreira valorizada socialmente, moradores em municípios cuja oferta de empregos é extremamente escassa, veem na capital – e especialmente, no setor da construção civil – a oportunidade de garantia de sobrevivência e *“melhora das condições de vida”*. No entanto, o lugar de origem continua sendo para eles o lugar do pertencimento e das experiências marcantes de sua trajetória. A capital é o lugar do transitório, sem nenhuma pretensão de fixação. Fato é que mesmo trabalhando na capital durante boa parte da vida, esses trabalhadores buscam reafirmar os laços de convivência no interior. Pois *“é lá que tá a força da minha família (...), no nosso interior, nós tudo é conhecido”* (Seu João).

Ao se deslocar para a capital, o trabalhador leva as incertezas a respeito de como será a vida por lá. Geralmente, esse é um lugar do qual pouco se sabe, muitas vezes apenas por ouvir falar, visto que geralmente esses trabalhadores vão por intermédio de um parente ou amigo que os antecedeu nessa vida de itinerâncias e que já se encontra na capital. Essas pessoas serão o ponto de apoio aos recém chegados. A rede de contatos é, então, crucial na vida de trabalhadores migrantes, pois geralmente são esses contatos que irão em um primeiro momento oferecer moradia, ensinar-lhes a trafegar pela capital, mediar a aquisição do primeiro emprego no lugar de destino. Diante da novidade do lugar de destino, os trabalhadores relataram que no começo da vida na capital as maiores dificuldades enfrentadas por eles foram conviver com a saudade das pessoas que ficaram no lugar de origem e o fato de terem que pegar transporte coletivo para se locomoverem dentro da cidade.

Quando falamos sobre as relações estabelecidas na capital, ficou nítido que os vínculos de amizade/companheirismo estão reservados ao local de trabalho. Os dados revelam que existe uma relação de afeto, de consideração e de solidariedade no lugar de destino. No entanto, se trata de uma relação que ocorre de maneira específica. Trata-se de amizades passageiras porque o caráter do canteiro de obras é passageiro, a própria capital é entendida como um lugar de passagem, então existem relações marcantes, mas que não são permanentes. Podemos encontrar aí a diferença com relação às amizades estabelecidas no lugar de origem que, geralmente, são relações construídas ao longo do tempo, *“lá um conhece o outro, sabe do procedimento do outro”* (Seu João). Levando em consideração que o lugar de destino é entendido por esses trabalhadores como um lugar de passagem, isso pode explicar o fato de eles não construírem amizades permanentes, o que não significa dizer que não exista boas amizades, identificação, empatia e afetos: na capital, *“a gente cuida um do outro”* (Seu Lucas).

A saudade é companheira certa desses homens de andanças. É o que está dito por eles, *“saudades a gente sente né? Mas fazer o que? Tem que enfrentar?”* (Seu Mateus) A solidão também é um fator causador de sofrimento na vida do migrante, *“a gente mora só porque não tem jeito”* (Seu Lucas), *“é uma coisa desusada, quem casa quer dormir junto né, Lú?”* (Seu João). No entanto, existem estratégias usadas por eles para amenizar tais sofrimentos. A televisão, o rádio, o celular, a conversa com os companheiros de trabalho, são narradas por eles como o meio encontrado para não

ficarem pensando o tempo todo nas pessoas que estão distantes fisicamente, mas com as quais gostariam de estar perto, resguardados, apaziguados.

O retorno ao lugar de origem a cada final de semana não é apenas o modo encontrado por eles para reforçar os laços afetivos, mas também é o momento do descanso, de recompor as forças para enfrentar uma nova jornada de trabalho. “Por isso falamos em *descansar* na força de outra pessoa e em *morar* no amor de outrem” (TUAN, 1983, p. 154). É na força dos seus que esses trabalhadores encontram o descanso para o corpo e para mente, onde recuperam as forças para o trabalho, e onde encontram as motivações para permanecerem no lugar de destino, afim de que no lugar de origem os seus possam gozar de “melhores condições de vida”.

É fato que o trabalho braçal na construção civil não provoca uma mobilidade social, mas possibilita acesso a bens que o trabalho no qual estavam inseridos no interior não lhes proporcionaria. É o que está dito por eles quando afirmam “*hoje graças a Deus eu tenho minha casa nessas condições, não faz vergonha a ninguém*” (Seu João), “*hoje eu venci, estamos estabilizados*” (Seu Mateus), “*hoje graças a deus meus filhos estudam, eu quero dar pra eles o que eu não tive. Minha filha já tá na universidade*” (Seu Matias). Essas conquistas narradas por eles funcionam como combustível para continuarem na condição de trabalhadores braçais migrantes do setor da construção civil.

Eles entendem que, em certa medida, os vínculos familiares são afetados por essa condição de trabalhadores migrantes: “*filho nasce a gente não vê, filho cresce, a gente não vê*” (Seu Matias), “*fica ela lá com os filhos e eu aqui*” (Seu Paulo), “*vocês cresceram e eu nem vi*” (meu pai). No entanto, encaram como uma espécie de “mal necessário”, pois precisam prover o sustento. É pela família que aceitam viver em tal condição. Assim, quando os entrevistados se referem ao lugar que moram na capital como barraco, e à residência no interior como a casa, estão sendo trazidas todas as significações que esse lugar evoca. Não estão falando da casa apenas enquanto o espaço físico, mas onde se encontra a esposa, os filhos, pais, pessoas que fazem parte de suas relações mais próximas e pelas quais eles decidem fazer a experiência migratória.

Essa experiência migratória trata-se de um tipo específico e que só pode ser entendida como tal se levarmos em consideração a dinâmica do trabalho no setor da construção civil, marcada pela alta rotatividade, pela segmentação das obras em etapas

sucessivas e que oportuniza a entrada de pessoas com baixa qualificação formal no mercado de trabalho, mas que também possui características marcantes de precarização. Observando essa dinâmica de trabalho podemos compreender o tipo de experiência migratória vivenciada por esses piões de obras, que vivem em constante trânsito entre o interior e a capital.

Saber que no interior existem pessoas que os esperam, pessoas que lhes são caras e cuja convivência diária lhes faz falta, faz com que esses homens após cada jornada semanal de trabalho, retornem para suas casas, cruzando BRs à noite para chegarem em casa e, pela madrugada, retornarem ao trabalho. Todos esses esforços são realizados para prolongar o quanto for possível a estadia no interior, em casa. *“A gente pega o carro (transporte coletivo) e vai pra o interior, atravessa a BR. Aí nós chega em casa a gente vê a família, né? A gente fica alegre até o momento que a gente olha pra o caminho que vai voltar aí bate aquele desânimo, mas é aquele tipo da coisa, a gente não se abate, não”*. (Seu Paulo, 51 anos). E na maioria das vezes, esse misto de sentimentos, a alegria por ver a família e o desânimo por saber que logo retorna para a capital, se repete ao longo de toda a vida economicamente ativa desses piões de obras.

Levando em consideração as falas dos sujeitos, e todo o aporte teórico estudado, concordo com os autores que se debruçaram sobre o tema da migração quando dizem que as categorias origem e destino precisam ser redefinidas. Conforme Menezes (2012), é a partir de 1970 que as migrações múltiplas começam a ganhar uma maior visibilidade. Embora as migrações para as regiões metropolitanas continuassem ocorrendo, nas décadas de 1980 e 1990, elas já não representavam uma possibilidade de fixação no lugar de destino, muito menos uma mobilidade social para aqueles que realizavam esses processos migratórios. Ainda de acordo com Menezes (2012), a intensidade com que ocorre a mobilidade entre os espaços, coloca em questão as noções de origem e destino, visto que essas são tipologias que se baseiam em critérios fixos. Tais noções apresentam limites para compreendermos os tipos de migrantes que se deslocam constantemente, como é o caso dos trabalhadores da construção civil envolvidos nesta pesquisa. Estes estão na capital apenas em função do trabalho, é pela família que eles fazem essa experiência migratória, mas também é pela família e por seus laços de afetos estabelecidos no lugar de origem que eles vivem nesse trânsito constante de retorno às suas cidades.

Embora tendo utilizado durante toda dissertação e empreendido o esforço em ressignificar as categorias origem e destino, ao final desse estudo penso que o que a literatura concordou em chamar até um dado momento de lugar de origem, pode ser entendido como o lugar da experiência existencial, e o lugar de destino como o lugar do transitório. Conforme Marandola Jr. e Dal Gallo (2010), “os lugares em que o indivíduo viveu ou vive são responsáveis pela constituição de sua maneira de ser, assim como garantem a continuidade desse ser, baseada na experiência” (p. 411). Já sabemos que o lugar de origem não é necessariamente o lugar do nascimento, mas sim o lugar onde se experimenta a vida com todas as suas vicissitudes e com o qual se estabelecem as relações de pertencimento e no qual é forjada a identidade do ser. Não se trata de um lugar com ausência de conflitos, dissabores, ou desentendimentos. No lugar de origem se experimenta a vida em todos os seus aspectos e os vínculos de pertencimento ocupam um lugar privilegiado na trajetória desses trabalhadores.

Concluimos com isso que o lugar de destino para esses trabalhadores migrantes do setor da construção civil só faz algum sentido se pensado a partir do lugar de origem e de como eles significam esses lugares. No limite, pode-se afirmar que o lugar de destino se dá em função do lugar de origem. Pois é no lugar de origem que estão assentadas as bases elementares da vida desses sujeitos que partindo para trabalhar na capital permanecem com olhos voltados para o interior, para o lugar dos significados de sua existência.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Aparecida. “A Contribuição da Categoria de Habitus Para a Reflexão Sobre a Migração Internacional”. In: *Migrações: implicações passadas, presentes e futuras / Paulo Eduardo Teixeira, Antonio Mendes da Costa Braga, Rosana Baeninger (org.)*. – Marília : Oficina Universitária ; São Paulo : Cultura Acadêmica, 2012

ARAÚJO, Tania Bacelar de. Desenvolvimento regional brasileiro e políticas públicas federais no governo Lula. In: *10 anos de governos pós-neoliberais no Brasil: Lula e Dilma*. Emir Sader (org.). - São Paulo, SP: Boitempo; Rio de Janeiro: FLACSO Brasil 2013.

AUGÉ, Marc. *Não-Lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Tradução de Maria lúcia Pereira. Campinas, SP: Papyrus, 1994.

BASSANEZI, Maria Silvia C. B. “Imigração Internacional e Dinâmica Demográfica no Tempo do Café”. In: *Migrações: implicações passadas, presentes e futuras / Paulo Eduardo Teixeira, Antonio Mendes da Costa Braga, Rosana Baeninger (org.)*. – Marília : Oficina Universitária ; São Paulo : Cultura Acadêmica, 2012

BARCELLOS, T.M. Migrações Internas: os conceitos básicos frente à realidade da última década. *Ensaio FEE*, Porto Alegre, v.16, n.1.

BARROSO, Maria Beatriz De Sousa Dias Ferreira. *As Migrações: Uma Leitura Política E Uma Visão Humanista*. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias Faculdade de Ciência Política, Lusofonia e Relações Internacionais. Lisboa, 2012.

BERGSON, Henri. *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. São Paulo: M. Fontes, 1999.

BOMFIM, Márcia Virgínia Pinto. A rede urbana do Recôncavo Baiano e seu funcionamento técnico. Salvador -Ba, 2006.

BRANDÃO, Maria de Azevedo. Os vários Recôncavos e seus riscos. *Revista do Centro de Artes, Humanidades e Letras* vol. 1 (1), 2007.

BRUMES, Karla Rosário; SILVA, Marcia da. A migração sob diversos contextos. *Boletim de geografia.*, Maringá, v. 29, n. 1, p. 123-133, 2011.

BOISSEVAIN, Jeremy. “Apresentando ‘Amigos de amigos: redes sociais, manipuladores e coalizões’”. In: FELDMAN-BIANCO, Bela. *Antropologia das Sociedades Contemporâneas – métodos*. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

BORGES, Ângela; CARVALHO, Inaiá. “Revisitando Os Efeitos De Lugar: segregação e acesso ao mercado de trabalho em uma metrópole brasileira”. *Cad. CRH*, Salvador , v. 30, n. 79, p. 121-135, Apr. 2017.

BORGES, Hélia and MARTINS, André. *Migração e sofrimento psíquico do trabalhador da construção civil: uma leitura psicanalítica*. Physis [online]. 2004.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade – lembranças de velhos*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOURDIEU, Pierre. “A ilusão biográfica”. In: AMADO, Janaína & FERREIRA, Marieta de Moraes (Orgs). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1998.

BOURDIEU, Pierre. “habitus, espaço de estilo de vida. In: *A Distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007.

BRITO, Fausto. *As migrações internas no Brasil: um ensaio sobre os desafios teóricos recentes*. Belo Horizonte: UFMG/Cedeplar, 2009.

CAMPOLINA, Felipe de Paula. *Andaimés: a evolução do sistema e novas aplicações na construção metálica*. Ouro Preto. 2017.

CAMPOS, Herculano Ricardo, Rosângela, FRANCISCHINI. “Trabalho infantil produtivo e desenvolvimento humano”. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 8, n. 1, p. 119-129, jan./jun. 2003

CANTISANI, Alípio Ferreira e CASTELO, Ana Maria. O perfil dos trabalhadores da construção civil O trabalhador do setor melhorou sua posição relativa aos demais trabalhadores brasileiros. *Conjuntura da construção*, Março de 2015

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. *In: O trabalho do antropólogo*. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Ed. UNESP, 2006.

CARVALHO, Alberto Rodrigues Câmara de. *Migrantes em Brasília: os motivos, as dores e os sonhos numa perspectiva clínica*. Universidade de Brasília, Brasília 2008.

CARVALHO, Inaiá Maria Moreira de; BARRETO, Vanda Sá. Segregação residencial, condição social e raça em Salvador. *Cadernos metrópole* 18 pp. 251-273 20 sem. 2007.

CARVALHO, Elmo José Carneiro. A expansão urbana da cidade de serrinha - Bahia e suas repercussões sobre os recursos hídricos. Feira de Santana – Ba, 2017.

CBIC - Câmara Brasileira da Construção Civil. Catálogo de inovação na construção civil. Brasília. 2016.

CEC. Conselho Estadual de Cultura.

CASTRO, Janio Roque Barros de. *Da casa à praça pública: a espetacularização das festas juninas no espaço urbano*. Salvador. EDUFBA 2012.

CASTRO, Nádyá Araujo; BARRETO, Vanda de Sá. *Trabalho e desigualdades raciais: negros e brancos no mercado de trabalho em Salvador*. São Paulo: Annablume, A cor da Bahia, 1998.

CEZARINHO, Filipe Arnaldo. “A guerra de espadas em Cruz das Almas (BA) – (1980-2016). Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Estadual do Centro Oeste –UNICENTRO-PR, 2018.

CLIFFORD, James.” Sobre a Autoridade Etnográfica”. In . ____ . *A Experiência Etnográfica. Antropologia e Literatura no Século XX*. Editora UFRJ. Rio de Janeiro. 2002. Pp. 17-58

COSTA, Luciano Rodrigues. “Subcontratação e informalidade na construção civil, no Brasil e na França”. *Cad. CRH*, Salvador , v. 24, n. 62, p. 413-434, Aug. 2011.

COSTA, Luciano Rodrigues. “A racionalização do processo de trabalho na construção civil”. *Impulso*, v. 24, n. 61, p. 167-182, 2014.

COULON, Alain. *A Escola de Chicago*. Campinas: Papirus,1995.

COVER, M. *O tranco da roça e a vida no barraco: um estudo sobre os trabalhadores migrantes no setor do agronegócio canavieiro*. João Pessoa: UFPB, 2011.

CRUZ NETO, Otávio. “O Trabalho de Campo como descoberta e criação”. In: *Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade*. MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.) 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Tradução: Tradução de Anne-Marie Milon Oliveira. “Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica”. *Revista Brasileira de Educação* v. 17 n. 51 set.-dez. 2012.

DEBERT, Guita Grin. “Problemas relativos à utilização da história de vida e história oral”. In: CARDOSO, Ruth C. L. *A aventura antropológica: teoria e pesquisa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1986.

DEJOURS, Chhstophe, *A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho*. Tradução Ana Isabel Paraguay e Lucia Leal Ferreira. – 5ª ed - São Paulo: Cartaz - Oboré, 1992.

DIEESE – Departamento Inter Sindical de Estatística e Estudos Sócio-econômicos. Perfil dos trabalhadores da Construção Civil do Estado da Bahia, DIEESE, 2012.

DIAS, Maria das Graças Andrade. *Memórias e existências: Identidades e valores na representação social do patrimônio no Recôncavo da Bahia*. Vol. 1 Belo Horizonte, Minas Gerais. 2015

ELIAS, Norbert, *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*/Norbert Elias e JohnL. Scotson; tradução, Vera Ribeiro; tradução do posfácio à edição alemã, Pedro Sússekind; apresentação e revisão técnica, Federico Neiburg. — Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

EMBRAPA. Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. Centro Nacional de Pesquisa de Mandioca e Fruticultura. Cruz das Almas, BA. *Pesquisa para o desenvolvimento, Cruz das Almas, BA*. Cruz das Almas, BA., 1987. 77p.

FARAH, M. *O processo de trabalho na construção habitacional*. São Paulo: Annablume, 1996.

FELDMAN-BIANCO, Bela,. “Introdução”. In . _____. *Antropologia das Sociedades Contemporâneas: Métodos*. São Paulo. Editora UNESP. 2009.

FERNANDES, Florestan, *A Integração do negro na sociedade de classes: o legado da “raça branca”*, Volume 1, ed. 5 – São Paulo: Globo, 2008.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*; tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, Vozes, 1999.

FRAGA FILHO, Walter. Migrações, itinerários e esperanças de mobilidade social no Recôncavo baiano após a Abolição. *Cadernos AEL*, v.14, n.26, 2009.

GOMES, Haroldo Pereira. *Construção civil e saúde do trabalhador: um olhar sobre as pequenas obras*. Rio de Janeiro. 2011.

GODOI, Emília Pietrafesa de. O sistema do lugar: história, território e memória no sertão. In: NIEMEYER, Ana Maria ; GODOI, Emília Pietrafesa de (orgs). *Além dos territórios*. Campinas: Mercado das Letras, 1998.

GONZAGA, Marluce Neri. Entre o Apogeu da Construção e o Declínio do Construtor: Uma Análise Sobre os Impactos do Trabalho Precarizado da Construção Civil na Vida dos Trabalhadores na Cidade de Salvador - BA. Universidade Federal Do Recôncavo Da Bahia. Centro de Artes Humanidades e Letras – CAHL. Bacharelado em Serviço Social. Cachoeira-Ba, 2016.

GUANAIS, Juliana Biondi. “As Implicações da Migração Temporária para as Comunidades de Origem dos Cortadores de Cana”. In: *Migrações: implicações passadas, presentes e futuras* / Paulo Eduardo Teixeira, Antonio Mendes da Costa Braga, Rosana Baeninger (org.). – Marília : Oficina Universitária ; São Paulo : Cultura Acadêmica, 2012

GUÉRIOS, Paulo Renato. “O estudo de trajetórias de vida nas Ciências Sociais: trabalhando com as diferenças de escalas”. *Campos* 12(1):9-29, 2011.

HEIDEGGER, Martin. Construir, Habitar e Pensar, *In: Ensaios e conferências*. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Foge], Marcia Sá Cavalcante Schuback. - 8. ed. - Petrópolis : Vozes ; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012. (Coleção Pensamento Humano).

HERINGER, Rosana. Desigualdades raciais no Brasil: síntese de indicadores e desafios no campo das políticas públicas. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 18(Suplemento):57-65, 2002.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Editora Revistas dos Tribunais LTDA, 1990.

HOBSBAWM, Eric J. *A era do capital*. 1848-1875. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

IANNI, Octávio, *Raças e Classes Sociais no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

IBGE. Somos todos iguais? O que dizem as estatísticas. Revista Retratos Do IBGE, Maio de 2018. Disponível em:<
https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com_mediaibge/arquivos/17eac9b7a875c68c1b2d1a98c80414c9.pdf> Acessado em 10/07/2019.

IRIART, Jorge Alberto Bernstein et al. Representações do trabalho informal e dos riscos à saúde entre trabalhadoras domésticas e trabalhadores da construção civil. *Ciênc. saúde coletiva* [online]. 2008, vol.13, n.1, pp.165-174.

JAIME, Pedro. *Executivos negros: racismo e diversidade no mundo empresarial*. Uma abordagem socio-antropologica. São Paulo. Edusp, 2016.

JARDIM, Maria Chaves., e SILVA, Márcio R. O mercado de trabalho no Brasil dos anos 2000: o PAC como produtor de solidariedade. In: *Programa de aceleração do crescimento (PAC): neodesenvolvimentismo?* [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015.

JARDIM, Maria Chaves. e PORCIONATO, Gabriela Lanza. A construção social do mercado da construção civil nos anos 2000: o caso da habitação e o papel do Estado. *Estudos sociologia*. Araraquara v.22 n.43 p.197-216 jul.-dez. 2017

JARDIM, Maria Chaves. A construção social do mercado de trabalho no setor de construção civil nas obras do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC): consensos e conflitos. *Revista Sociedade e Estado* - Volume 30 Número 1 Janeiro/Abril 2015

JOVCHELOVITCH, S.; BAUER, M.W. Entrevista Narrativa. In: BAUER, M.W. e GASKELL, G. (Eds.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, p. 90 – 113.

JESUS, Lilian Souza de. Lançando as redes contra a espoliação do território pesqueiro em Acupe - Santo Amaro/BA . Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências Sociais, Centro de Artes, Humanidades e Letras. Programa de Pós-Graduação em Ciências

Sociais: Cultura, Desigualdades e Desenvolvimento, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cachoeira, 2018.

KOFES, Suely. “Experiências Sociais, Interpretações Individuais: histórias de vida, suas possibilidades e limites”. *Cadernos Pagu* (3) 1994: pp. 117-141.

LESSA, Rosana Falcão. Mulheres na Indústria Fumageira de São Gonçalo dos Campos-Bahia: cotidiano e memórias 1950-1980. Feira de Santana - Ba, 14 de Julho de 2010.

LESSA, Luciana Falcão. O impacto da escravidão e do racismo na subjetividade dos afrodescendentes. Salvador - Ba, Dezembro de 2015.

LE GOFF, Jacques. 1924, *História e memória* / Jacques Le Goff; tradução Bernardo Leitão ... [et al.] -- Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990. (Coleção Repertórios). Tradução de: Storia e memoria.

LEITE, Zelivaldo Falcão. “*Se ela não se impor, ela vai passar como relaxada. Porquê o homem é descarado, nós é homem e sabe*” Uma análise sobre gênero e raça entre os trabalhador@s da construção civil. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências Sociais, Centro de Artes, Humanidades e Letras. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais: Cultura, Desigualdades e Desenvolvimento, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cachoeira – BA, 2017.

MARANDOLA Jr., E. e DAL GALLO, P.M. “Ser migrante: implicações territoriais e existenciais da migração”. *Revista Brasileira de Estudos de População.*, Rio de Janeiro, v. 27, n. 2, p. 407-424, jul./dez. 2010.

MARANDOLA JR. Eduardo. Insegurança Existencial e Vulnerabilidade no Habitar Metropolitano. III Encontro da ANPPAS 23 a 26 de maio de 2006 Brasília-DF

MARANDOLA JR, Eduardo. Insegurança Existencial e Vulnerabilidade no Habitar Metropolitano. Brasília – BF, 2006.

MARTINS, Tereza Cristina dos Santos. Determinações do racismo no mercado de trabalho: implicações na “questão social” brasileira. *Revista Temporalis*. Brasília (DF), ano 14, n. 28, p. 113-132, jul./dez. 2014.

MARTÍNEZ, Diogo Amoedo. “Da territorialidade à terra: conceitos, processos e dinâmicas sociais, em Tourém, uma aldeia rural do Alto Barroso (Portugal)”. *Ruris* | volume 10, número 2 | setembro de 2016.

MARINHO, Marco Antônio Couto. “Trajetórias de Vida: um conceito em construção”. *Revista do Instituto de Ciências Humanas PUC - Minas – Vol. 13, Nº 17, 2017*.

MANHÃES, Manuela Chagas & ESTEVES, Júlio. “Memória, Narratividade E Socialização: Manutenção E Ressignificação Da Memória Social Nas Comunidades Pesqueiras De Arraial Do Cabo”. Anais do XXII CNFL. *Cadernos do CNLF*, vol. XXII, n. 03. Textos Completos. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2018.

MATTOSO, Jorge. Dez anos depois. In: *10 anos de governos pós-neoliberais no Brasil: Lula e Dilma*. Emir Sader (org.). - São Paulo, SP: Boitempo; Rio de Janeiro: FLACSO Brasil 2013.

MENEZES, Maria Aparecida de. “Migrações e Mobilidades: repensando teorias, tipologias e conceitos”. In: *Migrações: implicações passadas, presentes e futuras* / Paulo Eduardo Teixeira, Antonio Mendes da Costa Braga, Rosana Baeninger (org.). – Marília : Oficina Universitária ; São Paulo : Cultura Acadêmica, 2012.

MENEZES, Marilda Aparecida et al. O retorno para a festa. *Revista Travessia*, São Paulo, ano III, n. 7, p. 9-12, maio – agosto. 1990

MINAYO, Maria Cecília de Souza. “Ciência, Técnica e Arte: o desafio da pesquisa social”. In; *Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade*. MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.) 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MORAES SILVA, M. A; MENEZES, M.A. “Migrações Rurais no Brasil: novas e velhas questões”. *Revista Eletrônica*, Brasília/DF, 2006.

MUSSI, Luciana Helena; CÔRTE, Beltrina. O significado “afetivo” daquilo que chamamos “casa”: Uma reflexão através do cinema. *Caderno Temático Kairós Gerontologia*, São Paulo, novembro 2010: 231-242.

MUNANGA, Kabengele. *Negritude – Usos e sentidos*. Editora Ática, Série Princípios. 2ª ed. 1988.

MUNANGA, Kabengele. "Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia." Palestra proferida no 3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação-PENESB-RJ, 05/11/03

NORA, Pierre. *Entre Memória e História: a problemática dos lugares*. Tradução Yara AunKhoury. Projeto História. São Paulo: PUC – SO. Nº10, 1993.

NOGUEIRA, Oracy. Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem Sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil. *Tempo Social, revista de sociologia da USP*. v. 19, n. 1, 2006.

OLIVEIRA, Roberval de Oliveira. *Violência Relacionada ao Trabalho: Signos, Significados e Práticas Entre Trabalhadores da Construção Civil*. Tese de Doutorado, Salvador – Ba. 2008.

OLIVEIRA, Marcio de. “O Tema da Imigração na Sociologia Clássica”. *DADOS – Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, vol. 57, no 1, 2014, pp. 73 a 100

OLIVEIRA, Lucia Lippi de. *O Brasil dos imigrantes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002. 2º Edição.

OLIVEIRA, R. P.; IRIART, J. A. B. “Representações do trabalho entre trabalhadores informais da construção civil”. *Psicologia em Estudo*, Curitiba, v.13, n. 3, p. 437-445, 2008.

OLIVEIRA, Denise Pimenta da Silva. *Geração de conhecimento em instituições de ensino superior e de pesquisa: impactos na dinâmica socioterritorial de Cruz das Almas-BA*. Salvador, 2014.

OLIVEIRA, Adriana da Silva. “Identidade espadeira: A construção de um adjetivo cultural e social. Queima de espadas da cidade de Cruz das Almas – Bahia 1980-1990”. In: X Encontro Nacional de História Oral. Recife: UFPE, 2010.

PALMA, Joelma Araújo Silva da. *Segregação residencial em Salvador*. Mestrado (dissertação) – Universidade Federal da Bahia, Fac. de Arquitetura, 2009.

PEIRANO, Mariza. “Antropologia no Brasil (alteridade contextualizada)”. In: SERGIO, Miceli (org.), *O que ler na ciência social brasileira (1970-1995)*. São Paulo: Editora Sumaré/Anpocs, 1999.

POLLAK, Michael. A memória e Identidade Social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

RESSTEL, CCFP. Fenômeno migratório. In: *Desamparo psíquico nos filhos de dekasseguis no retorno ao Brasil* [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015, pp. 35-52.

ROCHA, Lília Maria Teixeira da. *A influência dos Imigrantes na Formação da Cultura Brasileira*. Juiz de Fora, 2017.

SAYAD, Abdelmalek. *A Imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo, Edusp, 1979.

SANTANA, Vilma S. e OLIVEIRA, Roberval P. “Saúde e trabalho na construção civil em uma área urbana do Brasil”. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 20(3):797-811, mai-jun, 2004

SANTOS, Milton e BECKER, Bertha. *Território, Territórios: ensaios sobre o ordenamento territorial*. 3ª ed. 2007

SANTOS, Milton. *O Centro da Cidade do Salvador: Estudo de Geografia Urbana* 1 2. ed. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Salvador: Edufba, 2008.

SANTOS, Edinusia Moreira Carneiro; SILVA, Onildo Araujo da. Sisal na bahia – brasil. *Mercator*, Fortaleza, v. 16, 2017.

SAYAD, Abdelmalek. O retorno, elemento constitutivo da condição do imigrante. *Revista travessia*. Travessia especial. São Paulo, p, 07 - 32 Janeiro. 2000.

SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo (SP); Belo Horizonte: Companhia Das Letras: UFMG, 2007 [2005].

SCHAPPO, Sirlândia. “Migrantes-Nômades: chegar, partir ou ficar”. *Revista de Ciências Humanas*, Florianópolis, EDUFSC, n 35, p. 225-240, Abril de 2004.

SESI, Legislação Comentada: Normas Regulamentadoras de Segurança e Saúde do Trabalho, Salvador-Bahia 2008.

SENNETT, Richard. *A Corrosão do Caráter: as consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo*. Tradução Marcos Santarrita. 14 ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

SILVA, Maria Aparecida de Moraes. *Errantes do Fim do Século*. São Paulo. Editora da Unesp, 1999.

SILVA, Sandra Roberta Alves; MENEZES, Marilda A. de. “Memórias de infância e juventude de migrantes de retorno de São Paulo a Pernambuco”. *Revista Resgate* - vol. XX, N0 24 - jul./dez. 2012, p. 25-35

SILVA, Luis Eduardo Cunha; SANTOS, Ana Rocha dos. “O Território de Identidade do Sisal (BA) e as condicionantes transformadoras das relações de produção no campo: política de crédito e participação colegiada”. *Revista Pegada*. Vol 20, n. 3 set/dez. 2019, p. 40-62.

SILVA, Sirley Vieira da. *Piã trecheiro* : trabalho, sexualidade e risco no cotidiano de homens em situação de alojamento em Suape (PE). Dissertação (Doutorado) - Curso de Antropologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas - Cfch Programa de Pós-Graduação em Antropologia – Ppga, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2013.

SILVA, Núbia da Cruz. Significados do Tratamento Nutricional Por Pacientes Diabéticos na Santa Casa de Misericórdia do Município de Serrinha, Bahia. Salvador – Ba, 2008.

SOUZA, Cristiane Santos. *Trajetórias de migrantes e seus descendentes: transformações urbanas, memória e inserção na metrópole baiana*. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, 2013.

TUAN, Yi FU. Experiencias Intimas Com Lugar. In: TUAN, Yi FU. *Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência*. Tradução: Livia de Oliveira. São Paulo. DIFEL, 1983.

TAVARES, Adriano Pereira. *Comida afetiva: uma expressão de gosto, hospitalidade e memória*. Brasília – DF, 2018.

TEDESCO, João Carlos. “Horizonte de tensões externas e internas. Síntese de algumas concepções de Simmel, Elias/Scotson e Freud”. *Revista de Ciências Sociais*. Fortaleza, v.47, n. 2, p.287—312, jul./dez., 2016

VIEIRA, Natã Silva. *Cultura de vaqueiro: o sertão e a musica dos vaqueiros nordestinos*. Salvador-ba, 2007.

WIEVIROKA, Michel. *O Racismo, Uma Introdução*. (tradução Fany Kon). – São Paulo: Perspectiva, 2007.

WOORTMANN, K., WOORTMANN, E. F. Fuga a três vozes. *Anuário Antropológico/91*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1993. p.89-137.

ZANFORLIN, Sofia. “Migração e Escola de Chicago: caminhos para uma comunicação intercultural.” *Esfras*, Ano 2, no 3, julho a dezembro de 2013